

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – SCHLA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DECISO**

CÉSAR BUENO FRANCO

**“COMO CONQUISTAR MULHERES?” - MASCULINIDADE E SUBJETIVAÇÃO EM
UMA COMUNIDADE VIRTUAL**

**CURITIBA
2015**

CÉSAR BUENO FRANCO

**“COMO CONQUISTAR MULHERES?” - MASCULINIDADE E SUBJETIVAÇÃO EM
UMA COMUNIDADE VIRTUAL**

Dissertação para defesa do título de mestre no
Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dra. Miriam Adelman.

**CURITIBA
2015**

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Franco, César Bueno

Como conquistar mulheres: masculinidade e subjetivação em uma comunidade virtual / César Bueno Franco – Curitiba, 2015.
204 f.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Adelman
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Homens – Comportamento social. 2. Masculinidade. 3. Homens - Identidade. 4. Mídia digital – Comportamento social. I. Título.

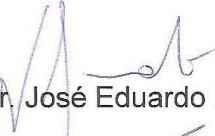
CDD 305.31





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 906 Fone e Fax: 3360-5173

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, após argüir o(a) candidato(a) **Cesar Bueno Franco**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "COMO CONQUISTAR MULHERES?" - MASCULINIDADE E SUBJETIVAÇÃO EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL é de parecer favorável à aprovacao..... do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Sociologia, linha de pesquisa linha de pesquisa "Cultura e Sociabilidades" da área de concentração em SOCIOLOGIA. Curitiba, 13 de março de 2015.


Prof. Dr. José Eduardo Leon Szwako


Prof.^a Dr.^a Jara Aparecida Beleti


Prof.^a Dr.^a Meryl Adelman
Orientadora e presidente da banca examinadora

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Paraná e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pelo espaço, presteza, qualidade e abrigo institucionais.

À CAPES, pelo financiamento durante o mestrado.

Aos colegas mestrandos e doutorandos, que direta e indiretamente me indicavam caminhos e leituras.

Ao espaço quinzenal dos Seminários Metodológicos da linha de Gênero, Corpo, Sexualidade e Saúde, um espaço de imensas trocas intelectuais.

E por fim, sinceros agradecimentos à professora Dra. Miriam Adelman, esta intelectual de perspectivas e conselhos sempre precisos, e que aceitou me orientar na jornada que nestas folhas ganha concretude.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada entre os anos de 2013 e 2014 na comunidade virtual da sedução, um coletivo masculino que se reúne na internet para aprender supostos métodos e técnicas de sedução de mulheres. Como recorte desta comunidade foi analisado o site brasileiro PUABase.com, um fórum de discussões que funciona sobretudo através da produção de narrativas textuais. O objetivo é compreender o que estes homens heterossexuais estão buscando, também elucidar por qual razão esta busca é realizada nesta comunidade virtual, e alcançar o processo de subjetivação que ocorre dentro da comunidade. As categorias analíticas que fundamentam esta pesquisa foram masculinidade, mídia digital e identidade, e elas construíram um arcabouço teórico que me permite falar de homens que revisam suas masculinidades através de dinâmicas que ocorrem na internet. A pesquisa de campo consistiu em uma abordagem etnográfica mediada, e também em entrevistas mediadas com os participantes da comunidade. Tal procedimento revelou a ansiedade masculina que percorre esse grupo de homens, e permitiu observar que é a vivência de um espaço (virtual) homosocial e a resignificação proporcionada (subjetivação) que irão responder àquela ansiedade masculina. Portanto, esta pesquisa contribui para problematizar como que alguns ideais de masculinidade, como o de um hábil sedutor de mulheres, são lugares de subjetivação reagentes às masculinidades heterossexuais incomodadas consigo mesmas.

Palavras-chave: Masculinidade. Mídia Digital. Identidade. Subjetivação.

ABSTRACT

This research was conducted during the years of 2013 and 2014 in the virtual community of seduction, a male group that meets on the internet to learn so called methods and techniques of women seduction. As a sample of this community was analyzed the brazilian site PUABase.com, an message board that works mainly by production of textual narratives. The objective is to understand what these straight men are lookin for, also to elucidate de reason why this search is performed in this community, and to reach the subjective process that occurs within the community. The analytical categories that supported this research were masculinity, digital media and identity, and they built a theoretical framework that allows me to speak about men who review their masculinities through dynamics that occur on the internet. The field research consisted of a mediated ethnographic approach, and also in mediated interviews with community participants. This procedure revealed a male anxiety that runs through this male group, and allowed us to observe that it is the experience of an (virtual) homosocial space and the provided reframing (subjectivation) that will aswer that male anxiety. Therefore, this research contributes to discuss how some masculinity ideals, like an skillful seducer of women, are places of subjectivation that react to male anxieties.

Keywords: Masculinity. Digital Media. Identity. Subjectivation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 É VIRTUAL, É TEXTO, É MÍDIA DIGITAL: COMO PESQUISAR?.....	19
1.1 NARRATIVAS DE SI.....	20
1.2 ETNOGRAFIA MEDIADA.....	23
1.3 ADENTRANDO AO CAMPO.....	29
1.4 ENTREVISTANDO POR E-MAIL.....	32
1.5 AS CONDIÇÕES DE PESQUISA.....	35
2 MASCULINIDADES, IDENTIDADES E VIRTUALIDADES: TRAÇANDO CAMINHOS.....	40
2.1 AS ANSIEDADES MASCULINAS, OU, SOBRE MEDOS E DESEJOS.....	40
2.2 MASCULINIDADES ENQUANTO CONSTRUÇÕES SOCIAIS.....	47
2.3 IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	50
2.4 IDENTIDADES, SUBJETIVAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS.....	62
2.5 COMUNIDADE VIRTUAL? O QUE É ISSO?.....	66
2.6 OS HOMENS DA COMUNIDADE.....	67
2.6.1 Os entrevistados.....	70
3 O LUGAR DA SUBJETIVAÇÃO: O ESTAR NA COMUNIDADE.....	74
3.1 QUANDO O NÓS APARECE.....	77
3.2 VIVÊNCIAS MASCULINAS INCOMUNS.....	83
3.3 A ESCOLA DO ARTISTA DA SEDUÇÃO.....	89
3.4 NEGOCIANDO EXPOSIÇÕES E RELAÇÕES.....	95
4 O ARTISTA DA SEDUÇÃO: O CONTEÚDO DE UMA SUBJETIVAÇÃO.....	104
4.1 MULHERES: EXPLICADAS, CONDUZIDAS E DESMISTIFICADAS.....	104
4.1.1 Esses seres instintivos e emocionais.....	107
4.1.2 Os donos do verbo.....	110
4.1.3 Não são especiais, são normais.....	113
4.2 AQUILO QUE NÃO SE É: OS ANTÍPODAS DA SEDUÇÃO.....	117
4.2.1 Nem bonzinho, nem carente, nem nerd e nem tímido.....	119
4.2.2 As zonas inabitáveis: a <i>friendzone</i>, a <i>paixonite</i> e a <i>zona de conforto</i>.....	125
4.3 O ARTISTA DA SEDUÇÃO: UM POSICIONAMENTO.....	129
4.3.1 O reencontro com o sedutor autêntico.....	133
4.3.2 Retomando o controle.....	136
4.3.3 Homens em provação.....	140

4.4 REFLEXIVIDADES.....	143
5 PERFORMANCES DE SUBJETIVAÇÃO: EU SOU, EU VIVI, EU SEI, EU	
ESCREVO.....	150
5.1 A HISTÓRIA DO ARTISTA DA SEDUÇÃO.....	154
5.1.1 A intersubjetividade do fracasso.....	155
5.1.2 As provas do sucesso.....	157
5.1.3 As prédicas legitimadoras.....	161
5.2 DIAGNÓSTICOS: MÉDICO OU PACIENTE?.....	163
5.3 MENTIRAS, FALSIDADES E ILUSÕES.....	167
5.4 PESQUISADOR OU PÚBLICO?.....	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS.....	192
APÊNDICES.....	200

INTRODUÇÃO

No imaginário popular e comum espera-se que um homem heterossexual se relacione afetiva e sexualmente com mulheres. Rolos, amizades coloridas, ficantes, namoradas: seja como for que se chame a relação, ou qual seja sua configuração particular, o homem heterossexual parece depender dela. Alguns destes homens, porém, terão dificuldades já que nem todos são tão desenvolto diante da mulher por quem estão interessados. É quando a timidez ataca, a insegurança vira a grande vilã, e histórias de frustração se repetem apesar dos personagens serem outros: homens que ouvem o famoso *gosto-de-você-mas-só-como-amigo*, homens que veem outros homens (os desenvolto) conseguindo o que eles não conseguiram, homens que sentem que algo está terrivelmente errado em suas vidas - afinal, eles são homens que são atraídos por mulheres, mas perturbadoramente não conseguem mulher alguma. Das histórias e frustrações repetidas, de cada não ouvido, de cada retorno desolado e solitário de festas e bares, surge também uma pergunta que se repete para esse homem heterossexual: como conquistar mulheres? E em tempos de conexão generalizada à internet, e em que dúvidas podem ser postas em um site e este trará páginas e páginas com links remetendo às possíveis respostas, o caminho a seguir torna-se inevitável: abrir o Google.com e digitar *como conquistar mulheres*. E feito isto, aquele homem heterossexual descobrirá que a pergunta já foi feita ali naquele site de buscas muitas e muitas vezes, e que muitos são os outros homens heterossexuais com os mesmos problemas que os seus. Descobrirá que livros e guias, tutoriais e manuais, foram escritos sobre o seu problema. Que cursos são ministrados, palestras dadas, vídeos são gravados a respeito da sua dificuldade. Descobrirá que seu tormento, dizem, tem solução. E ainda mais: descobrirá que existe uma comunidade dedicada a explicar, afinal, como conquistar mulheres. Este homem heterossexual terá descoberto, pois, a comunidade virtual da sedução, o objeto desta pesquisa.

Esta comunidade - e é assim que estes homens se veem, como uma comunidade - começou no final dos anos 1980. Nos EUA, Ross Jeffries, hoje considerado o pai da comunidade da sedução, ofertava workshops ensinando a como usar técnicas de programação neuro-linguística (PNL) na sedução de mulheres. E o que era um coletivo masculino reunido ocasionalmente em salões de conferência passou a ser um grande coletivo sem fronteiras quando um dos alunos de Jeffries criou, em 1994, o primeiro site onde homens poderiam discutir, à distância, como seduzir mulheres. E uma vez na internet o fenômeno só fez crescer e se popularizar. Logo Jeffries não era mais o único a ofertar workshops; alguns outros homens desenvolveram suas próprias técnicas que, sistematizadas, geraram outros métodos de sedução de mulheres. Mais sites surgiram, e aumentava cada vez mais o número de homens interessados em aprender aqueles métodos e técnicas, fosse presencialmente,

fosse no acesso constante a fóruns de discussão na internet. Uma masculinidade heterossexual incomodada com suas habilidades heterossexuais (isto é, de sedução de mulheres) mostrava-se potencialmente muito comum. E os anos seguintes confirmariam a potencialidade.

De meados da década de 1990 até meados da dos anos 2000 a comunidade só faria crescer. Homens em diferentes continentes, mas interligados por mídias diversas (sobretudo pela internet), estavam usando as mesmas teorias e siglas para se referir ao processo de sedução de mulheres, visto então como algo subitamente decodificado. E quando aqueles homens que escreviam guias e manuais em sites da internet começaram a publicar livros com tais guias e manuais, a figura do *pick up artist*, esse homem de supostas e plenas capacidades de sedução de mulheres, foi ficando cada vez mais exposta, em particular nos EUA, o epicentro da comunidade. E é preciso notar, tais livros passaram a fazer parte da literatura de autoajuda, esta que é formada por textos que sugerem práticas através das quais as pessoas são encorajadas a mobilizar seus recursos interiores na direção de uma mudança subjetiva que traga resultados supra ou intramundanos (RUDIGUER, 2010). Um dos momentos de maior exposição da comunidade foi em 2007 quando um reality show com duas temporadas foi ao ar pela emissora VH1; em paralelo, referências mais ou menos explícitas em filmes e seriados também aconteceram. Logo a comunidade chegou até o Brasil e encontrou respaldo em nossas masculinidades heterossexuais também potencialmente incomodadas consigo mesmas. Apesar de somente nos anos de 2007 e 2008 terem ocorrido as publicações e traduções oficiais de dois dos principais livros da comunidade da sedução - *O Método Mystery* (2007), e *O Jogo* (2009) -, informantes desta pesquisa sugerem que muito antes disso, e graças a internet, alguns poucos lugares na internet já faziam valer a extensão brasileira da comunidade. De todo modo, é a partir de 2007 que nossa internet sofre um estouro de explicações de como e o que fazer para seduzir uma mulher, e todas afinadas com um conhecimento particular girando em torno dos mesmos termos, teorias e autores - os brasileiros também queriam ser *pick up artists*, ou, como ficou traduzido entre nós, *artistas da sedução*. Também na mídia nacional (em revistas, portais de notícia e até programas de televisão) podemos encontrar a partir daquele ano menções mais ou menos vagas (geralmente irônicas) a homens dedicados a ensinar outros homens a como seduzir mulheres, apesar de serem menções que ou não sabiam direito do que falavam ou simplesmente não se interessavam em explicar de onde vinha aquilo tudo.

Nesta pesquisa, a comunidade (virtual) da sedução será sinônimo do site PUABase.com, um site brasileiro e que funciona como um fórum virtual de discussões. Este site surgiu em 2009 e é hoje o mais representativo site deste tipo na internet brasileira. Possui números expressivos como o registro de mais de 100.000 usuários, e assim se intitula como o maior site sobre sedução em língua portuguesa. Portanto, quando um homem brasileiro digita na rede *como conquistar mulheres* é,

muito provavelmente, para o PUABase.com que ele será remetido. Ali, como em vários outros lugares na internet, o que a pessoa participante encontra é um espaço para trocar e produzir informações, e também interagir com pessoas de interesses comuns - neste caso, são homens reunidos sob o interesse maior, ao menos expressamente, de aprender métodos e técnicas de sedução de mulheres. O PUABase.com é parte da comunidade virtual da sedução assim como outros sites brasileiros o são, assim como grupos reunidos em mídias digitais diversas (como na rede social Facebook) também o são. Com isso fica evidente que a noção de comunidade, neste caso, é dispersa e não conta com um eixo integrador, apesar de haver sempre uma referência dos nativos a estarem ou participarem da comunidade (independente do site ou da mídia digital que usam). Muitas vezes usam o termo vago e amplo de *mundo da sedução* se referindo à quantidade de grupos virtuais e sites referentes ao artista da sedução e suas técnicas e métodos. Assim, o PUABase.com ao funcionar aqui como sinônimo da comunidade virtual da sedução revela o recorte e delimitação do objeto de pesquisa.

Mas afinal que interesse há em homens tentando aprender como seduzir mulheres? O que de sociológico pode surgir, ou estar contido, em um coletivo masculino trocando supostos métodos e técnicas de sedução de mulheres? Em novembro de 2014, quando Julien Blanc, um *pick up artist* reconhecido internacionalmente, um filho pródigo da comunidade que alcançou o patamar de *guru da sedução*, que tornou-se um instrutor de cursos sobre sedução (associado, inclusive, a uma empresa dedicada somente a tais cursos), quando esse rapaz tornou-se alvo da mídia internacional a resposta sobre o interesse sociológico da comunidade da sedução quase veio à tona - mas apenas quase.

O choque que Julien causou foi pelos vídeos em que aparecia ensinando estratégias controversas de sedução entrecortadas por considerações preconceituosas e machistas. Forçar a cabeça da mulher em direção ao pênis era uma das estratégias. E entre vídeos correndo a internet, petições iniciadas por ativistas, e vistos de países que foram negados a Julien, a história se cristalizou em duas considerações, ao menos aqui no Brasil. Para autoridades, era uma incitação ao crime (ABRANTES, 2014). Para ativistas, a expressão e perpetuação da cultura do estupro (QUEIROZ, 2014). Mídia e público em geral adotaram então chavões sobre machismo e violência contra a mulher e deles fizeram rótulos para se referir a Julien. A questão mais elementar, mas também mais urgente, e arrisco dizer mais essencialmente sociológica, contudo, passou despercebida em todo esse episódio, apesar dele tão bem indicá-la. Julien aparecia em vídeos com salas cheias de homens, seus atentos ouvintes - e pagantes da modesta quantia de cerca de dois mil dólares. Julien é associado à *Real Social Dynamics*, uma empresa dedicada a ensinar homens a como seduzir mulheres. Julien viaja a mundo ministrando cursos, palestras e seminários. Julien é

somente um instrutor de apenas uma empresa do tipo - no Brasil, por exemplo, temos empresas e instrutores similares, como PUATraining.com, UniversidadeSocial.net, ou a SocialArts.com.br. Julien veio desta comunidade que ganhou impulso em e através de várias mídias, sobretudo a internet, onde fóruns e blogs abrigam textos, áudios e vídeos sobre sedução de mulheres. Julien, portanto, é somente a ponta do iceberg, parte da resposta a uma grande demanda latente - que não se resume à incitação ao crime nem à cultura do estupro. Uma demanda em que a comunidade da sedução inclusive o precedeu, e isso desde o final da década de 1980. Uma demanda que também se encontra no Brasil, e encontramos parte dela expressa naqueles mais de 100.000 usuários que buscaram o PUABase.com. A questão que precisa ser feita, pois, é em torno desta demanda - de onde vem, onde é buscada sua resposta, e como é resolvida. A pergunta provocadora que o episódio Julien deixou no ar, pois, é por que é que alguns homens heterossexuais contemporâneos precisam de uma comunidade da sedução, de seus sites, dos seus livros, dos seus assim chamados gurus da sedução? E acredito que o PUABase.com, mesmo que como uma grande delimitação e circunscrição da comunidade, pode ajudar a entender esta demanda.

Assim, tomando a comunidade virtual da sedução para estudo, aqui tendo como local e recorte de pesquisa o site PUABase.com, o interesse maior desta pesquisa é responder então *o que estes homens participantes da comunidade da sedução procuram, por que é que procuram logo ali na comunidade (um site na internet), e o que estes homens estão fazendo em termos de subjetivação*. Esta é a pergunta-chave que guiará a compreensão, dentre outras dinâmicas, de discursos como o que se seguem, uma fala típica que ocorre dentro do PUABase.com e que sintetiza os elementos cruciais deste trabalho.

Basicamente 3 anos atrás eu tava na bosta, eu me sentia um lixo e queria me matar (na verdade eu só não fiz porque não me achava capaz de me matar), aí conheci essa coisa chamada Pick Up e um bando de doido que ficavam falando sobre isso na internet [...]. Bom graças a esse bando de doido hoje em dia eu sou um cara feliz, mudei meu jeito, me tornei alguém que eu gosto de ser, peguei mais meninas do que eu achava que era possível eu pegar e nos últimos dias eu arranjei minha primeira namorada, também foi a primeira vez que uma garota me falou 'eu te amo'. Eu só quero que vocês saibam que realmente me ajudaram muito, se não fossem vocês eu não seria quem eu sou hoje e não teria orgulho de ser quem eu sou, e vão continuar ajudando porque eu não vou parar de melhorar, um obrigado sincero a todo mundo!

A fala deste rapaz traz um profundo desconforto consigo - *eu tava na bosta* - mas que depois de conhecer a comunidade - o *Pick UP* - passou por grandes mudanças - *um cara feliz, mudei meu jeito, me tornei alguém que eu gosto de ser* - e que não dispensam uma masculinidade heterossexual bem sucedida - *peguei mais meninas do que eu achava que era possível eu pegar*. E por isso tudo agradece a todos pela ajuda, pois todos são, agora, parte daquilo que é e do orgulho de si que passou a ter. Mas por que esse rapaz que pensava inclusive em suicídio buscou e deixou-se levar pela

proposta da comunidade da sedução? O que foi que ele experimentou ali dentro e que o fez passar pelas mudanças que diz ter passado? E afinal, qual é a importância de estar ali escrevendo esta pequena confissão para que os outros usuários do PUABase.com leiam? Três perguntas separadas, mas que são ecos da minha pergunta-chave e que até o final desta exposição se mostrarão interligadas.

As explicações sobre a comunidade da sedução, certamente, podem ir muito mais profundamente do que as explicações nativas expressas. E portanto, quando um homem sugere que procurou a comunidade para aprender a seduzir mulheres, e garante que conseguiu aprender a seduzi-las, cabe a pesquisa sociológica achar o motivo atrás do motivo, o argumento por detrás do argumento. Clift (2007), pesquisando a comunidade nos EUA, realizou uma abordagem histórica relacionando o surgimento da comunidade com o que chamou de clima cultural (norte)americano, o que envolvia uma cultura masculina de longa data (como a expressa em fraternidades e revistas masculinas, como a *Playboy*), a mudança nos modos como temos nossos relacionamentos afetivos, também o movimento dos homens (reação ao movimento das mulheres da segunda onda feminista), e por fim o crescimento da importância da internet. A abordagem de Clift voltará a ser mencionada pois é certamente útil, contudo, limitações existem: houve pouco foco na existência virtual da comunidade, e a experiência masculina individualizada dentro da comunidade (de práticas e valores) ficou em segundo plano. Com Clift temos um panorama histórico da comunidade, mas não propriamente o motivo atrás do motivo. Também a pesquisa de Hendriks (2012), que participou dos cursos de sedução e desta etnografia teceu sua análise, é importante na medida em que mostra como a comunidade oferece um elemento de subjetivação, ou seja, um outro viés sobre a experiência social e que é adquirido dentro da comunidade com seus valores e práticas. Mas Hendriks, infelizmente, não explorou esse elemento de subjetivação apesar de o ter apontado, e o argumento detrás do argumento não foi totalmente captado.

Desta forma, esta pesquisa tentou preencher as lacunas notada nos estudos encontrados sobre a comunidade virtual da sedução, algo que ficou evidente nos três objetivos adotados: *a)* a vontade em examinar o site PUABase.com enquanto um espaço virtual, notando as práticas, interações e vivências daqueles homens naquele lugar, *b)* a necessidade de compreender quais são os valores e as práticas acerca da masculinidade que a dinâmica da comunidade e sua existência sugere para seus participantes e como estes recebem os valores e as práticas, e *c)* qual é a construção de si que a comunidade propicia a estes homens, e como ela acontece. Os três objetivos, contudo, foram orientados sempre por uma visão afinada com a masculinidade - o que também faltou em Clift (2007) e Hendriks (2012). Seja como lugar, como valores e práticas, ou como subjetivação, a masculinidade perpassa todas as respostas.

O arcabouço teórico deste pesquisa foi sugerido pelo próprio objeto. Os participantes do PUABase.com partem intuitivamente de algumas noções que repercutem facilmente em discussões sociológicas postas na academia. Como no pequeno trecho do campo anteriormente exposto, aqueles homens falam muito de mudanças, de mudar a si mesmos, e mais ainda, acreditam que estas mudanças podem ser direcionadas e que são previsíveis - e portanto podemos usar da discussão sociológica de identidade na contemporaneidade. Também argumentam pelo literal aprendizado de práticas masculinas, que ser homem (ou o que consideram homem) demanda um esforço, e que nesse processo atitudes e valores são intencionalmente adotados, e é com isto que os métodos e técnicas de sedução irão dialogar mais fortemente - e portanto podemos usar da discussão sociológica das masculinidades enquanto construções sociais. E por fim, estes homens são conscientes da força que o coletivo virtual que fazem acontecer (a comunidade) possui e revestem esse coletivo de significados peculiares, ao mesmo tempo que o veem como um propiciador ou mesmo catalizador do conhecimento / aprendizado pretendido - e assim podemos recorrer a uma discussão sociológica de processos identitários, vivências e sociabilidades, todas dadas nas e através das mídias digitais. De modo grosseiro, mas elucidativo, as três categorias-chave para a análise e teoria desta pesquisa foram, então, identidade, masculinidade e mídias digitais, e foi a partir delas que as referências bibliográficas foram buscadas.

Sobre estas referências, cabe um adendo sobre a restrição do uso da categoria-chave de identidade. A comunidade virtual da sedução gira em torno da imagem do *pick up artist*, ou, como ficou a tradução oficial, do artista da sedução. Como veremos, muitas vezes os rapazes se referem a esta imagem como *PUA*, que é sua sigla, ou então com sinônimos, como o *macho alfa* ou somente *alfa* - será melhor explicado adiante, mas por ora vale reter o sentido do homem/macho que é dominante/conquistador e possui amplo acesso às mulheres/fêmeas. No início desta pesquisa acreditava-se que esta imagem do artista da sedução, que é um ideal de masculinidade na medida em que diz respeito a um tipo de vivência e experimentação, com o revestimento por expectativas e ansiedades próprias, estaria conduzindo uma mudança identitária. Em suma, acreditava-se que os homens que buscam a comunidade virtual da sedução, em particular o PUABase.com, estariam buscando a construção, ou reconstrução, de suas identidades masculinas, e que a vivência da comunidade os dotaria de uma nova, ou reformulada, identidade masculina. Era nesta direção que muito do meu referencial teórico se encaminhava e tornando a noção de identidade o grande eixo analítico. Mas apesar da força estimuladora deste viés aos poucos ele foi perdendo centralidade. A ideia de subjetivação, tomada o no seu sentido mais imediato de uma produção da subjetividade (BILATE, 2011), e portanto colocando a própria noção de subjetividade como um verbo ao invés de um substantivo (ZAGO, 2013), pareceu mais apropriada. Durante a realização da pesquisa,

analisando a fala dos informantes e colhendo discursos produzidos dentro da comunidade, a questão parecia dizer menos respeito a uma transformação total sobre si mesmos, e mais a uma realocação de uma narrativa pessoal e um investimento sobre o mundo à sua volta. Mesmo que discursos sobre profundas mudanças pessoais sejam comuns no PUABase.com (e portanto justificam permanecer no uso da identidade como categoria-chave), eles parecem dizer respeito ao usar de uma outra lente para olhar o mundo, adotar uma nova perspectiva, ou, como desenvolverei decorrer do trabalho, assumir um lugar de subjetivação - e essa lente, perspectiva, e lugar de subjetivação, é aquele ideal de masculinidade chamado artista da sedução.

Esclareço ainda que em um sentido muito prático, a realização desta pesquisa só foi possível pela sensibilidade do autor às questões de masculinidade. Uma sensibilidade que vinha do processo de conclusão da minha graduação onde investigara como homens heterossexuais jovens significam a primeira relação sexual. Naquele momento o grande achado da pesquisa foi notar como a masculinidade hoje em dia ainda é uma substancial preocupação dos homens, e portanto a perda da virgindade ainda é um momento importante para alcançar certo sentimento de masculinidade. Quando da descoberta casual da comunidade virtual da sedução eu vinha ainda estimulado por este achado, e encontrar homens preocupados agora em como seduzir mulheres não me pareceu algo muito distante daquela preocupação sobre um certo sentimento de masculinidade a ser alcançado. Fosse pela virgindade, fosse pela reclamação de homens tímidos e sem jeito com mulheres, um certo padrão de masculinidade parecia pesar sobre esses homens e incomodá-los - alguns na direção do alívio de perderem a virgindade, outros na ânsia com que buscavam ler textos sem-fim sobre como ser um homem sedutor e o que é preciso fazer para seduzir uma mulher - e tal padrão me estimulava sociologicamente, do que esta pesquisa foi o resultado.

Mas a sensibilidade do pesquisador ainda foi importante na própria atitude adotada para com o objeto e certamente refletiu na análise desenvolvida. Durante a realização da pesquisa, quando a expunha a colegas acadêmicos e conhecidos em geral, me sentia como advogado do diabo posto que todos meus ouvintes tinham uma atitude e disposição muito mais crítica do que a minha frente a esses artistas da sedução. Para além da natural empatia que pode surgir no processo de pesquisa e que vai do pesquisador para seus pesquisados, notei que havia mais fatores empáticos em andamento e que me afastavam do tom prontamente crítico. Eu, homem branco, 27 anos, heterossexual, classe média, com acesso ao ensino superior, sou muito próximo aos meus informantes; e para além das categorizações sociais, a própria experimentação de mundo também me aproximou daqueles homens pois eu também sou o que eles chamam de *nerd*, também sou um tímido com um histórico de dificuldades de socialização e que passou a adolescência sofrendo das ansiedades de quem não consegue corresponder aquele padrão de masculinidade (uma não-

correspondência que como a deles tornava-se particularmente incomodativa quando o assunto eram as garotas). Em suma, a pesquisa me revelou que se eu não tivesse chegado até a comunidade enquanto pesquisador talvez tivesse chegado até ali exatamente como os meus informantes chegaram até ela pois nossas histórias de vida e posições sociais são extremamente parecidas.

Neste sentido é que reconheço que o trabalho aqui desenvolvido não foi crítico como possivelmente teria sido se realizado por outro pesquisador ou pesquisadora com uma posição social e história de vida diferentes da minha, posto que a proximidade com meu objeto certamente me pôs alguns pontos cegos. Obviamente compartilho da consideração que estudos sobre masculinidades não devem apenas apreender e analisar o que está aí posto e disponível sem reconsiderar os padrões, preconceitos e estereótipos (LYRA; MEDRADO, 2011), e portanto devem sim assumir um compromisso em tecer críticas quando necessárias; mas tenho consciência da possível incompletude desta consideração no presente estudo. Por outro lado, realizar esta pesquisa me fez pensar se a disposição crítica não pode, eventualmente, cegar a análise. Afinal, se as masculinidades vêm sendo estudadas mais notavelmente desde a década de 1980, alguns autores argumentam (MEDRADO; LYRA, 2008; TONELI; ADRIAO, 2005) que há pouco tempo um enfoque sobre o masculino o toma como um objeto primário, completo, digno de análise profunda, do que implica tirar dele a simples caracterização negativa dentro da hierarquia de poder - dominante, subjogador, opressor -, assim como ainda parece difícil reconhecer que os homens também enfrentam algumas asperezas dos modelos generificados. Por mais que um homem heterossexual esteja no topo da nossa hierarquia heteronormativa, a comunidade virtual da sedução é a prova de que nem todos os homens heterossexuais estão bem postos nesta hierarquia (ou nem todos se sentem e se veem bem postos, portanto não é um automatismo da subjetividade) e que o desconforto decorrente pode ser dramático, como o do trecho citado em que o rapaz considerava suicídio - e pensamentos suicidas não é um caso raro dentre estes rapazes. Nenhum vitimismo masculino fará esquecer as estruturas favoráveis à masculinidade (OLIVEIRA, 2004), porém talvez sejam necessárias análises que não se conformem de antemão com um invariável e monolítico papel masculino opressor que retira qualquer sutileza subjetiva pois disso depende a profundidade analítica. Nestes termos, aquela minha empatia com o universo de pesquisa, vendo neles um espelho mais ou menos distorcido de mim, atuou como um freio à tentação de recorrer à rotulações e acusações fáceis, como de machismo, patriarcalismo, ou simples ignorância.

O aprofundamento analítico através da empatia também veio na própria disposição em dar a estes homens a brecha para a argumentação contrária. O caso de Julien Blanc, novamente, é ilustrativo. As acusações contra Julien, e logo contra todos os homens que de algum modo participam desse mundo de Julien, foram justas mas surdas. Julien é, como disse antes, como que

um dos filhos pródigos da comunidade que alcançou o sucesso e a condição de guru da sedução, mas não é a comunidade da sedução e nem a representa. No PUABase.com, durante o ápice do alvoroço causado pela mídia e pelas petições, muitos homens levantaram suas vozes contra Julien e censuram suas atitudes e dizeres. Por mais que possamos suspeitar a típica atitude de uma masculinidade egocêntrica e possessiva sobre "suas" mulheres, é preciso notar que alguns homens usaram como mote deste levante um breve exercício imaginativo: poderia ser minha mãe, irmã, amiga ou namorada sofrendo aquele tipo de investida violenta e agressiva. Em um grupo de Facebook do qual vim participar em razão da pesquisa, João Abrantes, um instrutor brasileiro, autor de livros sobre o assunto, amplamente reconhecido pela comunidade, e que também é usuário do PUABase.com, publicou um longo texto explicando o porque de Julien Blanc não representar nem a ele nem à comunidade da sedução¹. Isto é, mesmo havendo quem defendesse Julien, muitos participantes da comunidade da sedução brasileira manifestaram total repúdio ao episódio e fizeram questão de esclarecer que não são aquilo mostrado por Julien, que não fazem aquilo que Julien faz, e nem estão no *mundo da sedução* para ser como Julien é. Acredito, enfim, que a empatia por mim desenvolvida, e que em alguns pontos certamente limitou minha análise, em outros pontos foi um elemento possibilitador da análise. Transformou-se, pois, numa disposição maior em ouvir a explicação nativa ao invés de impor a interpretação do pesquisador.

Assim, reconhecendo as limitações que minha empatia pode ter causado, assumo também que a justificativa deste trabalho é puramente acadêmica. Desde o início dos estudos de gênero a masculinidade não foi tomada como objeto frequente das análises (HEILBORN; SORJ, 1999), particularmente a heterossexual, e assim é que também nas mídias digitais as masculinidades heterossexuais parecem não encontrar muito interesse. Significativamente, não foram casos isolados as vezes em que eu, perguntado sobre o que era minha dissertação de mestrado, respondia vagamente ser sobre masculinidade na internet e obtinha do meu interlocutor a pressuposição de serem masculinidades homossexuais em estudo. E, de fato, são os estudos mais comuns, como o de Zago (2013) que estudou um site de encontros voltado ao público masculino gay, ou então o de Parreiras (2008) que estudou uma comunidade de homens gays na já extinta rede social Orkut. Portanto, um estudo com masculinidade heterossexual e dada em mídias digitais é uma contribuição acadêmica que penso revestir de algum significado o trabalho aqui realizado e assim justificá-lo. Obviamente, acredito que esta pesquisa contribuirá com áreas de estudo já consolidadas - como a de gênero - e outras ainda em aparente consolidação - estudos com mídias digitais. E entendo que conexões globais podem ser feitas a partir deste objeto (assim como a partir de qualquer outro).

¹ Menção nominal conseguida junto ao próprio João Abrantes, que informado do uso que eu faria de sua fala concordou em cedê-la.

Mas, sobretudo, e insisto nisso, acredito na importância de um estudo que tome a masculinidade heterossexual em foco e adote aquela perspectiva minimamente empática na medida em que ela retira do pesquisador a pretensão de sugerir, antes ou depois da observação, um chavão superficial ou condenação moral escondida sob o rótulo de análise crítica, e neste movimento empático lançar luz sobre as masculinidades.

Dadas estas explicações, o trabalho segue da seguinte forma. O capítulo 1, *É virtual, é texto, é mídia digital: como pesquisar?*, traço o caminho metodológico desta pesquisa, que se fundamentou, na coleta empírica, em uma etnografia e na realização de entrevistas. Partindo de uma concepção de que o proceder da pesquisa deve ser feito ouvindo o que o objeto e as condições de pesquisa exigem, desenvolvo aqui uma argumentação que caminha na direção contrária de novos e inovadores métodos de pesquisa aplicados nas mídias digitais. Desenvolvo então o conceito de narrativas de si, ideia crucial para analisar todo e qualquer texto que foi obtido nesta pesquisa - seja etnográfico ou em entrevista. A seguir explico quais foram as orientações na realização da etnografia no PUABase.com, também como foi o processo de adentrar etnograficamente no campo (que é virtual), e como foram feitas as entrevistas com meus informantes. Por fim faço uma discussão visando aplacar as ansiedades éticas típicas das pesquisas no virtual, insistindo particularmente no chamado método do consenso.

No capítulo 2, *Masculinidades, identidades e virtualidades: traçando caminhos*, recupero a fundamentação teórica central nesta pesquisa. As categorias-chave antes mencionadas são desenvolvidas e assim possibilitam a compreensão das partes subsequentes. Ali trarei então o que entendo por masculinidades e reforçando o aspecto das ansiedades masculinas como fundamentais de serem tomadas em análise. Também discuto a identidade na contemporaneidade como um modo de me aproximar do discurso típico existente dentro da comunidade virtual da sedução, reforçando, pois, o caráter não-dado e não-fixo das identidades, e sugerindo em contrapeso a ideia de subjetivação. As mídias digitais serão explorada pela sua relação com a questão da identidade, mas também defino o que entendo por comunidade virtual. Por fim, o segundo capítulo se encerra com algumas considerações sobre o perfil dos usuários do PUABase.com e com uma descrição rápida dos homens que entrevistei durante a pesquisa.

No capítulo 3, *O lugar da subjetivação: estar na comunidade*, vem para responder ao objetivo acerca do PUABase.com enquanto um espaço virtual, do que a noção de homossociabilidade estará a todo instante mais ou menos explícita. Assim discuto a noção de coletivo que aparece e como é que aparece. Exploro também o que chamei de vivências masculinas incomuns, que se referem as vivências que aqueles homens parecem encontrar, e valorizar, somente dentro da comunidade virtual da sedução. Explico o sentido de escola e aprendizado com que a

comunidade se reveste para seus participantes, ajudando a entender a importância prática e pragmática do homem ali estar. O capítulo é encerrado com uma discussão acerca de como estes homens negociam a experiência da comunidade e complexificam assim a tentação em rotular tal experiência como ou isso ou aquilo.

Já o capítulo 4, *O artista da sedução: o conteúdo de uma subjetivação*, responde ao objetivo acerca da dinâmica de valores e práticas que a comunidade sugere sobre a masculinidade dos seus participantes. Assim inicia-se com uma discussão sobre como estes homens veem e se relacionam com as mulheres, onde desenvolvo um conceito importante que é o de tecnicização da sedução. Prossigo explicando o contraste que o artista da sedução possui, que são os seus antípodas, os homens (ou tipos de homens) que o artista da sedução não pode ser e que deve extirpar de si. Desenvolvo então qual é a proposta de subjetivação do artista da sedução, isto é, o que significa estar nesse lugar de subjetivação e o que se espera (mas também se promete) de seu ocupante. E finalizo o capítulo sugerindo as reflexividades dos informantes para demonstrar que aquela dinâmica de valores e práticas não é integralmente aceita mas sim refletida - mesmo que com óbvias limitações.

Por fim, o capítulo 5, *Performances de subjetivação: eu sou, eu vivi, eu sei, eu escrevo*, explorará ao máximo o conceito de narrativas de si anteriormente desenvolvido para responder ao objetivo de como esses homens constroem a si mesmos ali dentro da comunidade. A visão das interações (mesmo mediadas) como encenações teatrais, assim como a de performatividade de gênero, estará a todo momento mais ou menos explícita. Aqui retomo, através das trajetórias de vida desses homens, qual é a história desses homens e como eles a manipulam para conseguir um efeito de verdade em seu leitor. De forma semelhante, prossigo analisando como as discussões internas ao fórum são oportunidades para uma nova manipulação, desta vez tentando assumir, dentro delas, uma posição de quem tem legitimidade para escrever - e ser lido. Então faço algumas considerações sobre a noção que os participantes do PUABase.com possuem sobre ali dentro existir algumas mentiras, e como lidam com isso. Por fim, analiso então como esta dinâmica de uma manipulação dentro do fórum parece ter se repetido também na situação de entrevista com meus informantes.

Nas *Considerações Finais* relaciono alguns elementos que correram nos capítulos anteriores na intenção de ilustrar os achados mais importantes e quem sabe indicar caminhos possíveis para outros interessados pelo objeto e suas transversalidades.

1 É VIRTUAL, É TEXTO, É MÍDIA DIGITAL: COMO PESQUISAR?

Quando se ambiciona realizar uma pesquisa com mídias digitais o primeiro incômodo que surge é sobre quais métodos usar, pois tem-se a impressão de que um (relativamente) novo ambiente de pesquisa vai exigir novos métodos de pesquisa. O conceito de mídia digital já deixa claro que há uma dinâmica diferente tensionando as metodologias comuns uma vez que se trata dos meios de comunicação que dependem de equipamentos eletrônicos e estão conectados em rede (MISKOLCI, 2011). Ou seja, é suposto que as mídias digitais se refiram a ausência de concretude física e contato presencial no objeto em estudo, e por isso pensar a metodologia para mídias digitais é pensar a partir desta ausência. Trazendo para o presente estudo, como estudar essa mídia digital que é o PUABase.com, um site na internet acessível através de computadores e dispositivos portáteis?

Ao contrário da expectativa do próprio pesquisador, este objeto não demandou novos e revolucionários métodos de pesquisa. Assumindo a postura permissiva para com o objeto e suas demandas (BECKER, 1993; PIRES, 2008; CICOUREL, 1980), fui percebendo que meu campo não exigia sofisticadas discussões sobre os protocolos de comunicação da internet, nem considerações quase metafísicas sobre o ciberespaço, e nem mesmo a enxurrada de neologismos dos quais cito apenas a *webnografia* como exemplo. Certamente são discussões e perspectivas que movem pesquisas de mérito, e obviamente tem uso e total pertinência para algumas circunstâncias de pesquisa. Porém, nesta pesquisa com a comunidade virtual da sedução, dentro das escolhas feitas e caminhos adotados, elas não foram necessárias.

O que meu objeto me exigiu foi recorrer às discussões clássicas e considerações já bem sedimentadas sobre o fazer metodológico nas ciências sociais. Assim, por mais que o PUABase.com seja uma mídia digital com números impressionantes, como os mais de 100.000 usuários registrados², e próximo de 900.000 mensagens veiculadas em seu banco de dados, posto que perguntei a este objeto sobre processos identitários e de subjetivação, vivências interacionais e representações de gênero, a abordagem qualitativa ainda veio em meu socorro e foi isto que a situação de pesquisa me demandou; isto é, fiz desta pesquisa um trabalho de compreensão profunda e que ao invés de buscar generalizações numéricas perseguiu descrições e entendimentos (GOLDENBERG, 2001). Assim, a começar pela orientação qualitativa e enquadramento nos estudos ideográficos, e portanto com a intenção de esclarecer um problema ou uma comunidade

² É preciso frisar, contudo, que usuário registrado não significa usuário participativo. E assim sendo, o PUABase.com não conta com o acesso ativo, frequente e interativo de mais de 100.000 usuários. Mesmo sendo um número muito menor o de usuários realmente participativos, o número de registros tem uma importância dupla: demonstra não só a popularidade do site, como demonstra de forma sutil que para cerca de 100.000 homens aquele site valeu o esforço de registro, um breve diálogo com sua subjetividade, um impulso inicial significativo mesmo que posteriormente tenha se deteriorado.

humana ao invés de obter alguma generalização (BRICEÑO-LEON, 2003), meu afastamento das novas metodologias foi crescente. E mesmo que a comunidade da sedução seja virtual, se encontre na rede, e as pessoas interajam umas com as outras (e com o pesquisador) mediadamente, ainda assim o recurso às, digamos, antigas metodologias e já consolidadas orientações metodológicas ainda foram frutíferas. Se se trata de uma (relativa) novidade tecnológica em estudo, o que perguntei a este objeto, e o que ele em troca me exigiu, não caminhou pelas trilhas das novidades.

Assim sendo, esta pesquisa recorreu aos métodos clássicos da pesquisa social, nomeadamente a etnografia e a entrevista, reforçando uma vez mais o afastamento das ditas novas metodologias. Os dois métodos certamente encontraram ruídos quando transpostos a uma mídia digital - sem contato imediato, sem presença física - mas, como pretendo demonstrar, me pareceram ruídos que ocorrem em toda pesquisa dentro do arco imprevisível das adaptações que uma situação particular de pesquisa exige. Ou seja, o que eu precisei adaptar foram adaptações de natureza comum ao fazer do pesquisador, próximas àquelas que qualquer pesquisador precisa adaptar, sejam seu objeto e informantes presenciais ou não. Antes porém de explicar as particularidades da etnografia e entrevista conduzidas no PUABase.com trago o elemento central da minha operação metodológica (e que portanto cruzou tanto a etnografia quanto as entrevistas), que é o enfoque naquilo que convencionei chamar de narrativas de si.

1.1 NARRATIVAS DE SI

Um primeiro elemento óbvio da comunidade virtual da sedução, em particular o site PUABase.com que é o local desta pesquisa, é que ela funciona primordialmente baseada em texto. O site é o que chama-se de fórum de discussão, uma plataforma de interação em rede surgida nos anos 1980 e portanto antes da internet e do *www*, e que na década seguinte adquiriria a estrutura de funcionamento e interface que é usada até hoje (BAYM, 2013). Notamos assim que não possui o apelo de sofisticação e novidade das redes sociais, por exemplo; e mesmo que os usuários possam trazer fotos, vídeos e áudios para dentro de um fórum de discussão, a interação se dá sobretudo a partir de textos. No presente caso, são homens escrevendo para outros homens e com a expectativa de que seus leitores escrevam algo em resposta. A partir deste primeiro elemento óbvio, surge um segundo, e já menos óbvio: as escritas desses homens são quase sempre narrativas. Mesmo o texto mais procedimental - como um guia ou manual relativo à sedução de mulheres - tende a trazer a voz e a personalidade daquele escreve, e portanto raramente as escritas são sem sujeito. Ou melhor, raramente as escritas não tem um personagem (que não por acaso é aquele que escreve). A todo instante vemos um *eu*, seja ele expresso ou não; é um *eu* que aprendeu, que viveu, que descobriu,

que fez, e a escrita, ao girar em torno deste *eu* em ação, dá forma a uma narrativa baseada em acontecimentos e experiências. Percebi assim que seria impossível tentar uma compreensão da comunidade virtual da sedução sem usar da narrativa como elemento metodológico central.

Nas ciências sociais ela parece ter já um espaço cativo dadas as suas possibilidades analíticas. Através das narrativas "as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência" e manuseiam a "cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social."(JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p. 91). E por isso o uso das entrevistas narrativas ser tão comum, pois é "uma situação que encoraj[a] e estimul[a] o entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante da sua vida e do contexto social."(ibid, p. 93). O que fica explícito é a fé na narrativa como elemento revelador dentro de uma pesquisa, uma fé que compartilho, e que encontrando este elemento tão pronto e dado no meu objeto certamente foi preciso explorá-lo. Um pesquisador que decide usar da narrativa, particularmente em situação de entrevista, deve usar da chamada pergunta geradora como forma de dar início à narrativa do entrevistado (FLICK, 2009; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003); contudo, no PUABase.com, eu enquanto pesquisador sequer precisei fazer tal pergunta pois parece que várias delas flutuam o tempo todo na comunidade e nas suas dinâmicas interacionais, e daí encontrarmos tão facilmente narrativas mais ou menos espontâneas.

O extremo desse apelo narrativo da comunidade sobre seus membros vem em duas particulares modalidades de escrita dentro do site, que são as apresentações e os depoimentos. Eles serão melhor explicados adiante, mas por enquanto basta reparar que uma apresentação é um texto feito pelo recém-chegado à comunidade no qual ele deve responder algumas perguntas, como por exemplo, o que fez ele entrar no PUABase.com e querer mudar de vida. Note-se, uma pergunta absolutamente geradora de narrativas. Já um depoimento é um convite em aberto feito ao membro da comunidade para refletir sobre o antes de participar da comunidade e o depois de participar; ou seja, escrever sobre o que, e como, sua vida mudou a partir da experiência do PUABase.com. Outra vez mais, a pergunta geradora está dada pela própria comunidade. Tanto as apresentações quanto os depoimentos fazem surgir narrativas cheias de confissões e intimidades. Mas tais modalidades são casos extremos, cristalizados; de modo mais sutil, e sem nenhuma cobrança expressa, nas discussões internas ao site a narrativa sempre surge, seja longa ou curta, pontual ou panorâmica, e há a todo momento um homem se fazendo personagem e marcando o seu *eu* através de uma narrativa.

Este objeto, portanto, exige focar a narrativa enquanto elemento metodológico bem como explorar suas sutilezas analíticas. O ato de contar/narrar algo é, dentro deste ato em si, o momento em que os sentidos sobre aquilo que é contado/narrado são articulados (BAMBERG, 2002;

MISHLER, 2002). Ou seja, o indivíduo em narrativa é a própria chave para decodificar muitos dos sentidos da narração. Este viés implica pensar que o indivíduo não age como o reprodutor passivo de uma lógica discursiva dada de antemão, mas sim que o indivíduo está fazendo essa lógica acontecer e ser. E assim sendo, a narrativa pode ser vista como um momento de redefinição inclusive do que se é (enquanto sujeito) e de revisão dos enredos das histórias de vida (desse sujeito narrador) (MISHLER, 2002).

A antropologia e a tentativa de conciliar os aparentes opostos de indivíduo de um lado e cultura de outro fizeram nascer a chamada etnobiografia - junção de etnografia com biografia. Nela, o indivíduo passa a ser visto como potência de individuação e portanto capaz de manifestação criativa, e é através dessa interpretação pessoal que os ideais culturais se precipitam (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012). A consequência disto para as narrativas (etnográficas) é que passam a ser essencialmente constitutivas (da experiência, do evento, do social, das pessoas), evidenciando que os discursos são produtivos e não meras representações. Assim, a narrativa pensada pela etnobiografia traz à tona noções como individuação, reflexividade e subjetivação, isto é, a capacidade subjetiva ativa daquele que está em narração; mas o que me parece fundamental é que ela traz o poder performático da narrativa.

[...] o improviso, a *parole*, a narração, em vez de tomados como discursividade neutra, assumem o papel de pura agência, na medida em que criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas ao mesmo tempo em que transformam aqueles que constroem a narrativa etnográfica, seja o antropólogo, seja seus personagens etnográficos. (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p. 10, grifo do autor).

Uma história de vida quando contada - ou, sugiro, mesmo quando contados fragmentos esparsos desta - deixa de ser simples texto e passa a ser uma construção biográfica preche de performance (GONÇALVES, 2012). E portanto, cabe perceber a proximidade da narração com a ação. "A estrutura de uma narrativa é semelhante à estrutura da orientação para a ação: um contexto é dado; os acontecimentos são sequenciais e terminam em um determinado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação do resultado."(JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p. 92). A narração-ação fica mais evidente se lembrarmos do simples fato de que narrar implica a sutil expectativa de alguém para escutar - ou no presente caso em estudo, alguém para ler a escrita narrativa.

Na tentativa de sintetizar todas estas considerações sobre a narrativa sob a luz do meu objeto de pesquisa, e torná-las assim um conceito operacional em termos metodológicos - isto é, que aponte algo a ser observado em campo e deixe em aberto meios de analisar esse algo - é que lanço a noção de *narrativas de si*. Por tal entendo os atos de escrita em que esses homens se fazem personagens de vivências e experiências, que são mais ou menos temporalmente ordenadas e

apresentadas, das quais retiram um sentido ou aprendizado mais ou menos reflexivo, e que enquanto atos de escrita carregam a expectativa da leitura feita por um terceiro, e por isso implicam em um certo grau variável de performance.

As narrativas de si aparecerão a todo instante na escolha pela abordagem etnográfica e também pelas entrevistas. Em suma, se havia algo a ser *etnografado* esse algo acontecia nas narrativas de si; e nas entrevistas, tentando obter dos informantes dados que ajudassem a construir respostas, as narrativas de si foram um recurso inevitável. Mas indo para um sentido mais profundo, as narrativas de si viabilizam o próprio campo de pesquisa situado na internet. Ou melhor dizendo, elas rebatem a desconfiança sobre a veracidade e autenticidade do que é virtual. Pesquisas com mídias digitais tendem a se atormentar - ou serem atormentadas - pelo questionamento: até onde aquilo que obtenho do campo é verdade? Aquela pessoa que me diz algo, diz a verdade? Adaptando: um homem que me diz que é um artista da sedução e consegue conquistar várias mulheres facilmente, será que me diz a verdade? Ora, a pergunta realmente reveladora em termos de narrativa de si é: e a verdade importa? "De fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais como narrativas e assim devem ser consideradas. Mesmo narrações fantásticas são exemplos disso."(JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p. 109). As narrativas de si favorecem um livre e desimpedido enfoque neste estado latente e possível das encenações, performances e manipulações; ou seja, liberou-me para notar qual era o investimento discursivo destes homens da comunidade da sedução, e não a relação deles com uma suposta verdade - que, aliás, mesmo presencialmente e fora das mídias digitais é uma relação problematizável.

A seguir exponho a abordagem etnográfica que realizei, o que deixará evidente uma vez mais como as narrativas de si foram indispensáveis. Na sequência trarei algumas considerações também sobre as entrevistas. E por fim, uma discussão sobre as condições éticas desta pesquisa.

1.2 ETNOGRAFIA MEDIADA

A etnografia como recurso metodológico apareceu a partir da exigência do meu objeto; isto é, adentrar na comunidade virtual da sedução e apreender como seus membros a vivem, a experimentam, como ali dentro interagem, e sob qual teto de valores e representações. O problema, como citado acima, é que seria uma etnografia com mídias digitais. Esta troca de meios certamente impõe necessárias adaptações e ponderações (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008). Esta necessidade foi percebida tão logo a rede e as comunicações mediadas passaram a ser de interesse das ciências sociais, particularmente sob o uso da etnografia, e assim encontramos alguns termos

icônicos girando em torno daquelas adaptações e ponderações. Escobar (1994) lançaria a ideia de uma ciberantropologia. Hine (1994), por sua vez, a de etnografia virtual. E também Kozinets (1998) que sugeriu falarmos de netnografia. Todos textos que reagem às inquietações de pesquisar o, e no, virtual. Contudo, repetindo minha fala anterior, não senti que eram estas as trilhas que meu objeto pedia. Um recurso metodológico, como a etnografia, é a orientação genérica que cabe cada pesquisador em seu caso de pesquisa particular usar adaptativamente. E assim sendo, me parece que as adaptações feitas a uma pesquisa no virtual não demandam adjetivações extras uma vez que podem ser adaptações como quaisquer outras.

Nestes termos, parti da concepção metodológica genérica de que a etnografia me permitiria, além daqueles objetivos citados acima, sobretudo humanizar os homens da comunidade virtual da sedução. Humanizar, aqui, em uma franca inspiração na Escola de Chicago e sua empiria qualitativa tão próxima dos indivíduos e suas vidas e práticas diárias (COULON, 1995). Humanizar como o verbo para suprir uma ausência no modo como esta comunidade é habitualmente vista na mídia mas também precocemente julgada em termos acadêmicos. Humanizar, ainda na esteira da Escola de Chicago, mas principalmente próximo a Whyte (2005), no sentido de encontrar os seres humanos que habitam um quadro em análise, tal qual ele apaixonadamente tentou (e encontrou) com seus rapazes de esquina. E a etnografia, sempre tão imersiva e próxima, de contato intenso e prolongado, foi a escolha humanizadora de Whyte e de tantos outros pesquisadores, e acabou sendo também a minha.

Julgo, na verdade, que Whyte (2005) mesmo escrevendo em meados do século XX e de possível associação à Escola de Chicago, uma vertente sociológica do início daquele mesmo século, me dá as bases para o que entendo por trabalho etnográfico: ouvir as pessoas, observar suas ações, entender suas histórias, compreender suas relações. E afinal, foi esse ouvir (ou ler), esse observar, esse entender, e esse compreender, que meu objeto parecia demandar, e portanto fez da etnografia uma escolha possível - mesmo que um site na internet, mesmo que sempre através de um uso peculiar das narrativas de si.

Por etnografia podemos entender, conceitualmente, um método "para compreender aspectos da cultura dos participantes, suas visões de mundo e práticas sociais e culturais (aspectos internos de um determinado grupo) e demanda observações prolongadas." (MAINARDES, 2009, p. 102). E complexificando este conceito, mas sem perder a pertinência para o presente caso em estudo, podemos pensar a etnografia a partir da noção de descrição densa, ou seja, ter como objeto as complexas e interpostas estruturas significantes e que cabe ao etnógrafo conseguir, densificando descrições, diferenciar um significado do outro (GEERTZ, 2012). Aquele conceito e esta complexificação, me parece, não se perdem quando transpostos ao virtual, e assim a etnografia com

mídias digitais passa a ser a busca por "revelar questões e práticas subjetivas e simbólicas que não é possível revelar a partir de métodos quantitativos. [...] é a questão de investigação - interpretativa, subjetiva, simbólica - colocada no meio tecnológico." (MITSUISHI, 2007, p. 257). Outra vez mais, sugiro que o esforço adaptativo desta troca de meios é passível de equivalência com os esforços adaptativos de qualquer pesquisa frente aos desafios de realizar uma etnografia.

O primeiro esforço adaptativo para uma etnografia na comunidade virtual da sedução foi entender como a comunidade funciona. Como já dito, o PUABase.com é um site e funciona na modalidade de fórum de discussão. A marca maior de um fórum de discussão é sua dependência das mensagens de texto; porém, o detalhe nisto embutido é que as mensagens não são trocadas em tempo real, e portanto, um fórum (passo a poupar o *de discussão*) dá existência a uma comunicação assíncrona. Esta assincronicidade facilita a comunicação de grupos maiores de pessoas e oferece maior tempo para a elaboração de uma resposta, o que significa a oportunidade para fazer uma apresentação/exposição de si mais estratégica, mas por outro lado significa também que uma resposta pode demorar ou simplesmente nunca acontecer (BAYM, 2013). Isto já coloca uma outra dinâmica etnográfica em campo uma vez que o fórum e todo seu conteúdo gigantesco (as quase 900.000 mensagens) é dado essencialmente no passado, que pode ser de um dia ou uma semana para comunicações mais recentes, mas nesta pesquisa significou sobretudo um passado de meses e anos anteriores. Uma vez mais as narrativas de si vem em meu auxílio; apesar de ter feito o que alguns pesquisadores criticam como uma análise que valoriza o acontecido ao invés do acontecimento presente, e que portanto poderia fazer perder a continuidade dos sentidos intersubjetivos daquilo que é observado (BRAGA, 2008), as narrativas de si, apesar de refêns da assincronicidade, não deixam perder a continuidade intersubjetiva uma vez que as comunicações dentro do fórum, mesmo que antigas, ocorrem como um diálogo contínuo e encadeado, cujo as narrativas de si terão papel fundamental enquanto mantenedoras do sentido partilhado - e portanto apreensível pelo pesquisador.

Este diálogo contínuo e encadeado é dado pela própria estrutura de funcionamento do fórum, que são os tópicos. Tópicos são criados como se fossem páginas internas ao fórum, e assim toda discussão e interação ocorre dentro de um tópico. Um usuário pode criar um tópico sobre como seduzir mulheres em um supermercado, e os outros usuários lerão e então (espera-se) darão uma resposta, possivelmente contando uma experiência relativa a seduzir mulheres durante as compras ou compartilhando um aprendizado sobre este tipo de situação. Em termos visuais o tópico sempre trará no topo a mensagem original, aquela que o criador do tópico veiculou, e em seguida as mensagens dadas em resposta, organizadas em hora e data. Deste modo, um tópico não tem prazo de validade e não é incomum encontrar tópicos que têm entre suas respostas intervalos longos de

tempo. A única condição de validade para um tópico é o de ficar 60 dias sem nenhuma resposta; se isto acontece, ele é automaticamente movido para o Arquivo, e a partir de então só usuários com condições especiais de acesso (como o VIP, condição adquirida via pagamento monetário) podem acessar. Contudo, só tópicos comuns são sujeitos a este prazo dos 60 dias; tópicos especiais, como aqueles que foram analisados nesta pesquisa e serão explicados logo mais, permanecem disponíveis de modo permanente, reforçando aquelas considerações sobre a assincronicidade antes feitas.

Só quem pode criar um tópico ou então nele escrever uma resposta são os usuários cadastrados. Tanto criar uma nova discussão quanto escrever uma resposta nela é referido pelo verbo *postar*, e assim o tópico criado é um *post*, e a resposta dada é também um *post*. Para ser um usuário cadastrado é preciso somente o ato do registro, que por sua vez exige somente uma conta ativa de e-mail. Durante o registro é preciso escolher um nome e este será a assinatura do usuário por todo o fórum, identificando todos os seus posts e servindo como meio para ser referenciado, citado e conhecido pelos outros usuários. Como exemplo, no meu registro escolhi o nome *CesarFranco*, e portanto passei a ter meus posts assim assinados e quando alguém se referia a mim era assim que o fazia. Durante o registro compomos um *perfil*, que além do nome inclui ainda uma imagem (avatar) enquanto parte visual deste perfil. Informações extras também podem ser fornecidas deixando assim o perfil mais completo, como idade, localidade, alguma forma de contato, ou ainda os interesses específicos dentro do PUABase.com. A composição do meu perfil foi outro momento adaptativo na minha etnografia com mídias digitais. Dado o conteúdo íntimo e pessoal das discussões do fórum, também por um certo senso prático - como dos informantes que não desejavam que seus conhecidos soubessem de sua participação na comunidade da sedução -, e também pela própria dinâmica da internet que favorece o anonimato, muitos perfis do PUABase.com são feitos com nomes falsos (pseudônimos), fotos não-pessoais (imagens de algum ator, atleta, ou personagem), e escassas informações extras (uma forma de contato raramente é oferecida). Assim, julguei que meu perfil tinha de ser o mais expositivo possível. Na tentativa de sair daquela atmosfera de um anonimato defensivo, e assim construir uma imagem de um pesquisador franco e localizável, adotei meu nome e sobrenome como nome dentro do fórum, utilizei uma foto pessoal frontal de meu rosto como avatar, e preenchi meu perfil com toda informação possível - inclusive deixando claro estar ali em nome de uma pesquisa em andamento. Também considerei particularmente válido deixar o endereço para minha página no Facebook, essa pequena prova contemporânea de nossa concretude e identidade - isto fez com que alguns rapazes do fórum entrassem em contato comigo diretamente pelo Facebook, mostrando que foi sim uma estratégia válida já que, por algum motivo, vieram sim conferir o perfil daquele que se apresentava como um pesquisador vinculado à Universidade Federal do Paraná.

Um fórum de sucesso acaba tendo um grande número de usuários e mensagens. O PUABase.com é um fórum de sucesso, principalmente se tomado dentro da sua temática; como ele mesmo anuncia, e como podemos verificar na internet brasileira, é o maior fórum sobre sedução em língua portuguesa. Isso significa os já mencionados mais de 100.000 usuários registrados e as quase 900.000 mensagens do seu banco de dados. Tantas mensagens assim devem ser organizadas para facilitar o uso da plataforma, e por isso são criadas as seções e subseções. Elas giram em torno de assuntos recorrentes e deixam implícito que um tópico sobre tal assunto deve ser posto na seção/subseção correspondente. O PUABase.com tem oito seções: *Relatos, Depoimentos, Sedução, Dúvidas e outros, Material, Hall, Encontros, e Área VIP*³. Quase toda seção conta com subseções, por exemplo, a seção *Material* traz a subseção *Videos*, dando a entender que qualquer material sobre sedução de mulheres que seja na mídia vídeo deve ser postado na subseção *Videos*. Realizar uma etnografia na comunidade virtual da sedução, portanto, não poderia abarcar todo o fórum - ao menos não no tempo de uma dissertação de mestrado. Sentindo esta restrição é que fiz uma etnografia restrita a algumas subseções escolhidas estrategicamente como sendo potenciais reveladoras daquilo que eu buscava - valores, práticas, interações, vivências da comunidade.

A primeira subseção escolhida foi a *Área dos Novatos*. Nela existem 39 tópicos tentando sistematizar o conhecimento mínimo que um recém-chegado (o público-alvo da subseção) deve ter se deseja participar e entender da comunidade virtual da sedução. Tópicos sobre os principais termos e siglas, os métodos de sedução mais comuns, as técnicas mais populares, são estes os tópicos ali postos. É uma parte do fórum mantida pela administração, e foi ela que escolheu os tópicos ali presentes. Assim, não é possível criar tópicos novos na *Área dos Novatos*, mas as respostas a cada um daqueles tópicos ainda são possíveis. Apesar dessa fixidez e evidente assincronicidade, na condição de uma subseção planejada prioritariamente aos recém-chegados é que foi tomada para análise etnográfica. Ou seja, o conhecimento básico da comunidade e sobre a comunidade é dito estar ali. De forma similar, pois também mantida pela administração e com a criação de tópicos vedada, existe a subseção *Escolhidos pelo Staff*. Uma vez criado um tópico, e sendo ele devidamente recomendado por um usuário, ou simplesmente tendo agradado à administração, esta moverá o tópico para a subseção em questão deixando-o em destaque. Na prática, *Escolhidos pelo Staff* reúne então tópicos (143 ao todo) dos mais diversos assuntos e temáticas tendo em comum somente essa pré-seleção e, portanto, essa suposta importância em termos de uma intersubjetividade da comunidade. Por esta característica é que foi escolhido para a etnografia.

³ Em dezembro de 2014 a configuração do site passou por leve reconfiguração apesar da estrutura e nome das seções terem permanecido semelhantes.

A terceira subseção em análise foi a *Apresentações*. Se nas outras duas subseções vistas até aqui as narrativas de si existem de forma um tanto sutil e indireta, em *Apresentações* as narrativas de si são escancaradas e diretas uma vez que o recém-chegado é convidado a escrever uma apresentação à comunidade. Para tanto oferece-se um formato tanto do título quanto do conteúdo. Aquele seria feito por nome, idade e localidade, e este por sete perguntas - como as razões para se estar ali, o que sente diante de uma mulher, ou então o convite que encerra as perguntas: *conte um pouco de você*. Escrever uma apresentação não é obrigatório, mas muitos usuários o fazem; atualmente são mais de 7.000 tópicos-apresentação. Dado o caráter evidentemente narrativo e expositivo que uma apresentação assume - medos, expectativas, trajetórias de vida - é que esta subseção foi tomada para análise. Foram analisadas as apresentações feitas durante o período formal de realização desta etnografia entre os meses de janeiro e junho de 2014, o que significou 123 apresentações. No outro extremo das narrativas feitas em *Apresentações*, estão as narrativas feitas em *Depoimentos*, uma parte do fórum em que o usuário é estimulado a fazer uma avaliação de sua vida antes e depois de participar da comunidade virtual da sedução. A administração foi quem deu o estímulo inicial, primeiro através de um tópico dirigido a isto, mas depois criou uma subseção exclusiva para os depoimentos, e hoje intuitivamente esta subseção é usada para relatos mais ou menos elaborados sobre a vivência (e consequências) da comunidade. Este foi o motivo de tomá-la também para a análise etnográfica. São cerca de 300 tópicos-depoimento, mas que selecionados a partir da realização da proposta (isto é, fazer um antes e um depois comparativo) e também pela repercussão dentro da comunidade (número de leituras feitas e respostas dadas), foram reduzidos para 18 depoimentos em análise.

No decorrer da exposição, de forma a remeter a leitura às subseções em análise, em particular àquela de onde foi retirada a citação, estarei me referindo a *Discussões* quando usar de material obtido em Área dos Novatos e em Escolhidos pelo Staff; *Apresentações* e *Depoimentos* quando usar do material obtido em subseções homônimas; por fim, *Entrevistas* me remete ao material das entrevistas, procedimento metodológico explicado logo mais.

Talvez aqui, neste recorte do que analisar etnograficamente, é que as considerações adaptativas de uma etnografia nas mídias digitais ficaram mais flagrantes. A abundância de dados e a disposição quase imediata deles faz com que uma etnografia nessas mídias seja um convite a empreitadas além do que pode ser realizável. Afinal, a disposição dos dados ao alcance de um simples clique (isto é, o acesso aos tópicos e aos usuários) dá a falsa sensação de que estes dados também podem ser analisados e coletados de forma simples - o que não é verdade. E ainda pior, corre-se o risco de fazer uma coleta abundante mas sem análise qualitativa do que é coletado (AMARAL, 2010). Uma etnografia com mídias digitais precisa lidar com a abundância de dados de

um modo seletivo para assim viabilizar a própria abordagem etnográfica e não se perder na tentação de tudo averiguar, então seduzido pela sereia do *basta clicar, basta selecionar, basta copiar*. Sentindo esta particularidade do meu objeto e do seu contexto é que tomei para a etnografia as quatro seções especificadas acima, uma adaptação que faz muito sentido para as mídias digitais mas que, essencialmente, diz respeito ao trabalho etnográfico (inclusive presencial) e sua necessidade de saber em qual direção olhar para conseguir responder a determinadas perguntas.

1.3 ADENTRANDO AO CAMPO

Uma dificuldade grande para pensar a etnografia nas mídias digitais é o afastamento entre pesquisador e pesquisados, e isto é algo que a adaptação sobre a transposição de meios deve refletir. Uma etnografia, afinal, não pode ser reduzida a um empiricismo - como se fosse uma simples ferramenta para alcançar uma suposta realidade - pois há a dimensão experiencial da etnografia, e esta dimensão é fundamental ao método (MAXIMO *et al.*, 2012). E esta dimensão, nas virtualidades da rede, pode ser perdida ou mesmo nunca alcançada. Alguns pesquisadores assumem de partida a negação desta experiência etnográfica ao adotarem a postura do *lurker*. Um *lurker* é o observador silencioso e despercebido pelos observados (BRAGA, 2008; AMARAL, 2010), uma possibilidade dada no próprio funcionamento da internet - nela comumente não temos como saber quem nos vê ou quem vê aquilo que colocamos na rede. Mas se a etnografia apresenta a dimensão vivencial, referente ao movimento de imergir na vida nativa e alcançando assim um tipo de experiência (etnográfica) sutil, faz todo sentido duvidar da congruência entre pesquisador *lurker* e etnografia (MAXIMO *et al.*, 2012). Isto quis me dizer que haveria algo na comunidade virtual da sedução que só poderia ser obtido se eu alcançasse uma experiência peculiar de imersão.

Neste sentido é que, visando a inserção dentro da comunidade, comecei a pensar em termos de uma observação participante, mais uma vez fazendo valer o legado da Escola de Chicago (COULON, 1995) e Whyte (2005). É um tipo de etnografia focada em captar práticas e acontecimentos, mas sobretudo, que coloca o pesquisador diretamente em campo, e ele deve "cada vez mais, atuar como participante e ganhar acesso ao campo e às pessoas [...]", e em paralelo segue se tornando "cada vez mais concreto e concentrado nos aspectos essenciais às questões de pesquisa." (FLICK, 2004, p. 152). Certamente não é uma liberdade para induzir o campo, mas sim uma posição que assume metodologicamente que haverá influências sobre o objeto, ajudando assim a identificar essas consequências.

Assim é que o primeiro passo na direção de uma observação participante foi o de me apresentar formalmente à comunidade. Apesar de já possuir um perfil antigo, de quando descobrira

o fórum, e que inclusive o havia usado para as primeiras explorações observatórias do fórum e para um primeiro contato com a administração (que já havia permitido a pesquisa), julguei apropriado a criação de um perfil novo, calculado naqueles termos já expostos acima. Problemas técnicos do fórum me fizeram protelar a criação do perfil, e só em 13 de fevereiro de 2014 ele foi criado, e então me apresentei à comunidade. Fiz um tópico-apresentação na subseção Apresentações. O título seguiu a formatação indicada: *CesarFranco (pesquisador), 26, Curitiba*. O *pesquisador* veio como um adendo para explicitar a minha condição ali dentro. Já o conteúdo da minha apresentação não seguiu aquele formato das sete perguntas pois, obviamente, elas supunham um interesse no fórum que não era o meu. E assim, nela apenas explicitiei meus interesses acadêmicos na comunidade e mencionei superficialmente os termos da minha pesquisa. Agindo deste modo eu estava oficialmente apresentado à comunidade.

O segundo passo na direção de uma observação participante e na busca de uma experiência etnográfica foi exigido pelo próprio campo. Mesmo estando devidamente registrado e apresentado no fórum, e inclusive com algumas entrevistas em andamento, a experiência etnográfica estava distante e aquilo certamente não era uma observação participante. Se o princípio desta é atuar cada vez mais como um participante da comunidade (FLICK, 2004), como então eu poderia fazer isso em uma comunidade dedicada a seduzir mulheres? Não me sentia a vontade para ingressar nas discussões a respeito de táticas e estratégias sedutoras (inclusive por não concordar com o tom de muitas delas), e por outro lado as narrativas de si sobre experiências afetivas-sexuais, tão comuns ali dentro, me pareciam tensionar perigosamente um certo afastamento mínimo que eu deveria manter enquanto pesquisador. A saída encontrada foi realizar uma participação assumindo minha condição de pesquisador e retirando dela meios de participar da comunidade. Informações e dados relevantes para minha pesquisa, e que me pareciam interessantes também para o PUABase.com e seus usuários, eu passei a compartilhar em tópicos por mim criados. Uma coletânea das aparições do artista da sedução na mídia brasileira, ou ainda a reconstituição do surgimento do artista da sedução em datas e acontecimentos, foram alguns dos tópicos que criei seguindo aquela saída encontrada. Todos os tópicos começavam, sempre, reafirmando que eram parte da minha pesquisa acadêmica, tentando deixar claro minha posição enquanto pesquisador. E apesar de algumas vezes ter recebido algumas respostas confusas - como quando me diziam *parabéns pelo trabalho, PUA*, como se eu fosse um artista da sedução -, notei que alguns rapazes elogiavam a minha pesquisa e, inclusive, sugeriam alguns aspectos ou fontes de pesquisa que julgavam que eu deveria conhecer. Ao menos para alguns, eu me tornava mais conhecido e reconhecidamente um pesquisador.

Mas a dinâmica experiencial da etnografia ainda faltava. Percebi isto particularmente nas entrevistas - que serão tratadas logo mais. Naquelas em que eu me mostrava para além do

pesquisador, até mesmo sugerindo algumas similaridades com o entrevistado, eram as entrevistas que tendiam a transcorrer com maior naturalidade, ao contrário das outras em que eu me mantinha (mesmo sem intenção) como um pesquisador e só. Desconfiei que a chave diferencial era o conhecimento que tinham sobre mim, e isto uma observação participante bem realizada proveria. Portanto, o terceiro passo nesta direção foi me insinuar em discussões dentro do fórum que não versassem sobre sedução de mulheres mas que ainda assim exigissem minha opinião enquanto pessoa. Acabei trocando dicas de finanças pessoais, sugerindo algumas técnicas de oratória, e mesmo dando conselhos a um rapaz que lamentava um relacionamento há pouco terminado e pedia a ajuda da comunidade (um tipo de pedido muito comum ali dentro). A certa altura, fui além destas pontuais participações e me senti à vontade para escrever um tópico próprio, algo como uma narrativa de si só minha, sobre timidez (um tema muito discutido dentro da comunidade e que julguei ter uma ou duas contribuições dada minha vivência deste assunto). E foi quando comecei a sentir, de fato, a dinâmica experiencial da etnografia, e compreendi, ao menos em parte, a satisfação que é a troca de experiência em um coletivo, onde podemos alternar daquele que fala e aconselha para aquele que é aconselhado. Descobri, assim, um prazer incomum em ler histórias parecidas com a minha, conseguir trocar algumas experiências sobre elas, e perceber no agradecimento dos outros que consegui respaldo subjetivo em alguns usuários do fórum. É difícil ter certeza se esta guinada no meu estilo de participação influenciou alguns entrevistados a serem mais abertos e receptivos comigo. Contudo, certamente mudou minha visão sobre o objeto. Pude refletir como grupos virtuais fornecem, sim, espaços para articular sociabilidades e (inter)subjetividades. Ainda sem ter completa noção sobre isso, eu ingressava, mesmo que timidamente, na dinâmica interacional típica da comunidade, e vivia comigo mesmo os elementos que logo eu estaria conseguindo identificar analítica e teoricamente na comunidade da sedução como um todo - particularmente o que discutirei no capítulo 3. Me inclinar para este tipo de participação, por mais distante que eu ainda tenha permanecido da participação nativa dentro da comunidade, foi o suficiente para vislumbrar uma positiva experiência etnográfica e ter a sensação de uma observação participante minimamente atendida.

Trouxe tão detalhada descrição da inserção etnográfica para ressaltar que meu objeto, mesmo virtual, exigiu pensar questões e adquirir certos posicionamentos não muito distintos daquelas dos objetos não-virtuais. O acesso ao campo, a exposição enquanto pesquisador, o posicionar-se dentro dele, o sentimento etnográfico; questões todas que falam do ato da pesquisa (etnográfica) e não sobre seu objeto (mídias digitais). E ainda, tal inserção etnográfica me fez considerar o porquê desta pesquisa não optar, por exemplo, pela análise de discurso, um método que já se provou eficaz em pesquisas com mídias digitais textuais (BRAGA, 2008). Alcançar aquela

dinâmica experiencial da etnografia (MAXIMO *et al.*, 2012) não foi um objetivo *a priori*, e sim uma demanda sentida; como expus acima, sem ela eu não teria sentido parte do que meus informantes sentiam, e talvez não tivesse alcançado uma sensibilidade crucial para os resultados a que cheguei. Portanto, a análise de discurso, mesmo partindo da premissa básica de que o discurso é prática social e de que as pessoas fazem coisas através do discurso (GILL, 2000), uma premissa útil e que está de certo modo contida no recurso das narrativas de si, com ela faltaria esse contato etnográfico revelador, essa imersão (e disposição à) numa teia de práticas, valores e interações que não é a habitual, e que talvez justamente por isso só possa ser compreendida se minimamente experimentada - mesmo que na figura de um pesquisador em observação participante. O que minha inserção etnográfica confirmou foi que certos caminhos e temas de pesquisa demandam uma exposição do pesquisador tornando assim inevitável o envolvimento com o campo, porém isso não é um problema, senão talvez parte da solução. E nestes termos a abordagem etnográfica foi uma demanda feita por meu objeto e que julguei positiva sua aceitação.

Esta inserção etnográfica, como mencionado, acompanha em parte as entrevistas que realizei. É delas que passo a falar.

1.4 ENTREVISTANDO POR E-MAIL

As entrevistas apareceram como um recurso para abarcar aqueles elementos que ou a etnografia não foi a fundo ou não contemplou. Portanto, dois tipos de entrevistas foram pensados quando da elaboração do roteiro utilizado (Apêndice A). De um lado a entrevista focal, com a qual busquei significações e subjetividades frente a questões específicas (FLICK, 2004), e de outro, seguindo a centralidade metodológica das narrativas de si, usei das entrevistas narrativas na tentativa de articular a visão do informante à sua própria interpretação de mundo e que situasse isto dentro de um contexto, de um enredo, e de forma sequencial (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003). Mas para além destas direções, quando em pesquisas com mídias digitais, as entrevistas remetem necessariamente à possível não-presença do entrevistado, ou seja, situações de entrevista em que os envolvidos não estão face a face, e assim este acaba sendo um dos pontos adaptativos de uma pesquisa com mídias digitais: o lidar com a distância dos entrevistados. Antes de discutir esse ponto particular, gostaria de começar a exposição sobre as entrevistas por um ponto um que é um tanto mais sutil, mas igualmente necessário, que é sobre a seleção dos entrevistados - outro potencial problema nas pesquisas com mídias digitais.

A seleção dos potenciais entrevistados - ou informantes - tinha como desafio o número de usuários no fórum; como já dito algumas vezes, mais de 100.000 registrados. E apesar da própria

comunidade ter um sistema interno de classificação e divisão dos seus usuários, e que portanto poderia servir como critério de seleção dos possíveis entrevistados, notei que era um sistema falho, sem muita credibilidade, e de funcionamento inconstante⁴. Assim, a seleção dos entrevistados ocorreu conforme minha inserção em campo me possibilitou perceber uma divisão grosseira entre os usuários e que a própria comunidade tem uma relativa consciência dela. Existem os que apenas leem os tópicos mas não respondem e nem criam seus próprios tópicos - a categoria nativa para esse tipo de usuário é *sanguessugas*, evidenciando que não é um tipo aprovado. Há também os que leem, escrevem respostas, e eventualmente criam seus tópicos; mas a marca deste segundo tipo são suas respostas lacônicas e tidas por pouco contributivas, como um *muito bom*, ou então *legal, gostei do tópico*. Também não são bem vistos mas contam com a tolerância da comunidade. E por fim há aqueles que leem, escrevem respostas e criam seus próprio tópicos, e fazem tudo isto de forma minimamente comprometida. Suas respostas vão além do elogio e tentam argumentar um ponto de vista. E quando criam um tópico, o criam desenvolvendo uma ideia de modo razoavelmente dedicado. Foi este terceiro tipo de usuário que tentei selecionar para as entrevistas pois supus que seria um tipo mais disposto a participar já que interagira na comunidade de modo mais desenvolvido e, portanto, possivelmente com maior envolvimento - não pareciam ser simples internautas curiosos e de passagem.

Conforme a etnografia acontecia e eu encontrava os usuários do tipo pretendido, convites foram sendo feitos. Eles eram enviados através do sistema de mensagens privadas, algo que funciona como um modesto serviço de e-mail interno ao fórum. Através dele dois ou mais usuários podem estar em comunicação direta e privada. Usei deste recurso justamente por garantir a privacidade, uma vez que anúncios e convocações públicas para me ceder entrevista possivelmente não teriam muitos resultados - quando da minha apresentação, por exemplo, deixei o convite em aberto, e apenas dois rapazes manifestaram interesse. Neste convite eu repetia parte da minha apresentação à comunidade e deixava claro ser um pesquisador. Expunha também superficialmente os termos da pesquisa e prometia mais detalhes caso houvesse interesse em participar. Caso o convidado demonstrasse interesse, então eu explicava como funcionaria, garantia seu anonimato, e deixava em aberto a opção de como realizar a entrevista - isto é, qual o meio preferido.

Assim, a não-presença do entrevistador e do entrevistado acabou significando que o e-mail

⁴ Todo fórum de discussão traz o recurso de anexar rótulos aos usuários. Tais rótulos seguem uma lógica progressiva, como as patentes militares, e tentam demarcar um avanço do usuário. Na comunidade virtual da sedução, tais rótulos tentam demarcar a progressão do homem enquanto um artista da sedução, então há rótulos para os novatos, para os intermediários, e para os já reconhecidamente experientes - o ápice é o rótulo de *pickup guru*. Tal sistema, porém, é relativamente falho uma vez que depende do número de postagens feitas, o que faz ser criticado pois daria brecha para homens com rótulos avançados mas de experiência limitada, e ainda inconstante pois alguns rótulos dependem da aprovação da administração que, ultimamente, parece ter deixado de se importar com isso.

foi o meio utilizado preferido para realizar as entrevistas. Entrevistas conduzidas deste modo, de perguntas enviadas e então respondidas, têm um problema latente, que é o risco de virar algo próximo a um questionário (FLICK, 2009). Ou seja, quando as perguntas são enviadas todas de uma vez, então são respondidas e enviadas de volta, e nisso a entrevista acaba, a comparação com um questionário é pronta pois faltam a interatividade e o diálogo que existem no processo da entrevista. Pensando nisto, foi adotada a estratégia de mandar blocos de três ou quatro perguntas, esperar pela resposta, e então mandar outro bloco, e assim sucessivamente; deste modo o entrevistado teve tempo para refletir e pensar mais demoradamente sobre cada uma das perguntas, e ao mesmo tempo me deu abertura para voltar em alguma pergunta, aprofundar algum elemento, esclarecer algo que ficou em dúvida. Considerei isto extremamente proveitoso na medida em que muitos informantes terminaram a entrevista dizendo que consideraram aquilo mais como uma conversa do que como uma entrevista. Este tipo de escolha, pois, ressalta que a transposição da pesquisa para as mídias digitais demanda alguns cuidados mas que, novamente, são cuidados e táticas pontuais que toda pesquisa em sua especificidade precisará adotar, e não necessariamente trata-se de toda uma revolução metodológica ansiando por novos termos e métodos.

A relação com os entrevistados, mesmo mediada, não foi de todo formal ou fria como se pode imaginar de uma entrevista conduzida por e-mails. Apesar de alguns rapazes assumirem uma evidente posição de retraimento, se limitando a responder o estritamente perguntado - e portanto frustrando em certa medida as tentativas de obter narrativas de si em primeira mão -, outros se mostraram bem à vontade ao tecer suas considerações, inclusive tentando às vezes um efeito de humor. Por consequência, o próprio pesquisador sentia-se mais à vontade e por vezes comentários superficiais resgatando algum aspecto de alguma resposta já dada, sem necessariamente gerar outra pergunta, era o modo de começar uma novada rodada de perguntas, contribuindo, creio, para aquela sensação de ser uma conversa e não uma entrevista. De modo geral, entre retraídos e não tão retraídos, considerei uma variação típica de qualquer pesquisa; presencialmente ou não, encontraremos pessoas mais ou menos dispostas a falar. Talvez em entrevistas mediadas a objetividade e a pontualidade sejam mais marcantes dada a comunicação ser textual - e não aquele fluxo mais solto da oratória -, contudo não considerei em momento algum alguma limitação que tivesse tornado insubstituível uma entrevista presencial feita com o auxílio do gravador.

Assim orientado, e assim procedendo, elaborei uma lista com possíveis entrevistados e dela fiz 43 convites. Destes, 13 aceitaram e concluíram a entrevista. 8 aceitaram e chegaram a iniciar a entrevista, mas em algum momento dela deixaram de responder. Daqueles 43 convites, somente um fez uma negativa expressa em participar - alegou ter tido experiências negativas com a exposição pessoal em sites, e por isso não se sentia à vontade. Todas as outras recusas foram indiretas; sendo

possível verificar se o destinatário leu ou não a mensagem, eu percebi que ela era lida mas não respondida, o que entendi como uma recusa indireta. Dos 13 que aceitaram, 1 optou por realizar a entrevista pelo Facebook, 1 pelo sistema de mensagens privadas do fórum, e todos os outros optaram pelo e-mail. Destes 13, com 2 houve a possibilidade de realizar entrevistas presenciais mas houve recusa - alegaram falta de tempo.

Como último tópico deste capítulo metodológico, discuto as implicações éticas desta pesquisa.

1.5 AS CONDIÇÕES DE PESQUISA

Quando Zago e Santos (2011) refletem sobre sua experiência de pesquisa na internet, em particular pelo elemento ético, lidam com o desconforto que surge quando nós, das Ciências Humanas e Sociais, temos de lidar com o modelo ético importado do campo biomédico - então engessador e limitante da abordagem típica do fazer científico da sociologia e antropologia, por exemplo. Reagindo a este desconforto é que Zago (2013) balizou sua pesquisa com um site de relacionamentos pessoais no que chamou de método do consenso. A fundamentação desse método está na visão da relação pesquisador/pesquisado como uma relação de poder, onde o pesquisador tem sim um poder imediato mas o pesquisado também tem seu poder (um simples exemplo é o fato do pesquisado, quando em contextos de mídias digitais, poder se desconectar e interromper toda a pesquisa, o que de fato ocorreu durante esta pesquisa). E portanto, o método do consenso

é algo que não se dá apenas no momento em que eles/as dizem 'sim' ao convite explícito para participar da pesquisa, mas é uma negociação, possibilitada por um jogo de poder, que se dá a todo o tempo no jogo de pergunta e resposta - e de como se pergunta, com quais palavras, sobre qual temática. (ZAGO; SANTOS, 2011, p. 47).

Assim, a ética de pesquisa sugerida por Zago não é aquela baseada em interdição, em proibição, o que pode ou não ser feito; o limite desta ética está dado nas possibilidades de negociação com os indivíduos envolvidos.

Nesta pesquisa tentei me aproximar deste método do consenso na medida em que busquei uma aceitação negociada com meu campo de pesquisa. Isto significou que as entrevistas foram obtidas através da explicação da pesquisa e pedido para permissão de uso de tudo o que dela surgisse, o que não dispensou algumas negociações para que isto ocorresse - como o caso de Lougan, que preferiu aparecer sob seu pseudônimo interno à comunidade, ou de alguns rapazes que apesar de terem cedido a entrevista o fizeram de modo a não revelar seu nome real, ou ainda quando expunham alguma informação e em seguida, talvez arrependidos, solicitavam o não-uso dela em

minha pesquisa. Assim, entendi que realizar esta pesquisa eticamente era me submeter, dentro daquela relação de poder entre pesquisador e pesquisados, ao poder dos meus informantes ao invés de me arvorar, como dizem Zago e Santos (2011) ressoando críticas ao modelo ético biomédico, em uma posição burocraticamente imposta e portanto cristalizadora de lugares, totalmente avessa às considerações do contexto de pesquisa. Em termos da abordagem etnográfica isso ficou flagrante quando precisei dialogar com as regras da comunidade e adotar estratégias condizentes com tais regras tentando ser responsável diante do poder dos pesquisados sem perder a funcionalidade da minha observação participante - isto é, acatar as normativas que dizem o que pode e como pode ser feito dentro da comunidade virtual da sedução, e ainda assim conseguir atingir os objetivos desta pesquisa.

Nestes termos é que os *Termos de Uso e Serviços* do PUABase.com me foram extremamente úteis. Os Termos são um documento típico de sites onde é preciso se registrar pois estabelecem os serviços oferecidos bem como direitos e obrigações daqueles que estão se registrando. Tem também um caráter contratual na medida em que no ato do registro o usuário sinaliza ter supostamente lido e concordado com os Termos, e portanto a partir desta suposta anuência consciente é que decidiu fazer parte do site em questão. Os Termos do PUABase.com, pois, explicam a seu usuário o que implica ser um usuário. E funcionando deste modo é que tal documento oferece indiretamente algumas diretrizes para adotar um método do consenso, particularmente através de dois artigos e de um parágrafo. Assim, temos o parágrafo 11 do artigo 8, onde diz:

Todo usuário cede o direito sobre suas postagens ao PUABASE.COM, sendo que a postagem de qualquer texto autoriza qualquer pessoa, Usuário ou visitante do Fórum PUABASE.COM, desde que citada a fonte, a mencionar em qualquer outro veículo de comunicação o conteúdo destas.

Por ser um artigo localizado no capítulo *Dos Usuários*, a interpretação adotada foi a de que toda e qualquer postagem dos usuários pode ser utilizada nesta pesquisa uma vez que postadas passam a ser do fórum e este cede o uso para qualquer outro veículo de comunicação, tal qual esta pesquisa. No entanto, o capítulo *Dos Materiais e Responsabilidade* traz o artigo 21 onde diz ser vetado “a reprodução total e/ou parcial dos mesmos [materiais sobre sedução: vídeos, textos e imagens], seja em meios impressos ou eletrônicos, sem a permissão expressa dos autores ou responsáveis”. Artigo este que encontrará eco no 24 onde diz não ser permitido “modificar, copiar, guardar em banco de dados público, alugar, vender ou republicar qualquer conteúdo do Puabase, sem prévia permissão expressa da administração do fórum ou de seus autores”. Do que fui levado a entender que os materiais sobre sedução, basicamente se referindo àqueles textos/tópicos produzidos pelos próprios usuários, não podem ser citados sem que haja expressa anuência da

administração sobre a citação.

Considerando estes dois últimos artigos e mais aquele parágrafo, entendi que, formalmente, o cuidado que a presente pesquisa deveria ter era maior com o uso dos materiais do que com o uso da fala dos usuários, pois a preocupação expressa nos Termos está antes no uso ilegal do material produzido ali dentro do que com a exposição dos seus usuários. Esta preocupação reflete a ansiedade típica da internet sobre cópias ilegais de um material autoral e inédito; no caso, os textos/áudios/vídeos veiculados dentro do PUABase.com. Como a intenção desta pesquisa não é veicular aqueles materiais de sedução, e nem citá-los na íntegra, acredito que tais artigos (21 e 24) não são um empecilho à pesquisa, enquanto que o supracitado parágrafo 11 do artigo 8 a legitima formalmente.

De todo modo, respeitando a necessidade de aprovação pela administração, e seguindo o método do consenso, foi feito contato com ela em duas ocasiões, e nas duas obtive o consentimento para a realização da pesquisa. As duas ocasiões se justificam porque em cada uma delas o homem que atendia pela administração não era o mesmo, e precavidamente entendi ser importante obter a permissão de quem lá estivesse; assim, na primeira vez (outubro de 2013), quando aprofundava o projeto de pesquisa, obtive o consentimento e apenas exigiu-se que fossem citadas todas as fontes (reforçando que a preocupação é mais com a questão de uma possível citação indevida do que com a exposição das discussões internas); na segunda vez (janeiro de 2014), o consentimento também foi dado, desta com maior curiosidade sobre a pesquisa. Significativo ainda foi um inesperado convite que a administração me dirigiu já meses depois de iniciada minha inserção no campo. Após explicar que a comunidade está preocupada com o alto índice de evasão de usuários, principalmente dos novatos, o rapaz que atende pela administração revelou que esforços estão sendo planejados para melhor receber o recém-chegado. Dentre os esforços está a produção de textos introdutórios sobre diversos aspectos básicos da comunidade da sedução, e me foi feito o convite para ajudar nessa produção uma vez que vim demonstrando interesse pela comunidade e conhecimento sobre suas discussões. A importância do convite é porque ele veio na sequência daqueles tópicos-informativos que produzi na comunidade (sempre me identificando como pesquisador) e significou que, ao menos para a administração, minha presença não só não era um incômodo, como pode inclusive ser aproveitada e recompensada⁵. Deste modo, acredito que obtive a contento a permissão de uso que nos Termos de Uso e Serviços é posto como condição, me

⁵ Junto do convite me foi oferecido a condição de membro VIP, o que me conferiu o acesso a áreas do fórum antes restritas (acesso à época custava R\$150,00), e a possibilidade de participar como convidado em um dos cursos de sedução que os parceiros do PUABase.com oferecem. Apesar dessas ofertas potencialmente incrementarem a própria pesquisa, o aceite do convite aconteceu mais pela intenção de devolver algo à comunidade do que pela oferta em si. Além do que, escrever aqueles textos exigiram de mim somente a síntese do que meu trabalho etnográfico alcançou, como alguns conceitos, dinâmicas e valores básicos para a comunidade.

adequando assim ao jogo de poder que realizei com meus informantes - e certamente aquele convite para colaborar na produção de textos introdutório fez sutilmente parte das negociações desse jogo.

Esta permissão, porém, não resolve o problema de como usar de todos aqueles textos e falas, de como fazer de todas aquelas narrativas de si a matéria principal de minha pesquisa. Se na entrevista eu conto com a anuência do entrevistado, e portanto posso usar de sua voz, na etnografia, observando tópicos de anos atrás, com usuários que muitas vezes sequer frequentam mais o fórum, obter tal tipo de anuência seria impossível. Deste modo, tentando preservar a privacidade dos envolvidos, optou-se por ocultar toda e qualquer referência a nomes/pseudônimos usados por aqueles homens. Mesmo que já houvesse um pseudônimo prévio ocultando a identidade daquele homem, opto em sequer revelar esse pseudônimo e assim evitar o máximo qualquer risco de exposição prejudicial - uma vez que o fórum é quem detém o direito das postagens, mas são os autores das postagens que apareceriam, julguei pertinente esta ocultação. Tentando ser condizente com este esforço, também oculto o título dos tópicos utilizados, posto que facilitaria seguir as trilhas até este ou aquele trecho citado. Todas as citações foram feitas mantendo a escrita original, com duas situações de exceção. Uma para o uso frequente de negrito, itálico e sublinhado, que cansaria o leitor; outra para os lapsos ou erros que comprometeriam de forma considerável a compreensão da fala, e portanto foi feita uma correção/adaptação entre colchetes. De resto, o recurso do *sic* não foi utilizado pois, novamente, causaria cansaço no leitor tão frequente se faria seu uso.

Os entrevistados todos tiveram seus pseudônimos dentro do fórum ocultos, e também seus nomes trocados. A única exceção foi com Lougan, que, como mencionado, na negociação para realizar a entrevista optou por usar seu nome enquanto artista da sedução. A anuência com essa escolha veio por reconhecer que este é um caso particular; Lougan é um dos artistas da sedução mais reconhecidos dentro da comunidade, tendo livro publicado sobre este pseudônimo e também sendo instrutor de cursos de sedução. Reconhecendo então que este homem tem uma outra relação com seu pseudônimo e com a questão da exposição pública, não considerei problemático atender seu pedido e manter o apelido Lougan como forma de identificá-lo.

Um aspecto considerado, ainda, foi a idade daqueles homens. O fórum não tem uma política severa acerca da idade dos seus usuários; apesar de se supor serem todos maiores de 18 anos (inclusive sendo um requisito avisado quando do registro no site), não há uma vigília ou preocupação em controlar os menores de 18 anos que participam da comunidade. Portanto, coube ao pesquisador tentar se situar estrategicamente de modo a não expor seus informantes, e menos ainda informantes menores de idade. Neste trabalho todos os entrevistados são maiores de 18 anos, um critério que até o momento custou-me somente um rapaz disposto a participar - ele tinha 17

anos. Na seção *Apresentações e Depoimentos*, os tópicos que traziam rapazes que se identificavam como tendo menos de 18, ou que na fala sugeriam ter menos de 18 (como na menção ao colégio), foram desconsiderados - mas tratou-se de uma minoria. Já nas discussões compreendidas dentro dos tópicos em análise da *Área dos Novatos e Escolhidos pelo Staff*, também não foram utilizadas falas de rapazes que abertamente mostravam-se como menores de 18 anos.

Explicada a realização da pesquisa, e como foi feita a imersão em campo e coleta de material, no capítulo seguinte tento argumentar pelo pressuposto teórico desta pesquisa, e ao final apresentar o perfil do homem que busca a comunidade virtual da sedução.

2 MASCULINIDADES, IDENTIDADES E VIRTUALIDADES: TRAÇANDO CAMINHOS

Flávio é um homem de 35 anos com um longo histórico de timidez que ainda hoje deixa sequelas. Lembrando sua adolescência e juventude se descreveu como um rapaz nerd e que tinha uma dificuldade enorme em conseguir cruzar aquela confusa linha que demarca a relação entre um homem e uma mulher enquanto sendo ou amizade ou algo mais. Ele dificilmente conseguia o algo mais. Sob estas considerações é que devemos ler a sua resposta, durante a entrevista, do porque a participação na comunidade da sedução seria importante.

O fórum é importante porque ensina aquilo que ninguém ensinou a um homem - nem pai, nem mãe, nem a escola, nem a sociedade - ou ensinaram do jeito errado, como 'seja você mesmo', 'seja gentil com as mulheres', 'diga o que você sente', 'elas gostam de homem romântico e educado', etc. Aquela habilidade por trás de tudo isso, não se ensina! E ainda tem a TV e os filmes que nos iludem com histórias de amor perfeitas, que dificilmente funcionam no mundo real. [...] O fórum ensina pra todos que quiserem. (Flávio).

Nesta resposta, que traz um pouco do desabafo de um homem já de certa idade e que busca a resolução de suas longas frustrações ali no PUABase.com, temos colocados as três categorias-chaves que guiam o caminho teórico-analítico desta pesquisa. Na comunidade é possível aprender, desde que se queira, aquelas coisas que ninguém ensina a um homem - e que a cultura de modo geral ensina de modo equivocado. É um ensinamento que pousa diretamente sobre a masculinidade, pois dialoga com o que esse homem deve ser, como se relacionar com as mulheres, de que forma se apresentar durante a relação afetiva-sexual. Existe, pois, uma habilidade que é, na comunidade, ensinada. Este ensinamento, fica suposto, mudará esse homem, o jeito de ser desta masculinidade. E tudo isto acontecendo ali nesse fórum, um site na internet, onde o contato entre os homens se dá somente pela tela de computadores ou dispositivos semelhantes. Temos, assim, uma identidade masculina posta nas mídias digitais.

O presente capítulo segue explorando isoladamente os termos desta identidade masculina nas mídias digitais. Usarei, de modo a tornar a leitura mais fluida, mais elucidativa, e também e menos fastidiosamente teórica, elementos empíricos retirados do campo pesquisa mesmo que os capítulos construídos integralmente baseados nos achados empíricos só venham a seguir.

2.1 AS ANSIEDADES MASCULINAS, OU, SOBRE MEDOS E DESEJOS

No intento de compreender o que buscam os participantes da comunidade virtual da sedução, por que é que buscam justamente nessa comunidade, e o que fazem em termos de subjetivação, podemos começar notando as razões que estes homens invocam para chegar até a

comunidade - e notaremos que é sempre uma masculinidade sendo problematizada. Mesmo partindo da concepção de que é preciso encontrar o motivo atrás do motivo, a argumentação detrás da argumentação, a fala nativa, obviamente, é o primeiro passo para tal.

Nas *Apresentações* encontramos homens tecendo falas cheias de lamúrias, reclamações e desabafos. Um rapaz, de 25 anos, reclama da sensação de estar estagnado. "Vendo meus amigos antigos no facebook, me dei conta que estou deixando a vida passar e perdendo o melhor dela. Me sinto completamente constrangido vendo amigos indo a festas, namorando e alguns até já se cansado e eu completamente parado no tempo". A sensação, pois, é de faltar algo, ter uma ausência de experiências que, se supõe, deveria ter - como ir a festas, namorar, talvez casar. Outro rapaz, também de 25 anos, traz um cansaço semelhante. "Estou cansado de ser da maneira que estou sendo há anos, sempre sozinho, e quando encontro uma pessoa, nunca da certo". E quando o cansaço se converte na expectativa de correção, notamos o que o incomoda: mais do que ausência, é o medo. "Quero ser mais sociável, mais extrovertido, uma pessoa com quem todos querem estar por ser camarada, fazer novas amizades facilmente sem medo de me machucar ou falhar".

A sensação de ausência, também o medo, encontram amplificadores na experiência masculina através de alguns rótulos - e que serão retomados durante todo o trabalho tamanha sua importância para a comunidade da sedução. É o caso da timidez. Hoje com 22 anos, um rapaz se descreveu como "super tímido" e disse nunca ter beijado nem namorado uma garota. E portanto, seu desejo é reverter esse quadro, neutralizar as consequências da timidez. "Meu principal motivo [de estar no fórum] é mudar meu estilo de vida ser um novo homem com atitude e confiança". Atitude e confiança como antídotos e tão mais necessários quanto mais este rapaz se expõe; quanto às garotas, revela: "Me sinto com medo de fazer alguma coisa e estragar tudo". A relação com as mulheres, pois, vem aparecendo como central nessas masculinidades, e assim é preciso tê-las à contento, o que faz a timidez ser um grande problema. Outro rapaz, de 20 anos, se define. "Sempre fui muito tímido, e isso me incomoda muito". A timidez divide espaço no rol de reclamações comuns com um outro rótulo, que é o de nerd, essa figura da cultura popular rendida a jogos eletrônicos e universos fantasiosos e ficcionais. Um rapaz de 19 anos reclama. "Bah, pra falar a verdade eu sempre quis mudar o meu jeito. Deixar a nerdice um pouco de lado e buscar novas aventuras". Trata-se, pois, de mudar, deixar de ser o que é hoje: um nerd. Logo complementa mostrando como o nerd é fonte de desconfortos e frustrações. "Sou um nerd que nunca teve sucesso com as garotas. Desde guri eu sempre fui desajeitado pra me relacionar com gurias". Assim, "a moral é que meu novo objetivo de vida é me tornar um PUA e deixar meu passado de nerd virão pra trás".

A menção à virgindade vem sugerir que há um forte valor masculino em negociação, que talvez o que serve como cimento para a comunidade virtual da sedução é um incômodo da

masculinidade heterossexual - do que a sensação de ausência de experiências, bem como a timidez e a nerdice vêm aumentar. É o que vemos na fala de um rapaz de 19 anos. "No sábado eu vi que ia passar mais um final de semana sozinho porque a menina que [eu] estava afim começou a namorar outro cara, resolvi dar um basta nisso de ficar sempre só. E finalmente pegar alguém". O incômodo, pois, é nesse estar sozinho pois significa não ter mulheres. E significa mais ainda. "Bem, eu já beijei algumas garotas só que nunca consegui levar uma delas para a cama, sou muito lento nisso. Quero perder a virgindade o mais rápido possível". O que vemos surgir é uma pressão, um impulso que direciona esses homens a algum lugar - aquele das festas, dos relacionamentos, das mulheres que não faltam, da virgindade que é perdida rapidamente. Um rapaz de 21 anos complementa esta impressão.

[...] eu era muito tímido [na adolescência] na época nunca abordagem ninguém com a desculpa de que só gostava de curtir a festa. Pura mentira eu era um fraco mesmo não conseguia nem trocar olhares com garota nenhuma, sempre era zoadado depois da festa porque não pegava ninguém e ficava me perguntando porque meus amigos conseguiam pegar mulheres e eu não, simples eles não tinham medo de tomar um 'não'. Fui beijar uma garota somente com 17 anos, e ela também não era lá essas coisas mas pra primeira experiência tava valendo.

Via-se, pois, como um fraco porque não conseguia garota alguma. E pior quando comparado a seus amigos, que pareciam saber o segredo que ele não sabia - mas que precisava saber. E quando do primeiro beijo - no que sugere como atrasado pois ocorrido aos 17 anos - seu alívio vem implícito: não importa se ele gostava da garota, afinal ela *não era lá essas coisas*, a questão era ter essa primeira experiência validadora de uma masculinidade heterossexual, que é o beijo em uma mulher. A sutil pressão a que estes homens parecem responder torna-se, em alguns casos, nada sutil. Um rapaz de 18 anos traz, em tom de reclamação (mas também argumentação do tamanho da mudança pela qual precisa passar), uma fala que seu pai frequentemente lhe dirige. "Nego frouxo num tem coragem de agarrar uma nega pelo 'cangote' e dar uns xeros e uma chupada de pescoço, que nego frouxo é esse?".

Portanto, o que estas falas todas estão sugerindo é a busca, dentro da comunidade, por uma resposta ao que incomoda e parece pressionar estes homens. E nesse caminho o fórum é revestido de um potencial enorme na medida em que os culpados são apontados e a solução substituta cogitada. Hoje com 23 anos, o rapaz diz estar cansado de "ser um zero a esquerda (depois de tomar muita porrada na vida) quero mostrar quem eu sou e que posso conseguir qualquer coisa que quiser seja mulheres, independência financeira, status, etc". Sua pequena história pessoal revela, porém, a responsabilidade pelo seu estado atual, e já deixa implícito onde PUABase.com entrará. "[...] sou filho único de pais separados e fui criado pela minha mãe e pelos meus avós, então, nunca tive um

exemplo de 'macho alpha' na minha vida para me ensinar como conquistar uma mulher". Outro rapaz de 25 anos também tece avaliação parecida. "Nunca me dei bem com meu pai, nunca vi nele um amigo". Assim, não teria tido "ninguém que me ensinasse como me relacionar com mulheres", ninguém para lhe ensinar "o que é ser homem de verdade". E o que vai sugerido, pois, é a comunidade como suplemento daquelas referências ausentes. É como vemos neste rapaz de 22 anos. "Já havia notado a minha falha no aspecto social, bem como com mulheres, há algum tempo. Todavia era algo que eu não sabia como modificar... não conhecia um meio, uma técnica, um caminho... apenas tinha o desejo de mudar essa realidade...". E ali no fórum sugere ter encontrado o meio, a técnica, o caminho.

O que estas falas todas expressam são ansiedades masculinas, esse misto de medos e desejos sobre a condição masculina. O PUABase.com, que já tem no seu lema de ensinar homens a conquistarem mulheres uma grande expressão de ansiedade, parece girar em torno de vários medos e desejos de homens heterossexuais: o medo de não ter as experiências que precisa ter, o medo de ser sempre tímido, o medo de ver a nerdice lhe impedindo de ter mulheres, e ao mesmo tempo o desejo de se adequar ao modelo da vida masculina que envolve festas e relacionamentos variados, o desejo de ter atributos como confiança e atitude, o desejo de ser aquele macho alfa que saberia, supostamente, como se relacionar com as mulheres. Notar, pois, essas ansiedades, que são ansiedades masculinas, nos revelam um elemento crucial no tratar das masculinidades: como que há sempre medos e desejos masculinos informando os ideais de masculinidade. Neste caso, o ideal do artista da sedução, esse sedutor pleno que a comunidade da sedução oferece a seus participantes, e que diz ser possível de ser alcançado quando aprendidas as devidas técnicas e métodos de sedução, é também um ideal às voltas de medos e desejos.

Se resgatamos a história da masculinidade no Brasil (DEL PRIORE; AMANTINO, 2013), notamos que não é de hoje que ansiedades masculinas existem por aqui. E Miskolci (2012), por exemplo, trabalha com a passagem da Monarquia para a República e aprofunda sua análise pelo projeto político de nossas elites em constituir um futuro branco e heterossexual. Certamente isso tensionava as ansiedades masculinas pois havia um ideal masculino em formação, "alcançável apenas por aqueles que satisfizessem as recentes demandas de branquitude, domínio das mulheres, de si mesmo e de outros homens".(MISKOLCI, 2012, p. 155). Assim, enquanto se discutia um projeto de nação, se discutia também família, homossexualidade e feminização, deixando evidente que o futuro do país envolvia também o futuro da masculinidade. Miskolci é tão ilustrativo para pensarmos as ansiedades masculinas que seu próprio método é um exemplo disso. Perseguindo a relação daquele projeto de nação com o seu verso (isto é, com os medos, espectros e assombrações que assolavam o desejo de uma nação de homens brancos, heterossexuais e dominadores), o

enfoque recai em uma subjetivação rendida aos temores de uma época - isto é, às ansiedades de uma época. E a época parecia propícia a isso; modernização, urbanização, a sugestão de um país que caminhava (mesmo que lentamente) rumo à superação de um patriarcalismo viciado, os recentes braços dados a um aburguesamento (mesmo que tímido), eram todos fatores que aumentavam as ansiedades masculinas inclusive em regiões particulares do país, como no nordeste, de onde surgiria a figura do nordestino como um tipo masculino que promete salvaguardar um passado nostálgico e viril (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Assim, mesmo que com recortes temporais e regionais, vamos percebendo que projetos sobre modos de ser do masculino, reagindo a certos medos e desejos, não são, de modo algum, particularidades do nosso contexto atual, e que o *pick up artist*, ou artista da sedução, não está distante de fenômenos típicos da masculinidade.

Se nos aproximamos de nossa época, e do objeto em questão, notamos que mais elementos contextuais vão sugerindo fontes das ansiedades masculinas contemporâneas. A década de 1970, na verdade, será icônica em todos os sentidos e contextos para pensarmos as ansiedades masculinas da forma como proponho aqui (medos e desejos sobre a condição masculina), e vários são os autores e autoras que não hesitam em colocar aí o ponto de partida para a problematização das masculinidades. É na esteira daqueles anos - e das discussões feministas e das políticas de identidade - que a masculinidade perde sua aceitação arbitrária, deixa de ser plenamente funcional, sai da condição de invisibilidade, e passa a ser algo problemático (OLIVEIRA, 2004). Foi um período de suma importância pois a partir dele é que os problemas masculinos podem ser vistos então como um *problema* (SEGAL, 2000) - de modo muito sutil, é o que me permite lançar um olhar sociológico e questionador sobre vivências masculinas, tal como se perguntar sobre um coletivo masculino formado por homens incomodados pela falta de capacidade de seduzir mulheres. Foi, enfim, a partir da década de 1970 que a consciência masculina sobre as mudanças nas relações de gênero ganham tónus pois é a partir daí que as masculinidades vão entrando em uma progressiva contradição e complexificação com outras estruturas sociais, e fissuras inevitavelmente têm início, e logo a masculinidade pode duvidar de si, tomar maior consciência de sua historicidade, perceber a si mesma como objeto de críticas, mesmo persistindo toda uma maquinaria cultural exaltando a masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Em uma relação direta com meu objeto de estudo, mesmo que em análise estivesse o surgimento da comunidade nos Estados Unidos, Clift (2007) elenca a quais heranças culturais a comunidade responde, e dentre elas está justamente a segunda onda feminista e suas consequências para a reflexão dos homens sobre si mesmos. Resumidamente, é neste período de críticas e questionamentos que as ansiedades masculinas, em todos seus medos e desejos, ganham em força e em visibilidade.

Da década de 1970 para cá as ansiedades masculinas talvez fiquem mais bem expressas na

variedade de organizações, movimentos, confrarias, terapias, fraternidades, etc, surgidas tendo como mote principal a masculinidade e a incômoda questão do que fazer (e como fazer) com ela em um mundo questionado pelo feminismo, pelo movimento gay, pelos estudos de gênero e pela teoria queer. A grande marca desta variedade de agitações em torno de propostas de masculinidade é o que muitos autores apontam como um olhar vitimista sobre ela, cheio de argumentações e inversões sobre *as verdadeiras vítimas do gênero*, não obstante surjam alguns impulsos de homens pró-feministas (CONNELL, 2003; KIMMEL, 1996; OLIVEIRA, 2004). Mas outros elementos vem expressar as ansiedades pós-70, estas sim tributáveis ao contexto de consumo, globalização e flexibilização das últimas décadas. É o caso das novas masculinidades que parecem se afastar de concepções tradicionais (GROSSI, 1995), e que a mídia não hesita em alardear - vide caso dos *metrossexuais*, um fenômeno europeizado, consumista, estético, mas circunscrito a estratos médios da sociedade brasileira (GARBOGGINI, 2008).

Insisto, assim, em uma dinâmica acerca da masculinidade que perpassa épocas e contextos, que são os medos e desejos acerca da condição masculina. E os artistas da sedução, habitantes da comunidade virtual da sedução, são apenas uma das possíveis manifestações das ansiedades masculinas atuais - aquele desconforto por ver os outros homens tendo a desejada vida de festas e acesso fácil às mulheres, o desconforto de reconhecer em si atributos impeditivos de experiências masculinas heterossexuais, o desconforto por notar que nunca teve alguém para lhe ensinar o que é ser homem e como conquistar uma mulher, se é que isso pode ser ensinado ou tenha sido ensinado em algum tempo ou lugar.

As masculinidades, por mais que difiram entre si, parecem ensejar uma (latente) sensação de vazio, ausência, um chão que de algum modo de perde, o desejo de ser de tal forma somado ao medo de não correspondência. Este argumento encontra particular uso em pesquisas contemporâneas. Bento (1999), pesquisando entre homens de classe média que faziam algum tipo de terapia, quis descobrir de que modo as mudanças comportamentais de gênero presentes no final do século XX incidiam em suas subjetividades. Os resultados reforçaram a noção da passagem de uma socialização tradicional para uma que é descontinuísta da tradição - por exemplo, na crescente simetria entre masculino e feminino -, e que assim as identidades de gênero estão em um movimento de reorganização, o que é muito condizente com um tempo de "transição de modelos, momento caracterizado por conflitos, crises e disputas." (BENTO, 1999, p. 49). Ou seja, está em jogo a sensação da contemporaneidade como um deslocamento no sentimento de masculinidade, o que induz à ansiedades masculinas. Na perseguição dos incômodos masculinos atuais, Silva e Macedo (2012) entrevistaram psicanalistas em busca dos padecimentos masculinos observados no divã. Situando o indivíduo contemporâneo em uma dinâmica instável e fragmentária, constatou-se

que esse modo de estar no mundo gera o questionamento do papel masculino pois, estando frente a novas demandas, aproxima-se de constantes momentos de crise: "[...] percebe-se conflitivas relacionadas ao afrouxamento da cultura patriarcal, à transitoriedade das representações atribuídas ao falo, à preocupação com a manutenção da virilidade e à constituição da identidade." (SILVA; MACEDO, 2012, p. 209). São duas pesquisas pontuais mas que colocam em cheque justamente as ansiedades masculinas contemporâneas e aquela sensação masculina de haver algo a ser feito sobre essa condição masculina.

Se lembramos do caráter de autoajuda que permeia toda a comunidade, este viés também se complexifica e ganha impulso. Para Rudiguer (2010), a literatura de autoajuda não é apenas um fenômeno de consumo, uma bem sucedida jogada da indústria cultural, mas sim um meio pelo qual a vida moderna encontra a mediação de suas necessidades. O autor insiste, assim, que é preciso notar o esforço das pessoas em tentar viver em suas vidas a categoria de indivíduo; o indivíduo virou um valor absoluto na modernidade, porém, isso não garante a concretização dele na vida das pessoas, e esta condição gera grande ansiedade na vida delas pois faz surgir um abismo entre o que se é o que se espera ser. Rudiguer (2010) está falando do indivíduo, da noção de ser indivíduo, e como a literatura de autoajuda vem para mediar a incapacidade de todos nós em sermos plenamente indivíduos. Podemos adaptar o raciocínio, porém, à masculinidade. Ou seja, que os homens (heterossexuais) contemporâneos estão fazendo um esforço para tentar viver suas masculinidades, porém enfrentando o abismo que surge entre o que são e o que se espera que sejam, um abismo que encontrará (ou tentará encontrar) mediação em discursos de autoajuda, como é o caso da comunidade virtual da sedução - em que ser um artista da sedução é a promessa e objetivo final.

Neste sentido lembro da argumentação de Oliveira (2004) sobre o poder compensatório da masculinidade, que se é uma argumentação abstrata, ao menos possibilita pensar os casos mais sortidos. Se um homem não possui poder de atuação e intervenção na vida social (e então podemos pensar naquela perda generalizada das bases tradicionais da masculinidade graças às mudanças várias na sociedade), a busca por uma (hiper)masculinidade (e então podemos pensar que inclusive a mediada por discursos de autoajuda) vai ser o recurso utilizado para obter uma identidade segura, uma busca tão mais urgente quanto mais enredados estamos nas ansiedades que a pós-modernidade enseja.

As identidade frágeis e temporárias da pós-modernidade, assim modeladas pela privatização das crenças, valores e estilos de vida, ensejam uma ânsia de segurança por parte dos agentes que nelas apostam, na esperança de encontrarem um porto seguro no meio de tantas transformações e indeterminações. (OLIVEIRA, 2004, p. 271).

Para Oliveira, o porto seguro acessível aos homens seria justamente recorrer à

masculinidade vigente, uma identidade que garante benesses e satisfações. E nos faz pensar, então, que qualquer intenção expressa de ser/obter/fazer uma certa masculinidade pode estar dizendo sobre a incômoda sensação masculina de dúvidas e incertezas - que a acompanha pela história em diversos momentos e contextos, como vimos acima.

Neste trabalho, portanto, a comunidade virtual da sedução e seu modelo masculino ideal, o artista da sedução, serão pensados como reações às ansiedades masculinas que aqueles homens que buscam a comunidade experimentam. A proposta masculina do artista da sedução, que por ora podemos ficar naquela superficialidade do aprender a conquistar mulheres, tem seus medos, seus desejos, e são tais medos e desejos que vão informar as articulações sobre a masculinidade que ocorrem na comunidade.

2.2 MASCULINIDADES ENQUANTO CONSTRUÇÕES SOCIAIS

O que ficou implícito até aqui é que o homem que busca a comunidade virtual da sedução está encontrando reformulações, ou ao menos propostas de reformulação, sobre sua masculinidade. Como muitos dos homens gostam de dizer, eles estão *se tornando*, ou já *se tornaram*, um artista da sedução, e esse tornar-se é um verbo às voltas da masculinidade do seu conjugador. Nestes termos, durante este trabalho me orientei com a mesma bússola que Braga (2008) em sua pesquisa com um blog sobre maternidade se orientou.

Tomando como pressuposto a existência de uma cultura de gênero em nossa sociedade, isto é, um complexo conjunto de definições e práticas sociais acerca da feminilidade, da masculinidade, das categorias associadas e suas articulações, considero que os termos desta dimensão da cultura são *atualizados* na vida cotidiana e nas práticas cotidianas de homens e mulheres. Assim, o fenômeno que este trabalho se propõe a investigar se refere a uma atualização contemporânea específica, o uso social das tecnologias computacionais recentes por um grupo de mulheres em interação. (BRAGA, 2008, p. 16-17, grifos meus).

A substituição do *grupo de mulheres* por *grupo de homens* resulta em uma perfeita adaptação neste trabalho. Que atualização a imagem do artista da sedução, este sedutor pleno, impõe? O que a menção, por exemplo, ao macho alfa, quer dizer frente à cultura de gênero? Ou mesmo, que conteúdo sobre masculinidades e feminilidades está sendo articulado junto daqueles métodos e técnicas de sedução trocados na comunidade? E é evidente que todas estas respostas trarão fortemente noções de masculinidade, como ficará mais evidente no capítulo 4.

Certamente este trabalho parte da noção de masculinidade enquanto construção social suscetível a contextos e tempos (OLIVEIRA, 2004) e aposta na masculinidade em seu viés múltiplo e plural e não como algo fixo ou universal (CONNELL, 2003). E assim, pensar aquela cultura de

gênero em atualização é reforçar que as masculinidades estão sempre sendo feitas, nunca dadas de antemão ou univocamente. Toda uma interpretação que possibilitará, no desenvolver deste trabalho, olhar as masculinidades também pelas performatividades. Mas estas afirmações, de tão óbvias e repetidas, ameaçam esvaziar-se. Afinal, o que entendo por masculinidades contextuais, temporais, múltiplas e plurais?

Os anos 1960 viram nascer novas e convulsionantes perspectivas, e também o erguer de vozes antes silenciadas, culminando assim em uma grande afronta a todo o pensamento social ocidental (ADELMAN, 2009). Neste contexto é que as discussões de gênero ganham grande impulso, mesmo que num primeiro momento se tratasse dos *estudos sobre mulher* e só nos anos 80 os *estudos de gênero* surgiriam e ampliariam horizontes (HEILBORN; SORJ, 1999; MORAES, 2000; SCOTT, 1995; PISCITELLI, 2002), o que viria a abranger também os homens e suas masculinidades. Neste primeiro momento, porém, as discussões acerca dos gêneros estavam reféns de um forte viés acerca de natureza e cultura, e que dificultava o livre fluir, por exemplo, da visão da masculinidade como contextual, temporal, múltipla e plural.

Textos característicos surgiram, como o de Ortner (1979). A autora, ao tentar desnaturalizar a visão da mulher como pendendo antes para a natureza do que para a cultura, não consegue, no entanto, se livrar desses dois marcadores fixos, binários e engessantes: natureza de um lado, e cultura de outro. Ou ainda Rubin (1998) e sua clássica consideração acerca do sistema sexo/gênero, que, simplificando, dizia haver um sexo (natural) onde se encaixaria o gênero (cultural). A dependência deste binarismo seria tensionada conforme chegasse o final do século, e assim a dinâmica dos gêneros passaria por uma grande flexibilidade epistemológica. Haraway (2000), por exemplo, traz sua ficção ciborgue para falar do hibridismo de nosso corpo; e se é híbrido, não há fronteiras, e não tendo fronteiras, perde-se o sentido manter dualidades como natureza e cultura. Ou ainda Butler (2008), que retoma a oposição sexo (natural) e gênero (cultural) somente para dizer que sexo sempre foi gênero - isto é, o nosso sexo *natural* é já a marca do gênero *cultural*. O que estas duas últimas autoras favorecem é pensar as identidades de gênero muito mais como uma questão de afinidade e posicionamento do que uma referência a qualquer coisa unitária que supostamente existe em nós. E, neste contexto, a palavra trânsito se torna ilustrativa - e assim pensar masculinidades contextuais, temporais, múltiplas e plurais se torna igualmente mais fácil e concreto.

A comparação da masculinidade com as discussões acerca das mulheres ainda possibilita captar a importância de nos atermos a homens vistos como sujeitos não-universais e com condições não-fixas. De Lauretis (1994), por exemplo, reflete como que aquele feminismo da década de 70, preocupado com a diferença sexual, tornou-se limitado para pensar a diferença nas e entre as

mulheres. Ou ainda Costa (2002), que criticando o uso de *mulher* como uma categoria essencial e unívoca, lembra que é preciso notar que essa *mulher* se desdobra em várias diferenças internas. Não se trata, porém, de dissolver tudo em discursividades relativas nem em uma torrente de vozes diversas das quais é impossível achar um ponto comum. Em realidade, as duas autoras acima se opõem a isso. Costa (2002) dialoga as ideias de Mouffe, Alcoff e Bhabha e propõe enxergar as identidades como certamente não sendo coisas fixas e obtusas - como em a *mulher* - porém ainda assim com pontos nodais, âncoras, isto é, identidades que oferecem pontos de partida aos quais podemos nos agarrar, e do que podemos pensar em múltiplos engajamentos mas sempre atentando para o local de onde se fala - uma advertência, pois, contra o uso inconsequente e dissipador do pós-estruturalismo e mesmo do pós-modernismo. De Lauretis (1994) complementa a resposta sugerindo o que sugere ser a ambiguidade do gênero, isto é, assim como comporta uma totalidade representada (por exemplo, a *mulher*), também refere-se a discursos vários (como das *mulheres* que podem ser negras, pobres, etc). Deste modo, encontramos o argumento genérico para legitimar a fala da masculinidade conforme proposto aqui, isto é, *masculinidades*, porém sem se render a uma dissipação da concretude da *masculinidade* - que seja, suas âncoras, seus pontos nodais, a totalidade representada.

Mas todas as autoras citadas acima, de Ortner à Costa, estavam preocupadas com as mulheres. Mais especificamente, o final do século XX veio exigindo das autoras o lidar com a delicada questão: como manter a representação política da *mulher*, mas sem esquecer que existem várias *mulheres*? E curiosamente, esta delicada questão transposta em termos de *homem* e *homens*, parece vir para complexificar a análise das masculinidades, o que é uma assumida intenção desta pesquisa.

Se as mulheres precisavam recuperar a coerência de suas experiências (sem perder de vista a pluralidade) e assim possibilitar a mobilização política, os homens (ou melhor, os estudos acerca dos homens) precisam recuperar a pluralidade da experiência dos homens (sem perder sua coerência) e assim possibilitar um enriquecimento analítico. Na prática, isto significa substituir o *homem*, que quando posto na heterossexualidade geralmente é dominador e opressor, ou então aquele pano de fundo do qual não divisamos homem algum senão uma ideia vaga (WELZER-LANG, 2004), por referenciais mais concretos que ajudem na composição dos *homens*, mesmo quando postos na heterossexualidade. Significa, assim, deixar de guiar análises sobre homens e suas masculinidades resvalando sempre para noções como patriarcado, machismo, opressão e dominação. Em termos concretos de pesquisa, isso significa uma abertura para subjetividades, para as construções discursivas, para as experiências particulares, para as intersubjetividades, e também para as negociações com as tradições; significa, pois, abertura para ouvir os homens retirando-os da

sombra totalizante do *homem* machista e dominador - sombra que, em nome daquela coerência acima citada, não deve ser excluída, mas em nome da pluralidade não pode ser um *a priori*.

No presente trabalho, esta conversão de argumento foi plenamente útil. Pensar um coletivo masculino dedicado a trocar métodos e técnicas de sedução de mulheres, tornando-se assim o homem um sedutor pleno - isto é, um artista da sedução - facilmente invoca epítetos que giram em torno do *homem*, então machista, patriarcal, dominador. E assim, quando uso desse argumento vindo das discussões feministas, fundamento o que digo quando digo que faço um estudo que vê as masculinidades como contextuais, temporais, múltiplas e plurais, e que, mais para frente, me permitirá tratar das masculinidades também como performatividades; isto é, o conteúdo que aqueles homens aprendem dentro da comunidade virtual da sedução será visto pela possibilidade complexa das combinações possíveis que envolvem suas motivações e seus lugares experienciais - nada natural, fixo ou universal. Reforço, também, meu comprometimento com meu campo de pesquisa em não fazer da pesquisa um reduto para chavões e condenações morais preocupadas antes em julgar do que em avaliar analiticamente um fenômeno em observação.

2.3 IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Como veremos no decorrer deste trabalho, em particular no capítulo 4, muitos dos participantes da comunidade da sedução ambicionam ser um sedutor *natural*. O adjetivo aqui cumpre um papel muito importante que é o de garantir que o homem (lembramos que aqui é sempre heterossexual), então um sedutor, passa a agir com naturalidade e não com um engessamento de quem está preocupado em executar corretamente uma técnica ou método aprendido. Como explicado em um dos tópicos sobre o assunto, o aprendizado das técnicas e métodos, que é necessário, quando praticado exaustivamente tem a tendência de "se internalizar, e nossos reflexos e comportamentos se tornam novamente processos inconscientes de ação e reação, onde nossas atitudes e comportamentos não precisam mais serem repassados mentalmente antes de serem executados". Mas como ser, então, esse sedutor natural tão ambicionado, esse homem que não mais pensa antes de agir/seduzir? Um outro tópico discutia quais seriam as dez características deste tipo de sedutor e o seu autor assevera logo de início que sedutores naturais não nascem deste modo, e sim escolhem ser o que são. "Em outras palavras, eles se reinventaram. É uma uma escolha". Na brevidade desta citação do campo etnográfico está sugerida uma provocação teórica importante para esta pesquisa: pensar que hoje a identidade é uma questão a ser resolvida por indivíduos soberbamente investidos (e impelidos) da capacidade de refletir e agir sobre ela. Isto é, uma pessoa não possui uma identidade nem a recebe pronta e perpétua; antes, a pessoa precisa dialogar com o

meio em que está inserida e então confeccionar uma identidade. Não é questão de nascer de um modo - ninguém nasce um artista da sedução, um sedutor natural - mas sim de escolher e reinventar-se. Ou, sintetizando até aqui, são ansiedades masculinas encontrando vazão no ideal do artista da sedução, essa masculinidade passível de construção, uma identidade que pode ser intencionalmente confeccionada.

Aquela provocação teórica tem sua fundação no próprio desenvolver da Sociologia enquanto ciência. Se esta é a disciplina que surge no século XIX para refletir a modernidade e o novo quadro de desafios, tensões e questionamentos inerentes a essa tal modernidade, nada mais natural que com o passar do tempo se sugira que esta disciplina, vivendo agora uma outra modernidade - seja ela tardia ou a dita pós-modernidade -, passe por mudanças e reveja os meios com os quais trata aqueles desafios, tensões e questionamentos, que também passaram a ser outros. Assim, Domingues (2005) nota que um dos aspectos que a sociologia agora precisa tratar é do processo de individualização dos sujeitos, agora mais plásticos e com a capacidade de dirigir suas vidas, "aproveitando-se das oportunidades que uma flexibilização de certos aspectos da vida social - das instituições, das regras que a regem - possibilita." (DOMINGUES, 2005, p. 35). O que está sendo proposto é uma sociologia que olhe o sujeito através da sua individualização, e também da sua reflexividade. Esta palavra (reflexividade) passa a ser fundamental na modernidade contemporânea. Ela nos remete à diversidade de relações sociais e interações que agora estão abertas à ação dos sujeitos, e isso a despeito de todos os aspectos culturais e de poder que agem pela petrificação das condições sociais (DOMINGUES, 2005). Usando dessa sociologia e nos situando nessa modernidade contemporânea, a ideia de reflexividade pode ser um marco para pensarmos a questão da identidade - bem como os sugestivos verbos *escolher* e *reinventar(-se)*, do trecho etnográfico acima - e ir além, pensando também os processos de subjetivação que tensionam a fixidez das identidades; isto é, pensar como as subjetividades em produção desestabilizam qualquer visão de identidades enquanto sólidas e permanentes.

Anthony Giddens (1991, 1993, 2002) e suas considerações sobre a modernidade nos dão um indispensável baluarte para pensar a ideia de reflexividade. É preciso notar, antes, que para ele a modernidade é uma absoluta marca de descontinuidade com o mundo tradicional. "O mundo moderno é um 'mundo em disparada': não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores." (GIDDENS, 2002, p. 22, grifos do autor).

Esta descontinuidade é dada pelo dinamismo único da modernidade, que é onde encontramos a reflexividade. A modernidade provoca uma separação de tempo e espaço e faz com que o quando não esteja mais ligado ao onde e assim as relações sociais são deslocadas, e uma vez

deslocadas, são reestruturadas dentro da separação do tempo e espaço. A este dinamismo a reflexividade terá também um papel fundamental (GIDDENS, 1991). A modernidade, enquanto ordem pós-tradicional, tão mais veloz, ampla e profunda em sua ação, "afasta a vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos" (GIDDENS, 2002, p. 25), que é onde encontramos a reflexividade, uma referência à "susceptibilidade da maioria dos aspectos da atividade social e das relações materiais, à revisão intensa à luz de novo conhecimento ou informação" (GIDDENS, 2002, p. 25-6), sendo uma característica entranhada - ou seja, não é fortuita - na modernidade. O que o sociólogo britânico possibilita é a sugestão de que somos todos revisados e revisores em todas as esferas de nossas vidas.

A comunidade virtual da sedução se aproxima do conceito de reflexividade pois poucos são os assuntos que lhe escapam à revisão frente a novos conhecimentos. Desde os mitos da masturbação, passando pelo atual significado de dizer *eu te amo* à mulher, chegando a comparações semi-antropológicas de como a sedução deve ser adaptada em outros países (já que os valores culturais e as mulheres seriam diferentes), aqueles homens estão sempre expressando uma atividade social que não se dá em marcos pré-estabelecidos, mas sim em marcos constantemente revistos. E, sobretudo, eles próprios passam a ser objeto de revisão.

Um tópico discutia a importância da aparência: o artista da sedução precisa ser bonito? O autor argumenta que sim, e para reforçar o argumento usa a si mesmo como exemplo: coloca fotos de *antes* da mudança de visual (sugerido como falta de estilo e sobrepeso) e fotos do *depois* (estilo pessoal desenvolvido e perda de peso), mudança que não por acaso teria feito aumentar seu sucesso com as mulheres. Não apenas essa autoavaliação é reflexiva, como as respostas dadas ao tópico vem reforçar um imaginário reflexivo bem sedimentado. "Porra brother, uma das histórias mais bonitas aqui do PUABASE.. Parabens mesmo cara, mais uma prova de que somos inteiramente responsáveis por quem somos hoje. Voce é melhor hoje por que voce buscou isso e ralou para conseguir, nao só por uma obra do destino". Nós somos inteiramente responsáveis, não é questão, pois, de ficar refém da obra do destino. É a vida, assim como toda atividade social, afastada de preceitos (ou determinações) fixos, de ordenações pré-estabelecidas.

Às vezes esse imaginário reflexivo da comunidade é tão gritante que mesmo sem referência ao conteúdo debatido podemos percebê-lo nas respostas dadas. "Sempre que vejo alguma postagem sua[do autor] costumo ler, me fazem bem, me deixam em paz. Cara, nem te conheço, mas obrigado por fazer parte da minha vida me ajudando a construir um novo eu (babando ovo legal agora haha). Muito obrigado mesmo". Este agradecimento, mesmo que com uma risada (talvez nervosa pela exposição de si), só pode existir porque aquele que agradece reconhece que existe alguém que lhe ajuda em sua tarefa de construir um novo eu.

Flávio, aquele homem de 35 anos e com um passado de muitas frustrações amorosas, e que mencionou que a sociedade e chavões como *seja você mesmo* ensinam os homens de uma forma errada, me explicou como isso afetou sua vida, do que a reflexividade fica flagrante. Disse ter "múltiplos exemplos" de atrapalhamentos, mas a prova daquelas frases não funcionarem estaria evidente na sua idade de 35 anos e o que parece ser uma vivência incompleta dela. "Apenas 4 namoros, e 10-12 ficadas, e nunca ter noivado, casado, etc..." Não é uma questão de quantidade, adverte, mas sim ter sido guiado por "escolhas erradas ou falta de opção. Enraizei essa história de abrir o coração, ser romântico e gentil, e colecionei inúmeros foras". Assim como em outros usuários da comunidade, e vários dos seus dizeres, temos aqui a denúncia de um sistema de cortejamento que, para estes homens, não funciona - algo que só seria remediado ou mesmo percebido através da comunidade e seus saberes. Prosseguindo sua (auto) análise, recorda um exemplo de quando ainda não conhecia nada sobre sedução; trata-se da relação com uma mulher por quem se apaixonou e não foi correspondido. "E essa situação de revelar sentimentos, e ser ignorado, ou a mulher desviar o assunto, se repetiu muitas vezes... demorei muito para abandonar essa conduta". Deixando de lado a lógica que costura essa argumentação - o apego a um padrão tradicional(noivado, casamento) - bem como interpretações alternativas - o número de relacionamentos (4 namoro, mais de 10 *ficadas*) pode ser alto para alguns - gostaria de frisar somente um ponto. Nota-se que a comunidade fornece ao homem um parâmetro para revisar sua vida, suas atitudes, e inclusive encontrar a causa do que considera seus fracassos - aqui, um ensinamento errado passado pela sociedade no que toca a relação homem-mulher.

Mas toda a reflexividade da comunidade parece estar sendo conduzida a um projeto de mudança pessoal: tornar-se um artista da sedução. Isto tem eco na análise de Giddens (1991) sobre a radicalização da modernidade e suas consequências. Ou seja, o dinamismo antes mencionado, assim como a reflexividade, se intensificaram, e isso traz mudanças fundamentais em nossa intimidade. Palavras como eu e auto-identidade passam a ser cruciais e constituintes na noção de que nossa vida pessoal é, agora, um projeto aberto, reflexivo, onde passado, presente e futuro estão em nossas mãos, esperando por uma constituição coerente (GIDDENS, 1993). Se antes, no mundo tradicional, o indivíduo tinha sua vida ditada por instituições sociais consolidadas em costumes e regras - família, parentesco, localidade -, hoje as escolhas são postas à sua disposição.

Num universo social pós-tradicional, organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o re-ordenamento do tempo e do espaço realinha o local com o global, o eu sofre mudança maciça. [...] No nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da escolha. (GIDDENS, 2002, p. 79).

Como que concentrando todos esses aspectos - mudanças sociais, reflexividade e intimidade

-, Giddens (1993, 2002) usa a expressão *projeto reflexivo do eu*, que caracteriza essa busca do sujeito por uma auto-identidade dentro de um processo intencional e refletido. Assim, talvez partindo da naturalização deste projeto, é que Lougan, quando perguntado como é que um homem se transforma em artista da sedução (se seria uma escolha ou qualquer outra coisa) pode responder. "Sim, você pode escolher se transformar em um Pickup Artist ou não. Pode resolver mudar sua vida ou não. Tudo isso depende exclusivamente de você".

Vale notar, contudo, que este processo de escolha de que Giddens (2002) fala não é voluntarista e, há, na verdade, um processo de institucionalização dessa escolha na modernidade. Isto fica particularmente flagrante se voltamos, através da associação entre a comunidade da sedução e a literatura de autoajuda, a notar as particularidades do funcionamento do discurso de autoajuda. De acordo com Rudiguer (2010), a modernidade pôs fim a um parâmetro moral de subjetivação, algo como um esquema de valores com pretensão de verdade ao qual todos poderíamos tentar nos adequar. Na modernidade surge a metafísica que passa a desintegrar a tal verdade comum, e o indivíduo surge como independente e livre. "A realização individual e o sucesso na vida são matéria puramente pessoal e subjetiva."(RUDIGUER, 2010, p. 72). Isto, porém, não diz respeito a um indivíduo feliz e bem resolvido na busca livre e democrática da sua realização e sucesso.

O problema todo consiste em saber que verdade podemos conhecer sobre nós mesmos enquanto indivíduos[...]. A dúvida, incerteza e ansiedade aumentam, quando é necessário escolher os bens, o que é melhor para nossa vida, sem um prévio ordenamento. As disciplinas produziram as condições de possibilidade para os saberes sobre o homem produzirem sua identidade. A metafísica moderna solicita, porém, que sejamos mais que sujeitos políticos, sociais ou sexuais; solicita também que sejamos sujeitos de sucesso; sobretudo solicita que sejamos indivíduos, nos termos aquilo que podemos e devemos ser: indivíduos novos, únicos, realizados, autônomos, que criam a si próprios.(RUDIGUER, 2010, p. 73)

Ou seja, os indivíduos são solicitados a serem indivíduos. E portanto, quando um homem diz que pode se tornar um artista da sedução, que a escolha depende de cada homem em optar por se tornar um artista da sedução, podemos problematizar que a escolha é menos livre e mais imposta. E podemos conjecturar ainda que a novidade em nossos dias não é tanto a possibilidade/imposição da escolha, posto que ela está dada na modernidade (GIDDENS, 2002), mas sim que contamos agora com artefatos cada vez mais populares e popularizados para mediar essa tarefa moral que é encontrar uma soberania individual, sendo os discursos de autoajuda um ótimo exemplo (RUDIGUER, 2010).

Zygmunt Bauman (1998, 2005) é um dos autores que ajudam a pensar na mesma direção até aqui apontada, que seja, uma identidade desarticulada de condicionantes externos ao indivíduo, o

que faz deste o protagonista da construção identitária. Bauman (1998) compõe um contexto contemporâneo em que trocamos nossa segurança (antes demais) por mais liberdade (antes de menos), resultando assim em um ambiente de incertezas (pois é liberdade demais e segurança de menos). Se Freud em *O mal-estar na civilização* bem apontou que a segurança causava a sensação de opressão, Bauman quer argumentar que a liberdade de hoje, sem freios, não significa uma irrestrita felicidade não-oprimida. De acordo com ele, viveríamos numa época de consumismo intenso e de busca desmedida pelo prazer, resultando assim num sentimento de incerteza perturbadora; todo ato de se situar socialmente perdeu seus antigos e sólidos pontos de apoio, e só o consumo e o prazer podem servir de balizas. Tal quadro, certamente, terá consequências à identidade.

Viver em um mundo assim, sem bases ou seguranças, onde a instabilidade da dupla prazer e consumo ataca por todos os lados (e que a própria liberdade torna-se uma imposição cheia de ansiedades); viver em um mundo assim conduz os sujeitos a uma adaptação que tem como estratégia assumir a instabilidade como modo de vida, ou seja, adotar identidades que possam ser apagadas e reescritas conforme preciso for (BAUMAN, 1998, 2005). E, frise-se, isso não é necessariamente algo apaziguador. Sendo assim, hoje as identidades estão em "livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas." (BAUMAN, 2005, p. 35). Na Modernidade haveria meios de esconder essa face da identidade, e repassá-la completa e fechada ao indivíduo; no entanto, uma vez reveladas as suas verdades, a identidade se mostra inconclusa, precária, sempre por ser feita, sendo negociada a todo instante durante nossas vidas (BAUMAN, 2005). Em que pese o teor por vezes saudosista de Bauman, resistindo em identificar continuidades ou simplesmente novos arranjos ao invés desta ruptura total (e sempre com o sentido que tende à perda e à degradação), sua linha argumentativa geral colabora para pensarmos a tarefa contemporânea que é a confecção das identidades.

Esta ansiedade por uma identidade sempre inconclusa transparece na noção de que existe um longo processo até o homem tornar-se um artista da sedução. Uma discussão problematizava a sensação de estar estagnado no processo de *evolução* - categoria nativa para a mudança do homem. Seria como um estágio onde os ditos resultados com as mulheres deixam de vir e sente-se que está estagnado. O autor do tópico então faz sua avaliação.

Na minha opinião (que não é nenhuma verdade), você ainda está se transformando. O ano ou mais de experiência criou uma memória rica de referências, mas sua 'alma' ainda não se transformou. É algo no seus olhos, no jeito que você se porta. Confiança real só vem com o sucesso repetido e erros.

As noções de *transformação* e *alma* são sugestivas e falam da própria vivência do homem

em seu processo de mudança. Algo está sendo feito, algo está por ser feito, e é preciso fazer. Numa outra discussão se problematiza, inclusive, que o simples participar da comunidade não transforma o homem em um artista da sedução, não se este não converter a participação em resultados práticos - como em *sucesso* com as mulheres. Vários membros responderam reflexivamente que se encaixam no público-alvo da mensagem e que também eles teriam que buscar maiores resultados práticos. Um dos rapazes, no entanto, desenvolve uma resposta notável para pensarmos uma identidade sendo feita. "O que um cara como eu que, com algum tempo nisso ainda não pegou ninguém tem a dizer: Concordo". E esclarece para o que, em sua visão, serve o fórum e todo o saber do *pick up* - termo que pelo sentido corrente utilizado poderia ser sinônimo de mundo da sedução. "O PU serve para isso, vir aqui e mudar, mudar e ter resultados. Se algo está dando errado, vem aqui e conserta, vai fazer um bootcamp⁶, vai repensar sua vida, vai tratar seus problemas em um psicólogo se for o caso...". E complementa no que pareceu ser um desabafo. "Sei que não sou o cara ainda, mas foda-se, cada um tem seu tempo, mas temos que assumir isso, que não estamos tendo resultados práticos e buscar uma forma de melhorar". Isto é, se a identidade está por fazer, não significa que todos vão, plenamente, conseguir fazê-la, e nem no período de tempo desejado ou esperado - por isso é importante buscar uma forma de melhorar. Aqui temos, ainda, a expressão daquela ansiedade que a literatura de autoajuda vem para tentar dirimir (RUDIGUER, 2010): precisamos ser indivíduos, precisamos exercitar nossa individualidade (ou construir nossas identidades), porém não somos todos nós que sabemos ou podemos ou mesmo temos os recursos necessários. Como antes sugerido, e pensando em ansiedades masculinas, a frase acima comporta uma perfeita substituição para o ponto de vista de um participante da comunidade da sedução, que seja, homem ao invés de indivíduo.

Todo esse processo de mudança, a *evolução* do homem até chegar ao artista da sedução, não podemos esquecer, tem como pano de fundo um fenômeno em escala internacional. Como mencionado, tudo começou nos EUA, primeiro com workshops, depois um site, e então livros publicados, como que em etapas da mundialização do fenômeno. Esta marca internacional da comunidade se evidencia ainda mais hoje em dia quando gurus da sedução - homens que atingiram um patamar que os legitima enquanto autores e/ou instrutores de métodos e técnicas de sedução - vêm de vários países, como Canadá, Inglaterra, Polônia e, claro, EUA. E se hoje já estamos anestesiados diante da intensa circulação de informação em um nível global, por outro lado não podemos deixar de notar quando isto ocorre e qual sua importância. No caso em estudo, é de praxe

⁶ *Bootcamp* é uma modalidade de treinamento em sedução que empresas e autônomos ligados à comunidade realizam. Ela é constituída de uma parte teórica (como em uma palestra) e de uma parte prática (como na ida a bares ou *shoppings centers*). Habitualmente dura três dias, começando em uma sexta-feira à noite e se estendendo até domingo.

encontrar tópicos que trazem um texto retirado de um outro site na internet, mas internacional, ou então um texto-adaptação de algum livro ou *e-book* de sedução ainda não publicado/traduzido no Brasil.

Para Hall (2005), a identidade no final do século XX tem correlações com a globalização. Este autor reforça a perda do antigo quadro de referências com que o indivíduo se servia em sua identidade, como o gênero, e que, assim, a identidade sofre um deslocamento. Para reforçar essa proposição, argumenta que na modernidade podemos assistir um movimento de transição sobre a definição do sujeito; a primeira delas surgida no Iluminismo, considerando o sujeito como uno e centralizado, completo em si; a segunda, vinda da visão sociológica que colocava o sujeito em interação com a sociedade, e assim esta influenciava muito do sujeito e sua constituição; e a terceira, o sujeito pós-moderno, descentralizado, de onde a identidade não é "fixa, essencial ou permanente." (HALL, 2005, p. 12). A globalização aparece como um novo jeito de dispor o tempo e espaço, o que afeta distâncias e escalas temporais, causando efeitos sobre as identidades; afinal, estas se localizam "no espaço e no tempo simbólicos." (HALL, 2005, p. 71). Podemos discutir assim identidades partilhadas na distância criada pelo rompimento de tempo e espaço, e mais do que isso, recuperar o papel do consumismo em uma dinâmica de globalização.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens de mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem 'flutuar livremente'. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de 'supermercado cultural'. (HALL, 2005, p. 75, grifos do autor).

Estas colocações, portanto, permitem encontrar uma correlação entre globalização, consumismo e identidades a serem feitas. E um artista da sedução vivifica esta correlação: ele acredita numa proposta de mudança pessoal, esta foi lida ou retirada ou inspirada em um livro ou site, que por sua vez serve de canal para veicular o que foi pensado e propostos por outros homens de outros países em outras culturas. E posto que muitos homens adentram na comunidade da sedução através da compra de algum tipo de material como livros ou DVDs, talvez participando daqueles *bootcamps* em que, no Brasil, o custo médio é de dois mil reais, ou talvez participem da comunidade pagando a condição de membro VIP dentro do PUABase.com e assim tendo acesso a discussões restritas, podemos pensar aqui em um fenômeno que revela a masculinidade não apenas como construção social, mas expõe também como as masculinidades podem ser consumidas através de algum tipo de produto (EDWARDS, 1997).

O que a retomada de Giddens (1991, 1993, 2002), Bauman (1998, 2005) e Hall (2005) me permitem é montar um quadro social contemporâneo onde reflexividade, consumismo e globalização se fundem, fazendo nascer disso uma identidade maleável e cambiante, uma identidade menos amarrada à tradição - e uma tarefa urgente para o indivíduo. Uma identidade que parece encontrar respaldo dentro da comunidade virtual da sedução e na preocupação de seus membros em se tornarem artistas da sedução.

Mas trabalhar com a ideia de identidade assim, de modo tão obstinado, pode ser perigoso, principalmente quando uma pesquisa trabalha com tanta dependência disso que chamei de narrativas de si. Afinal, as narrativas (sejam quais sejam) podem ensejar toda uma construção, atuação e reposicionamento em torno de uma experiência do indivíduo, e assim as biografias individuais estariam sendo trazidas à tona a todo instante para produzir significados e práticas (AURELIANO, 2012). Deste modo, mesmo considerando uma identidade maleável, cambiante, que se vê livre de tradições, é também preciso destacar que haverá muitas trocas neste processo pois o indivíduo estará resgatando elementos de sua biografia/experiência, e deles usando para (re)significar o mundo à sua volta. É preciso assumir que não existem pacotes identitários fechados e completos, assim como é preciso atentar para os possíveis diálogos entre tradições e reinvenções. A própria identidade enquanto categoria-chave, aquela provocação inicial de pensar que estes homens da comunidade virtual da sedução estariam (re)construindo suas identidades masculinas, passa a ser flexibilizada em nome das possibilidades várias que escapam à noção de (re)construção e mesmo à noção de identidade - ambas um tanto engessantes de processos que podem ser muito mais fluidos.

Este viés, aplicado a ideias masculinos em formação, não é novidade. Albuquerque Júnior (2013), averiguando o tipo masculino do nordestino, operou analiticamente em dois níveis, no dos discursos e no das práticas. Mas o autor não subtraiu as brechas e fissuras entre o fazer e o dizer, isto é, não perdeu de vista que as prescrições sobre um comportamento (masculino) não conseguem ser totais, há sempre trajetórias, microrresistências, microdiferenças. Complementa, assim, que se existia uma estratégia produzindo e disciplinando um chamado *homem nordestino*, existia também a reação por parte dos homens usando da criatividade, resistência, táticas de multiplicidade. Desta forma, vamos abrindo a análise para aquilo que não é progressivo nem linear, pois como lembra Mishler, nossas próprias trajetórias e histórias biográficas não são coisas serenas ou contínuas; pelo contrário, são plenas em solavancos e desvios.

Uma compreensão mais adequada de como mudamos no decorrer de nossas vidas requer uma concepção relacionada de identidade, uma concepção que coloque o processo recorrente de re-historiação de nossas vidas no fluxo de contradições e tensões dos diversos mundos sociais

nos quais simultaneamente somos atores e respondemos às ações dos outros. (MISHLER, 2002 p. 111).

Assim como os *homens nordestinos* tinham lá suas reações criativas e múltiplas, e assim como genericamente devemos pensar as identidades pelos fluxos diversos de contradições e tensões, acredito que pensar a identidade destes homens da comunidade virtual da sedução deve seguir a mesma proposta. E isso mesmo que ao fim essa identidade seja posta em dúvida: trata-se de uma nova identidade ou, talvez, de diferentes investimentos e (re)significações?

Construções narrativas em torno de experiências pessoais, particularmente as que surgem em espaços coletivos (como as do PUABase.com), não são puro reflexo de discursos e representações daquele coletivo, são, sim, narrativas constantemente tensionadas pelo cotidiano, visão e história pessoal de quem narra (AURELIANO, 2012). Do mesmo modo, dinâmicas interativas são oportunidades para que sentidos surjam e sejam criados em tempo real, dentro de posições que os próprios interagentes geraram (BAMBERG, 2002). E portanto, seguindo com Matos (2001), vemos que identidade e sua latente fixidez são descartadas em análises que se façam permissivas com a subjetividade. Mesmo que a palavra carregue em si a ideia de sujeição,

o processo de subjetivação não é visto como destino inexorável de serialização dos indivíduos, porque comporta simultaneamente a possibilidade de reapropriação, subentendendo que os sujeitos são agentes, aos quais se permitem escolhas. Escolhas que, embora não sejam ilimitadas, abrem espaço para a construção de algo, pois contrariamente às normas do controle leva a reconquista do potencial da autonomia criativa. (MATOS, 2001, p. 9).

O foco, pois, é neste processo criativo que envolve história, cultura e biografia, e resulta em um *eu* que adquire sentido. Há reprodução, mas há também adaptação. Portanto palavras como antagonismos, tensão, dinamismo, se tornam inevitáveis nesta análise, assim como o prefixo *multi* - multifacetada, multidimensional (MATOS, 2001).

Contrabalanceando identidade, portanto, surge a ideia de subjetivação, e é uma ideia que o próprio campo de pesquisa veio a sedimentar. Uma fala que meus informantes traziam com certa frequência era sobre uma suposta ilusão que cerca o relacionamento afetivo-sexual entre homens e mulheres, do que caberia ao homem, em particular dentro da comunidade da sedução, identificar tal ilusão e superá-la. Lougan, um homem de 32 anos, que já tem uma trajetória dentro da comunidade pois é autor de um dos poucos livros nacionais sobre sedução - *O Jogo da Sedução* -, e que concilia sua carreira de funcionário público com a de instrutor de cursos de sedução, assim me dizia sobre o que é ser um homem de verdade, que "um homem de verdade tem haver com 'honrar suas bolas', ser dominante, ser confiante e *quebrar paradigmas que a sociedade embuti em nossas cabeças quando*

crianças..."(Lougan, grifos meus). Paradigmas embutidos, pois, e que impedem o surgimento daquele homem de verdade, um homem subentendido no rótulo de artista da sedução. Bruno, um rapaz de 25 anos que chegou até a comunidade após um término de namoro, e hoje se considera um artista da sedução, também sugere que em sua trajetória de aprendizado aquele tornar-se artista da sedução envolveu desmascarar certa ilusão. "Nós homens nascemos para seduzir as mulheres, mas isso não tem nada a ver com o que vemos nos filmes românticos (a propósito, eles estão errados). As mulheres gostam de cafajestes, e não de homens que as bajulam. Basicamente é isso". Os filmes, pois, estão errados, os bajuladores não são tão valorizados quanto diz Hollywood, e isto foi percebido dentro da comunidade. Paulo, que é um homem de 35 anos e fez questão de frisar durante toda a entrevista que a comunidade pouco lhe ajudou e que contribuiu apenas para reforçar algumas coisas que já sabia ou desconfiava, usa uma categoria nativa significativa em termos daquela ilusão a ser superada. "Acho que ali [na comunidade] tem bastante material de 'como lidar com as mulheres' sem o tradicional matrixiano mimimi comum nesse tipo de livro de 'autoajuda'. [...] Um exemplo são os joguinhos infernais que toda mulher faz; eu não enxergava isso tão claramente como agora". A termo nativo *matrixiano mimimi* quer dizer, simplificadaamente, as baboseiras vindas de uma ilusão acerca de como são os homens, as mulheres, e a relação afetiva-sexual entre ambos - e que neste caso em particular, ajudou o homem a perceber o que julga serem ardis femininos.

O que subjaz estas falas - dos paradigmas a serem quebrados, dos filmes que estão errados, do matrixiano mimimi - é uma noção sedimentada na comunidade virtual da sedução sobre a existência da *matrix*. A referência mais popular é ao filme *Matrix* (1999), uma ficção científica pós-apocalíptica onde o protagonista descobre estar vivendo em mundo de ilusões criado e mantido por máquinas inteligentes, isto é, a *matrix*. Assim, etnograficamente é possível encontrar referências ao *sair da matrix*, *fugir da matrix*, bem como a sátira ou pouco caso daqueles que se deixam guiar pela *matrix* - e o seu mimimi, acrescentaria Paulo. Em um dos tópicos onde se discutia o termo, um dos rapazes explica didaticamente.

O termo é usado amplamente para descrever uma situação ou realidade que conspira contra você. Você acreditar estar pensando, vivendo ou sentindo algo que você acredita piamente ser real, quando na verdade a realidade é outra completamente oposta. Seus pensamentos, sentimentos e ações estão sendo manipulados por outras pessoa ou força externa que oculta a verdade de você, te mantendo imerso numa realidade de ilusão.

A adaptação isso ao contexto da sedução, e lembrando a menção acima sobre os paradigmas da sociedade e os filmes, fica um tanto evidente. É o que outro usuário traz: "[...] o estado de ilusão que a gente fica com relação às HBs [abreviação de *hot babes*, numa referência às mulheres], como:

paixonite, endeusamento/santificação, enxergá-las como superiores a nós, acreditar num amor cor-de-rosa como o das novelas e filmes". Todos estes elementos, como veremos no capítulo 4, serão os elementos que repercutirão no artista da sedução enquanto um ideal de masculinidade.

O que está sendo expresso, pois, é que a comunidade virtual da sedução, por mais que gire em torno de verbos como *tornar-se*, *transformar-se*, ou simplesmente *ser* um artista da sedução, supõe um outro olhar sobre o mundo à sua volta - que os nativos chamariam de sair da matrix. Illouz (2012) quando tenta explicar sociologicamente a razão de nossas dores amorosas, identifica o que chama de tecnologias culturais, estes artefatos que codificam nossa atividade imaginativa dentro de determinadas fórmulas narrativas delimitadas. Tomando como exemplo os filmes (coincidentalmente os românticos, bem aqueles que Bruno e toda a comunidade da sedução condenam por estarem mentindo), a autora vê neles enredos plenos de padrões que repercutem nas expectativas e antecipações que temos sobre nossas vidas - resultando em uma frustração quase certa. O que Illouz (2012) está nos permitindo pensar é sobre um processo de subjetivação que ocorre na modernidade, cujo um dos recursos são aquelas tecnologias culturais. Estendendo este raciocínio, sugiro pensar a comunidade virtual da sedução - e todo seu saber de técnicas e métodos de sedução transformados em livros, textos, vídeos e áudios, e que encontram síntese na vivência de espaços virtuais como o PUABase.com - como uma tecnologia cultural atuando na direção de codificar a atividade imaginativa em uma determinada fórmula narrativa. E, portanto, uma vez mais, a noção de identidade - como algo a ser obtido, como algo a ser (re)construído - encontra limitações, e a noção de subjetivação passa a ser muito mais sugestiva - em especial quando complementada pelas noções de individuação e reflexividade.

Nesse balanço que oscila entre identidades e subjetivações, esta pesquisa conseguiu abarcar os vários caminhos e motivos que leva um homem até a comunidade virtual da sedução, e também o próprio modo como recebem essa proposta em torno do artista da sedução, o ideal masculino vigente ali dentro. Na realidade, é neste balanço de identidade e subjetivação que podemos encaixar, como ficará evidente durante a exposição, as vozes destoantes, as saídas do discurso coletivo esperado; isto ficará particularmente flagrante nas menções ao que é o artista da sedução, quando veremos que nem mesmo esse ideal conta com uma única, total ou ampla conceituação dentro da comunidade. Entretanto, a oscilação entre identidade como categoria-chave e subjetivação como noção complexificadora não impediu de notar as consistências e caracterizações que me permitem falar da comunidade virtual da sedução como um todo coerente, e de alguns dos seus valores e práticas com sendo referência para todos e revestidos de importância coletiva.

Mas e como essa discussão de identidades reflexivas, sempre por fazer, deslocadas, encontra a questão tecnológica? Se há subjetivação, como ela se dá nos e através dos computadores? Ou,

mais especificamente, como podemos pensar processos identitários/de subjetivação nas mídias digitais?

2.4 IDENTIDADES, SUBJETIVAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS

“Bem vindo ao lado fantástico da cultura ciberespacial, onde a magia é real e a identidade fluida.” (RHEINGOLD, 1996, p. 183). Esta é uma das primeiras frases que o autor usa para falar dos *MUDs*, ou, simplesmente, *multi-use dungeons*, uma das primeiras formas de interação mediada por computadores e usada para fins lúdicos: uma plataforma textual onde pessoas interagem com um mundo fictício, geralmente fantasioso (com elfos, magos, monstros) e também com outras pessoas conectadas a este mundo. Os *MUDs*, explica-se, causaram muito interesse por propiciar a criação de identidades e personagens diferentes partindo de uma mesma pessoa, levando esta a experiências imersivas em outras personalidades (verdadeiros *alter egos*) e, inclusive, em outros gêneros, fazendo valer a menção à *identidade fluida*. Tanto que para Rheingold, no contexto do início dos anos 90, essa plataforma seria um local onde poderíamos estudar os impactos das chamadas comunidades virtuais, seria um lugar onde nós enquanto indivíduos temos mente, pensamentos e sentimentos impactados. Com isso ele trazia o argumento, hoje comum, de que tecnologia e sociedade (e fenômenos sociais) se imbricam, e disto surgem novas questões sobre novos modos de se viver e estar no mundo (LEMOS, 2010; LEVY, 2011a), do que a ideia de um processo de subjetivação fica implícita. E afinal, se as antigas tecnologias dos meios de comunicação possibilitavam romper com a noção de tempo-espaço, “os recentes meios de comunicação mediados por computador parecem estar também a dissolver as barreiras da *identidade*.” (RHEINGOLD, 1996, p. 185, grifo do autor).

Escrevendo em época muito próxima, Turkle (1997) também argumenta entusiasticamente pelo tensionamento da identidade diante das tecnologias computacionais e das conexões em rede. “Um sistema de redes em rápida expansão, conhecido colectivamente por Internet, liga milhões de pessoas em novos espaços que estão a alterar a forma como pensamos, a natureza da nossa sexualidade, a organização das nossas comunidades e até mesmo a nossa identidade.” (TURKLE, 1997, p. 11). E mais do que isso, para a autora, computadores e internet funcionam como introdutores de ideias pós-modernas em nossas vidas cotidianas; se Fredric Jameson tinha dificuldades em achar algo que representasse a contemporaneidade (tal qual as fábricas representavam a modernidade), para Turkle os computadores cumprem esse papel representativo. Nele as ideias abstratas pós-modernas tornam-se acessíveis e até mesmo consumíveis. Indo além, os computadores dariam concretude à noção de crise de identidade pois na simulação a identidade

encontra fluidez e multiplicidade. Algo corriqueiro para nós, usuários de computadores, seriam as *janelas* - como esta que neste momento digito este texto, mas existem outras à distância de um clique do *mouse*, como a que me permite checar meus e-mails ou dar uma escapada para conferir as mensagens em meu perfil do Facebook. Para Turkle (1997), as janelas seriam a expressão de nossa variedade e alternância entre identidades. "As janelas permitem ao computador colocar a pessoa em vários contextos ao mesmo tempo." (Ibid, p. 17). E assim, torna-se uma metáfora para um eu múltiplo e fragmentado. "A prática vivida nas janelas é a dum eu descentrado que existe em muitos mundos e desempenha muitos papéis ao mesmo tempo." (Ibid., p. 18).

Isto encontra imediata leitura em meu campo de pesquisa. Os perfis dentro da comunidade virtual da sedução raramente tem alguma correlação com outros perfis deste homem como, por exemplo, o do Facebook. Tal correlação só se mostra em situações de amizades desenvolvidas dentro da comunidade e que parecem permitir um estado de confiança e credibilidade entre as partes envolvidas. Nota-se, pois, que estes homens, de fato, alternam suas identidades conforme alternam suas janelas no computador. Inclusive, essas identidades em janelas devem ser mantidas afastadas. Alex, 25 anos, na comunidade desde 2011, e desde então construindo uma reputação sólida dentro da comunidade como autor de vários e amplamente elogiados textos (desde técnicas de sedução até mais reflexivos), deixou este ponto muito claro; disse ter um perfil no Facebook sem nenhuma relação com a comunidade da sedução. "Fundamental se faz cuidar de nossa imagem."(Alex). O problema em particular estaria nas pessoas mais próximas que iriam, de fato, reparar no perfil alheio, "vão tentar te observar com mais detalhes e julgo desnecessário saberem de um passado que compartilhava informações com outros caras que sequer conheço para saber 'como se dar bem com as mulheres'."(Alex). De um certo modo, um artista da sedução existe, explicitamente, somente na janela em que acessa o fórum PUABase.com - onde tem um perfil, uma história e relações com os outros artistas da sedução e postulantes a tal.

Em uma aproximação com autores como Giddens, Bauman e Hall, já utilizados nesta discussão, Turkle (1997) também distingue uma identidade antes nuclear, em algo sólida (suscetível à pesada metáfora do *forjar uma identidade*), de uma identidade contemporânea.

Agora, na era pós-moderna, as identidade múltiplas perderam grande parte do seu carácter marginal. Muitas pessoas apreendem a identidade como um conjunto de papéis que podem ser misturados e acoplados, cujo leque variado de exigências precisam ser harmonizadas. (TURKLE, 1997, p. 265).

E voltando a internet, ela seria como um *laboratório social*, diz a autora, para realizarmos experiências de construção e reconstrução do nosso eu. Mas a autora alerta contra a ideia fácil de

estarmos vivendo uma crise coletiva e massiva de pessoas com distúrbios psicológicos, ou que necessariamente alguém com identidades em janelas terá tendências a algum problema psicológico - como o de personalidades múltiplas. "O que eu estou a dizer, isso sim, é que a profusão de manifestações de multiplicidade de nossa cultura, incluindo a adoção de personalidades *on-line*, está a contribuir para uma revisão generalizada das noções unitárias, tradicionais, de identidade." (TURKLE, 1997, p. 389, grifo da autora). O que notamos correr esta argumentação de Turkle é a percepção da identidade como verbo, do que, outra vez mais, a noção de subjetivação parece caber perfeitamente - não se trata de simplesmente acumular identidades mas sim revisar como as compreendemos e de que modo as experienciamos em nosso cotidiano agora informado por mídias digitais.

Desta forma, considero que Rheingold (1996) e Turkle (1997) fundamentam a contento a pressuposição da possibilidade de alterações e intervenções identitárias na contemporaneidade (e processos de subjetivação envolvidos), mas estendidas também (e especialmente) ao computador e à internet. Outro autor do período, mais dedicado à avaliação contextual do que a um objeto particular, também nos ajuda a pensar as identidades nas mídias digitais, mas, acredito, sobretudo pensar a flexibilização dessas identidades (do que, novamente, subjetivação, individuação e reflexividade são termos latentes e necessários). Levy (2011b) diz que na contemporaneidade somos imigrantes da subjetividade, isto é, nômades; estamos em um contexto onde mesmo se quiséssemos não poderíamos ficar parados tamanhas são as mudanças. Seríamos, assim, nômades no conhecer, no saber, no fazer, e inclusive no ser - uma humanidade que inventa a si mesma. Em nossos dias, "a identidade do indivíduo organiza-se em torno de imagens dinâmicas, imagens que ele produz por intermédio de exploração e transformação das realidades virtuais das quais participa." (LEVY, 2011b, p. 136). E assim, a própria noção de sujeito muda no que sugiro ser a expressão de uma identidade relativizada por processos de subjetivação. "Os sujeitos não aparecem mais como figurinos sólidos postos sobre territórios bem recortados, mas como distribuições nômades correndo sobre um espaço dos fluxos." (LEVY, 2011b, p. 139).

Todavia, é preciso notar, muitos autores que falam das identidades nas mídias digitais as veem como múltiplas e flexíveis focando em objetos onde elas eram sobretudo fictícias - como nos *MUDs*, onde uma pessoa poderia ser um guerreiro medieval ou então um caçador de androides em um futuro distópico. Quando uso das ideias sobre identidades e subjetivação nas mídias digitais, as tomo para refletir sobre um caso que não se propõe como fictício; isto é, ser um artista da sedução não é visto como uma ficção, algo que se faz dentro de uma plataforma na internet e tão somente lá. Afinal, como veremos no decorrer deste trabalho, trata-se de encarar o mundo de um outro modo, de se posicionar nele a partir de uma determinada posição masculina (que é heterossexualmente

bem sucedida). Aliás, quando a comunidade da sedução suspeita que isto está acontecendo (que alguém ali é um artista da sedução somente na internet), ocorrem críticas a esta prática e seu praticante - não basta apenas fazer parte da comunidade pois os resultados práticos é que contam.

Assim, se parto da noção de identidades em revisão, que são também múltiplas, flexíveis, e encontram respaldo teórico e prático nas telas de computadores, e que permite falar também de subjetivações em andamento, o faço sem perder de vista a proposta daqueles homens de unir *online* com *offline*⁷. Aquilo que o homem é na comunidade virtual tem efeitos no seu dia a dia concreto, pois ao menos em sua (auto)consciência deve estar percebendo e vivendo algumas mudanças graças à comunidade. E mesmo aquela necessária e precavida separação das identidades - que não permite relacionar o perfil da comunidade com o perfil do Facebook, por exemplo - não inviabiliza esta intenção. Renan, 20 anos, que desde os 14 veio tendo algum tipo de contato com o mundo da sedução mas ainda se vê como um aprendiz, foi outro rapaz que manifestou uma intencional ocultação de sua faceta artista da sedução, tanto que ao ouvir sobre ele em algum círculo social disse fazer-se de desentendido pois as pessoas de forma geral não reagiriam bem se soubessem que ele está envolvido nesse universo particular. Supondo a condição ideal em que as pessoas reagiriam bem, perguntei se ainda assim haveria algum incômodo, pessoal ou íntimo, que o motivaria a ocultar-se. O tom enfático de sua resposta foi sugestivo.

Claro que não, penso que é uma ciência como qualquer outra. Seria como se você estivesse perguntando: Você se sente incomodado de melhorar seu relacionamento com as mulheres, de se tornar melhor do que era ontem? pode incomodar as outras pessoas, mas eu não[me incomodo] (Renan).

A resposta parte do pressuposto que haverá melhoras no relacionamento com as mulheres, mulheres reais em carne e osso, possivelmente as participantes de sua vida diária. Ao mesmo tempo, assume que o artista da sedução o possibilita se tornar melhor do que era ontem, também de modo concreto e experiencial - não em um mundo fictício ou imaginado. O processo identitário ocorrido na comunidade virtual da sedução, aquela subjetivação em andamento, é, neste sentido, tido como efetiva e real.

Até aqui vim utilizando repetidamente a noção de comunidade virtual, uma noção fundamental a esta pesquisa. Mas o que, afinal, entendo por *comunidade*? Como é que poderia existir uma *comunidade virtual*?

⁷ Estes dois termos postos em oposição, como se tratassem de realidades opostas e excludentes, vêm sendo tensionados por diversos autores. A própria Turkle(1997) aposta num imbricamento entre ambos, posição que Baym(2013) também se aproxima. Aqui, porém, adoto apenas para fins de melhor conseguir expressar o argumento em questão.

2.5 COMUNIDADE VIRTUAL? O QUE É ISSO?

Como alguns autores argumentam, a definição de comunidade não está bem assentada dentro da sociologia de modo geral, do que podemos pensar a complicação então de pensar comunidade enquanto algo virtual (GUIMARÃES JR, 2000; BAYM, 2013), a complicação de pensá-la como algo que acontece nas, ou através das, mídias digitais. Porém, a que me refiro quando aplico *comunidade* ao site PUABase.com?

Diferentes definições encontradas, acredito, apontam em uma mesma direção. Uma definição simples de comunidade e suscetível do adendo *virtual* é a de Hamman (*apud* GUIMARÃES JR, 2000), para quem comunidade seria a referência a um grupo de pessoas dividindo interações sociais, laços entre si, e um espaço durante algum período de tempo. Já Escobar (1994), pensando especificamente as comunidades virtuais, as define de um modo prático: grupos de pessoas que se relacionam entre si por meio de computadores. Rheingold, por sua vez, usa uma definição próxima, mas adicionando um elemento interessante. "As *comunidades virtuais* são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimentos suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço." (RHEINGOLD, 1996, p. 18, grifos do autor). Ou seja, existem *sentimentos* condicionando uma comunidade virtual. Baym (2013) também ressalta a importância do sentimento de pertencimento de um membro frente a sua comunidade, mas acredita que para falarmos em comunidade virtual é preciso analisar o modo como cinco elementos aparecem em cada caso e então conferir a validade em usar *comunidade*. Tais elementos seriam a vivência de um espaço compartilhado (mesmo metafórico), práticas partilhadas, a troca de apoio e recursos, identidades partilhadas, e por fim a possibilidade de relações interpessoais.

Estas definições todas parecem reincidir umas sobre as outras, e tomando-as como referência construo a definição que guiou este trabalho. Por comunidade virtual entendo um espaço/lugar na internet onde pessoas estarão interagindo entre si, mas fazendo isto de modo consistente, do que valores e práticas serão partilhadas, e inclusive fará surgir o sentimento de ser/estar em uma comunidade. A comunidade da sedução é, neste sentido, uma comunidade virtual. É nesta comunidade que os homens interessados em aprender métodos e técnicas de sedução adentrarão; é nesta comunidade que valores e práticas estarão sendo trocados e partilhados; é nesta comunidade que o ideal masculino de artista da sedução estará pairando; é nesta comunidade, enfim, que aqueles homens incomodados com seus insucessos enquanto homens heterossexuais manifestarão (e tentarão obter uma resposta à) as suas ansiedades masculinas, e se sentirão então em um coletivo.

Até aqui muito se disse também dos *homens* da comunidade da sedução, ou então dos *rapazes*, e mesmo uma consideração genérica de serem todos eles *artistas da sedução*. Contudo, quem são esses *homens/rapazes/artistas da sedução* que buscam e experienciam a comunidade virtual da sedução?

2.6 OS HOMENS DA COMUNIDADE

Quando fala-se de um estudo envolvendo mídias digitais torna-se necessário refletir qual é o público da mídia em questão. Como Baym (2013) alerta frente à realidade norte-americana, as conexões em rede e internet tiveram públicos diferentes de acordo com a época; primeiro, na década de 1970, um uso restrito aos desenvolvedores e universidades, e só em meados da década de 1990 é que o uso caseiro e comercial se popularizaria. No Brasil, por sua vez, a internet teve seu início no ano de 1997 e era algo para poucos, "um meio que conectava pessoas com alto nível de renda e escolaridade, jovem e, predominantemente, do Centro-Sul." (MISKOLCI, 2011, p. 10). O que se tensiona como pano de fundo, afinal, é que a invenção de uma tecnologia não quer dizer sua difusão imediata (MISKOLCI, 2011). No presente estudo, isto levanta a questão sobre quem são esses homens que acessam o site PUABase.com.

É muito significativo que em toda a comunidade não haja explicações sobre o funcionamento do site enquanto um fórum de discussões. Não há, por exemplo, uma seção para aprender a operar o fórum enquanto uma plataforma de comunicação e interação. A *Área dos Novatos*, que, como dito, ensina o básico que o recém-chegado deve saber, se preocupa a ensinar o básico em termos de sedução, não em termos de como utilizar o fórum - há somente um tópico deste tipo, e ele ensina somente como colocar uma foto no perfil. A impressão é que se espera que o utilizador já conheça aquela plataforma, esteja familiarizado com ela, e assim está dispensada qualquer explicação técnica de como utilizar e interagir no fórum. Isto sugere já um recorte geracional. Como Turkle (1997) discute, se os computadores e a internet nos possibilitam um entendimento prático de ideias pós-modernas e pós-estruturalistas, e também fazem parte de uma cultura da simulação, há que se considerar que as pessoas que crescem já (ou convivem há tempos) com essas ideias e nessa cultura vão encontrar uma dinâmica de uso e experimentação do computador e da internet mais à vontade e mesmo lúdica. E ainda neste sentido é que podemos considerar que hoje a internet é mais popular para a geração que chegava à adolescência no final da década de 90, e que a geração posterior já experimenta o mundo através das mídias digitais (MISKOLCI, 2011). Assim, todos os meus entrevistados mostraram fazer um uso amplo de computadores, internet, e também de dispositivos que permitem o acesso à internet, como celulares.

Perguntados sobre seu uso da internet, listavam as redes sociais de que participam, sites que acessam com frequência, e funções que a rede mundial de computadores vem suprir - como pesquisas, estudos, jogos ou troca de e-mails. Ficou evidente, pois, que se tratavam de homens bem postos quanto às mídias digitais e com um domínio tecnológico considerável. Tomando-os como referência podemos entender, afinal, a despreocupação da comunidade em ensinar a operação do fórum.

A recente pesquisa governamental sobre o consumo de mídia no Brasil (BRASIL, 2014) ajuda a fundamentar esta interpretação⁸. Nota-se que o uso da internet é mais comum entre os jovens até 25 anos, de grandes centros urbanos (já adianto que todos meus entrevistados são de grandes centros urbanos), e pertencentes às camadas de maior renda e escolaridade, e que o jeito mais comum de acessar a internet ainda é o computador (84%) - celular com 40% e *tablets* com 8%. O que foi observado durante a pesquisa dentro da comunidade da sedução é que, de fato, a maioria dos participantes da comunidade estão nessa faixa etária, porém ainda assim com uma parcela significativa que vai além dela. Tomando como referência a análise etnográfica que fiz das *Apresentações*, e que rendeu a observação de 123 tópicos-apresentação, foi possível observar a seguinte distribuição etária (em ordem decrescente): 47 recém-chegados diziam ter entre 21 e 23 anos, 37 entre 18 e 20, 22 entre 24 e 26, 10 entre 27 e 29, e 7 disseram ter mais de 30 anos. Ou seja, conforme a casa dos 30 anos se aproxima diminui a frequência de participantes na comunidade - e talvez da internet, como sugere a pesquisa nacional supracitada - porém é uma presença não-acidental e nem mesmo desconsiderável. O perfil dos meus entrevistados, como veremos logo mais, confirma esta constatação. .

Para além da idade, a composição de um perfil de público de uma mídia digital tem que considerar ainda que há uma grande parcela da população que não tem acesso à internet. No caso brasileiro, atualmente 53% dos brasileiros nunca acessam a internet (BRASIL, 2014). E, assim sendo, marcadores outros como escolaridade e classe social, não podem ser ignorados. Como Miskolci (2011) observa, o uso da internet ainda denota um público de classe-média para cima, letrado, jovem e urbano.

Entre os entrevistados com renda familiar de até 1 salário mínimo[sic], a proporção dos que acessa a internet pelo menos uma vez por semana é de 21%, quando a renda familiar é superior a 5 salários mínimos, a proporção sobe para 75%. Por sua vez, o recorte por escolaridade mostra que 87% dos respondentes com ensino superior acessam a internet pelo menos uma vez por semana, enquanto apenas 8% dos entrevistados que estudaram até 4ª série o fazem com a mesma frequência. (BRASIL, 2014, p. 48).

⁸ Pesquisa de âmbito nacional, realizada em cada um dos 26 Estados da federação, mais o Distrito Federal. O objetivo foi o de conhecer os hábitos de consumo de mídia da população brasileira, mas tendo em vista localidade e condição socioeconômica. Foram aplicadas 75 perguntas para mais de 18.000 brasileiros, em mais de 800 municípios.

Uma vez mais, considerando a coleta de material empírico como um todo, a comunidade virtual da sedução enquadra-se nas estatísticas gerais. Assim é que nas *Apresentações*, quando da espontânea menção à ocupação profissional, temos desde profissões mais incomuns, como *DJ* e tatuador, até profissões mais formais e que supõe ensino superior, como advogado e professor. É muito recorrente ainda a menção à condição de universitário, sugerindo uma vez mais que se trata daquele público letrado antes referido, do que os 87% da pesquisa acima englobam. Vale reparar ainda, que dentre os treze entrevistados nove ou possuem ou estão cursando ensino superior - alguns, inclusive, com pós-graduação.

A pesquisa governamental (BRASIL, 2014) não encontrou grandes disparidades quanto a gênero; seja no uso ou na frequência dele, homens e mulheres têm sempre porcentagens semelhantes. Não obstante, o objeto de pesquisa aqui considerado faz conjecturar sobre ser a internet também um espaço que tende ao masculino. Inclusive Baym (2013) sugere isto ao mencionar uma pesquisa da ONU que, apesar de 2001, pode indicar uma tendência mundial: o perfil médio do usuário de internet era o de ensino superior, classe média alta, e masculino.

O elemento raça, mesmo ausente nas citações até aqui usadas, podemos supor facilmente a implicação sobre ele quando consideramos que a internet é, pelo até aqui visto, tipicamente, usada por jovens de classe média com acesso a ensino superior. Isto, na realidade social brasileira prenhe de desigualdades envolvendo raça/etnia, significa que também a internet pode ser um lugar prioritariamente branco. Meus entrevistados, significativamente, trouxeram onze auto-identificações enquanto brancos, e duas enquanto pardos. Na observação etnográfica, talvez também significativamente, discussões explícitas invocando raça/etnia eram raras, talvez operando, como em muitas dinâmicas sociais brasileiras, com a branquitude normativa. Uma discussão, quando o tema era a diferença que mulheres de diferentes países apresentam, acabou trazendo uma rara menção (ou suposição) quanto à raça/etnia.

Os lugares onde o contingente geral das mulheres são lindas são no leste europeu (povos eslavos) e no norte europeu (povos nórdicos). Isso não sou eu quem digo, esses povos são considerados os que tem a melhor genética entre todo mundo, são unanimidade quando se fala de povos bonitos, abençoados com traços universais de beleza para onde quer que se olhe. [...] Claro, beleza é subjetivo e não objetivo, mas uma pele branca, simetria facial e corporal, olhos claros, cabelos sedosos, massa corporal magra e equilíbrio hormonal são sucesso em qualquer lugar do mundo.

Se nos guiamos pelo padrão de beleza ali reproduzido, suspeitamos assim que a comunidade virtual da sedução, talvez refletindo o próprio público típico das mídias digitais no Brasil, é um lugar ocupado sobretudo por homens brancos. Os homens negros - ou pardos, como dois

entrevistados se identificam - obviamente existem, contudo, raramente expressam essa condição, o que somado a possível presença reduzida contribui para a sensação de invisibilidade. Uma rara situação em que os homens negros marcaram presença foi em um tópico que, escrito por um rapaz negro (identificável pela foto de si que usava em seu perfil), angariou comentários em torno do elemento raça. "Será que você é um negão, gatinho como eu? se for, tu ta no lucro...", disse um dos rapazes. "Seu DeAngelo negão do caralho [...]", disse um outro rapaz que usou de um palavrão e uma comparação para elogiar - DeAngelo é um guru da sedução internacional, e portanto, o autor daquele tópico seria como DeAngelo, mas negão e *do caralho*. Um outro rapaz assumiu a identificação pela raça. "Me identifico contigo... sou preto, mineiro, C&F [abreviação para um estilo de sedução] e charlie brown porra". Entretanto, de forma geral, o elemento raça some - ou melhor, a branquitude se fixa enquanto norma - quanto menos se discute raça, mais se testemunha que os grandes ídolos da comunidade são homens brancos (os tais gurus da sedução), e mais notamos que a desigualdade social no Brasil ao girar em torno da raça/etnia pode significar também um acesso à internet com forte, e coerente com a desigualdade geral, marcador de raça/etnia.

Resumindo todas as considerações feitas até aqui, o perfil daqueles homens que acessam a comunidade virtual da sedução é, portanto, o de um homem branco, 20 a 30 anos, classe média, urbano, e com acesso ao ensino superior. A heterossexualidade é outro marcador deste perfil, contudo a esta altura do trabalho creio que isto já esteja mais do que claro.

2.6.1 Os entrevistados

Apesar do Apêndice B trazer sistematizado o perfil de cada um dos entrevistados, possibilitando uma consulta rápida e pontual, repito aqui o perfil dos rapazes mas destacando a parte experiencial de cada um deles com a comunidade. Assim, quando o leitor se deparar com algum trecho de fala de algum entrevistado, já saberá, além de sua idade ou escolaridade, uma breve explicação da história daquele rapaz com a comunidade. Certamente todo trecho citado de entrevista, quando por mim percebida uma possível e relevante relação, será precedida de informações sugestivas sobre o entrevistado; contudo, na intenção de permitir ao leitor associações e relações que por mim passaram despercebidas, segue uma descrição sucinta dos treze homens que participaram desta pesquisa enquanto entrevistados.

Flávio. 35 anos, branco. É solteiro, possui nível superior completo, trabalha como funcionário público. Com um histórico de frustrações amorosas, crises depressivas, e uma vida sexual que por muito tempo se resumiu a garotas de programa, veio travando contato com materiais de sedução há mais de dez anos, porém de forma descontinuada e assumidamente pouco

comprometida. Conheceu o PUABase.com em 2010, mas uma de suas crises o fez se afastar. Reconhecendo ter problemas com timidez, ansiedade frente às mulheres, e insatisfeito com o que considera um baixo número de relacionamentos para um homem de sua idade, voltou ao PUABase.com em 2014. Considera ter ainda um longo caminho até o artista da sedução.

Luiz. 21 anos, branco. É solteiro, fez ensino técnico e hoje trabalha em sua área de formação. Em 2009 uma viagem o fez questionar a si mesmo, seus valores e real personalidade, e buscou o que chamou de *padrão de sucesso*, o que não envolvia primariamente o sucesso com as mulheres. Esta busca o trouxe até o PUABase.com. Após uma ausência de três anos retornou ao fórum em 2014. Muito reflexivo, sugere uma revisão do conceito de artista da sedução uma vez que o objetivo do artista deve ser mudar de vida e ser uma pessoa melhor, e não apenas aprender a conquistar mulheres - que seria então uma consequência natural. E neste sentido revisto é que considera ter as ferramentas e saber o caminho a seguir, mas que ainda falta muito para ser um artista da sedução.

Thiago. 19 anos, branco. Solteiro, começou um curso universitário mas o largou, atualmente trabalha no negócio de sua família. Em sua adolescência teria sido um garoto *pegajoso e carente* com dificuldades de lidar com rejeição. E foi quando do término doloroso do seu primeiro namoro, em 2010, que no desespero da situação procurou ajuda na internet e encontrou o PUABase.com. O fórum o fez, em suas palavras, agir como um cientista aplicando testes em ratos. Posto que hoje se considera sim um artista da sedução, os testes parecem ter tido resultados positivos.

Paulo. 35 anos, branco. Divorciado, ensino superior. Chegou até o PUABase.com há alguns anos pela ocasião do seu divórcio, um situação que descreveu usando o termo *coração partido*. Contudo, sua relação com o fórum não é marcada pela necessidade de aprender a seduzir mulheres, já que se definiu como um cara sem muitos problemas nesse campo. Também não acredita que ocorram mudanças profundas dentro do fórum, no máximo alguns aprendizados úteis. Assim, não se vê como artista da sedução, apenas como um sujeito curioso em busca de crescimento pessoal e interior.

Bruno. 25 anos, branco. Solteiro, estudante de mestrado. A primeira vez que foi apresentado a um material sobre sedução foi em 2010, mas estava namorando e não deu atenção. Com o fim de namoro em 2013, disse ter ficado decidido a dedicar-se à filosofia da sedução, e assim chegou ao PUABase.com. Anteriormente suas relações afetivas-sexuais com as mulheres aconteciam de forma casual, como que ao sabor do acaso, mas hoje, diz, é capaz de aproveitar melhor as oportunidades que surgem. Se considera como um aspirante a artista da sedução: melhor com as mulheres do que aqueles que nada sabem a respeito, e sempre buscando o desenvolvimento pessoal.

Gustavo. 26 anos, pardo. Solteiro, estudante de mestrado. Se descreveu como uma pessoa

muito tímida desde a infância, e conforme os anos passavam as melhoras foram poucas; quanto às mulheres, disse, simplesmente travava quando tentava conversar com elas. Isto, somado à existência de um sentimento não-recíproco e exagerado por uma garota então idealizada, o fez buscar ajuda na internet, e através de blogs sobre sedução chegou até o PUABase.com em 2013. Considera estar ainda muito longe do artista da sedução pois lhe falta a prática daquilo que teoricamente está aprendendo.

Lougan. 32 anos, branco. Solteiro, nível superior completo, trabalha como funcionário público. Conheceu a comunidade da sedução através da internet, após o término de um namoro de mais de três anos. Em 2009 encontrou o PUABase.com, então se considerando um homem de pouca confiança e tímido. Diz, porém, que aos poucos desenvolveu sua autoestima e ousadia, e em 2011 já gozava de considerável reputação dentro da comunidade. Autor do livro *O Jogo da Sedução*, e também responsável por cursos de sedução, se considera sim um artista da sedução.

Fábio. 25 anos, branco. Noivo, nível superior completo, tem sua própria empresa. Apesar de uma infância tímida e com dificuldade no relacionamento com mulheres, ainda na adolescência, por conta própria, disse ter resolvido este problema. O que o incomodava era o fato de não conseguir as mulheres mais bonitas, e por isso procurou, em 2005, materiais sobre sedução. Conheceu o PUABase.com há muitos anos, porém desanimou com o que chamou de *mentiras e ilusões* cultivadas, e se afastou. Somente agora, em 2014, retorna pois percebeu gente disposta a sinceramente mudar de vida. A comunidade o fez melhorar em todos os aspectos da sua vida, diz, e neste sentido (não apenas no conquistar mulheres) se considera um artista da sedução.

Renan. 20 anos, branco. Solteiro, ensino técnico em andamento, trabalha como auxiliar administrativo. Diz não ter tido uma figura paternal o que o teria deixado mais *inocente sobre as coisas*, e que tinha uma grande dificuldade em lidar com pessoas desconhecidas, mesmo em situações banais como ir ao supermercado. E tudo isto teria ficado pior conforme sua adolescência acontecia. O PUABase.com entrou em sua vida em 2013, apesar de já estar em contato com o mundo da sedução de forma entrecortada e pouco comprometida desde os seus 14 anos. Sugere estar em um processo de amadurecimento em que hoje estaria mais perto do que ontem, mas ainda falta um longo caminho até ser um artista da sedução.

Caio. 23 anos, branco. Solteiro, ensino superior em andamento, exerce uma profissão de nível técnico. Se dizia um rapaz introvertido, de círculo social restrito, que teria tido uma adolescência de *antissocial*, e quando em 2012 sua namorada terminou o relacionamento de três anos, recorreu ao material de sedução. Então realizou uma mudança pessoal marcada inclusive em termos físicos, como resolver o problema com acne e mudar o visual. No PUABase.com desde final de 2013, diz que hoje o artista da sedução faz parte de quase toda a sua vida e é responsável pelas

grandes mudanças positivas pelas quais veio passando, tanto pessoais quanto profissionais. Ainda assim acha uma grande bobagem o rótulo de artista da sedução e diz apenas que é um estilo de vida que lhe faz bem.

Arthur. 22 anos, pardo. Solteiro, ensino superior em andamento, estagiário. Descreve uma adolescência marcada pela dificuldade de conseguir das garotas mais do que amizade. Aos 15 anos, porém, iniciou um namoro que só terminaria, dolorosamente, aos 21 anos. Se viu então um cara *super obeso e derrotado*. Foi quando o PUABase.com, que já conhecia graças a um amigo mas que não acessava e nem levava a sério (achava uma *idiotice* ter de aprender a conquistar mulheres), apareceu como solução. E garante que o fórum o ajudou em todos os aspectos, inclusive nele aprendeu a conquistar mulheres. Contudo, considera o rótulo de artista da sedução limitante se tomado como um objetivo final pois o objetivo deve ser expandir o aprendizado adquirido para todas as áreas da sua vida - e é isso que diz estar fazendo.

Alex. 25 anos, branco. Solteiro, pós-graduação em andamento, estagiário. Em meados de 2010, sofrendo de uma crise depressiva, se apaixonou platonicamente por uma garota que mal conhecia. Incomodado com a situação, em 2011 procurou na internet dicas de como esquecer uma paixão e assim chegou ao PUABase.com. Diz que já nos primeiros meses colocava em prática o que vinha aprendendo na comunidade, e logo se tornou autor de artigos e guias muito apreciados por todos no fórum. Hoje, porém, revê com desconfiança muito do que dizia e fazia pois crê que cada um deve encontrar seu próprio caminho e verdade ao invés de seguir fórmulas prontas. Não acredita no rótulo de artista da sedução pois crê que é algo situacional e variante, e neste sentido é que admite ter situações em que age como tal e outras que não age com tal.

Vinicius. 19 anos, branco. Namorando, graduação em andamento, estagiário. Aos 16 anos, apesar de não ser mais virgem, se considerava *tímido e antissocial*, e portanto se incomodava com sua capacidade de conquistar mulheres. Foi quando pesquisou na internet *como conquistar* e assim descobriu os livros da comunidade e só mais tarde o PUABase.com. Contudo, explica, quando chegou ao fórum já não havia muito a ser aprendido, e tudo o que é hoje é majoritariamente graças *eu e eu mesmo*. Descreveu uma mudança pessoal marcada sobretudo por novas atitudes, como ser *sarcástico, irônico e frio*. Em sua visão, o artista da sedução é um homem que nunca desiste e jamais perde de vista a diversão envolvida em abordar mulheres. E nestes termos se considera sim um artista da sedução.

A seguir, inicio a argumentação central em torno dos três objetivos desta pesquisa, que são o exame do PUABase.com enquanto um espaço virtual de vivências e interações, a compreensão dos valores e práticas que a comunidade sustenta, e problematizar a construção de si que os homens ali dentro realizam.

3 O LUGAR DA SUBJETIVAÇÃO: O ESTAR NA COMUNIDADE

Minha pergunta-chave quer saber o que estes homens da comunidade virtual da sedução buscam, por que buscam nesta comunidade, e o que fazem em termos de subjetivação. Obviamente, pois, desvendar esse lugar/espaco virtual que é o site PUABase.com, um fórum de discussões, torna-se fundamental. Como os homens a vivem? O que dela dizem? O que nela fazem? Quais significados atribuem à interação ali dentro em exercício?

Thiago é um rapaz de 19 anos, um pouco mais de 3 anos de comunidade, e durante a entrevista manifestou um profundo apreço pela comunidade virtual da sedução e disposição em participar dela, a começar pela sua descoberta.

[Descobri ela] Numa fase desesperadora da minha vida haha. Não lembro exatamente o que eu tava pesquisando, sei que de tanto procurar ajuda no bendito Google me deparei com o fórum e quando vi o fórum pensei: - Um grupo de caras que trocam conhecimento sobre pegar mulher? Tenho que fazer parte disso. (Thiago).

A fase desesperadora, explicou adiante, refere-se ao término do seu primeiro namoro. Apesar dessa empolgação inicial, sua trajetória pela comunidade sofreu um pequeno afastamento, mas que não poderia ser sério ou definitivo.

Na minha fase de extrema evolução, fase que começou boa e nunca mais decaiu eu fiquei arrogante e achei que nunca mais ia precisar do fórum mas não é bem assim, ele não saiu de mim e eu não consigo ser ingrato, não faz parte de mim [ser ingrato]. [...] Se eu largar o fórum um dia vai ser porque to trabalhando muito ou porque to fazendo sexo demais. Pra mim é que nem o Facebook, sempre que posso dou uma entrada e leio algo. [...] Acho demais fazer parte de um grupo, não sei se isso é algo primitivo ou algo babaca que eu cultivei em mim mas desde criança eu sou assim, me sinto realizado em algum grupo e se não tiver eu crio algum grupo. (Thiago).

Este rapaz nos fala da importância que a comunidade virtual da sedução tem para estes homens. Seja qual for a mudança que ambicionam através da figura do artista da sedução, isto se dará dentro do fórum, através da sucessiva e frequente participação ali adentro. Passando pelo fascínio da descoberta - *tenho que fazer parte disso* - até essa condição de dependência - *ele não saiu de mim* -, o postulante a artista da sedução precisa participar desse coletivo. O que, para Thiago, inclusive atende a uma particular necessidade do seu sentimento de realização.

Tal importância conferida ao participar da comunidade aparece em vários outros momentos e não só neste caso isolado de entrevista. Particularmente, é significativo que já aos novatos, dentro da *Área dos Novatos*, esta noção seja apresentada, reforçando seu possível caráter estrutural. Em um daqueles tópicos, o autor faz um apelo à troca de experiências entre os usuários pois em "grupo certamente evoluímos mais rápido(esse fórum é um exemplo disso)". Esta evolução em grupo,

explica, seria como diversas espirais nas quais os mais experientes e evoluídos (membros) estão nas pontas. "Eles puxam os demais para cima". Para esclarecer, o autor usa de uma comparação. "Antigamente os grandes pensadores se encontravam em ágoras, praças, cafés, na casa de algum intelectual. Hoje fazemos isso através do Fórum[...]". O autor prossegue reforçando que seria importante a participação também fora do fórum, o que chamou de uma interação *ombro a ombro*, referindo-se à prática de *sargear* junto de outros artistas da sedução - neologismo vindo de *sarge*, que na comunidade se refere às saídas dos homens para locais públicos com a intenção de abordar e seduzir mulheres. Contudo, mesmo trazendo a importância do ombro a ombro, sua poderosa comparação do fórum a antigos locais de socialização permanece e convence o homem, inclusive o novato, da importância de estar ali, da importância de participar daquela evolução grupal em espiral. Sedimenta a impressão de que ser um artista da sedução implica ter a vivência que a comunidade fornece. Porém, como podemos fundamentar esta importância? E voltando ao Thiago e à sua realização ao participar de um grupo, qual a possível razão para obter uma realização pessoal no simples fato de estar em um grupo?

A comunidade, frise-se, é um grupo de homens, ou o que poderíamos chamar genericamente de coletivo masculino. A importância desses coletivos para a masculinidade já foi explorada por alguns autores, e as aproximações possíveis com a comunidade virtual da sedução são evidentes. Assim, Falconnet e Lefaucheur (1977) notaram como as turmas das quais um menino participa, como aquelas do bairro ou da escola, configuram um momento importante para ele pois pode sair do controle potencialmente não-viril de sua mãe e adentrar no mundo masculino. Ou seja, estar naquelas turmas é ir adquirindo as ferramentas para o exercício de uma virilidade.

É necessário aprender a brigar, a conter o choro, exercitar-se nos jogos de rapaz, andar de bicicleta, subir em árvores, participar, enfim, de um mundo de fraternidade viril e rivalidade entre grupos. Aprende-se a desprezar as moças, excluídas desse mundo viril, já que são medrosas, choramingas, cheias de lábia, e invencionices[...]. (FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1977, p. 174)

A exclusão das mulheres, note-se, é fundamental, dizem os autores; desta exclusão é que o *mundo dos homens* e o *mito da fraternidade viril* podem surgir. Elas, as mulheres, são excluídas "ou admitidas apenas nos gracejos, onde desempenham um papel de objetos sexuais ou de megeras." (FALCONNET; LEFAUCHEUR, 1977, p. 180). A visão masculina sobre as mulheres é, certamente, muito significativa neste trabalho, e portanto ainda neste capítulo ela voltará a ser mencionada, mas é no seguinte que veremos mais detalhadamente de que modo a mulher ali dentro é significada.

De modo semelhante, mas inspirado na antropologia para discutir os coletivos masculinos, temos Daniel Welzer-Lang (2001) quando usa a noção de *casa-dos-homens*. O termo faz uma

metáfora aos lugares de socialização masculina que existem em nossas sociedades complexas. O eixo da *casa-dos-homens*, pois, é a ideia de homosociabilidade, que o autor define didaticamente como sendo as relações sociais entre pessoas do mesmo sexo. Isto é, *casa-dos-homens* como local para homens em relações sociais somente com outros homens. Esta *casa* também permite pensar a relação de dominação masculina entre os homens, do que o papel dos homens mais experientes é crucial. "Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. [...] cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador." (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

Em um dos poucos estudos acadêmicos encontrados sobre a comunidade da sedução, Clift (2007) argumenta pela hipótese de que tal comunidade surgiu graças a um clima cultural (norte)americano, e que um dos elementos deste clima cultural seria uma cultura masculina vinda desde o século XIX, onde encontramos a marca dos coletivos masculinos. "De vários modos, a Comunidade da Sedução funciona como uma versão moderna dos clubes de homens do século dezenove." (CLIFT, 2007, p. 16, tradução nossa)⁹. Ela se refere às organizações, como as fraternidades, que conferiam estabilidade social para os homens, sobretudo solteiros. Isto é, coletivos masculinos que dariam também um senso de forte amizade, aprendizado e suporte.

Talvez a exploração mais sistemática, profunda e problematizadora disso que chamo de coletivos masculinos, foi feita por Sedgwick (1985). A autora explora o conceito de homosociabilidade de modo articulado com estruturas maiores de poder, isto é, a relação entre homens (excludente das mulheres) como repercutindo na manutenção dos privilégios masculinos. Essa homosociabilidade masculina pode ser tanto de uma cooperação quanto de uma rivalidade, mas o fundamental é a percepção de que a relação entre homens habitualmente envolve esse terceiro elemento mediador, que é(são) a(s) mulher(es) excluída(s); e, na verdade, a relação entre os homens é tão ou mais importante do que a relação de cada homem com aquela mulher. Prosseguindo com Sedgwick, pensamos então que em um coletivo masculino, como na comunidade virtual da sedução, a mulher (ou a figura de mulher) invocada vai servir como um facilitador da relação masculina, livrando aquela homosociabilidade das suspeitas de homossexualidade - os homens ali estão em íntima e constante relação para aprender a seduzir mulheres, não para outras coisas ou outros ganhos, e se ocorrem outras coisas ou outros ganhos (como a fraternidade, camaradagem, espaço para exposição pessoal), são decorrentes daquele aprendizado(viril) da sedução de mulheres.

A homosociabilidade não escapa de Thiago e sua vivência da comunidade.

⁹ "In many ways, the Seduction Community functions as a modern-day version of nineteenth-century men's club."(CLIFT, 2007, p. 16).

O que me motiva a escrever lá é por puro divertimento. Gosto de responder perguntas, gosto de perguntar, de trocar conhecimento, de contar e ouvir histórias e saber como terminou a história do fulano que ia comer a tal garota. Eu escrevo meus relatos lá no fórum como se eu tivesse na roda dos meus amigos, é aquela velha história: Que graça tem você comer a Xuxa senão contar pros amigos haha.(Thiago).

Um grupo masculino, pois, é definitivamente importante em termos de masculinidade, e conseqüentemente também para a vivência do homem que busca o artista da sedução (esse tipo masculino) e encontra o PUABase.com (esse grande coletivo masculino). É um lugar para contar histórias como se se estivesse em uma roda de amigos, trazendo à tona que a homosociabilidade e a masculinidade heterossexual têm um dos seus pontos de convergência justamente na audiência dos homens frente à atividade sexual dos outros homens (FLOOD, 2008).

Portanto, é mantendo em vista estas noções sobre um coletivo masculino que podemos afinar o olhar e começar a questionar o que esses homens procuram e por que é que procuram na comunidade virtual da sedução. Afinal, existem livros, *e-books*, vídeos e áudios sobre sedução e que fariam, potencialmente, desnecessária a participação na comunidade se a simples questão fosse o aprendizado de supostas técnicas e métodos de sedução. A explicação, sugiro, começa quando percebemos o modo como estes homens trazem à tona o pertencimento ao coletivo e fazem isto apesar da virtualidade envolvida.

3.1 QUANDO O NÓS APARECE

É muito comum a visão de que novas mídias, principalmente novos meios de comunicação, empobrecem a própria comunicação. As mídias digitais são alvo certo desta visão, e parecem invocar um medo que está sempre presente, apenas mudando o foco em direção à tecnologia mais recente (BAYM, 2013). Deste modo, a experiência daqueles homens em um site poderia parecer algo relativamente efêmero, do que a própria ideia de comunidade perderia força - como haver comunidade sem a presença física, questionariam os céticos. Todavia, ao invés de perguntarmos o que é que a mediação (como a das mídias digitais) faz com a comunicação, podemos perguntar também o que é que as pessoas fazem com a comunicação mediada (BAYM, 2013). Este é um modo de valorizar as experiências no *online*, essas experiências que se dão através de alguma tela - seja de computador, *smarthphone* ou outro dispositivo qualquer. Se lembramos que as pessoas também se apropriam da tecnologia (e não são simplesmente colonizadas por ela) podemos perceber como esses homens participantes da comunidade da sedução extraem de uma mídia digital um forte senso de coletivo.

Este senso às vezes pode parecer um tanto afetado, como que descarrilhando em um senso poético exagerado. Mesmo participando verdadeiramente da comunidade há pouco tempo - desde início de 2014 -, Fábio considera que o que motiva um homem a escrever dentro do fórum seria a vontade de compartilhar a felicidade com a comunidade, afinal "a comunidade PUA acaba se tornando uma família, todos torcem para que todos tenham sucesso...". Ou então, noutra das repetidas menções à família, o autor de um tópico depois de ser muito agradecido esclarece, "Só queria compartilhar com vocês (a minha nova família) um pouco das minhas melhores convicções". Mas quando percebemos a naturalidade das situações em que o coletivo aparece ou é invocado, passamos a perceber que a *família* é uma comparação possivelmente sincera por parte daqueles homens, tamanha é a noção de estarem e constituírem um coletivo.

Uma das situações em que o coletivo surge naturalmente é na suposição de que todos ali possuem uma *experiência comum*, e portanto quem lê um tópico saberia do que o autor está falando pois já passara por aquilo, já sentira aquilo, já tivera aquelas dificuldades. Um dos rapazes, tendo participado de uma entrevista para a TV acerca dos artistas da sedução, foi contestado sobre a validade desse tipo de exposição pública da comunidade. Em sua resposta, argumentou pela pertinência de expor sim a comunidade aos outros homens, e fez isto apelando a uma empatia entre todos que já passaram por uma mesma situação.

Antes de conhecer o Pick Up eu era um cara tímido, não tinha confiança em ir falar com as mulheres. Descobrir o Jogo¹⁰ foi a oportunidade para a mudança, um novo desafio na minha vida que eu sabia que ia me ajudar a ser um homem melhor. Quantas vezes, antes de tu conhecer o Pick Up, tu não foi numa festa e viu uma guria que tu realmente queria conhecer e por insegurança ou medo tu só ficou a olhar pra ela e ver um cara mais malandro que tu ir lá e puxar papo? Acredito que, se isso não aconteceu contigo, aconteceu com muitos aqui no fórum e acontece com muita gente todos os dias.

A experiência com as garotas é certamente uma das experiências comuns mais invocadas, seja a inexistência da experiência (como acima) ou seja um tipo de experiência condenável, como a da *paixonite* ou então da *friendzone*. As duas noções serão melhor explicadas no capítulo seguinte, quando terão protagonismo na explicação desse ideal de masculinidade chamado artista da sedução. Por ora, basta notarmos que a primeira se caracterizaria por aquele estado de paixão irracional do homem pela mulher, que mesmo sem receber retribuição ou valorização, persiste apaixonado; e a segunda se refere ao homem que mesmo desejando um envolvimento romântico só obtém da mulher a condição de amigo. Estas vivências comuns transparecem em guias e manuais ensinando

¹⁰ *Jogo*, ou no original em inglês *game*, se refere à interação com a mulher com vistas à sedução. Por exemplo, um bom jogador seria um bom sedutor, ou um bom *game* seria uma sedução bem executada ou sucedida. Neste caso, o rapaz usou o termo referindo-se ao conhecimento de como o jogo (sedução) funciona. Este termos nativo é muito usado e, como veremos, aparecerá diversas vezes neste trabalho.

como superar paixonites ou como evitar uma friendzone, supondo, pois, ser uma experiência comum a muitos dos homens da comunidade.

Mas não só a experiência com garotas compõe uma experiência comum e podemos encontrar também outras marcas. Um rapaz escreveu um tópico pessoal e confessional narrando sua desagradável experiência com jogos de computador (quando se tornam um vício), mas não sem antes apelar para um senso coletivo. "Vou abordar aqui uma situação que muitos podem estar ou já estiveram nessa situação". E após seu relato de envolvimento excessivo com os jogos, e também após sucessivas respostas de outros membros ao tópico (que também confessaram suas experiências negativas com aqueles jogos), o autor retorna e acrescenta à discussão, "Valeu a todos que compartilharam essa má experiência! E só aqueles que realmente sentiram na pele como é perder 3 anos ou mais da sua vida na frente de um computador por horas e horas sabem que essa vida não compensa, é uma grande merda!". Nota-se, outra vez, a suposição de que existem outros ali que também viveram aquela situação, e que acaba legitimando o próprio ato de criar o tópico falando sobre os jogos de computador e seus perigos.

A experiência comum seria ainda tão profunda que toda a trajetória desses homens encontraria eco na trajetória dos outros.

[...] lembre-se isso é para você que cansou de se ferrar em casa, você que quer ser um pua, como eu quero, primeiro tem de se tornar um bad kid. bad kids dizem adeus á AA [ansiedade de aproximação], pois conhecem a EE, o estímulo existencial de quem já fracassou muito, de quem não tá mais nem aí porque já levou todas as formas de tapas que as mulheres podem dar. Antes de ler o artigo que tal dar uma aquecida? Ir la fora e abrir um ou dois sets¹¹ e voltar aqui... Pode ficar puto, eu escrevi puto para vocês, que estão/são putos.

Este trecho foi retirado de um tópico que dava ao leitor algumas dicas de como racionalizar o medo diante da aproximação de uma mulher. Também supõe um grande compartilhamento de experiências que antecedem a participação na comunidade mas falando inclusive sobre o porque de estar nela; é o que vemos no conceito de *estímulo existencial*, que só teria quem não tá mais nem aí pois já levou todas as formas de tapas, e, como vemos, fica subentendido que anteriormente esse alguém sofreu, assim como muitos outros, com a AA, a ansiedade de aproximação, categoria nativa para se referir ao nervosismo do homem diante da mulher que pretende seduzir, mas que o EE ajuda a superar. E, ao final, se reafirma a expectativa do leitor fazer parte do mesmo universo do autor: são ou estão putos como ele, partilham seu estímulo existencial.

Isto a que chamei de *experiências comuns* e que ajudam a perceber a força com que o coletivo é invocado fala sobretudo da identificação expressa ou subentendida entre os membros.

¹¹ O termo *set* é usado para se referir a um grupo de mulheres e sobre o qual o homem efetua sua abordagem.

Porém, às vezes essa identificação interna é tensionada através de *críticas à própria comunidade*. Vale notar, no entanto, que na própria crítica está suposto que existe um coletivo, e é para ele, ou em nome dele, que a crítica é feita - e já poderemos notar como o processo identitário realizado dentro da comunidade não é um pacote fechado, comportando também espaços para subjetivações e individualizações.

Apesar do tópico oferecer dicas de como conseguir conduzir a interação com a mulher para um beijo, o autor começa em tom crítico. Se refere a "outros fóruns brasileiros que estão 'formando' novos puas com conhecimento totalmente inútil. Eles entram em um set, fazem mágicas e parecem macacos adestrados...". As mágicas se referem a uma porção de procedimentos comuns e bem populares dentro da comunidade, que são realmente mágicas, e que um artista da sedução - ou *PUA*, como o rapaz disse - faz para dar início ou prosseguimento à interação com as mulheres. "Ok, isso é até legal, mas quando eles realmente criam tensão sexual e beijam?". Para o autor, seria nunca. E acusa tais homens de serem "imitações de algo que viram em alguns livros", e de fazerem isso "para se destacar numa comunidade cheia de homens". Mesmo que se trate apenas da introdução do tópico, notamos como um coletivo emerge atrás dessa crítica, seja pela menção aos outros fóruns ou ainda pela referência à comunidade cheia de homens; por um lado esse coletivo pode ensinar errado, e por outro pode servir à vaidade de seus membros.

A crítica à comunidade e a seu conteúdo pode atacar inclusive a visão sobre as mulheres ali dentro difundida. Noutro tópico, um dos homens sugere uma visão sobre as mulheres que ambiciona ser diferente da visão típica daquela de dentro do fórum. Por exemplo, o homem pode sim tentar simplesmente conversar com a mulher ao invés de tentar seduzi-la e levá-la ao sexo. Outros homens deram respostas apreciando esta crítica e reforçando quão destoante a proposta é. "[...] gostei de ver pessoas expressando opiniões diferentes do que prega o PUA". Ou ainda, "É muito diferente do que alguns caras aqui que se dizem pegadores pensam que é só tratar mulher na grosseria e pronto". E também, "Misóginos é o que não falta nas comunidades de sedução, afinal estudamos as mulheres e conseqüentemente seus defeitos, e muitos por não verem nelas as figuras ideais se revoltam". Por ora, o que gostaria de destacar é como o *aqui*, a citação das *comunidades de sedução*, ou mesmo a flexão do verbo na terceira pessoa do plural - *estudamos* - reforçam a sensação de um lugar a que se pertence - esse coletivo dos artistas da sedução.

Uma das críticas que periodicamente ocorrem são aquelas que identificam uma real ou potencial decadência da comunidade - o coletivo perdendo sua função ou atrativo. Nas entrevistas muitas foram as menções, por exemplo, aos adolescentes que participam do fórum e de um jeito ou de outro atrapalham toda aquela experiência. Bruno confessa ter diminuído sua participação na comunidade, seja lendo ou escrevendo, pois veio notando "que o nível das dúvidas (e dos artigos)

tem decaído pela maior participação de adolescentes que tem medo de ir a campo para aprender na prática[...]" . Ou ainda Fábio, que não deixa de imprimir certo humor na sua avaliação.

Acho que o fórum deveria ser separado por idade, muitas vezes vejo artigos e textos de adolescentes... Ai fico imaginando um homem adulto que está começando a conhecer o pickup... o cara vai ler e vai achar que aquilo funciona, ou vai pelo menos tentar, afinal ele não conhece nada sobre o assunto ainda (pickup), não sabe que é um adolescente que escreveu, e as chances de um fracasso vir são gigantescas. Acho estranho adolescentes tentando 'ensinar' adultos a serem homens... não me acostumo com essa ideia... rs[risos]. (Fábio).

É como se aquele coletivo, que é percebido e mesmo desejado por estes homens, estivesse em risco. Esta crítica aos adolescente insere, assim, o terceiro e último modo pelo qual mais frequentemente podemos notar a invocação da noção de coletivo: quando se sente uma *ameaça à comunidade*. Isto é, o temor de que a comunidade em seus propósitos e experiências seja afetada - que um homem que queira aprender a ser homem não encontre a resposta apropriada, como sugeriu Fábio.

Uma das ameaças mais frequentemente invocadas é a da popularização. Além de possivelmente trazer mais adolescentes, reincidindo no problema mencionado acima, a popularização poderia até mesmo desvirtuar a comunidade. Em um tópico que se questionava o real sentido de ser um artista da sedução, a discussão seguiu acalorada e com diagnósticos interessantes, como o deste rapaz. "O grande problema disso tudo é a popularização. Caiu em mãos erradas, que desvirtuaram o negócio, perderam o começo, não sabem do que se trata". Ou ainda, quando discutiam sobre os efeitos de um possível filme sobre a comunidade (ainda estaria em fase de planejamento nos estúdios hollywoodianos) o receio pela comunidade foi expresso por diferentes homens. "[...]vai chover de adolescentes, querendo cumer todo mundo, querendo aprender as tecnicas e enchendo o forum de iniciantes punheteiros[...]" . Outro, levando a preocupação a um nível além, "Daremos a eles todas as ferramentas? Ajudaremos a aumentar consideravelmente o número de alfas no mundo, reduzindo assim as nossas próprias chances de sucesso?". E arremata sua reflexão. "Não seria melhor formarmos uma verdadeira sociedade secreta?". O que há por detrás dessas falas é a noção de uma segregação potencial, *nós* (a comunidade, o coletivo) e *eles* (os que descobrirão a comunidade através do filme), do que se cogita uma verdadeira sociedade secreta para preservar o coletivo - e note-se que comparações à Maçonaria não são incomuns, bem como sugestões de impedir o registro de novos membros, a menos que sejam convidados.

Mas a ameaça mais significativa encontrada em campo, e que mostra explicitamente o coletivo que surge quando contrastado por um elemento externo e potencialmente perigoso, foi um

episódio envolvendo uma das incomuns mulheres participantes da comunidade¹². Não foi a única nem a primeira vez que uma mulher participou das discussões junto daqueles homens, mas o episódio que segue demonstra como a participação feminina é tensionada frente ao sentimento de coletivo masculino.

O tópico discutia homens participantes da comunidade que se poriam na condição de artistas da sedução, contudo, sem terem resultados práticos com as mulheres ou mesmo mudanças em si. Todas as respostas seguiam concordando com a existência deste tipo de participante, tido então como condenável. Foi quando uma mulher, que tinha já uma participação mais consistente dentro do fórum, reforçou o diagnóstico dado no tópico. Inclusive, mencionou já ter sido abordada por alguns homens ali da comunidade que, não sabendo que ela também participava da comunidade, relataram no fórum coisas bem diferentes do acontecido durante a abordagem. Apesar de um usuário que participava da discussão ter apreciado a participação da mulher e condenado a prática daqueles homens (os que relataram o que não aconteceu), dois outros usuários ficaram particularmente incomodados. "Que legal, uma mulher descendo a lenha em [um] PUA, dentro do nosso forum... Pq vc não entra no fórum da 'Marie claire' ou da 'ti-ti-ti'¹³[?]". Ao que o outro complementou a seguir, "Gente, na moral, mulher no fórum, nada a ver, elas não sabem o que querem[...]". Seu comentário, explica, seria porque supostamente as mulheres não gostariam dos homens que não sabem seduzir mas também não gostariam que os homens aprendam como seduzi-las. "E ainda da nisso ai, fica sentando a lenha no nosso club do bolinha, me sinto invadido. Eu que o diga, pracabá mesmo!". A discussão teve continuidade na réplica da mulher. "Eu nao entraria aqui se fosse pra fazer isso, vcs deveriam aprender a ler e interpretar textos antes de sair por aí atacandos os outros. Tão querendo se defender do que?!". Um daqueles rapazes incomodados ainda fez outra resposta, contudo seu conteúdo sofreu uma das raras censuras por parte da administração do site, "Usuário advertido por linguagem chula e ofensas pessoais". Menções como *nosso forum*, ou ainda *nosso club do bolinha*, revelam a sensação de coletivo desses homens, e que faz valer o adjetivo de comunidade àquele site. E por outro lado, é necessário perceber que a mulher não disse nada que outros participantes (homens) não haviam dito; a única diferença era por ser uma mulher que apontava uma fissura no artista da sedução: existem aqueles que dizem mais do que fazem. Aparentemente isso causou a sensação de ameaça - *me sinto invadido* - pois possivelmente se espera que ali, naquele coletivo homosocial, uma casa-dos-homens (WELZER-LANG, 2001), a

¹² Foram identificadas algumas mulheres participantes, ou ao menos pessoas que se identificavam enquanto mulheres. Poucas, porém, parecem ter tido uma participação mais efetiva dentro do fórum. No momento da escrita deste trabalho duas mulheres iniciaram uma participação no PUABase.com e que chamou a atenção pela modalidade da participação: pediam ajuda e opinião dos homens acerca do relacionamento delas com outros homens.

¹³ Marie Claire e TiTiTi são duas revistas voltadas ao público feminino, a primeira mais dedicada à moda e beleza, e a segunda à programas de televisão e à vida de pessoas famosas.

mulher esteja excluída ou adentre em determinadas condições (FALCONNET; LEFAUCHER, 1977), que parecem não contemplar a condição de crítica e contestação - e respondendo à pergunta dela, *tão querendo se defender do que*, talvez a defesa fosse contra a própria presença feminina. De modo sugestivo, nota-se como a mulher na comunidade é aquele elemento mediador da homossociabilidade (não-homossexual) entre os homens (SEDGWICK, 1985), o que não implica, contudo, que ela possa ter sua participação (e voz) aceita fácil ou livremente, pois comprometeria a própria homossociabilidade.

O que as *experiências comuns*, as *críticas à própria comunidade* e a *ameaça à comunidade* expressam é quão arraigada é a noção da comunidade enquanto um coletivo. São oportunidades em que o *nós* vem à tona e revela como, não obstante a virtualidade e a experiência através de uma mídia digital, aqueles homens se veem como parte de algo, parte de um grupo.

Mas e por que é que seria importante para aqueles homens estarem nesse coletivo frequentemente invocado? Qual o tipo de experiência o fórum PUABase.com estaria proporcionando a seu usuário? Ou, prosseguindo no diálogo com a pergunta-chave desta pesquisa, o que buscam esses homens e por que buscam justamente ali?

3.2 VIVÊNCIAS MASCULINAS INCOMUNS

Para alguns informantes, participar da comunidade virtual da sedução significou mudar o modo como veem os homens.

[...] na verdade hoje eu vejo o homem com mais fraquezas do que eu via antes. Eu me pressionava para ser o machão, o que não erra, o que não fica triste, obviamente eu não conseguia ser perfeito e isso me deixava mal. Com o PU eu aprendi que os homens não são assim, eles choram, se sentem mal, param de confiar em si mesmos, mas o que diferencia os homens dos meninos é exatamente essa consciência, o fato de saber das suas fraquezas e saber que outros homens também tem essas fraquezas é que nos inspira a mudar o rumo, ser a própria mudança e não manter a vida nesse marasmo de empurrar com a barriga. (Caio).

Não obstante ao final da fala haja uma guinada corretiva via discurso da superação (que, como veremos, é parte do lugar de subjetivação do artista da sedução), é importante notar esse reconhecimento sobre a descoberta dos limites acerca de uma visão sobre o homem. E considerando que Caio chegou à comunidade justamente quando do fim de um relacionamento, e considerando todas aquelas manifestações de ansiedades masculinas vistas anteriormente, a comunidade virtual da sedução envolve certamente um repensar a vivência masculina.

Podemos notar como que desde a infância - dos brinquedos à escola - até a vida adulta - do trabalho aos esportes - é sempre um modelo de macho viril, corajoso, intrépido, resistente,

autônomo, preparado para a intensa competição com os outros machos que vem sendo fabricado naqueles que nasceram com o sexo masculino (FALCONNET; LEFAUCHER, 1977). Apesar de facilmente enquadrado no viés vitimista sobre a masculinidade (OLIVEIRA, 2004), Nolasco é um autor que pela força de suas proposições ajuda a pensar essa socialização masculina que acomete os meninos. Ele identifica um processo geral que afasta os meninos da afetividade e reflexão pessoal, e como alternativa coloca estereótipos sobre o *macho* - que abarcaria o que disse o informante citado a pouco sobre um homem que não erra nem fica triste.

Enfim, uma gama de afirmações vindas em um primeiro momento da família posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades, inseguranças e angústias. (NOLASCO, 1995, p. 42).

Portanto, é preciso notar, tal como Caio manifestou, a quantidade de discussões dentro da comunidade virtual da sedução que mostram um outro tipo de homem: com dúvidas, temores, assumindo fraquezas, buscando uns nos outros uma interação de cooperação e ajuda mútua. Mais ainda, é preciso perceber o que isto significa: o homem passa a ser objeto do discurso, um objeto a ser discutido, o que é uma condição incomum ao masculino e que podemos situar em um encadeamento histórico envolvendo a década de 1970 e as discussões feministas e identitárias de então (MONTEIRO, 2000). Portanto, podemos ainda questionar se não é exatamente esse o tipo de experiência que a comunidade proporciona e que está servindo de atrativo a este membro, ajudando a pensar o que estes homens estão procurando e por que procuram especificamente ali no PUABase.com. Foi o que Flávio sugeriu quando encerrávamos a entrevista e ele fazia algumas considerações sobre a importância de uma pesquisa sobre o fórum.

Homens no geral não buscam esse tipo de ajuda, simplesmente porque existe aquela pressão social implícita de sermos homens – fortes, independentes e sem fraquezas! (É que nem a saúde sexual – o homem precisa “descer do salto”, reconhecer que precisa de ajuda médica, e [não] nunca expor essa “vergonha” a ninguém.). (Flávio).

É preciso notar que esta fala veio de um homem de 35 anos, que somado ao fato de ter sido dada ao final da pesquisa, quando estava livre para falar o que bem entendesse, pode indicar um certo desabafo. Flávio, um homem que descreveu um passado de muita timidez, hábitos nerds, e muitas paixões que se frustravam nas limitações da amizade (todos elementos que, como veremos, são problemáticos dentro da comunidade), parece aqui expressar uma tensão sentida em sua masculinidade, aquela pressão social implícita sobre ser forte e não demonstrar fraqueza alguma, e que no fórum finalmente encontra apaziguamento - poder confessar aquele seu passado tímido, nerd e sem mulheres.

A palavra *ajuda* que Flávio usou, mesmo apenas uma palavra, vai sedimentando toda uma dinâmica um tanto subversiva em termos daquela socialização masculina estereotipada. Lougan, que é instrutor e autor publicado sobre sedução, e portanto encara o mundo da sedução também pelo lado profissional, nem por isso deixa de definir (ou justamente por isso define) a importância do fórum pela sua "especialidade sobre o tema", a sedução de mulheres, e assim, "indubitavelmente, ajudará muitos homens com sérias dificuldades com o sexo oposto a superar seus medos e alcançar o sucesso com as mulheres". Nota-se, pois, um homem que assume ter dificuldades e precisar de ajuda para superar seus medos, também admitidos. E a própria ajuda acaba servindo de motivação e mesmo valor de troca entre os participantes da comunidade. "A motivação maior [para escrever no fórum] penso que é ajudar os outros, da mesma forma que um dia eu fui ajudado, da mesma forma que todos um dia foram ajudados."(Renan).

O fórum como um lugar de ajuda também dá permissão para fazer do fórum um lugar para o homem explorar sua própria subjetividade, mesmo que guiado pelas palavras dos outros usuários. Nota-se, mesmo, uma proximidade com o discurso de autoajuda. Assim podemos encontrar interpelações como: "E você, se orgulha ou quer se orgulhar de quem você foi e quem você se tornou? Isso depende de apenas uma pessoa, você". Ou ainda, avisos como o que se segue. "Só prossiga com a leitura se você quer crescer como pessoa, mental e espiritualmente. Se quiser apenas pegar mulheres desconhecidas na rua, volte para outra seção de fórum e vá procurar alguns enlatados". Esse apelo ao homem que reflete sobre si chega a um nível tal que a própria função primária da comunidade - *pegar mulheres* - é desmerecida quando em comparação, e a menção aos enlatados reforça a crítica - enlatados é o termo pejorativo para as técnicas de sedução decoradas, como frases ou procedimentos planejados do início ao fim, e que se contrapõe a noção do sedutor natural, algo que será melhor desenvolvido no capítulo seguinte. Alguns tópicos vão insistir na busca por uma certa interioridade, do que livros budistas e técnicas de meditação serão sugeridos e trocados. Em um tópico exemplar, o autor tratava da sensação de vazio que atingiria o homem quando se deixa levar pelos métodos e pelas técnicas a tal ponto de perder sua naturalidade.

Você sabe do que é capaz? Precisa de um elogio e uma afirmação de alguém pra se sentir bem consigo? Sabes quais são teus pontos fortes? Conseguiu vencer tua mente quando aquela voz que 'conversa' com você o dia inteiro e não te deixa dormir? Conseguiu fazer com que ela se cale? Se já fez e sabe tudo isso que citei esse post não é pra ti... parabéns, vc é um cara espiritualizado. Se não, é pra você em especial. [...] Entre em contato com outros planos e seja feliz sem precisar aprender nada para que isso seja possível. Se é feliz... sendo!

Este tipo de texto veiculado dentro do site PUABase.com faz eco na tendência identificada por Illouz (2012) acerca de nossa época, que seja, nossos problemas pessoais (como os de caráter

afetivo) são vistos como culpa nossa, causados por algum tipo de problema ou falha pessoal. Para a autora, isso explicaria a existência da escrita de autoajuda e sua promessa de ensinar como trazer à consciência aquilo que nós mesmos fazemos e causa nossa própria insatisfação. Já Giddens (2002), quando reflete sobre a identidade na modernidade, nota como os livros de autoajuda revelam muito de nossa sociedade atual; eles tentam responder às perguntas existenciais que nos afligem, mas trazendo à tona que é o indivíduo quem deve empreender a (re)construção de sua própria vida. Assim, a comunidade da sedução se encaixa neste exercício reflexivo e possibilita ao homem explorar a sua subjetividade, assimilando cada vez mais a mensagem de que somente ele pode realizar as mudanças que anseia - no caso, se aproximar da imagem do artista da sedução.

Mas o fórum também configura um lugar para exposições pessoais, resultando outra vez mais em interações e dinâmicas que subvertem aquela socialização masculina do *homem não chora*. Perguntado sobre a infinidade de textos pessoais e íntimos trocados dentro da comunidade, novamente a visão de Flávio é categórica. "O tema do site por si só já é íntimo, e mexe com as experiências de frustrações de qualquer homem... talvez por isso todo mundo se sinta à vontade para relatar um desabafo inicial, ou posteriormente, quando já tiverem sucesso nesse estilo de vida". Para a mesma pergunta Alex, que durante a entrevista deu sinais de não usar o fórum como escape subjetivo, e seus tópicos realmente evitam essa dinâmica, ainda assim reproduz o elemento da experiência pessoal. "Isso tem haver com a necessidade do ser humano desabafar. [...]. O fórum trabalha como uma válvula de escape pra esses problemas, como um amigo invisível dessas pessoas". Logo veremos que este discurso da exposição pessoal encontra algumas fissuras, por ora, porém, notemos que tais falas tornam compreensível a quantidade de relatos pessoais mesmo que não sejam do tipo que vangloriam ou elevam o homem em direção ao ideal do artista da sedução. Assim há rapazes que se sentem à vontade para falar de quando foram traídos pelas namoradas, de sobre como perderam sua virgindade com garotas de programa, sobre a culpa que sentem pela masturbação¹⁴, ou ainda revelar problemas mais pontuais, como a dificuldade em superar um histórico de gagueira ou de timidez com relação às mulheres.

Muito comuns são as falas de sofrimento após o término de um relacionamento, que acabam por compor textos onde aqueles homens, inclusive aqueles que a própria comunidade vê com respeito e admiração pelas suas habilidades com as mulheres, podem confessar a angústia diante de uma dor amorosa. Assim é que um dos homens cria um tópico só para relatar a história de seu namoro e como este chegou ao fim, e então mostrar-se profundamente arrependido por ter cometido

¹⁴ A masturbação é um problema para muitos desses homens na medida em que, diz-se, masturbar-se gera um tipo de conforto que impediria o homem de sentir uma verdadeira motivação para superar seus medos e se tornar um bom sedutor. Raciocínio semelhante explica a desconfiança que têm quanto às garotas de programa: é um sexo fácil, pago, que não depende do homem, ou de suas habilidades. Tanto masturbação quanto garotas de programas frequentemente são associadas à dita zona de conforto, expressão nativa a ser explicada no capítulo seguinte.

erros que atrapalharam o relacionamento que tanto prezava. O sofrimento, sugere, é profundo. "Esta última noite, foi uma das piores noites que já passei: chuva, lágrimas, arrependimento, dor". Esse tipo de tópico acaba sempre despertando como reação uma confissão-resposta por parte dos outros usuários, como que apressados em mostrar que sabem da dor e sofrimento que o autor do tópico manifestou. Em um tópico discutindo as paixonites, por exemplo, foi a ocasião apropriada para vários trazerem suas próprias paixonites à tona. "Essa que estou ficando agora, estamos a 2 meses vive fazendo joguinhos emocionais e ela ainda tem amizade com o ex mas não duvido nada deles voltarem, na frente dela finjo não me importar, mas quando estou longe sofro já até chorei por ela".

Esse coletivo masculino se mostra, então, um lugar de ajuda, de licença à subjetividade, e também para exposições pessoais. Isto tudo parece resumido noutra tipo de dinâmica comum dentro da comunidade, que é a troca de conselhos e dicas. Como visto, a exposição pessoal geralmente recebe a resposta de outros usuários também se expõem. Não raro, a resposta oferece prédicas de como lidar com a situação que incomoda o outro homem. Ou o que é ainda mais comum, um tópico é escrito partindo da experiência do seu autor, que então, na condição de já experiente, pode aconselhar seu leitor - este elemento será de crucial importância no capítulo final, quando se discute as interações sob a ótica de performances em andamento. É um tipo de interação tão comum e valorizada que os entrevistados demonstram uma verdadeira satisfação em poder ser aquele que aconselha alguém. Bruno diz que nunca se incomodou por se expor na comunidade (como quando fez um guia de como lidar com ex-namoradas) pois "falar sobre o que passei para ensinar aos outros na comunidade para mim é uma sensação de dever cumprido". E que, certamente, conta com a satisfação pelo lado de quem é ajudado.

Recentemente não me contive e tive que pedir a opinião da galera lá, foi sobre uma recente ex namorada e ela terminou comigo por facebook, fiquei muito afetado mas logo isso passou, graças ao fórum também, os caras todos comentaram lá e deram uma baita força, conselhos, críticas, me ajudaram. (Thiago).

Naturalmente, alguns membros da comunidade acabam adquirindo maior legitimidade para oferecer conselhos, vestindo mesmo a imagem daquele velho iniciador da casa-dos-homens (WELZER-LANG, 2001). Assim é que um usuário reconhecido por todos, inclusive sendo hoje instrutor de cursos de sedução, pode criar um tópico listando quais teriam sido seus grandes aprendizados, como por exemplo "Jamais, jamais cultive pensamentos tais como 'A vida é assim mesmo e as coisas não podem ser como a gente quer', pois isso o condiciona a deixar de lutar pelos seus sonhos" - que é, notemos, uma expressão muito sugestiva de como pairam na comunidade ideais sobre o poder ativo do sujeito. Ou ainda outro usuário, também instrutor, que criou uma série de tópicos em que respondia a dúvidas pontuais de seus leitores; por exemplo, como fazer uma

mulher esquecer o ex-namorado.

Mas a mais significativa observação sobre este aspecto veio de uma série de tópicos escrita por um usuário do PUABase.com que se identifica como um homem já maduro, bem posicionado profissionalmente, com mais de 40 anos. Seus tópicos são bem escritos e reflexivos, sempre partindo de questões urgentes para a comunidade, tais como a figura do macho alfa ou então a (auto) confiança. As respostas a seus tópicos consistentemente frisam como ele é um homem que pode sim dar conselhos e prestar ajuda; mas algumas respostas vão além.

[...] você é a pessoa com quem mais me identifico nesse fórum e talvez até fora dele. [...] Se eu pudesse escolher um mentor, o escolheria para. Fico feliz por fazer parte de uma comunidade a qual você também faz parte, a comunidade ganha muito com sua participação, em toda sua experiência, inteligência e sabedoria.

Outro rapaz chega mesmo a uma comparação que exigiu começar com um pedido de desculpas. "E, desculpe se você se ofender, mas senti como se você fosse meu pai me dando uma boa lição que é necessária. Que não deu tempo dele me dar por completo". Assim como nas *Apresentações* há quem reclame da ausência do pai ou de figura masculina equivalente, aquela figura que introduziria conhecimentos e saberes sobre a vida e sobre as mulheres, aqui há a contraparte: há quem encontre a figura até então ausente.

Notamos que o fórum ganha importância ao surgir como esse espaço para uma vivência masculina possivelmente incomum na vida desses homens. Um lugar para buscar e dar ajuda, para expor seus sentimentos, para contar seus dramas pessoais, para encontrar noutros homens um conselheiro. Neste sentido, a dinâmica dentro da comunidade da sedução se aproxima daquela que Facioli (2013) observou quando estudou o site *Bolsa de Mulher*, com a diferença de que aqui é um site voltando totalmente ao público masculino.

Dessa forma, a dinâmica do site, principalmente nos fóruns, embora esteja atravessada por uma série de fatores que envolvem diferentes motivações de acesso por parte de usuárias e usuários, pode ser chamada de dinâmica de ajuda-mútua, uma vez que não se trata de um indivíduo solitário que recorre a um profissional ou a um livro, tendo em vista a resolução de algum problema enfrentado. Trata-se de um processo de interação, que tem como pano de fundo uma troca de experiência, criadora, muitas vezes, de laços de amizade, atravessada pela exposição de questões da esfera da intimidade, da família e dos relacionamentos amorosos. (FACIOLI, 2013, p. 29).

Dizendo a mesma coisa, mas de modo nativo, temos Arthur.

Eu vejo o PUA Base como uma espécie de AA (Alcoólicos Anônimos) da sedução sabe. É como se todo mundo estivesse em um círculo, com pessoas mais experientes e menos experientes, uma viciada em sexo e outra que nunca beijou na vida, com mais ou menos preconceitos.. Não importa, tá todo mundo no mesmo barco e o objetivo é melhorar o modo como levam a vida. Acho que é isso que motiva as pessoas a dividirem suas experiências da

maneira como o fazem.. (Arthur).

Esta análise, vinda de um rapaz que chegou até a comunidade pelo caminho comum do término de um relacionamento, e que diz ter passado por mudanças incríveis - particularmente o fato de ter perdido mais de vinte quilos -, mais do que uma análise do que os outros fazem e experimentam ali dentro, é uma análise que certamente reflete o que ele fez e experimentou dentro da comunidade virtual da sedução.

Isto também tensiona a própria visão comum que temos sobre a relação das pessoas através das mídias digitais. "Este novo tipo de comunicação satisfará as nossas necessidades de ligação aos outros e de participação social, ou, pelo contrário, virá minar ainda mais uma teia de relações já fragilizada?" (TURKLE, 1997, p. 262). O que estes homens estão sugerindo é algo diferente de uma precarização das relações, talvez até o contrário disso. Baym (2013) se contrapõe a visão redutora de que as comunicações mediadas, como as que acontecem nas mídias digitais, sejam versões diminuídas ou incompletas das comunicações face a face, particularmente em termos de envolvimento dos seus participantes.

Eu seria a primeira a insistir que nada pode substituir um abraço caloroso. Mas mesmo se aceitarmos que a comunicação face a face oferece um tipo de conexão social que simplesmente não pode ser alcançada através da mediação, isso não significa que comunicação mediada, mesmo nas mídias magras [com poucos recursos], é emocionalmente ou socialmente empobrecida[...] (BAYM, 2013, p. 57).¹⁵

Deste modo, podemos compreender que a comunidade virtual da sedução torna-se importante na medida em que favorece uma vivência masculina incomum às realidades de seus participantes, e nisto se inclui um tipo particular de relacionamento com outros homens: mais aberto, expositivo de si, e permissivo à troca de saberes e experiências. Desta vivência e destes relacionamentos é que o artista da sedução aparentemente poderá surgir, desta vivência uma subjetivação terá andamento. É no fórum que o artista da sedução aprende, afinal, como ser um artista da sedução.

3.3 A ESCOLA DO ARTISTA DA SEDUÇÃO

Existe uma categoria de tópicos que são os *anúncios*. Estes tópicos permanecem fixos no topo da tela mesmo não sendo o tópico mais recente. Funciona, portanto, como uma distinção já que um tópico-anúncio é elevado a tal condição somente pela administração. A intenção é justamente

¹⁵ "I would be the first to insist that nothing can replace a warm hug. But even if we accept that face to face communication provides a kind of social connection that simply cannot be attained with mediation, it does not follow that mediated communication, even in lean media, is emotionally or socially impoverished[...]".(BAYM, 2013, p. 57).

fazer o tópico mais visível, e isto deixa implícito a sua relevância para a comunidade. Assim, significativamente, temos em um desses tópicos a seguinte colocação.

[...] A resposta construtiva que cada um contribui, quando somadas se torna uma corrente de pensamento complexa. E de fato ajuda a pessoa em questão[aquela que fez a pergunta]. Lembre-se: Quando betas, certa vez vocês descobriram esse mundo alfa e se não fosse por todo esse conteúdo absorvido, continuariam fazendo as mesmas betices e atingindo os mesmos resultados. Então eu penso assim: Uma vez ajudado, tente multiplicar o máximo sua ajuda com os outros. É bom ter a sensação que você foi útil a alguém. É isso alfas, ajudando a gente cresce junto.

As duas noções centrais desta fala são a de *beta* e seu oposto, *alfa*. De modo sucinto, um beta é um homem de fracasso com as mulheres e o alfa de sucesso. Estas noções serão melhor explicadas no capítulo seguinte mas, até lá, as associações de beta e fracasso oposta a de alfa e sucesso já bastam. O importante aqui é notar que este tópico sintetiza o quão importante a comunidade virtual da sedução é para aqueles homens e em um sentido prático, quase funcional: é o local onde as discussões todas, somadas, geram uma corrente de pensamento complexa, o que sugere levar esse homem a atingir resultados. Deste modo, o coletivo masculino se revela como um lugar para aprender, para descobrir esse mundo alfa, para absorver esse conteúdo. O site PUABase.com aparece, pois, como um local de aprendizado, e também por isso é importante para este homem nele participar.

Apesar de um tom ensaístico, às vezes flertando com certa utopia e outras vezes entusiasticamente profético, Levy (2011b) e suas considerações sobre a inteligência coletiva lançam alguma compreensão sobre a comunidade virtual da sedução enquanto uma escola - e enquanto aquela corrente de pensamento complexa, que sugeriu o achado etnográfico. Escrevendo em 1994, julgava que a revolução digital em andamento trazia à tona aspectos civilizatórios cruciais, o que implicava repensar economia, política, e o próprio *ser* humano. Um dos conceitos que usa é o de *espaço do saber*, se referindo a uma nova dinâmica em nossos saberes: mais rápidos, mais coletivos, com mais (e inéditas) ferramentas à sua disposição. O que interessa frisar, contudo, é que para o autor não existe mais um saber focal - como o saber de um especialista - pois os saberes agora são coletivos e todos nós somos convocados (e temos a possibilidade para tanto) a constituí-lo. Para Levy, estamos diante de um novo humanismo; isto é, para mim, o outro passa a ser enigma e alteridade: o ato para si dele (o que ele sabe) é para mim o ato em potência (o que posso aprender). "Por intermédio dos mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos, pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um *cérebro cooperativo*." (LEVY, 2011b, p. 98, grifos meus). Além dessa matriz cooperativa, há também outro detalhe importante sobre essa inteligência: ela nunca cessa. Mesmo quando nós dormimos, o mundo virtual

(local por excelência daquele *espaço do saber*) e nossa parte nele continuam em funcionamento. Há o que chama então de *continuidade intelectual*, onde podemos debater, negociar, unir pensamentos. Seria muita pretensão dizer que a comunidade virtual da sedução é a expressão de tão abrangente diagnóstico sobre nossa contemporaneidade; contudo, veremos a seguir, a pesquisa sugere ser revelador pensar a comunidade como sendo, ao menos, uma possibilitadora desse diagnóstico.

Perguntado sobre a importância de participar do fórum, o entrevistado o sugeriu ser como uma escola. "É lá que o conhecimento é lapidado e formalizado. Acredito que o puabase é uma escola."(Bruno). E por vê-lo como uma escola é que Bruno também pode dizer que uma de suas atividades na internet são os "estudos no puabase". Se esta comparação pode soar estranha, conta, porém, com forte apoio na observação etnográfica, em particular quando notamos as discussões acerca dos métodos e técnicas de sedução veiculados por livros/*e-books* específicos de autores já conhecidos, ou ainda, naqueles que fazem lista dos livros/*e-books* que devem ser lidos pelos recém-chegados.

Em um destes tópicos que listam livros, seu autor identifica a existência de muito conteúdo sobre sedução, cujo o excesso pode confundir. E assumindo não haver um caminho certo e único, compartilha "uma sugestão pessoal de sequencia de estudos, já ciente de que nem todos irão concordar com a minha visão". Segue-se então uma lista com mais de 10 livros, cada um explicado sumariamente sobre o motivo de sua importância. A relação de aprendizado com o fórum continua se explicitando quando, nas respostas a este tópico - das quais a maioria elogiou e mesmo se comprometeu a seguir tal sequência - aconteceu um tira-dúvidas. Um dos rapazes, realizando a leitura de Nessahan Alita, que foi sugerido naquela lista e é um autor conhecido pela sua fala incisiva contra as mulheres, trouxe uma inquietação. "to na pag 33 e to com medo de continuar lendo isso, não quero odiar as mulheres! [escrita representando risadas] podem me contar q tipo de experiência adquiriram lendo esse livro?". Ao que vieram lhe esclarecer a interpretação e o uso daquela leitura. "[...] as ideias contidas nesse livro são para serem refletidas e não para serem aceitas como dogmas". E algumas habilidades aparentemente viriam da leitura. "Você saberá reconhecer e lidar com os joguinhos e testes emocionais que as danadinhas nos impõem de quando em quando". Notamos com isto que o fórum como local de aprendizado aparece de maneira propositiva - uma lista de livros - mas também interativa - alguém para tirar as dúvidas - e assim haverá um conhecimento teórico - ideias para serem refletidas - e um conhecimento prático - reconhecer e lidar com os joguinhos e testes emocionais.

Este tópico é ainda ilustrativo do modo como aquele coletivo se reveste de ares pedagógicos quando aconteceu de um dos usuários contestar aquela lista. E como veremos, a contestação segue a fórmula de uma argumentação acadêmica sobre como montar uma ementa de disciplina e por que

usar este ou aquele autor. "Os ensinamentos de cada ebook se contradizem um com o outro, isso gera confusão e quem quer aprender muito, acaba não aprendendo nada! Eu fiz isso de ler tudo e só fez piorar". O que esse membro problematiza é o excesso e a discordância entre os livros sugeridos. Assim, o que ele recomenda, mesmo, são os livros do Nessahan Alita. "É muito bom porque 95% de quem começa [na comunidade] tem uma visão completamente errada do sexo feminino". Ele se refere ao "bajular, ser atencioso, fazer tudo que ela quer, colocá-la no pedestal", ao que Nessahan Alita será o "tapa bem forte na cara" exibindo "a realidade nua e crua". A seguir problematiza *O Método Mystery* (2007), um outro livro recomendado; seria já tão ultrapassado que nem mesmo o idealizador daquele método o ensina mais daquele jeito, "pois você se transforma em robô que segue um script e quanto não tem [o script] você já era". Já o livro de David X, outro autor que foi recomendado, seria interessante pois mostra como "falar o que pensa sem se importar com o que elas vão pensar. Você vira homem de verdade [...] você dita as regras". E, ao final, provocativamente, pergunta. "Você acaba achando que quanto mais ler, mais conhecimento vai ter. Agora me fale de que vale conhecimento se você continua sendo um bichinha que não sai de casa e fica se masturbando com leituras que só te atrasam?". Esta provocação final, bem como o *bichinha*, remetem à questão dos antípodas e a uma oposição importante para a comunidade entre *teoria e prática* da sedução (e que os enlatados anteriormente mencionados também fazem parte), mas ambos serão discutidos somente no capítulo seguinte. Vale reter, porém, o conteúdo de aprendizado dessas falas: existem livros, existem conhecimentos em cada um deles, e é preciso saber o que deles extrair. E o fórum, esse coletivo, está lá também para isso - mesmo que não haja um só caminho, e os homens ali se engajem de diferentes modos, o coletivo está lá para ajudar nesse percurso.

O aprendizado, evidentemente, depende dos outros. Diferente da solitária leitura de um livro, estar no fórum é contar com essa troca interativa com outros homens, e isto deve ser intencionalmente visado. Como diz aquela citação que inicia esta seção, é da resposta e da ajuda de cada um que o fórum se torna uma fonte de conteúdo para seu utilizador. Assim, para Luiz, desde 2009 em contato com a comunidade, é importante existir um lugar para o homem em dificuldades com as mulheres trocar experiências, buscar conteúdos e referências. "O Fórum é por definição um local que agrega tudo isso e onde se pode encontrar as pessoas com objetivos em comum, sendo atualmente a melhor ferramenta". Esta menção às pessoas com objetivos em comum remete a suposição de que a interação com os outros usuários do fórum é crucial, mas remete também a Rheingold, francamente fascinado com a capacidade das comunidades virtuais reunirem pessoas com interesses comuns.

[...] não podemos pegar simplesmente no telefone e pedir para ligar a alguém interessado em

falar sobre arte islâmica ou vinhos da Califórnia, ou alguém com uma filha de 3 anos ou um carro de 40; podemos, todavia, participar numa conferência por computador sobre quaisquer desses tópicos e depois iniciar uma troca de correspondência pública ou privada com participantes até então desconhecidos. As hipóteses de fazer amigos são aumentadas várias ordens de grandeza relativamente aos antigos métodos de encontrar um grupo de referência. (RHEINGOLD, 1996, p. 44).

De certo modo, Rheingold fala sobre aquela corrente de pensamento complexa, e da possibilidade das pessoas assumirem uma relação de intencional aprendizado com um site da internet, o que subentende um relacionamento com as outras pessoas que utilizam aquele site.

Nestes termos, passa a ser fundamental que os tópicos escritos recebam *feeds*. Este termo, apesar de ter formalmente um significado diferente, dentro do PUABase.com aparece como uma categoria nativa para as respostas dadas dentro de um tópico. Assim, quando o autor posta um tópico, os comentários a tal tópico serão feeds. E há uma grande expectativa por toda a comunidade e em todos os usuários que os tópicos (principalmente os de autoria própria) recebam feeds. É comum que um texto ali dentro termine com uma convocação do leitor a deixar/escrever um feed, ou em alguns casos se condena os usuários que apenas leem mas nunca respondem - isto é, nunca deixam seu feed. Em algumas circunstâncias também se contesta a própria qualidade deste feed, pois dizer *muito bom*, ou então *parabéns pelo tópico* não é julgado um feed satisfatório. Em um dos tópicos, por exemplo, o autor se propunha a fazer uma série de tópicos sobre um mesmo assunto, e as respostas dos outros usuários se contentaram somente em cobrar pelo próximo tópico da série sem comentar o conteúdo propriamente dito. Um dos usuários ficou incomodado com aquilo e julgou que esse "tipo de comportamento sanguessuga não é legal e tem que acabar[...]". Ao que o autor do tópico, também incomodado, faz questão de frisar, "Assino em baixo". A categoria *sanguessuga* se refere justamente ao usuário do PUABase.com que não tem uma participação contributiva, seja porque fica em silêncio (nada escreve) ou porque não escreve nada de significativo. Uma cobrança e condenação que ganha sentido diante do fórum como um local que é de aprendizado, então visto como dependente da colaboração coletiva. Outra vez mais, aquele diagnóstico entusiasmado de Levy (2011b) faz algum sentido: existe um tipo de saber que só surge quando da cooperação de um coletivo disposto a descentralizar e desfixar as informações, um coletivo formado por indivíduos dispostos a uma alteridade contributiva.

A importância dos *feeds* é tamanha que alguns usuários dizem inclusive não participar tanto da comunidade pois notam que os outros homens não dão respostas. É o que vemos em Thiago, aquele rapaz que demonstrou um entusiasmo ímpar em participar de grupos, entusiasmo então refreado quando de um feed que não acontece.

Eu com certeza relataria o dobro se todos os meus relatos [de seduções] tivessem participação, não precisa nem ser um agradecimento mas somente um feed, uma opinião bem colocada daria uma baita motivação. Me irrita profundamente quando coloco algo e tem 100 visualizações e ninguém diz nada. Sempre que vejo um tópico assim eu faço questão de ir lá e feedar algo pra não deixar o cara alone porque sei como é ruim isso. (Thiago).

Isto é, sendo possível conferir quantas vezes o tópico foi visualizado frustra perceber que não há uma correspondência em feeds. A valorização do feed gera também uma outra dinâmica, que é quando o autor se sente honrado e agradecido por ter recebido tantas respostas. "Sinto-me feliz por ter contribuindo e honrado pelos feeds, espero continuar a compartilhar um pouco do que a vida me ensinou, pois tenho aprendido muito sobre o jogo com vocês". Ou ainda, "Quero agradecer a todos os que deram feeds e dizer que continuo torcendo para que este artigo possa cada vez mais ajudar várias e várias outras pessoas que passam, passaram ou podem passar por este tipo de situação". Nestas duas falas, que são apenas exemplos de muitas outras, ocorre a associação entre feed, compartilhamento, e ajuda, ressaltando uma vez mais que o fórum é um local de aprendizado, mas que depende de um coletivo em interação - e por isso os sanguessugas, leitores silenciosos, não são bem vistos.

Este aprendizado coletivo ocorre de maneira sutil em praticamente todo tópico dentro do PUABase.com. Sua fórmula genérica é de um usuário reconhecer que o diagnóstico dado no tópico - como uma falha no modo com se tenta seduzir uma mulher - lhe é pertinente, mas que agora, tendo lido o tópico, percebeu e, ou, encontrou a solução. Assim é que um tópico ensinando como sair da friendzone recebeu uma série de respostas dentro desta fórmula. "[...] gostaria de dizer que ele [tópico] foi muito importante, acho que não só pra mim, mas tenho certeza que pra muitos aqui". Ou ainda, "Bom, considero este tópico sobre 'Friend Zone' de suma importância pra mim. Eu sou daquele tipo de cara que tem muitas amigas, mas não as pega". Em alguns casos, é possível perceber uma sensação de que a leitura do tópico proporcionou um *insight* ao homem. Deste modo, um tópico ensinando como usar dos telefonemas de forma apropriada para a sedução de mulheres fez surgir respostas como "Agora nesse teu relato percebi, que eu cometi vários erros, em ligações com Hbs" e também "Agora vou gastar menos tempo me perguntando por que ela não saiu comigo depois do meu ótimo game". Noutros casos, o aprendizado obtido em um tópico é supostamente colocado em prática e então relatado logo em seguida. "Testei as dicas esse início de semana, uma coisa ou outra achei meio impraticáveis aqui no Brasil, mas a grande maioria deu certo, e muito. Consegui virar a mesa em um jogo e marcar Day 2, com certeza de FC". Um *day 2*, explico, é o encontro com uma mulher marcado após ter sido feita a abordagem inicial, enquanto que um *FC* é uma abreviação que às vezes é desvendada como *full close* outras vezes como *fuck close*, mas em ambos os casos significando a interação que culmine em sexo - assim, conseguir um FC é conseguir

ter sexo com a mulher.

Observa-se pois que a comunidade virtual da sedução, enquanto coletivo masculino, oferece também um espaço para um certo aprendizado sobre sedução de mulheres. Por mais que a essa altura do trabalho isso pareça óbvio, é importante não perder de vista essa função da comunidade; ensinar supostos métodos para seduzir mulheres pode ser a escapatória da contaminação desse coletivo/espaço enquanto um coletivo/espaço perigosamente homosocial, ou seja, assombrado pela homossexualidade (SEDGWICK, 1985). É com este olhar que sugiro perceber os vários guias e manuais veiculados ali dentro, bem como na troca intensa de materiais como livros, vídeos e áudios relativos ao universo do artista da sedução. E, claro, este aprendizado, como o feeds e sua importância sugerem, é coletivo. É preciso participar, ler, responder, reforçando assim a importância de que o homem que deseja aprender aqueles métodos e técnicas de sedução seja um homem participante do site PUABase.com. É naquela troca de saberes que este homem olhará para si e dirá que entendeu o que fazia errado, ou percebeu como fazer certo. É neste aprendizado coletivo, afinal, que ele irá adquirir o conhecimento de um artista da sedução.

Até agora notamos que estes homens tem um forte senso de coletivo. Que este coletivo parece estar oferecendo a eles uma vivência masculina um tanto inédita já que aberta à cooperação, exposição pessoal, e à troca de experiências. E que este ambiente acaba propiciando um aprendizado coletivo, e que é na interação que o conhecimento é sedimentado em cada um dos homens participantes. E isto tudo nos fala sobre o que esses homens estão procurando e por que é que procuram ali, nessa comunidade virtual. Entretanto, dentro de todos estes elementos há como que uma rachadura, uma fissura que faz surgir alguns opostos, e que não pode ser ignorada.

3.4 NEGOCIANDO EXPOSIÇÕES E RELAÇÕES

Durante a realização desta pesquisa uma das reflexões surgidas e sobre a qual recebi algumas provocações era quanto ao caráter desse espaço virtual que é o site PUABase.com. Mais especificamente, me questionavam se ali seria um espaço lúdico, e portanto de sociabilidade prazerosa e permissiva entre aqueles homens, ou mais perto de uma normatividade, em que pesaria uma norma a ser alcançada e portanto certa sociabilidade tensa entre seus ocupantes. Prosseguindo na realização da pesquisa, e continuando a receber provocações, as reflexões, contudo, perceberam que não é uma questão de pensar *ou isso ou aquilo*, mas sim notar como que duas dinâmicas opostas - ludicidade e normatividade - podem coabitar em um quadro de negociações e investimentos.

Não obstante, tratar a comunidade como um espaço lúdico é muito operacional e, como

temos visto, não faltam exemplos. Assim é que em um tópico discutindo os tipos de mulheres não faltam respostas humoradas sobre o que consideram ser os vários tipos existentes de mulheres. Ou ainda em um tópico discutindo como dar um bom beijo, não falta homens oferecendo suas contribuições do que fazer e como fazer, do que a experiência de cada um encontra espaço e certa legitimação. Podem empreender discussões emotivas, como discutir a importância do amor, sobre o qual alguns se sentem à vontade para comentários como "Pobre de espírito aquele que não tem coragem de manifestar seus próprios sentimentos". Ou então discussões motivacionais acerca de adotar filosofias positivas frente a vida e seus fracassos, "A vida meus caros é igual andar de bicicleta, se parar voce cai, se cair voce levanta!!". E também encontrar nos outros um encorajamento para seguir adiante quando do fim sofrido de um relacionamento, "[...] foque em suas convicções cara, aguenta a pressão e o medo que você tem de perdê-la. Siga firme, que se for pra vocês ficarem juntos, tudo vai dar certo[...]". Ou ainda alguém disposto a ouvir, seja qual for o problema, "Se alguém quiser conversar sobre qualquer coisa sempre estou a disposição para ajudar...". E neste ambiente lúdico, de tantas trocas e permissividades, ídolos e emoções podem ser abertamente assumidos, "Caraca velho, sério... emocionante sua história de vida brother! Desde seus artigos sobre PNL [programação neuro-linguística] eu já te admirava mas agora você subir para um patamar de ídolo. Tentarei me espelhar em você". Como visto há pouco, a comunidade é o lugar para vivências masculinas incomuns e também para aquele aprendizado coletivo pautado na interação homosocial entre homens, e portanto, tem um caráter lúdico.

Porém, ao lado de tanta ludicidade existe também muita normatividade - e veremos no capítulo 5 que a legitimidade para escrever e ser lido não é automática, rompendo a imagem de um lugar de expressividades irrestritas. Se é ali dentro que o homem tenta operar mudanças em sua masculinidade, do que a figura do artista da sedução é seu norte e referência, este homem também precisará responder a um modelo, e disto é inevitável que cobranças aconteçam. Se há quem diga ao homem que sofre pela ex-namorada que é preciso ter força e que tudo vai acabar bem, há quem diga que ele não aprendeu o que deveria aprender e por isso está sofrendo merecidamente. Assim como há os que defendem uma expressão livre do amor por uma mulher, haverá aqueles que dirão que amor é para trouxas e suas *betices*. E assim como há aqueles que estão dispostos a ouvir o problema alheio e oferecer um conselho, há aqueles que irão fazer críticas diretas e reprovar veementemente a atitude alheia. Ao lado do espaço lúdico parece haver sempre um discurso recorrente dentro da comunidade, que é o discurso acerca do artista da sedução e seus valores; e este discurso vai na contramão do lúdico pois faz cobranças e constringe o que o homem deveria ser ou fazer. É o que vemos na fala reflexiva e individualizada de um entrevistado.

A comunidade sofre um grande mal que é a imagem do PUA, e não da pessoa que adquiriu características e habilidades interessantes, a qual a torna mais interessante e atraente. Para a comunidade o PUA não erra, não reclama, é sempre justo, cordial, perfeito, com todas as características alpha e coisas do tipo, o que não leva fora e não perde uma mulher, sabendo sempre o que falar, como e quando falar. A comunidade se fecha assim, muitas pessoas se sentem intimidadas a compartilhar conhecimento, a ser participativo e opinar, pois não se sente fazendo parte deste grupo, porquê como uma pessoa normal, não possui todas estas características, tendo medo de ser julgado ou não demonstrar ser um PUA. (Luiz).

A masculinidade e seus ideais não funcionam necessariamente pautados no que a maioria dos homens fazem. Oliveira (2004) observa isso ao falar da paradoxalidade da identidade: ao mesmo tempo que garantirá uma personalidade individual, só existe pela integração a práticas e valores coletivos. Ou seja, o que define uma identidade a define por ser compartilhada. Mas esse compartilhamento não precisa ter o peso da maioria e isso bem demonstra a masculinidade dominante, que é rara mas “constitui um ideal dominante, e dessa forma sustenta uma hegemonia simbólica que favorece a orientação de condutas e comportamentos identitários prescritos segundo sua cartilha.” (OLIVEIRA, 2004, p. 246). Conclusão semelhante temos em Connell e Messerschmidt (2013), que reforçam que uma masculinidade hegemônica não necessita ser um padrão na vida dos homens, mas pode operar somente em termos de exemplos e símbolos. Seja vista como uma masculinidade ideal, ou como uma masculinidade hegemônica, o que a fala de Luiz ressalta é como a *imagem do PUA*, ou artista da sedução, pressiona e mesmo inibe os participantes da comunidade. O que, como vemos, dificulta pensar aquele lugar como um lugar de pura sociabilidade lúdica entre os homens. E exemplos, assim como os a favor do lúdico, não faltam.

Um dos vários tópicos dissertando sobre o que é e o que faz o artista da sedução assim conclui. "Resumindo, você tem que ser forte, ser foda, ser alguém que se destaca pelas atitudes das quais a maioria não tem coragem de ter". A expressão *tem que ser* reforça quão pressionado pode sentir-se o homem que não é forte, foda e nem tem a atitude que a maioria não tem coragem de ter. Uma categoria nativa que ajuda a captar essa dinâmica normativa do fórum é a do *tapa na cara*, geralmente referida a tópicos supostamente motivacionais. Mas diferente de uma simples mensagem motivacional - como aquela de ter uma filosofia mais positiva frente à vida e ao fracasso -, um tópico tapa na cara é agressivo e tenta impelir o homem à ação - e por isso os usuários do fórum respondem a estes tópicos dizendo que ele foi como um tapa na cara, revelando certo prazer e satisfação por terem recebido esse tapa. Podemos notar, por outro lado, que a própria expressão tapa na cara carrega uma conotação violenta, e, talvez, invocativa de valores de um universo masculino - um tapa na cara como uma ofensa à, mas também um chamado da, honra do homem. Num tópico tido como tapa na cara é dito que "Faça algo-qualquer coisa, que não seja ficar apodrecendo cheio de desculpas e justificativas do porque você é uma pessoa medíocre". Em outro também tapa na

cara, o autor confrontava a atitude de comodismo, "Até quando você vai falar que amanhã vai fazer algo?", o "chegar naquela gata", talvez "começar a malhar", ou ainda "arrumar emprego", coisas que o autor cita como que tentando estabelecer o diálogo com seu leitor. E então o tapa na cara surge com força. "Olha pra essa tua cara lavada!!! Cria vergonha e vai atrás daquilo que deseja meu brother, honre seus testículos e me prove aqui de que é capaz de conquistar isso e muito mais!". O tapa na cara, assim como o comodismo, como veremos no capítulo seguinte, estão, na verdade, no próprio cerne desse ideal de masculinidade que é o artista da sedução.

A própria dinâmica de aprendizado antes demonstrada também é contaminada por essa normatividade. Na discussão sobre o uso da técnica do *cocky and funny*, que prega que o homem deve ser arrogante e engraçado durante a interação com a mulher, o autor problematizava o *descalibramento da técnica* - termo nativo um tanto intuitivo, mas que será melhor abordado no capítulo seguinte -, ou seja, quando o homem torna-se somente um arrogante. E para ilustrar isso, usou de seus próprios exemplos de quando ele foi excessivamente arrogante. Diante dos exemplos, alguns usuários vieram com críticas e ironias. "Não vi nenhum C&F [*cocky and funny*] no seu artiguinho rs[risos]... O verdadeiro C&F é engraçado, repita comigo, en-gra-ça-do! Meu querido, ser metido é muito fácil como você mesmo disse, qualquer 'pau no cu consegue'... Agora ser metido e engraçado é o que você ainda não está sendo". Em tópicos como este, a permissividade para a troca de experiências e fracassos parece ceder diante de um ideal, o do artista da sedução - que se supõe saber ser *C&F* de verdade.

Membros da comunidade conhecidos pelas repetidas contribuições de conselhos e dicas, alguma vezes chamadas mesmo de *lições de vida*, também não escapam de exercer a normatividade. Discutindo sobre a virgindade nos dias de hoje, o homem - aquele que foi tido como mentor para um rapaz e serviu de comparação com o pai de outro - condena que no fórum existam virgens "dando conselhos para outro monte de virgens" sem nenhum conhecimento sobre a causa. E critica aqueles que querem "perder a virgindade com a mulher especial, a mulher perfeita e que sera a mãe dos seus filhos", pois possivelmente isto resultará em grandes frustrações. Critica assim os que desejam "'fazer amor com a princesa encantada', isso é coisa de mulher seu 'besta'", do que sugere juntar o dinheiro necessário e recorrer a prostitutas para a perda da virgindade¹⁶. Seja o homem um virgem, ou um daqueles que esperava pela *mulher especial*, aqui possivelmente sentirá aquele incômodo de que Luiz falava sobre não conseguir ser como se espera que um artista da sedução seja.

A normatividade, pois, convive com a ludicidade. Deste modo, ao invés de nos atermos no

¹⁶ Notamos que aquela desconfiança contra as garotas de programa como recurso sexual é relativizado diante do incômodo maior que é a virgindade; e tanto pior se virgindade tardia.

jogo de opostos excludentes - ou normativo ou lúdico - vale reparar que são investimentos diferentes e diferenciados que estes homens fazem o tempo todo dentro da comunidade virtual da sedução. Esta questão fica mais clara quando notamos como esses homens se relacionam entre si. Afinal, se ali fosse um ambiente simplesmente lúdico seria de se supor que todos estariam à vontade para travar contatos e intimidades com os outros participantes do site. E, de fato, essa posição existe, como vemos em Bruno.

Devido a dois artigos que escrevi no fórum sobre ex-namoradas sou procurado em privativo para tirar algumas dúvidas. Além disso, alguns usuários passaram/passam por situações semelhantes as quais vivi/vivo e por isso nosso contato foi crescendo ao ponto de mantermos contato via rede social. Por coincidência conheci no fórum um PUA que estuda na mesma universidade que eu, e pudemos nos encontrar, construindo uma boa amizade. (Bruno).

É a ludicidade típica: escreveu dois textos sobre sua experiência com a ex-namorada (inclusive foi esta que o fez chegar ao fórum), que repercutiu na vivência dos outros homens, que então lhe vieram procurar, e disso acontece eventualmente de surgir relacionamentos mais duradouros - inclusive uma amizade presencial. Em minha observação participante, quando tentava me integrar à comunidade, tive participações em discussões que não versavam sobre a sedução de mulheres - procedimento explicado no capítulo primeiro. Uma dela, friso, foi em um tópico sobre um rapaz que desabafava as dores de um término de relacionamento e pedia auxílio sobre como lidar com a desorientação do momento. Mesmo meu auxílio tendo sido dado ali, no seu tópico, e portanto de forma pública, este rapaz veio me procurar para continuar a troca de mensagens em privado, o que resultou em cerca de quatro ou cinco trocas de recomendações e avaliações de minha parte, e de desabafos e relatos da parte dele. O que este episódio demarca é como, de fato, aqueles homens sentem-se à vontade para buscar um contato mais ou menos prolongado com um outro homem, um total desconhecido, na troca de experiências e quem sabe na obtenção de um auxílio para superar uma situação, como as dores de ter sido rejeitado por quem se gostava tanto. Um exemplo, pois, de como a ludicidade pode se expressar na sociabilidade praticada dentro da comunidade.

Mas enquanto nas *Discussões* e também alguns entrevistados elogiam a comunidade como esse espaço aberto, aquele alcoólicos anônimos da sedução, como dizia Arthur, outros serão muito mais céticos e reservados - prosseguindo na metáfora, são usuários que não compareceriam às reuniões, ou se comparecessem não estariam muito à vontade e nem achariam pertinente desenvolver amizades com os outros participantes da reunião. O investimento que fazem nas relações e vivência dentro da comunidade é outro. Neste sentido é que Gustavo falou sobre sua relação com os outros usuários do fórum.

Eu *busco* não criar nenhuma intimidade com os membros. Apesar de já ter trocado MPs e ser muito grato a todos que me ajudaram e que me pediram ajuda, gosto de separar as coisas: vida pessoal e vida virtual. Não digo que nunca me tornarei amigo de algum membro, mas não sinto afinidade alguma com eles. (Gustavo, grifos meus).

Este tipo de fala reservada, quase avessa ao contato com outros integrantes da comunidade - que ele *busca* evitar -, reflete também o próprio estilo de participação dentro dela - e que vai contra a imagem de uma participação simples e puramente lúdica e permissiva. Caio, mesmo achando que a comunidade é uma ótima psicóloga para seus usuários, "um ótimo escape de emoções", não deixa de revisitar esta consideração quando trata de sua participação. "Eu me sentiria [incomodado], tenho amigos que me ouvem e não acho interessante abrir minha vida para um monte de gente que não conheço direito e geralmente tem as mesmas mazelas que eu. Mas como eu disse acima entendo plenamente alguém fazer isso, só não me sinto confortável."(Caio). Mesmo Gustavo e Caio reconhecendo durante a entrevista a ajuda que receberam do mundo da sedução, e assumindo que nele chegaram por razões de um incômodo particular, mesmo assim não deixam a comunidade fluir por eles. Alguns, pois, parecem ir exatamente contra a proposta implícita da comunidade, que é a de deixar os homens confortáveis para exporem seus problemas (muitas vezes comuns) e em torno deles desenvolverem uma sociabilidade particular.

Estes investimentos diferentes em torno do fórum se aprofundam quanto mais estes homens lidam com a intersecção do PUABase.com com as outras esferas de suas vidas. Como mencionado na discussão sobre identidades nas mídias digitais, algumas identidades funcionam como que em janelas de computador (TURKLE, 1997), e alguns de meus informantes têm consciência disso e querem que as coisas permaneçam assim. Vinícius conta um episódio em que as janelas se misturaram.

Não tenho nenhum tipo de relação com nenhum usuário. Nem facebook, nem celular, nem whatsapp¹⁷, nem nada. Aconteceu algo engraçado uns dias atrás... um membro do fórum deve ter me caçado pelo facebook e acabou me adicionando falando 'Você é o [nome que utiliza no fórum]?' hahahaha nem respondi, só exclui a solicitação de amizade e bloqueei a pessoa, tomei um puta susto. (Vinícius).

Mesmo achando graça, a mistura de janelas o assustou e, como consequência, fez o que pode para evitar que aquilo se repetisse - bloqueou seu intrépido perseguidor. A questão da separação, portanto, lhe é fundamental. "Eu não tenho problema algum em ajudar as pessoas, desde

¹⁷ Aplicativo para *smartphones* que permite a troca de mensagens, imagens, vídeos e áudios entre dois ou mais usuários do aplicativo, que passam então a constituir um grupo de contato. Na comunidade virtual da sedução é comum que seus membros usem deste aplicativo como uma forma de estar em contato direto e frequente com outros membros, geralmente com um recorte regional. Por exemplo, artistas da sedução de Curitiba adicionam-se todos no WhatsApp e assim podem marcar encontros, tirar dúvidas, pedir auxílio em questões específicas, etc.

que seja aqui no fórum, separando minha vida no Pick Up da minha vida real. Eu sou eu, pessoalmente, e aqui eu sou o [seu nome no fórum]. É melhor assim, saber separar as coisas." (Vinícius).

O que estes rapazes estão revelando é uma negociação da intimidade e que se expressa no modo como imprimem ludicidade - e portanto permissividades e intimidades - em suas vivências comunais. Como nos mostrou Zelizer (2011) as pessoas estão sempre negociando suas relações e tentando mapear o relacionamento com as outras pessoas. E portanto, explicações simplistas que tentam reduzir as relações a um só elemento ou então separá-las em opostos antagônicos, são explicações falhas na medida que deixam escapar como os laços entre as pessoas são o tempo todo, constantemente, limitados, praticados, preenchidos e negociados.

No sentido mais amplo, as pessoas criam vidas conexas pela diferenciação de seus laços sociais múltiplos entre si, marcando os limites entre os laços diferentes por meio de práticas cotidianas, sustentando os laços por meio de atividades conjuntas [...], mas negociando constantemente o conteúdo exato de laços sociais importantes. (ZELIZER, 2011, p. 37).

Por mais que falemos de laços sociais dados em mídias digitais, ainda assim são laços em negociação. Assim é que alguns homens se sentem à vontade para se expor, para obter novos amigos, para criar perfis que permitam serem encontrados no Facebook, enquanto outros são retraídos, quase desconfiados, e ficam absolutamente incomodados se alguém consegue cruzar a linha entre aquilo que se é no fórum e aquilo que se é na dita vida real, do que o Facebook seria uma expressão.

Os laços em negociação ficam claros com Alex. Ele é um membro conhecido e respeitado dentro da comunidade, e seus tópicos contam com a aprovação geral. Por exemplo, o fórum apresenta um sistema interno de *curtidas*, um sistema semelhante ao do Facebook, em que há um botão em cada mensagens postada que quando apertado sinaliza que o leitor *curtiu* aquela mensagem, e por este sistema Alex tem sua reputação na comunidade comprovada pois foram muitas as curtidas recebidas. Mas mesmo sendo tão bem aceito dentro da comunidade, Alex, como já vimos anteriormente, considera desnecessário deixar que outras pessoas saibam de quando se interessava por *como pegar mulher*, e portanto seu Facebook não é ligado à comunidade da sedução. Entretanto, não é um repúdio total. Perguntado se tem amizade com outros homens da comunidade, é enfático.

Claro que sim [se desenvolve um relacionamento com os outros usuários] devo ter uns 10 caras do fórum no facebook que considero amigos mesmo, de trocar ligação e tudo. Também tem esse grupo no Face com 30 naturais pegadores que é bem engraçado e instrutivo. Compartilhamos não só coisas sobre mulheres, mas da vida masculina nos tempos de hoje. Domingo passado estava na linha [telefone] com um amigo de Manaus

[...]. É incrível a quantidade de gente bacana que está mundo a fora. Também existem caras babacas e egocêntricos, claro! (Alex).

O problema, portanto, é menos a mistura de vida real e virtual, como para os outros, e mais uma negociação de quem é que pode transitar entre as duas. Explicando melhor o que seriam os caras babacas e egocêntricos, diz que "existe muita gente 'fora da casinha' no mundo do Pick Up. Gente que precisa de auxílio psicológico mesmo e esses por pura maldade, inveja ou prazer em destruir os outros, [vão] invadir seu lado pessoal e denegrir sua imagem, situação que já ocorreu com alguns PUAS que conheço" (Alex). A menção à *inveja*, é, possivelmente, reflexo da posição de prestígio que Alex conquistou dentro da comunidade e que poderia levar alguns homens a terem, eventualmente, vontade de prejudicá-lo, um receio tão significativo que entra nas considerações de Alex sobre o quanto e como negociar o trânsito entre as pessoas de sua vida fora da comunidade e as pessoas de sua vida dentro dela.

Portanto, são esses laços sociais em mídias digitais, em constante negociação, que trazem a tona a dinâmica de coabitação daquilo que é lúdico e normativo no PUABase.com. Obviamente, não se trata de ser *ou isso ou aquilo*, mas sim de um processo que envolve intercâmbios e significações constantes. Quando estes homens falam de ajuda, medos, expectativas, realizações, ou o simples prazer de estar nessa comunidade, estão desnudando a atividade fundamental das pessoas sobre suas relações que é a de examinar distinções e separar o que é permitido do que é proibido nos termos daquela relação (ZELIZER, 2011). Para alguns, portanto, será permitida essa relação lúdica, do livre contar e desabafar, enquanto para alguns o fórum será esse lugar de uma cobrança, de um aprender a ser, aprender a fazer, um tornar-se artista da sedução como uma norma a ser alcançada. Para alguns, as emoções poderão aflorar - medos, felicidades, ansiedades, realizações pessoais - enquanto que para outros tratar-se-á de manter um afastamento estratégico e rendido às circunstancialidades. E às vezes se tratará do mesmo homem, mas em momentos diferentes. Como me dizia Paulo, talvez o entrevistado mais retraído de todos - inclusive tendo se recusado a dar ao entrevistador qualquer possibilidade de identificar a tal pessoa real por detrás do seu perfil de fórum -, alguns simplesmente não precisam do fórum e da sociabilidade ali possibilitada. "Recebo MPs e raramente respondo, somente quando tem alguma relevância. Evito o contato real, pois já tenho amigos suficientes para suprir essas necessidades sociais". Não obstante, concessões já foram feitas, como quando escreveu alguns tópicos sobre a razão de ter chego até a comunidade, que foi o seu divórcio. "[...] relendo esses tópicos, alguns deles foram meio bobos e sem necessidade, mas na hora eu estava magoado e queria ver opiniões de terceiros sem me sentir julgado e no anonimato" (Paulo). Naquele momento o afastamento foi ignorado e as emoções da situação compartilhadas pois estava magoado e julgou que seria algo apropriado, mas agora, na retrospectiva, o julgamento

mudou e vê aqueles tópicos como bobos e desnecessários. Notamos assim que rótulos de lúdico ou normativo não bastam; trata-se de uma negociação dada a todo instante sobre como viver esse coletivo virtual - que em alguns instantes pode permitir a dita opinião de terceiros, mas noutros pode significar certo desprezo desse tipo de prática pois já se possui amigos suficientes. A busca destes homens, e que envolve um grupo masculino com espaço à permissividades, pois, envolve também uma vivência ponderada em que permissividades devem ser medidas e relativizadas.

4 O ARTISTA DA SEDUÇÃO: O CONTEÚDO DE UMA SUBJETIVAÇÃO

O que esses homens buscam, por que é que buscam nesta comunidade, e o que fazem em termos de subjetivação? Até aqui percebemos que a resposta desta pergunta enverada pelas ansiedades masculinas que a comunidade parece responder, mas que além da resposta em si há, como objeto da busca e também a razão de fazê-la na comunidade, o fator coletivo; isto é, o estar nessa homosociabilidade característica discutida no capítulo anterior. E se esse estar na comunidade já indica uma subjetividade em produção, neste capítulo me dedicarei a desnudar o que estes homens fazem em termo de subjetivação, e que é justamente a proposta máxima da comunidade por detrás do dito artista da sedução. O que corre como pano de fundo deste capítulo é uma determinada visão sobre subjetividade,

[ela] não é um objeto que se tem ou algo que se adquire de uma vez por todas - e que se vai trocando com o tempo: a subjetividade passa e atravessa, de-forma a forma-sujeito, recicla isso que chamamos de 'consciência' e causa efeito de substância. Subjetividade, portanto, não é o 'eu'; antes, o 'eu' é que é produto de subjetivações. (ZAGO, 2013, p. 26).

Deste modo, no que se segue estará em discussão uma subjetivação em particular - que gira em torno da conquista sexual das mulheres - e também a consciência resultante - que abrange as mulheres, a interação com vistas à sedução, o que um homem não deve ser, e o que deve ser um artista da sedução.

4.1 MULHERES: EXPLICADAS, CONDUZIDAS E DESMISTIFICADAS

Obviamente um coletivo masculino dedicado a aprender métodos e técnicas para a sedução de mulheres vai, cedo ou tarde, ter de discutir sobre essas mulheres que pretendem seduzir. Trata-se, afinal, de produzir significados e sentidos sobre o objeto da sedução. Veremos que mesmo que sejam os homens que estejam sempre no controle da interação afetiva-sexual e a comunidade se preocupe sobretudo com o que o homem tem que fazer ou ser, o artista da sedução, enquanto ideal de masculinidade, implica necessariamente uma visão sobre as mulheres e uma atitude frente a elas coerente com tal visão. A subjetivação em andamento precisa lidar com as mulheres.

Escrevendo no final da década de 1990, Segal (2000) demonstrou seu pessimismo diante de uma perturbadora persistência do darwinismo seja nas ciências naturais seja nas sociais. Mesmo que tenhamos obtidos avanços epistemológicos consideráveis, dizia a autora, a visão biologizante ressurgia com força, e como de praxe vinha ignorando os fatores sociais da experiência humana. Uma tendência agravada quando do encontro com as pesquisas genéticas, e ainda mais preocupante

quando as pesquisas genéticas se encontraram com uma certa psicologia ansiosa por render, então, tudo às supostas adaptações genéticas. O que inquietava Segal neste movimento todo era que ao invés de cessar a legitimação sobre certos comportamentos (como a atividade sexual masculina de caráter predatório), esta legitimação parecia aumentar. A comunidade virtual da sedução, elemento da cultura popular e portanto tributária a contextos epistemológicos maiores, veremos, reforça esse pessimismo de Segal: também ela investe em explicações darwinistas, biologizantes, com direito a mencionar além de instintos e hormônios, também nossos genes. E disso surgirão implicações diretas em como veem e se relacionam com as mulheres.

Uma aparente peculiaridade do discurso do artista da sedução, que aprende supostos métodos e técnicas infalíveis para seduzir mulheres, está no fato de esses homens se prenderem muito à noção de natureza como um guia do que e como fazer, porém esta mesma natureza serve como referência de seus métodos e técnicas e torna-se, assim, uma natureza superável. Este movimento interpretativo também pode ser tributado ao nosso contexto epistemológico e portanto perder sua aparente peculiaridade. Sibilía (2003) argumenta estarmos sob a influência do que chamou de ciência fáustica, uma perspectiva científica que tenta a todo custo superar a própria condição humana. Para tanto, esta ciência se apropria, por exemplo, dos genes como natureza e raiz máxima dos seres humanos, mas então propõe modificar e conduzir arbitrariamente esta natureza e raiz. Sibilía sugere mesmo uma nova biopolítica; não mais o sexo é nossa verdade a ser escrutinada, mas sim nossos genes. Este contexto, mesmo que em proporções bem maiores do que um fenômeno sobre homens querendo seduzir mulheres, parece pesar sobre estes homens na medida em que também eles partem dessa apropriação fáustica da natureza. Como veremos, os instintos, hormônios e genes estão lá (principalmente nas mulheres), mas é sobre tais bases naturalmente fixas que estratégias de controle e condução serão elaboradas.

Conforme mais estes homens investem seus discursos, valores e também práticas de significação sobre as mulheres, mais podemos adivinhar ali uma ansiedade masculina em conhecer o seu Outro (BEAVOUIR, 1970). Esta ansiedade, naquela lógica de uma biologização e de uma apropriação fáustica da natureza, faz estes homens expressarem uma forte crença (e desejo) de controle, previsão e condução sobre as mulheres. A própria existência de métodos e técnicas de sedução, dois termos tão esquemáticos e mecânicos (e por isso um tanto incômodos quando sugeridos à imponderabilidade das relações afetivo-sexuais humanas), nos sugerem aquela crença e tentativa de trazer certeza no que ia incerto. O PUABase.com é uma grande coletânea de guias, manuais, textos passo-a-passo ensinando o que fazer, como fazer, e quando fazer para conseguir seduzir uma mulher, o que pode ser resumido pelo termo *tecnicização da sedução* (FRANCO, 2014). Este termo se inspira nas reflexões de Postman (1994) que, escrevendo em meados da

década de 1990, estava preocupado com o caráter ideológico da tecnologia em nossa vida. Argumentava o autor que o avanço tecnológico traz consequências gerais nos contextos em que acontece, e assim afeta o modo como nos relacionamos com o mundo, com as outras pessoas, e mesmo conosco. E quando essa afetação se converte em uma rendição de nossas vidas e relações à técnica (que vira então o apanágio para todos os nossos problemas), surge o que o autor chamou de tecnopólio¹⁸. O artista da sedução, ao devotar tanta fé nas técnicas e métodos de sedução, acreditando assim que a interação humana pode ser testada, treinada e aplicada, do que implica em uma visão sobre as mulheres rendidas pela condução técnica (e que convenientemente a explicação biológica vem legitimar), nos faz pensar nas possibilidades analíticas reais via tecnopólio.

Notaremos, ainda, que conforme prossegue uma explicação biologizante das mulheres e que as torna assim conduzíveis dentro de um processo lógico e previsível de sedução, as mulheres vão sendo como que desmistificadas por estes homens. E se elas têm de ser desmistificadas, podemos imaginá-las como fonte anterior de medo, ansiedade e inquietações. Este tipo de relação que os homens tem com as mulheres não é surpreendente. Albuquerque Júnior (2013) já demonstrou empiricamente como que o projeto de masculinidade do nordestino também vinha eivado de um medo das mulheres, seja pela feminilização da sociedade seja por um desbalanço nas estruturas de poder. Miskolci (2012) nos possibilitou ver ainda como que projetos de masculinidades são intimamente e ansiosamente ligados à representações do feminino; na virada para o século XX, por exemplo, temos Capitu, personagem clássica do seminal romance machadiano *Dom Casmurro*, que encarna as inquietações masculinas de uma época em que ser masculino era conseguir controle sobre certa (visão de) mulher: misteriosa, sensual, marginal, fronteira entre a masculinidade e o caos, que é inteligente mas ainda assim da perigosa ordem do irracional. E de representações significativas sobre as mulheres o cinema hollywoodiano está cheio e também acompanhando as flutuações de projetos de masculinidade. Icônica foi a década de 1940, quando vemos filmes que deixam de oferecer redenções às preocupações masculinas, inclusive fazendo surgir mulheres que não são mais a premiação final ao mocinho da trama (aquela âncora sexual e legitimadora de uma masculinidade sempre insegura de si), mas sim mulheres tão atraentes quanto perigosas, e que agora constituem tramas *noir* em que o mocinho tinha de se arriscar justamente contra essa mulher traiçoeira e não confiável (KIMMEL, 1996). Não surpreende, pois, que o artista da sedução também signifique a mulher como um desafio e construa um discurso que, no final, tem-se a impressão de que a desmistificação é o recurso principal para fazer frente a esse desafio.

¹⁸ Esta visão se aproxima do determinismo tecnológico que Baym (2013) menciona, aquele que acredita que quanto mais as pessoas usam da tecnologia mais serão usadas por ela. A intenção aqui, porém, não é esvaziar a relação das pessoas com a tecnologia como se fossem simples colônias dos aparatos tecnológicos; sugiro tão somente que a tecnologia surte efeitos nos processos de subjetivação, o que não exclui de maneira alguma a capacidade reflexiva das pessoas diante da tecnologia (exclusão que parece ser o ponto mais fraco daquele determinismo tecnológico).

O que será tratado nesta seção acerca da visão e atitude destes homens frente ao seu objeto da sedução - ou seja, as mulheres - de certa maneira já estava contido no estudo realizado por Clift acerca da comunidade da sedução. Em sua pesquisa, aquela autora argumenta que a comunidade tenta dar uma resposta à sensação de confusão que reina, a partir de meados do século XX, nas relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres (CLIFT, 2007). E aqui, no PUABase.com, acredito que notamos a mesma tentativa de oferecer uma resposta. Explicações via instintos, a crença numa tecnicização das relações humanas, o próprio movimento de tornar as mulheres meras humanas, veremos, são como que pequenas âncoras para a subjetivação destes homens. Através destas explicações é que encontram algumas certezas, e mesmo fórmulas, no modo de ver e lidar com as mulheres.

4.1.1 Esses seres instintivos e emocionais

Podemos começar a desvendar *a explicação do que entendem por mulheres e seu comportamento* a partir do resgate de uma obra fundamental para a comunidade virtual da sedução. O chamado Método Mystery (2007) é um dos métodos mais populares. Apesar de muitos daqueles homens o terem como já ultrapassado (pois é baseado em um sistema rígido de passos e etapas de sedução), foi e continua sendo uma referência. Se o homem eventualmente não tiver chegado até a comunidade através dele, uma vez dentro dela será recomendado a ele que o leia e compreenda. E na verdade, mesmo sem citações diretas ou expressas, muito do conteúdo da comunidade traz algo do Método Mystery, principalmente da sua argumentação teórica dos fundamentos da sedução.

Quando uma mulher observa dois homens, o circuito inconsciente biológico dela vai acessar rapidamente o valor de sobrevivência e reprodução de cada homem - vai então perceber *emocionalmente* o resultado desse cálculo (de maneira instintiva) e vai se sentir naturalmente mais atraída pelo homem de maior valor. O homem com mais saúde; o mais inteligente; o mais conectado socialmente; o homem mais independente financeiramente; o homem com maior pré-seleção sexual. Todas essas características vão atrair uma mulher, porque esse homem provém a ela um valor de reprodução e sobrevivência maior, assim como para seus filhos. (MYSTERY; ODOM, 2007 p. 10, grifos do autor).

Este discurso biológico impera na comunidade virtual da sedução, e por consequência no PUABase.com, ou seja, o discurso do homem que possui um valor (de sobrevivência e reprodução) e que por isso vai atrair as mulheres (emocional e instintivamente).

A extensão desse discurso para a urgente necessidade de explicar as mulheres faz surgir várias *Discussões*. Uma delas, icônica, foi sobre a popularização da comunidade. Como já visto, a possível popularização desperta naqueles homens medos sobre o seu coletivo estar ameaçado. Outro medo, porém, é de que uma vez popularizada a comunidade todos os métodos e técnicas de sedução

perderiam a eficácia. A lógica por detrás desse receio é aquela do mágico que sabe que seus truques perderiam a magia se fossem revelados ao público. É sobre este medo que o rapaz que conduzia a discussão teceu seus argumentos. Garantiu que os métodos e técnicas continuarão eficazes pois "a sedução não está baseada em métodos criados por nós homens, mas sim, em mecanismos socio reprodutivos que se desenvolve a mais de 100 mil anos nas mentes de homens e mulheres. Você continuará a poder atrair mulheres como aprende atualmente". Sugere, pois, haver uma ordem, algo como uma estrutura, que não se alterará; em particular quanto às mulheres, pois a menos "que as mulheres sofram uma improvável mutação e mudem seus instintos e subscientes, nada de pânico". Assim os mecanismos *socioreprodutivos* tal como a imutabilidade dos instintos e subscientes femininos garantem que a sedução, tal como ensinada na comunidade, continuará a vingar.

Dentro desta explicação torna-se de pouca surpresa, portanto, outras menções que vão contribuindo para fixar homens e mulheres (estas com maior ênfase) no terreno sólido de uma ordem biológica. "Agora, desde os primórdios da humanidade, a mulher é o ser 'emocional'. Não é por causa da criação delas. Elas são assim", e também "É fato que o código genético delas, com uma programação de milênios, quem sabe milhões de anos, quer sim ser dominada", ou ainda "Embora sejamos todos humanos, a genética do homem e da mulher são diferentes, os hormônios e suas quantidades são diferentes, o cérebro delas é diferente...". Algumas críticas que cabem a esta visão e por consequência a estes homens são aquelas que Segal (2000) fazia: uma condição que parece universal não significa necessariamente uma condição natural, e tanto biologia quanto o social são complexos e ricos demais para servirem de redução um ao outro. Contudo tal crítica aparentemente não encontraria recepção uma vez que, como visto com o precursor Método Mystery, a pressuposição biológica está no cerne dessa comunidade.

A explicação sobre as mulheres continua, digamos, coerente, quando surgem as menções à suposta natureza emocional delas. Afinal, faz parte daquele jogo dos opostos complementares cujo homem aparece como racional e lógico (desde o tempo das cavernas, acrescentariam esses homens) e a mulher como emocional e ilógica. Gustavo, na comunidade há pouco mais de um ano, e se considerando ainda distante do ideal do artista da sedução, traz, contudo, bem afiado o discurso comum de toda a comunidade. "Eu vejo as mulheres como seres praticamente emocionais e movidos pelos instintos primitivos, principalmente. Hoje eu não as culpo de praticamente nada, apenas aceito que elas são do jeito que são e não é por vontade própria". Isto é, a emoção é tão instintiva, e portanto fora do julgamento racional, que elas sequer podem ser julgadas pois não são exatamente elas que fazem o que fazem - e sim seus instintos. Um tópico discutia os erros que iniciantes geralmente cometem e um deles seria justamente o de tentar usar a lógica seja para

convencer uma mulher seja para entendê-la. As mulheres, explica-se, "não são atraídas pela lógica que nem nós [homens]. [...] As mulheres se comunicam em um plano emocional, você deveria ter isso em mente quando estiver dando game [seduzindo]". E a comparação final arremata seu argumento. "Tentar entender a lógica feminina é que nem perguntar para um golfinho porque ele sorri".

Se as mulheres são explicadas então pelos instintos, que as fazem emocionais e ilógicas, qualquer explicação que as próprias mulheres deem sobre si mesmas passa a ser fonte de desconfiança e mesmo descrédito - não será algo racional, lógico ou verdadeiro. Um episódio em particular, outra vez motivado por uma das raras participações femininas dentro do PUABase.com, nos demonstra isso. Uma mulher com um breve histórico de mensagens e discussões tentando mostrar como as mulheres viam ou interpretavam certas questões arriscou uma discussão sobre o que as mulheres realmente entendem por beleza masculina. Sua argumentação, resumidamente, era de que cada mulher tem preferências particulares, e que se um homem tiver os atributos que agradem aquela mulher particular, se tornará um homem charmoso e belo. O argumento, obviamente, era subversivo na medida em que particularizava e relativizava uma questão que para a comunidade é, de modo geral, uma questão universal e única. Foi o que alguns rapazes se apressaram em apontar. "Blá, blá, blá... Você fala demais... Fama > Dinheiro > Personalidade > Beleza. Nessa ordem, isso é atração para vocês. Não tente nos confundir, isso aqui é um método". Mesmo que alguns outros rapazes tenham elogiado a contribuição e presença femininas, foi marcante a reação desconfiada de muitos deles. "Não se deve importar com o que as mulheres falam, e sim como elas agem! [...] Caras 'lindos por dentro' jamais irão suprir a necessidade de reproduzir de fêmea, pois ele é fraco!", uma fala que depois ainda recorre à seguinte legitimação: "Isso é biologia, uma ciência exata...". As respostas, portanto, tocam no cerne da explicação da comunidade sobre as mulheres: são instintivas, emocionais, ilógicas, e não podem ser levadas a sério. "Você[s] estão levando em consideração o que mulheres estão falando, e ainda mais sobre o que as atrai, é de desanimar com a inocência desses caras [...]". Se fosse para ouvir as mulheres a própria comunidade da sedução perderia o sentido. "Acho bem fail [falho] dar bola ao que as garotas dizem. Se fosse assim, o fórum tava vazio, e a maioria aqui seria pegador desde jovem, pq as mulheres sempre dizem que querem um cara bonzinho pra ficar com elas, mas nos já sabemos que não é bem assim".

Conforme mais estes homens falam sobre as mulheres, mais parece que realizam um movimento apropriador, de controle e previsão, que, se é feito através de um ato simples como o de definir e tipificar, não é menos paliativo de uma ansiedade masculina. Assim é que além de tomar as mulheres no sentido geral de sua natureza imutável - instintos, hormônios, genes, emoção - aqueles

homens também discutem os tipos mais concretos e cotidianos de mulheres. Existe, assim, a *HB Vácuo de Validação*, que são "garotas aparentemente legais, porém, são confusas e gostam de deixar expectativa em você, só pra te ter na reserva, mas também te evita de várias formas. Ela é presente/ausente", ou anda a *HB Kojack*, que são aquelas "do tipo que voce pensa: por que essa gostosa ta dando bola pra mim, um zé ninguém? Maioria das vezes [elas] percebem que tem uma paixonite [pelo] lado do cara e vão lá inflar seu ego às custas do rapaz!". E por estas tipificações é que estes homens conseguem mapear as mulheres que entram em suas vidas, possivelmente usando de categorias como modo de simplificar a leitura da realidade - assim como reduzir o comportamento a aspectos hormonais ou genéticos também é simplificador.

Contudo, a comunidade da sedução ao produzir tal explicativa sobre as mulheres parece precisar canalizar isso em alguma direção. Em termos grosseiros, se a explicação é a teoria, falta agora a prática. Afinal, o que pode o artista da sedução fazer tendo em vista a explicação sobre esses seres instintivos e emocionais?

4.1.2 Os donos do verbo

A explicação do que entendem por mulheres e seu comportamento leva estes homens a outro pilar fundamental da produção de sentidos e significados sobre o objeto da sedução, que é *a visão das mulheres como a parte conduzível da interação*. Começamos a entender o que isso significa quando observamos a reflexão de Luiz sobre como a comunidade o fez perceber e se relacionar com as mulheres.

Sim, isso é fato, aconteceu comigo [mudei minha visão sobre as mulheres com a participação na comunidade], aprendi que elas são muito mais reativas e agem principalmente pela emoção. [...] Se eu quero *conduzir* uma mulher a participar, a fazer algo eu tenho de fazê-la sentir uma emoção boa, assim ela fica mais suscetível a sugestões. [...] [É] Aquele papo de *faça* ela rir, se tu fizer ela rir, propor algo (também não tão exagerado) e ela recusar, d[ê] um tempo, faça ela rir mais, faça ela investir mais [na relação] (assim ela também sente a sensação de prazer), e refaça a proposta ou conduza uma proposta, ela vai aceitar.(Luiz, grifos meus).

O verbo *conduzir*, sustentado pela repetição do *fazer*, é significativo. Este verbo parece melhor sintetizar a pretendida relação destes homens com as mulheres que tentam seduzir, bem como a disposição que assumem diante delas: o sujeito ativo, a fonte da ação, aquele que executa o verbo. E tal como para Luiz, para a comunidade de modo geral a mulher é este objeto passivo a ser conduzido. Em uma discussão que argumentava pela necessidade que as mulheres supostamente possuem de diversão, do que caberia ao homem provê-la disso, o verbo *conduzir* volta à carga.

Nos dias de hoje, as mulheres têm um papel importante na sociedade. Elas tomam decisões importantes e tal... Mas em relação ao assunto de romance e interação homem e mulher, elas não querem ser responsáveis pelo que vai acontecer. O homem tem que tomar a decisão certa para agradar ela mas sem esquecer de si próprio. [...] As mulheres preferem ser *conduzidas que nem numa dança*, elas querem ser surpreendidas, elas não querem tomar decisões, pelo contrário, elas querem, é ser as expectadoras, ou seja, elas só querem curtir o momento. (grifos meus).

Essa crença na preferência delas por serem conduzidas que nem numa dança transparece nos métodos e técnicas de sedução. É um fato óbvio na comunidade, e por isso significativo, que todo método ou técnica parte do homem, aquele ser racional e lógico, agindo sobre um outro ser, a mulher emocional e ilógica. Em termos práticos isso significa a supressão de qualquer possibilidade de ação da mulher - ou se esta vier, é porque o homem a conduziu a tanto.

Em um pequeno manual descritivo de como beijar satisfatoriamente uma mulher se nota que de todas as prédicas nenhuma cogita a possibilidade da mulher contribuir ou impedir com o beijo. Ela está lá somente para ser beijada pois é o homem e suas diretrizes que importam. "Tudo deve ser feito com total segurança, se pestanejar, tremer, não haverá efeito algum". As menções ao *pestanejar, tremer*, parecem reforçar tão somente quem é que deve estar no controle da interação. E quando um rapaz perguntou se pelo beijo se pode descobrir se a mulher é *safada*, a resposta indica justamente o que estou tentando demonstrar, isto é, não "existe essa coisa de mulher menos ou mais safada, existe mulher menos ou mais reprimida, cabe a você levar ela pra onde quer que as coisas estejam". É o homem como condutor, fonte da ação e do verbo - e aqui um novo verbo sugerido, o de *desreprimir* a mulher.

Notamos, assim, que a condução da mulher é sempre presumida. Isto, às vezes, pode chegar ao extremo em alguns métodos de sedução, principalmente aqueles afinados com uma certa psicologia. Como explicava um rapaz, pode-se aplicar o princípio do condicionamento reflexo em uma mulher. "Se sempre que a mulher sentir prazer (por algo que você disse, ou outra situação) você der um leve toque no braço dela, depois de algumas repetições, o simples toque trará novamente a sensação de prazer". É um caso extremo, mas que nesta condição bem ilustra a forte crença daqueles homens de que a sedução é como um processo sobre o qual têm controle, conseguem identificar etapas claras, e assim sabem prever o que e como acontecerá. É esta crença que permite a comunidade virtual da sedução descrever variados, e supostamente infalíveis, métodos e técnicas de sedução, nos quais todos a mulher é a parte conduzível - afinal, é só mais um elemento técnico a ser considerado.

A categoria nativa que nos ajuda a perceber isto é a de *calibração*. Ou seja, se existem técnicas de sedução, estas devem estar bem calibradas. A explicação vem de uma das discussões internas ao PUABase.com. Seria como "um radar para a sedução ou um sonar para o submarino.

Técnicas tem sua *aplicação específica, como e quando aplicar*. [...] O que vai definir quando, como e onde determinada técnica tem sua aplicação é exatamente a calibração"(grifos meus). De modo simplificado, seria algo como o homem ter a presença de espírito para saber o que fazer, quando fazer, e a intensidade com que se faz - pois cada situação apresenta sim seu jeito certo e infalível de proceder. Portanto, quando a técnica de um beijo mais agressivo e intenso não funcionar, a questão é de calibrar, saber dosar a técnica e a sua situação. "Acho que essas mulheres que não gostam da sucuri [nome de uma técnica de beijo] não foram escaladas [toques físicos] e não estavam confortáveis o suficiente para receberem uma pegada como essa, o negócio é escalar ela e seduzi-la a ponto de ela gostar do que você faz com ela[...]". Assim, a técnica bem aplicada, fazendo a escalação corretamente, vai necessariamente fazer a mulher estar apta àquela pegada por gostar do que o homem faz com ela. A mesma lógica encontramos na discussão de outras técnicas e métodos. Assim é que um manual para conduzir a mulher ao sexo conclui com a importante ressalva para os céticos. "Mas uma coisa é certa: se a garota já é sexualmente ativa e *se você seguir exatamente como este manual lhe ensina*, você tem uma grande chance de transar com ela[...]". (grifos meus). Apesar de curta, esta fala explicita os três elementos em questão: há uma técnica infalível (tecnicização), que deve ser devidamente aplicada (calibração), e isto terá um determinado efeito sobre a mulher (condução).

A visão da mulher como a parte conduzível faz, como consequência, que esta seja vista ainda como um pequeno campo de testes dos métodos e técnicas de sedução. Afinal, a tecnicização da sedução, que faz tudo ser um processo analítico (algo como um mecanismo que foi desmontado e agora esses homens dizem saber montar como bem entenderem e quiserem) (FRANCO, 2014), implica, outra vez mais, na passividade da mulher como destino de uma ação. Assim é que uma das dicas dadas para que o homem seja mais confiante se fundamenta nessa instrumentalização da (relação com a) mulher. "Tenha amigas, o máximo possível e treine todos os movimentos anteriores nelas, veja como elas reagem e treine também a habilidade em manter interações". A mulher, aqui representada pelas *amigas*, praticamente é esquecida frente a importância do *treinar*, do *ver como reagem*, da *habilidade* pretendida. E se seguimos dando atenção ao uso de palavras e verbos que estes homens aplicam, o argumento apenas se solidifica: assim é que dizem que irão *testar* as técnicas, que gostaram como um método de sedução foi *destrinchado*, que pretendem *aplicá-lo* tão logo tenham a oportunidade.

A visão das mulheres como conduzíveis encontrará apoio na própria concepção de masculinidade que é veiculada dentro da comunidade da sedução quando apela para o controle que o homem deve exercer, mas isto será discutido nas seções seguintes. Por ora, vale notar que a própria definição dada por estes homens sobre o que é um artista da sedução é eivada do que vim

apontando até aqui, ou seja, mulheres conduzíveis e tecnicização da sedução. Assim é que Bruno, quando falava do homem alfa como sinônimo de artista da sedução, explica que para ele alfa "é o cara que não erra em absolutamente nada no lidar com mulheres", enquanto que Renan vê o artista da sedução como "um maestro, ele pode reger a interação, enquanto uma pessoa [comum] erra e desiste da sarge [abordagem], o PUA pode salvar a interação, porque ele sabe onde errou e como concertar". Tanto em uma fala quanto em outra há a suposição de um homem que sabe se portar diante da relação afetivo-sexual com uma mulher pois esta é conduzível e aquela é rendida pela tecnicização, não cabendo nesta interação nenhum imponderável absoluto.

Por mais que a visão de uma natureza feminina bem como a crença na condutibilidade delas já contribua para que estes homens lancem mão de um certo desvendar sobre as mulheres, parece faltar ainda um apelo mais direto à própria intimidade de cada um deles frente à forma com que encaram - e se relacionam - com uma mulher. É o preenchimento desta lacuna que veremos a seguir

4.1.3 Não são especiais, são normais

Se de tudo dito até aqui fôssemos fazer uma linha genérica e abstrata sobre a produção de sentidos e significados sobre as mulheres que ocorre na comunidade, teríamos então primeiro a explicação via biologismos, depois a condução através da tecnicização, e, finalmente, o que parece ser importante para esses homens, *a desmistificação das mulheres*.

Para elucidar esta questão outra vez mais os termos que estes homens usam são de serventia. Uma discussão se referia a seus leitores enquanto *guerreiros da sedução*, como se a sedução fosse uma guerra do que, subentende-se, a mulher é o inimigo. Assim, a discussão propõe a argumentar pela desconstrução do inimigo em sua possível potência. "Simplesmente valorizamos muito cada interação com ela [mulher] como se ela fosse uma das pouquíssimas mulheres no mundo[...]". O argumento é tentar mostrar que as mulheres não são especiais em si, e para tanto segue um cálculo matemático ilustrativo. Supondo que um homem viva em média 23.725 dias de vida adulta, e que a cada dia o homem aborde o número de 50 mulheres, terá alcançado somente a quantidade de 3,5% de mulheres de todo o mundo. A conclusão, pois, é para, como se dizia antes, não valorizar demais as mulheres. "Você vai passar sua vida inteira sem ter falado com nem um décimo das mulheres do planeta, a gente tem mulher de sobra para aprender e depois encontra uma especial se quisermos". O que transparece nesta fala que se propõe motivacional é a visão da mulher (para além de certa objetificação) como isso que precisa ser desvalorizado pois foi, anteriormente, revestido de muito valor, o que, subentende-se, atrapalha e mesmo intimida o homem.

As respostas a esta discussão continuam sugerindo um processo de desmistificação em

andamento. "[...] eu nunca tinha parado pra pensar dessa forma, existem aproximadamente 4,5 bilhões de mulheres no mundo, e nós as vezes ficamos com medo de sermos rejeitados por uma delas [...]". Outra resposta traz uma das noções mais significativas para estes homens, que é a de *tirar a mulher do pedestal*, ou seja, de uma posição elevada e superior, como se a ela coubesse o julgamento e validação do homem. "Aqui você tira qualquer possibilidade de alguém ter AA [ansiedade de aproximação], de alguém colocar alguma menina em um pedestal...". Outra discussão que também investia nos números para argumentar que não há porque deixar-se levar por uma só mulher pois há bilhões delas, o autor é ainda mais incisivo sobre uma certa desmistificação das mulheres. "Ela caga, ela mijam, ela dorme, ela chora, ela sofre, ela ri assim como você e todos os outros serem humanos. Ela não é especial, ela é normal". Notamos, assim, uma ansiedade frente à mulher como esse ente que é preciso diminuir a sua importância; para isso usam como critério a lógica da abundância de mulheres e os argumentos (em tom de grande descoberta) de que uma mulher não é especial, ela é normal, simplesmente um outro ser humano.

A importância deste tipo de discussão sobre as mulheres tem eco na fala dos homens que chegam até a comunidade e fazem suas *Apresentações*. Já neste momento inicial notamos quão férteis podem ser as argumentações que tentam tornar as mulheres menos importantes ou simplesmente outros seres humanos quaisquer, o que tornaria mais fácil a interação com elas. Um rapaz, respondendo como se sentia ao estar atraído por uma mulher, resume com uma só palavra, "Medo". Outro aprofunda um pouco mais, porém sem se afastar, ou seja, "sinto insegurança, despreparo, sem saber o que falar ou agir", dando a noção de uma imobilidade frente certa representação de mulher. Outro rapaz usa de outros mas igualmente sugestivos termos. "[Sinto] Um misto de alegria, ansiedade, medo e curiosidade". Muitos desses rapazes que se apresentam ao fórum reclamam ainda da timidez, que também faz solidificar a necessidade da comunidade oferecer recursos contra uma imagem exagerada e amedrontadora das mulheres. "Normalmente quando estou afim de uma menina não consigo falar com ela rs[risos]", explicou um deles, enquanto outro deu uma dimensão mais sensível do que acontece, "Fico super nervoso, começo a suar e fico ainda mais tímido, a ponto de evitar olhar pra a mina. E quando eu venço essa barreira da timidez, conversar é ainda mais torturante. Eu gaguejo, me enrolo...". É para esses homens, portanto, que a comunidade parece oferecer o argumento supostamente paliativo de que existem mais de quatro bilhões de mulheres, que elas *mijam e sofrem* como qualquer ser humano, e que portanto não se deve valorizar demais a interação com elas.

Nesta direção de uma desmistificação sobre as mulheres é que aquelas participações femininas no PUABase.com, mesmo que despertando episódios de reações agressivas e desconfiadas, contam, por outro lado, com o elogio de alguns usuários. O elogio, ao que parece, é

pela possibilidade de conhecerem as mulheres em primeira mão, com relatos vindos de alguém que se identifica enquanto uma mulher de carne e osso. "Não basta lermos o *Badboy*, *Mode One*, *Mystery* e todos os outros livros [de métodos e técnicas de sedução] recomendados aqui, temos que aprender muito sobre como pensam as mulheres, com as mulheres". Outra vez mais vemos aquele Outro da masculinidade despertando ansiedades e forçando esses homens a um ato de tentar conhecer o Outro, o que faria sentido em um processo de socialização que tende a afastar meninos e meninas e revestir esse contato como potencialmente danoso (FALCONNET; LEFAUCHER, 1977).

Mas a mulher como ente a ser desmistificado enseja argumentações um pouco mais agressivas e afinadas com aquele vocativo dos guerreiros da sedução, pois tece a noção de que a relação com as mulheres é uma pequena competição, em algo perigosa, e cabe ao homem estar atento para não sair perdendo. Como explicava Paulo ao considerar o que aprendera dentro da comunidade, diz ter percebido "que os caras só vêm tomando na tarraqueta na mão das mulheres. São pouquíssimos os que se dão bem". De modo coerente à visão de Paulo, na comunidade surgem discussões que dão a impressão de estarem os homens e as mulheres presos a um mesmo jogo, mas cada um tentando sobrepujar o outro. Assim é que uma discussão convocava seu leitor a deixar de ser trouxa. No relacionamento com uma mulher os homens passam pelo risco de serem "enrolados, traídos" e ainda assim acreditarem "naquela pessoa, na mulher com[o] anjo angelical" sem perceber que são apenas "um boneco nas mãos diabólicas dela". Portanto urge ao artista da sedução estar preparado. "Não se deixar levar por uma mulher bonita, nem pelo que ela diz... É ser frio em determinado momento e agir com a inteligência e não ser um trouxa manipulável e beta". E nesta dinâmica de uma relação vista como guerra, um embate em que existe necessidade de inteligência e perigos de manipulações, alguns tipos femininos não devem ser subestimados. A HB Vácuo de Validação, explicada anteriormente, por exemplo, deve ser tratada muito cautelosamente. Um rapaz aventou a possibilidade de conseguir sim se relacionar com essa mulher que gosta apenas de criar expectativas no homem; ele tentaria algo como "domar a fera", disse. Mas lhe responderam lembrando da cautela necessária; isso seria uma "tarefa para poucos" pois "mexe demais com sua saúde mental [do homem]".

Esta concepção da mulher como uma entidade misteriosa a ser decifrada e retirada de sua posição de superioridade é geral na comunidade. Contudo, quando das entrevistas com aqueles rapazes, este discurso sofre uma sutil variação. Possivelmente influenciados pela reflexividade que a entrevista em si propicia e envoltos naquela dinâmica da produção de sentidos dada na própria ocasião em que a narrativa é feita (BAMBERG, 2002; MISHLER, 2002; GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012), talvez até tentando antecipar uma resposta que imaginavam

adequada naquela ocasião, encontramos uma mulher que é desmistificada sobretudo através da sua humanização enquanto ser de direitos merecidos e problemas ordinários.

A essência é isso: você não pode odiar as mulheres, você tem que amar elas mas não ser um cara meloso, chorão ou na pior das hipóteses um amigo delas. Você passa a entender que assim como nós elas tem direito de não querer ficar com alguém, elas podem estar num dia ruim, ou passarem por problemas, então não se pode culpar/ficar com raiva delas (Thiago).

Como nos diz Fábio, o problema é a questão da ilusão, uma consideração significativa vinda de um homem que procurou a comunidade pois reclamava justamente de não conseguir sucesso com as HB nota 10, ou seja, as mulheres mais belas (e talvez por isso ainda mais fomentadoras de ilusões para esses homens). "Nós criamos uma ilusão e expectativa de que uma mulher que sorri daquele jeito [feliz e confiante] não tem problemas, não tem imperfeições, que tem a vida mais fácil do mundo. [...] As mulheres só querem ser feliz, assim como os homens, assim como qualquer ser humano". E retirada a ilusão o que sobra é a mulher finalmente como um ser humano, não mais como uma deidade, mas alguém suscetível às mesmas dificuldades do homem; é o que complementa outro rapaz. "[O fórum] Mudou minha visão de mulher, mulher para mim é hoje um ser humano qualquer, e não uma deusa inalcançável que eu posso rezar pra ela vir e me dar prazer, elas tem vontade iguais a nós [homens] [...]".(Caio). Contudo, por mais humanizada que, na visão destes homens, a mulher saia desse processo de ressignificação, não podemos ignorar o fato que tal processo de desmistificação muitas vezes não exclui as considerações biologizantes sobre as mulheres e tampouco a visão delas como a parte conduzível e passiva da relação.

Considero portanto que a comunidade virtual da sedução produz sentidos e significados sobre as mulheres e que parecem seguir um pequeno encadeamento lógico e sucessivo: explicação do que entendem por mulheres e seu comportamento, visão das mulheres como a parte conduzível da interação, e por fim a desmistificação das mulheres. Assim, são vistas como seres biológicos e emotivos, que assim decifrados são então conduzidos passivamente dentro da interação afetiva-sexual, o que implica vê-las como humanos tão humanos quanto os homens - algo que podemos cogitar ser um grande tranquilizador para as ansiedades masculinas.

Nas citações etnográficas e de entrevista feitas até agora podemos reparar em citações mais ou menos diretas à concepções de masculinidade. São estas concepções que passam a ser objeto de atenção a partir de agora, a começar pelos antípodas, esses tipos masculinos que a comunidade nega e repudia.

4.2 AQUILO QUE NÃO SE É: OS ANTÍPODAS DA SEDUÇÃO

O conteúdo de masculinidade veiculado dentro da comunidade da sedução, em particular no PUABase.com, implica, como tem sido sugerido até aqui, um modelo ideal a ser seguido, que é o artista da sedução. Mas como todo ideal este também tem seus avessos, seus ruídos, possui suas partes externas e sobressalentes que vão necessariamente ficando pelo caminho até que reste somente o material interno e essencial, que é o artista da sedução. Nota-se que a subjetivação em que estes homens estão envolvidos depende da acusação e identificação de alguns culpados a serem extirpados - mesmo que seja uma extirpação do homem sobre si mesmo.

Estes avessos encontram reunião em termo nativo muito usado em toda a comunidade, e já citado algumas vezes até aqui, que é a de *macho beta*, ou simplesmente *beta* como um adjetivo isolado e totalizador. Em uma definição encontrada dentro da comunidade temos o seguinte:

No mundo animal o macho alpha é aquele macho que é o mais forte do bando, aquele que toma a iniciativa do grupo, aquele que é o que todos respeitam, o que tem o status mais alto dentre todos os machos do grupo. Diferente do macho alfa o macho beta, significa exatamente o oposto do macho alfa. O beta é o subordinado, segue os demais e não faz questão de participar das disputas masculinas ele é sempre o ultimo a comer do animal morto pelo bando e tende sempre a ser o excluído e com menos fêmeas do bando.

Mesmo que nem sempre a comunidade repita essa preocupação em tecer uma conceituação tão clara do que entende por beta, toda menção ao termo reincide nesta estrutura argumentativa: é o oposto do *alfa*, oposto daquilo que todo macho deveria ser, pois é este *alfa* quem lidera, quem tem valor, e por consequência possui maior acesso às fêmeas. Mesmo que a conceituação aqui gire em torno do mundo animal, a intersubjetividade desses homens vinda pelo discurso biologizante (como visto na seção anterior) torna fácil a transposição de animais para humanos, e sem maiores dificuldades temos o *homem beta*, esse tipo negativizado e condenado.

Uma das vantagens conceituais e analíticas da noção de masculinidade hegemônica é a de pensar as masculinidades em relação e em processos dinâmicos entre si. Isto é, tal como Connell sugeriu, ao lado da masculinidade dominante existirão outras masculinidades relacionadas - naquele caso, cúmplices, subordinadas e marginais (CONNELL, 2003). Este detalhe é importante pois além de ajudar a pensar a pluralidade das masculinidades ainda traz ao centro dos fenômenos relativos ao masculino como é que tipos e ideais se relacionam entre si. E tal como observamos no caso dos artistas da sedução, esta relação implica aquilo que um modelo não pode ser, aquilo do que deve se afastar definitivamente. Ou num termo apenas, todo modelo terá uma relação com seus *antípodas*.

Estudos empíricos sobre masculinidades geralmente incidem nesta dinâmica dos antípodas mesmo que às vezes não a citem nominalmente. O ponto é que por trás de uma questão lógica - só

se é algo deixando de ser outras tantas coisas - existe uma rica variedade de possíveis produções de sentidos. Assim é que podemos observar que não só as masculinidades heterossexuais tecerão seus antípodas, que comumente são associados ao feminino e feminilização (MISKOLCI, 2012; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; PASCOE, 2012; FALCONNET; LEFAUCHER, 1977; OLIVEIRA, 2004), mas também as masculinidades homossexuais terão seus antípodas na medida em que se configuram enquanto modelos encabeçando práticas específicas, como, por exemplo, na busca por parceiros homossexuais em sites de relacionamentos (ZAGO, 2013). Estes opostos são muitas vezes reveladores do que o próprio modelo proposto significa, como se através do contraste pudéssemos perceber melhor a figura pretendida. Portanto, em nossa trajetória até o ideal masculino do artista da sedução, precisamos tratar dos antípodas deste artista. Qual são os opostos contra os quais o artista da sedução está construindo um contraste?

Quando do início desta pesquisa, discussões com colegas e professores sobre a comunidade da sedução me sugeriam ter sempre em mente um dos antípodas mais fixos de muitas masculinidades heterossexuais, que é o homem homossexual - e suas alcunhas de *gay*, *viado*, *bicha*. Tais discussões exploratórias, que antecederiam a imersão em campo, davam a entender que seria uma questão urgente e explícita para aqueles homens um afastamento tão evidente quanto possível da sombra da homossexualidade. Estudos empíricos também sugeriam ser uma questão urgente, como Pascoe (2012) que observa esse antípoda homossexual - ao que se referiu através do chamado *fag discourse* - como um dos eixos estruturadores da masculinidade em uma escola norte-americana. Contudo, conforme esta pesquisa era realizada, a figura do gay foi um antípoda particularmente ausente e poucas menções diretas foram feitas a ele, aparecendo antes de forma esparsa do que centralizada. Por exemplo, quando se discutia sobre a linguagem corporal de um sedutor, que se supõe enérgica e desinibida, coube a ressalva de que se "nos agitarmos demais passando uma energia muito alta, viramos amigay[...] ", como se uma linguagem corporal demasiado expressiva incutisse a homossexualidade naquele homem. Ou então quando Alex me explicava a razão de ter escolhido um personagem fictício de uma série televisiva como avatar do seu perfil, uma razão em torno da masculinidade pretendida e que envolvia suspeitas quanto a heterossexualidade.

[...] um personagem que equilibra muito bem a força física de um homem, raciocínio rápido e apurado, com a sensibilidade necessária para fugir do estereótipo homens das cavernas. nele tem um toque de ternura. É assim que gosto de agir em relação as mulheres. Ser um macho, sem perder a ternura ou a educação. Gosto de tratar elas muito bem, sem parecer uma bichinha. É isso. (Alex).

Por mais que esta fala tenha sido bem expressiva quanto ao homossexual como antípoda, é

uma fala incomum e os homens da comunidade estão mais preocupados em não parecerem outras coisas.

A impressão construída durante a pesquisa é que isto se dá porque diferente de outros ambientes e relações em que o espectro da homossexualidade pode ser bem mais aterrador, presente e possível para os homens (SEDGWICK, 1985), na comunidade da sedução parte-se do pressuposto de que quem ali está o está para aprender a conquistar mulheres pois *sente desejo sexual por mulheres*. Esta pressuposição parece dirimir a necessidade de investir simbólica e significativamente sobre os homossexuais como referencial de afastamento pois, afinal, não é o que preocupa estes rapazes. O problema deles não é uma masculinidade sexualmente indefinida, mas sim uma masculinidade heterossexual não-eficiente.

E é por este caminho que começamos a entender os antípodas do artista da sedução: eles vêm num diálogo com a ansiedade desses homens em torno da ineficiência de suas masculinidades presumidamente heterossexuais. Se há algo a ser excluído durante a subjetivação em torno do artista da sedução, esse algo são os tipos masculinos que não se prestam satisfatoriamente à sedução de mulheres. Isto se delinea por todo o fórum, da chegada do iniciante até a constatação de que finalmente virou um artista da sedução. Nas *Discussões, Apresentações, Depoimentos e Entrevistas* é possível observar menções a tipos masculinos diversos, ora mais elaborados, ora apenas adjetivados, mas sempre seguindo um padrão argumentativo: existem perfis masculinos não adequado à sedução, e na comunidade estes homens pretendem extirpá-los de si mesmos.

O processo de extirpação voltará a ser mencionado no capítulo seguinte enquanto um processo de narrativa de si. Agora, contudo, sigo definindo um pouco melhor estes antípodas a partir do significado que recebem dentro do da subjetivação em andamento na comunidade. Os quatro antípodas a seguir problematizados foram escolhidos tendo em vista a repetição das menções e a habitação deles naquela parte mais reveladora de um discurso, que é quando se fala de algo supondo que seu interlocutor saiba do que se fala. Apesar de ser uma escolha em que pesa a capacidade analítica mais ou menos subjetiva do pesquisador, crê-se pela representatividade desta escolha e contemplação da comunidade de modo geral.

4.2.1 Nem bonzinho, nem carente, nem nerd, e nem tímido

Nas *Discussões* é possível notar a emergência de certos ícones de uma masculinidade aprovada por aqueles homens. Desde pessoas reais, como atores ou atletas, até personagens ficcionais, como os de filmes ou míticos, alguns ícones masculinos são escolhidos. Chamo a atenção para uma dessas circunstâncias em que a imagem aprovada se faz acompanhar também pelo

seu avesso. O tópico tentava argumentar pela necessidade do postulante a artista da sedução de "deixar a bondade de lado", o que implicaria um princípio simples: "Se a pessoa for ruim com você, seja ruim com ela!". Mas além da subentendida filosofia do olho por olho, o rapaz explicita que a questão é sobre ser egoísta. No filme Tróia (2004), diz, há no personagem de Aquiles o exemplo da atitude correta, pois Aquiles não escutou nem rei nem amante e seguiu somente suas próprias regras. "Ele faz o que acha certo e conveniente, se valoriza e se acha o cara mais foda que existia naquele tempo. Isso é viver! Isso é ser foda!". O contraste que valoriza a imagem de Aquiles vem a seguir através de Paris, "um homem fraco, que não se impõe, covarde, sem vocação nenhuma para ser um líder, ainda por cima foi choramingar para o irmão protegê-lo... isso sim é ser fraco!". O que começa com a prédica sobre deixar a bondade de lado é concluído em valores associados de força, imposição, coragem, liderança. A transposição de início pode estranhar, contudo, conforme adentramos no quadro valorativo da comunidade, percebemos que a transposição toma maior sentido se pensamos a categoria nativa do *carinha bonzinho*, esse antípoda de frequente menção - e que encontra sinônimos no *cara legal*, *cara bacana*, *cara agradável*, e em qualquer ideia que remeta a um homem que não se impõe nem é independente tal como Aquiles de Tróia era.

O carinha bonzinho é tão preocupante para esses homens que tópicos inteiros são feitos para combatê-lo, e assim manuais e guias de como deixar de ser um carinha bonzinho indicam a intersubjetividade em torno desse tipo masculino. Num destes manuais, o autor dizia a seu leitor como conhecer um carinha bonzinho. "Se não conhece, se olha no espelho e diz: 'Prazer, Carinha Bacana!'", pois todos teriam um pouco do carinha bonzinho/bacana em si. Esse carinha bonzinho, prossegue o autor, é aquele que é "atencioso, bajulador, cara que dá elogios, se veste de forma comum, tá mais preocupado com o conforto dos outros que com seu conforto, respeita regras, caras comuns, entediantes, previsíveis, monótonos, inseguros, chatos, e sem coragem". Esta lista de atributos quando acionada frente às mulheres teria a tendência em concretizar dizeres absolutamente condenáveis mas, na visão da comunidade, comuns. "Mulher nenhuma quer que você diga 'Ele não quer nada contigo? Ele não sabe o que é bom, ele deve ser cego, não vê como vc é linda'. Nunca diga essas merdas". Elogiar, ser complacente, dedicar atenção demais à mulher, eis o carinha bonzinho em sua atitude condenável.

Não só as atitudes traem o homem bonzinho mas sua própria postura. "Por que as bucetas se trancam para eles? Por que as mulheres fogem dele? Por que elas preferem os caras maus?", provoca o autor daquele manual de abolição do carinha bonzinho. E a seguir explica que a reação delas se inicia pela leitura fisionômica. "Elas veem um rosto típico de 'carinha bonzinho', incapaz de relaxar, de se descontraír, sempre sério, inofensivo e meio apático. [...] O mundo é sempre um peso para ele". Esta menção a homens tensos e preocupados tem eco em outras *Discussões* que insistem

na necessidade das mulheres serem divertidas pelos homens, e portanto, o carinha bonzinho, sendo tenso e preocupado, não poderia dar a elas a diversão necessária, portanto as *bucetas se trancam para elas*, e assim cabe a recomendação: "Se por acaso sua expressão facial lembra a de um deles, trate de melhorar". E vale notar que precedendo a prédica foram dispostas algumas imagens de rostos masculinos que supostamente encarnavam o carinha bonzinho e a sua dificuldade de relaxar e se descontraír. As respostas a este manual só reforçam quão importante para aqueles homens ele é. "[...] agora tu imagina eu que fui mais de 30 anos assim, chego a ter vontade de me dar um soco na minha própria cara, por ter sido um merda todo esse tempo [...]". Outros insistem mesmo que a extirpação do carinha bonzinho ainda está se processando. "Estou nesse processo de eliminar o 'carinha legal' que existe em mim. E confesso: está sendo muito difícil... [...] Mas não tem problema! Sou persistente, e a minha vontade de mudar supera tudo!". A seriedade do *eliminar o carinha legal* a que se refere o rapaz adquire sentido justamente por ser essa eliminação parte da construção do artista da sedução, que não pode ter em si traços desse seu antípoda, o carinha bonzinho.

O carinha bonzinho, em sua ânsia de ser educado e agradável para com a mulher, pode acabar dando indícios de outro comportamento negativo em termos de sedução, e portanto outro antípoda, que é o *homem carente*. O que move a desconfiança contra o homem carente é um dos princípios estruturais de muitos dos métodos e técnicas de sedução, que é o de que a indiferença do homem contra a mulher é um eficaz combustível da atração sexual. Logo, um homem carente não é indiferente, e portanto, não é sedutor. Assim é que em um dos vários manuais de sedução é repetido localmente o conselho genérico: "[...] haja com indiferença neste primeiro momento [de contato com as mulheres abordadas], se possível chegue na mais feia ou no homem do grupo. [...] mulheres bonitas não sabem lidar com indiferença e dão mais valor ao homem que não chega babando". O homem que chega babando é pois a expressão de uma carência a ser evitada. Na interação sexual-afetiva envolvendo troca de mensagens de texto de celular, portanto, uma das técnicas consiste em "fazer a mulher retornar a mensagem/ligação sem fazer você parecer carente", ao mesmo tempo em que em que é preciso comunicar a ela "falta de carência, [a presença de] diversão, subcomunicar [através das mensagens] que você vive no seu próprio mundo, na sua própria bolha e vibe[...]". Aos poucos repudia-se o homem que precisa da mulher, depende dela, e dá a entender essa dependência, pois nada mais é do que sinal de carência.

Na constante manipulação da imagem de si a questão do homem carente está frequentemente presente, e em um mundo mediado por mídias digitais a carência lá também deve ser vigiada¹⁹. Assim, a comunidade prega um uso consciente das redes sociais pois nelas o antípoda

¹⁹ Este aspecto da manipulação da imagem de si nas mídias digitais será central no capítulo seguinte, cabendo por ora

homem carente é também uma assombração. Uma das *Discussões* ensinava o homem como criar um perfil apropriado de Facebook. E depois de explicar vários aspectos e elementos deste perfil, chega até ao campo onde o homem pode especificar seu relacionamento, um campo potencialmente problemático em termos de carência. "A melhor coisa é não deixar absolutamente nada em seu status de relacionamento". Explica, assim, que *solteiro* "passa a imagem de solidão e sem pré-seleção [de outras mulheres]", e que daria a entender que se está em busca de mulheres. "Jamais, repito, jamais digam que estão à procura de mulheres. Passa imagem de necessitado". Uma imagem, subentende-se, afinada ao homem carente, e portanto distante de um ideal de indiferença positivado, de viver no seu próprio mundo, onde a relação com as mulheres não virá marcada pela carência frente a elas.

É também neste manual de como ter um perfil adequado no Facebook que outro antípoda dará as caras - ou melhor, deverá ser estrategicamente evitado. Chegamos assim ao *nerd*. Esse homem dos jogos eletrônicos, do gosto por histórias fantasiosas e apreço por tecnologia, um antípoda que talvez construa muito do seu sentido graças ao nosso contexto atual; isto é, uma época de crescente tecnologização de nossa vidas em que podemos falar de um recorte geracional que teve suas subjetividades produzidas em contato com sociabilidades mediadas por computadores, e que talvez nesta mediação tenham surgido ruídos e dificuldades (ou representações de ruídos e dificuldades) para algumas pessoas quando em sociabilidades não-mediadas. Um perfil apropriado no Facebook deve ter uma foto bem escolhida pois é "sua porta de entrada", e assim o autor daquele manual tece uma lista de tipos de fotos permitidas. Contudo o que nos interessa mais, no momento, são as fotos ditas não permitidas. Devem ser evitadas fotos "tiradas pela webcam", também as de "personagens de games, desenhos ou quadrinhos (tiro de bazuca no pé)", e fotos "suas no computador (você realmente quer passar à HB a impressão de que o computador é sua segunda casa?)". O que motiva a evitação destas fotos é a noção do nerd como um tipo contrário ao artista da sedução, um tipo que não se compatibiliza com a sedução satisfatória de mulheres. Uma noção tão contaminadora que não só associações mais diretas a ela devem ser evitadas - como passar a impressão de que o computador é a sua segunda casa - como também associações mais indiretas relativas a gostos e consumo de produtos culturais - games, desenhos ou quadrinhos - e mesmo associações a dispositivos eletrônicos do mundo da informática, que é o mundo tido por mundo nerd, devem ser evitados como se tivessem um poder contaminador - no caso, qualquer foto tirada por uma *webcam*.

Quando argumentei pelas experiências comuns que os homens trazem até a comunidade como um modo de construir uma noção de coletivo, mencionei uma *Discussão* sobre o

notar somente como estes homens conseguem notá-la e agir sobre ela com um relativo grau de consciência.

problemático vício em jogos. Se voltamos a este tópico podemos observar como a intersubjetividade da comunidade da sedução carrega cristalizada o antípoda nerd. O autor explicava os malefícios dos jogos de computador que, note-se, é um mundo tipicamente associado ao nerd. "O que eu era antes[,] um beta, foi 70% por causa desses games", explica em direta associação à imagem do beta. "Você que se engana[se acha que não trará problemas], no começ[o] tudo parece bom e divertido ma[s] o tempo vai passando e isso causa uma necessidade. [Vira] Um vício". E então o alerta: "Não entrem nessa roubada!". Um leitor desavisado, talvez não familiarizado com os valores e práticas da comunidade da sedução, poderia encontrar certa comicidade nestas falas já que levam tanta seriedade a algo que parece tão banal, isto é, o hábito envolvendo jogos eletrônicos. As respostas ao tópico, inclusive, aumentariam a possível leitura cômica. "Graças a Deus, parei de jogar, eu falo toda vez que nasci com 17/18 anos, foi quando eu parei com games, descobri o PUA, li alguns livros, e comecei a me desenvolver pessoalmente [...]", quase em um desabafo similar àqueles dos grupos de ajuda-mútua como Alcoólicos Anônimos. Mas a comicidade, talvez vinda da suspeita dessas falas terem teores de sátira e gozação através do exagero (como no *graças a Deus*), deixa de ser uma interpretação possível quanto mais percebemos que o que está por detrás dessa seriedade que imprimem aos jogos eletrônicos é justamente o antípoda nerd, isso que o artista da sedução não pode ser. É o que um outro rapaz deixa claro ao resumir sua trajetória.

Esses jogos fuderam minha vida social, jogo esses games desde os meus 6 anos, e isso fez eu crescer totalmente introvertido e sem nenhuma calibração social. O jogo que cheguei a jogar mais foi age of empires 2, jogava campeonatos mundiais e era um dos melhores do mundo... e minha vida era uma grande merda completa... Sorte que conheci o PU e larguei essas merdas!

O PU, isto é, o mundo da sedução, aparece como o resgate desse rapaz, um resgate de um outro mundo, o mundo dos jogos, o mundo dos nerds. O resgate, pois, frente ao antípoda nerd, que o impedia de ter vida social e o arremessava à introversão - do que subentende-se problemas em relacionar-se afetiva e sexualmente com mulheres.

O nerd, tal como na cultura popular de modo geral, não raro se associa a um outro atributo, como este rapaz, de 25 anos, explica em sua *Apresentação*. Diz ter buscado o PUABase.com por que "sempre fui muito nerd, quero muda[r] o estilo nerd", mas não só nerd, "sempre fui muito tímido, não tinha coragem de chegar em qualquer menina na escola". Surge então o *homem tímido* como outro antípoda da comunidade da sedução. A timidez aparece como categoria central uma vez que fica fácil vê-la como o horizonte de contraste do que esses homens devem ser. Uma técnica de sedução em particular nos revela isso, que é a *social proof*. "Traduzido para o português como

'prova social"', nos explica o autor de um tópico que dissertava sobre tal técnica, "é basicamente o seu valor como alguém que sabe socializar. Ou seja, que conversa com as pessoas, consegue puxar assunto, conhecer gente nova e é cheio de amigos". A impressão de que homens tímidos encontrarão dificuldades torna-se cada vez mais forte conforme se legitima a importância da prova social, "afinal a HB vai querer [ficar com] um cara 'pop' e não um Zé Ninguém que tem vergonha de falar com gente desconhecida". É nesta subjetivação em torno da sociabilidade necessária, do *zé ninguém*, que muitos homens pedem ajuda para superar a timidez, ou então ajuda de como perder a tão famosa e já algumas vezes aqui citada, *AA*, a ansiedade de aproximação - isto é, medo de interagir com pessoas, mais especificamente com mulheres -, uma situação típica para homens tímidos. Em outro tópico versando sobre a prova social encontramos a seguinte composição hipotética. "Imagine que você está em uma festa e você vê um cara sentado num canto sozinho a festa inteira. Você olha pro outro lado e vê um cara que, a cada vez que você olha, ele tá falando com um grupo diferente, ele tá sempre com um sorriso no rosto e parece se divertir". O primeiro cara parece alguém "com energia baixa, uma pessoa anti-social" e que "não se diverte por estar sozinho", enquanto que o segundo cara parece "alguém sociável, de bem com a vida, divertido", um tipo que, conforme nos diz a comunidade da sedução, será o tipo preferido pelas mulheres - para infelicidade dos homens tímidos.

A timidez seria contrária ao artista da sedução ainda em um sentido muito prático, reforçando o porque dos homens tímidos serem antípodas. Em um manual detalhando estratégias para seduzir mulheres na praia durante o verão, uma delas seria a de se aproximar de um grupo de mulheres tendo como desculpas o convite para alguma prática esportiva de ocasião, como o frescobol. E se o homem não tiver o material adequado para o frescobol, então que peça emprestado a alguém que o tenha. Porém, o que acontece se esse homem desprovido de raquetes e bolinha se sentir embaraçado diante da necessidade de pedir empréstimos a estranhos? É o que responde o autor daquele manual.

Se você tem vergonha de pedir frescobol emprestado, para de ler este texto agora, primeiro porque você leu e não entendeu nada da parte de ter [a] atitude que falei no início [do texto], segundo, porque se tu tem medo de pedir um frescobol para um desconhecido, certamente tu não vai abrir grupo nenhum [de mulheres] e não vai levar buceta nenhuma para a cama, então pare de ler e vai jogar videogame, por favor.

A agressividade desta fala é sintonizada àquela lógica já explicitada dos tópicos *tapa na cara*, revelando a faceta normativa do fórum. Aqui, porém, expressando quão forte é a caracterização e conseqüente esforço excludente do antípoda homem tímido, esse homem que tem vergonha de pedir frescobol emprestado, que por conseqüência não vai levar *buceta* nenhuma para a

cama, e faria um favor simplesmente saindo do fórum e indo jogar videogame - este último elemento retomando o antípoda nerd.

A relação destes homens com estes quatro antípodas aqui apresentados - *cara bonzinho*, *homem carente*, *nerd* e *homem tímido* - não é algo estanque e portanto veremos que invocam estes antípodas de modo criativo e particularizado, sendo cada caso uma diferente expressão deles. Isto ficará mais evidente no capítulo seguinte quanto trataremos das narrativas de si que constroem. Por ora, é preciso notar que repete-se uma lógica argumentativa de evitação destes tipos, ou então de superação deles na medida em que muitos homens se reconhecem como tendo sido (ou ainda sendo) bonzinhos e/ou carentes e/ou nerds e/ou tímidos. Mas os antípodas são mais do que apenas tipos; dentro da comunidade virtual da sedução existem ainda lugares que o artista da sedução não deve habitar, existem como que situações que não correspondem a esse ideal de masculinidade e, portanto, também entram nessa dinâmica de uma masculinidade e seus antípodas.

4.2.2 As zonas inabitáveis: a *friendzone*, a *paixonite* e a *zona de conforto*.

Dentro da comunidade da sedução existem três lugares nos quais o artista da sedução não pode estar ou adentrar pois são inabitáveis na medida que contrariam o próprio artista da sedução. Poderíamos ao invés de falar lugares, pensar, novamente, em vocativos antípodas, e assim teríamos, por consequência, o *amigo*, o *apaixonado* e o *acomodado*. Contudo, como veremos, estes homens se referem geralmente a um *entrar*, um *estar*, como se fossem de fato espaços ou lugares. E assim sendo, enquanto artistas da sedução eles não podem entrar nem estar na *friendzone*, nem na *paixonite* e nem na *zona de conforto*.

Muitos tópicos dentro do PUABase.com giram em torno do entrar ou do sair da *friendzone*. Na tradução literal, e que bem expressa o significado do termo, é simplesmente *zona da amizade*, mas que a popularização dentro da comunidade - e também em um certo nível da cultura popular - fez prevalecer a expressão inglesa de *friendzone*. A definição de *friendzone* vem pelo que ela implica. Isto é, o problema de quando "um PUA entra na zona da amizade" é que a "HB pode ficar com um 'pé atrás' quanto a ter algo com você, afinal você agora é um 'amigo' dela", e pensando nisso o rapaz desta fala elabora um tópico visando "evitar que você entre na friend zone". Ou seja, ser *amigo* da mulher faria anular o possível interesse sexual da parte dela. Arthur, que hoje em dia afirma ter aprendido como conquistar mulheres, ao narrar seu passado de quando tinha entre 14 e 15 anos - e que sofria bullying por conta do sobrepeso - conta ter estado nesse lugar inabitável, "eu sempre fui o 'amigão' das meninas, o cara que nunca conseguia pegar nmg". Ser amigo e ser sedutor, pois, simplesmente não combinam. Assim é que outra *Discussão* sobre a cada vez mais

temível friendzone predicava: "Então tá, a primeira coisa que você tem que entender é que você não pode ser 'querido', mas sim interessante. O cara querido é o que a HB quer como amigo, mas não se sente atraída. [...] alguém confortável de ter por perto, mas que não tem pegada pra ficar com ela". Um lugar, pois, a que o artista da sedução não deve entrar - e se entrar, a comunidade está lá com seus manuais e guias de como sair.

Em um destes manuais a receita é dada em termos de uma pequena estratégia de sedução. O problema, explica o autor, é que quando se consegue certa intimidade com a mulher corre-se o risco de acabar em uma paixão platônica. Portanto, o objetivo é "somente criar um conflito com o conforto que você já construiu até o momento, mudando a perspectiva que a HB tem sobre você". Manuais assim encontram respaldo de outros usuários reforçando uma vez mais que assim como existem os tipos antípodas, existem também as situações que também funcionam como antípodas contrastantes ao artista da sedução. "Aqui está claro de como aborda[r] e fala muito bem a questão da transição do conforto para a atração sem cair para a temida friend zone!", ressalta um dos rapazes, temeroso quanto à friendzone. Outros abandonam o ar técnico e sem sujeito dos dizeres e se fazem presentes quanto suas dificuldades pessoais, "To precisando utilizar algumas dessas dicas, porque de FZ[friendzone] eu já sou especialista [risos]". Estar na friendzone, portanto, é problemático ao artista da sedução na medida em que contraria o próprio mote do artista, que é a sedução; virar o *amigo* de uma mulher é a consolidação de uma sedução fracassada que não deu certo. E conforme estes homens falam sobre ela, dizem como evitar, que estratégia usar, e a pintam como algo temeroso, mais se reforça que é, afinal, uma experiência comum a eles, e mais importante do que isso, que é um lugar inabitável ao ideal de masculinidade ali perseguido - que por princípio não pode ser barrado por uma paixão platônica.

Um lugar próximo mas diferente da friendzone, este terreno pegajoso que cola o homem na amizade, é o da paixonite, um terreno igualmente ou ainda mais pegajoso, que cola o homem em uma fixação apaixonada cega e descontrolada por uma mulher em específico, e que na maioria dos casos sequer é correspondido. Na definição de um dos entrevistados, refletindo sobre a sua própria experiência com a paixonite (e que foi sua razão de ter procurado a comunidade), mas que encontra repercussão na intersubjetividade da comunidade da sedução, temos o seguinte.

Eu entendo paixonite como aquela mulher que o homem passa a idealizar como a mulher dos sonhos, mesmo tendo pouco conhecimento sobre ela, e ele começa a fazer a vida dele girar em torno dela. Caso o homem conheça essa mulher há mais tempo, ou já teve algum relacionamento mais íntimo com ela, a paixonite é aquela mulher que não sai da cabeça do homem e faz com que ele tome decisões pouco racionais. (Gustavo)

A paixonite confunde-se assim com uma certa visão idealizada sobre a mulher e

compromete a imagem do homem como racional, afinal, são os sentimentos dominando a razão. Como Alex explicou, ele próprio também chegou até a comunidade quando pesquisava na internet "Como esquecer uma paixonite", pois estava apaixonado "por uma garota que só tinha visto uma única vez na vida [...] [e virou] uma garota super-idealizada". E quando dissertou um pouco mais sobre a paixonite, citou sintomas. "Os reflexos são baixa-estima, depressão, perda da noção do próprio [eu] e de sua individualidade, ciúmes, possessividade, e neuroses dos mais variados tipos". O quadro pintado, pois, é de paixonite como um lugar absolutamente desconfortável e decorre, ao que parece, de dois elementos centrais: a idealização da mulher e a perda do controle masculino sobre si.

Não à toa as *Discussões* no fórum vão trazer recomendações para que o homem "não deixe sua felicidade se basear em outra pessoa, seja feliz por você mesmo!", o que implica ser feliz "independente de mulheres". Algo impossível quando se está na paixonite pois como outro rapaz alerta tentamos "de tudo para agradá-la[a mulher]", ficamos "esperando uma reação positiva dela", nos esforçamos para gostar do que ela gosta "só para ter assunto depois", ou simplesmente se "demonstra mais interesse por ela do que ela por você"; coisas todas que quando feitas "destrói nosso jogo" pois são "erros betas".

Estas falas em torno da paixonite andam muito próximas daquelas relativas à desmistificação das mulheres, uma vez que é consenso que a paixonite implica estar em uma condição de idealização da mulher. É o que vemos numa discussão em que o autor se esforçava por fazer seu leitor tomar consciência dos males de estar perdidamente apaixonado. "Então porque ficar estagnado numa mulher só, que provavelmente nem dá o reconhecimento que você merece?", questiona a seus leitores apaixonados. "É triste o que vou dizer agora, mas a verdade é que nós não podemos nos apaixonar completamente. Muitos de nós já se foderam exatamente por isso". E contra essa paixão completa, a paixonite e sua idealização da mulher e perda do auto-controle, a solução vem com doses de autopreservação. "Valorizem-se, desapeguem-se e respeitem-se acima de tudo". Diante deste apelo de conscientização, alguns homens sintonizados com aquela vivência incomum e em alguns momentos permissiva que a comunidade oferece fazem seus pequenos relatos em tom de desabafo.

Apesar de ainda estar em uma paixonite, gostei do tópico. Estou tentando esquece-la, mas ao mesmo tempo penso em dar um ultimato nela. [...] Sei que existem milhares de mulheres no mundo, mas ela tem o perfil de mulher que quero ter em um relacionamento sério, e mora na mesma região que eu, fatores que determinam o resquício de paixonite... Mas já me desapeguei um pouco...

Assim, a paixonite é este lugar onde o homem está, que a reação apropriada é tentar

esquecer ou então entender que existem milhares de mulheres no mundo e portanto aquela, a que causa a paixãoite, não é tão ideal quanto é pintada; ainda assim esses homens se reconhecem como vítimas dessa zona inabitável, o que só contribui para mais guias e manuais e textos passo-a-passo ensinando como superar, esquecer ou lidar com paixãoites - e como veremos no capítulo seguinte, não raro é parte da narrativa de um artista da sedução justamente o diálogo com uma situação de paixãoite. Esta posição antípoda mobiliza, afinal, muito dos esforços reflexivos destes homens.

Mas a zona mais claramente inabitável a um artista da sedução, aquela da qual ele precisa a todo custo esta se movendo para fora, é a *zona de conforto*. Esta categoria nativa invoca muito de uma subjetividade afinada com a literatura de autoajuda uma vez que impele o homem à ação, ao fazer as coisas acontecerem por si mesmo, sem ficar acomodado ou satisfeito com o quadro atual de sua vida. Um dos rapazes do fórum, hoje reconhecido e legitimado guru da sedução, lista as lições que aprendeu em sua trajetória enquanto artista da sedução e a primeira delas diz que "80% de nossas 'limitações' são crenças que cultivamos para não sairmos da zona de conforto". E sair da zona de conforto, explica outro dos gurus da sedução reconhecidos pela comunidade, é fundamental. "Aí está a importância de sair da nossa zona de conforto... passar por desafios... interagir... acertar, errar... eis uma verdade: as minhas melhores conquistas aconteceram sem eu prever o que falaria", ressalta o rapaz, dando a entender que é preciso toda uma experiência didática da vida, e que sair da zona do conforto implica não só se submeter a possibilidade do erro como se entregar a aventura da imprevisibilidade - e homens que não tentam, homens atados à previsão, são homens em sua zona de conforto e portanto homens distantes do artista da sedução. Quando uma *Discussão* tensionava quem dentro do PUABase.com era de fato um artista da sedução vemos a zona de conforto sendo usada como critério. "Pra muitos é mais fácil ficar na zona de conforto e no seu mundinho protegido do que se arriscar, evitam a todo custo se machucar, pois tem medo [de] quebrar seu teto de vidro". Se arriscar, se machucar, por o teto de vidro à exposição: isso é sair da zona de conforto, o movimento esperado de um artista da sedução.

As *Entrevistas* reforçam a importância de se evitar uma acomodação e expressam isso com um discurso cada vez mais afinado com a autoajuda. "O mais importante é a pessoa querer viver diferente do que ela vive... sair da zona de conforto é uma das missões mais difíceis do ser humano", considera Fábio. E ele conseguiu, inclusive, identificar esse abandono da zona de conforto em sua própria trajetória. Após relatar um episódio envolvendo uma frustração amorosa da adolescência, diz finalmente ter percebido, "sabia que não podia entrar na zona de conforto novamente, a única pessoa que podia fazer algo por mim era eu mesmo. Fiz disso um hábito na minha vida", e desde então, diz, veio em uma progressiva onda de sucessos e realizações. Renan nas considerações finais da entrevista manifestou um interessante desejo, disse esperar "que alguém se

identifique com alguma coisa [desta entrevista] e saia da sua zona de conforto para buscar algo a mais e superar suas crenças limitantes". A menção às *crenças limitantes* é significativa pois reforça a semântica da zona de conforto, isto é, ir além dos limites que a própria pessoa se veste.

Apesar de todas estas falas se aproximarem do discurso de autoajuda, gostaria de já sugerir sua importância em termos de uma certa masculinidade: esta provação de si, superação de si mesmo, a transformação de potência em ato como atributos de um perfil masculino visado. Atributos de uma masculinidade que, como veremos, é a do artista da sedução, e fundamenta o motivo desses homens serem então tão contrários a zona de conforto. Uma menção curta, mas absolutamente representativa deste gancho que pretendo realizar, foi feita quando se discutia a virgindade nos dias atuais. Uma das saídas para os virgens, cogitou-se, seria recorrer às prostitutas e finalmente perder a virgindade. Mas pela ótica da zona de conforto isso torna-se potencialmente problemático. "O negócio é perder [a virgindade] na raça, com seu mérito. Do contrário, pode acabar caindo na zona de conforto". Sem *mérito*, se não for *na raça*, no sentido presumido de um esforço e dedicação, de um desafio vencido, a zona de conforto, a acomodação - como no recorrer continuamente ao sexo pago - pode ser um destino, e é reprovável.

Assim sendo, a *friendzone*, a *paixonite*, e a *zona de conforto* constituem lugares perigosos e contrastantes para o artista da sedução, e como vemos na comunidade, esses homens tentam, com maior ou menor intensidade, cedo ou tarde em suas trajetórias enquanto artistas da sedução, sair e evitar esses lugares. Estas zonas inabitáveis, como vim sugerindo, constituem parte do quadro de valores e práticas que cabe ao homem sedutor negar e repudiar - assim como nega e repudia o cara bonzinho, o carente, o nerd e o tímido. Na seção seguinte veremos que estas negações e repúdios estão presentes no ideal de masculinidade do artista da sedução. Afinal, os antípodas e as zonas inabitáveis mesmo estando discursivamente situadas como o oposto desse ideal, é justamente nessa relação de oposição que mais intimamente ajudam em sua composição.

4.3 O ARTISTA DA SEDUÇÃO: UM POSICIONAMENTO

Entendendo como esses homens significam as mulheres e a interação afetivo-sexual com elas, e tendo em mente os repúdios e negações que praticam contra tipos masculinos e experiências particulares, podemos agora compreender o artista da sedução enquanto um projeto de masculinidade e qual é o seu conteúdo subjetivo.

Um caminho possível para esta compreensão seria atentar para os diversos adjetivos e atributos que esta figura masculina invoca e tomar estes adjetivos e atributos como sua definição²⁰.

²⁰ Recordo que quando no início do trabalho etnográfico, tentando mapear qual a masculinidade a comunidade da

E nas *Discussões, Apresentações, Depoimentos e Entrevistas* adjetivos e atributos não faltam, sugerindo diretamente ou indiretamente como é esse artista da sedução. Se a intenção fosse fazer uma lista, teríamos algo como: simpático, carismático, divertido, comunicativo, bom contador de histórias, sociável, socialmente ocupado, emocionalmente desapegado, independente, seguro de si, confiante, líder, pró-ativo, determinado, com estilo de vida, com objetivos profissionais, com boa aparência, e assim por diante. Contudo, a explicação simplista de uma masculinidade através da adjetivação pode conduzir ao uso deturpado da ideia de masculinidades plurais a que Connell e o conceito de masculinidade hegemônica contribuíram para construir (CONNELL, 2003). Isto é, dizer que uma masculinidade é x, y ou z (ou x, mais y, e ainda z) é fazer como que uma falsa pluralidade na medida em que nos contentamos a tipificar estaticamente os tipos masculinos e deixamos passar as relações de poder envolvidas (PASCOE, 2012). Ora, um grande avanço nos estudos de masculinidade foi conseguir alcançar a noção de masculinidades plurais, através do conceito de masculinidade hegemônica, no sentido de revelar as lutas pela hegemonia e o estabelecimento de um padrão de orientação (COSTA, 2002). Partilhando desse cuidado é que o recurso dos adjetivos e atributos conferidos ao artista da sedução enquanto tipo masculino serão mantidos em segundo plano, priorizando, ao invés, o conteúdo vivencial do ideal masculino em questão, o que deixa implícita a relação que existe com outros ideais masculinos.

Os próprios sujeitos de pesquisa reforçam que ser um artista da sedução é mais do que colecionar rótulos. Se trata mesmo de ser algo, transformar-se em alguma coisa, conseguir mudar em certa direção. Nas *Apresentações* podemos encontrar algumas falas sugestivas, como a desse rapaz explicando uma de suas motivações por estar no PUABase.com: "Quero ter contato com outros caras que possuem o mesmo objetivo de se tornar um homem melhor[...]". Outro deles comenta mesmo sobre uma tal mentalidade masculina: "Pretendo aprender, já que ainda sou novo [19 anos], a crescer e cultivar a mentalidade masculina, colocando-a a frente das minhas ações, palavras e decisões". E não só o futuro é posto sob o escrutínio das possibilidades, como o passado é ressignificado, como sugere outro rapaz: "Olhando minha vida hoje, enxergo que abrir mão da virilidade, de ser homem e virar um apaixonadinho que pensa em romance me fez fraco e submisso, minha vida não era assim[...]". Um outro membro da comunidade sinaliza, usando do sinônimo de alfa, o aceite do artista da sedução em sua trajetória de vida:

[...] tomei a decisão de ser realmente Homem, pois a vida que levo é a de medroso perante

sedução veiculava, acabei encontrando nos métodos e técnicas de sedução mais populares três características da masculinidade do artista da sedução: ser distinto (dos outros homens), ser líder (de outros homens e também de mulheres), e ser natural (um sedutor espontâneo) (FRANCO, 2014). Contudo, por mais que ainda sejam válidos estes achados, como processo natural de aprofundamento e complexificação da pesquisa entendo a limitação para os objetivos aqui pretendidos.

aos outros e também tomei a decisão de ser Alfa e ter um momento alfa escrito no meu Livro da Vida, de pegar mulheres, curtir com a galera, conhecer gente nova, ter historia pra contar na roda de amigos, realmente experimentar a vida para o real objetivo dela... [Ou seja] Viver [...].

Estas falas se repetem em todo o fórum, de maneira mais ou menos similar, mas o conteúdo está sempre lá. Isto é, por mais que estes homens em certa altura de suas falas possam citar (e de fato citam) adjetivos e atributos como confiança, liderança, ser sociável, e outras, a expectativa da obtenção destas coisas, veremos, é alimentada por uma tomada de posição muito particular dentro de suas próprias vidas masculinas (que envolve um posicionamento frente às mulheres mas não só), ao que o artista da sedução vem em resposta.

Para Oliveira (2004), em diálogo assumido com o vocábulo e argumentação do sociólogo francês Pierre Bourdieu, a própria masculinidade é definida em termos de uma posição. Diz ele que a masculinidade é como um lugar simbólico que confere razão e sentido de ser a seu ocupante, e que portanto ela, a masculinidade, serve como um guia no agir e interpretar o mundo, e um guia tranquilizador uma vez que é uma posição simbólica empoderadora. Disto podemos acrescentar que quando homens clamam por ser um *homem melhor*, pelo cultivo de uma *mentalidade masculina*, reclamam a perda de certa *virilidade*, e tomam a *decisão de ser alfa*, eles parecem estar reivindicando seus lugares simbólicos dentro da masculinidade - dos quais ou foram retirados, ou por alguma razão se sentem impedidos de ocupar, ou simplesmente não julgam ocupá-lo satisfatoriamente.

Nesta seção tentarei argumentar, então, pelo artista da sedução como mais do que a aquisição de determinados adjetivos e atributos. O artista da sedução parece ser um lugar de onde este homem olha o mundo e age nele, parece ser um lugar de subjetivação. É neste sentido que entendemos aquilo que poderia parecer apenas uma bravata da comunidade da sedução; quando estes homens dão a entender que o artista da sedução não é apenas sobre conquistar mulheres, mas sobre construir (e melhorar) a vida como um todo, estão falando justamente sobre a sensação (ou uma expectativa) de terem encontrado um outro lugar de experimentação do mundo. E neste sentido, pretendo demonstrar aqui o artista da sedução (esse projeto de masculinidade) como um lugar imaginário de sentido estruturante (OLIVEIRA, 2004), um guia para vivências, práticas e sentidos, e menos como um eixo que simplesmente reúne em si uma porção de adjetivos e atributos.

Quando Hendriks (2012) fez uma pesquisa sobre a comunidade da sedução através de participações etnográficas nos cursos de sedução, os chamados *bootcamps*, acabou encontrando também esse artista da sedução enquanto um lugar de subjetivação, apesar de não ter explicitado devidamente seu achado.

Aparentemente a Comunidade da Sedução parece ser um movimento puramente hedonístico no qual todas as considerações morais são desconsideradas. O objetivo direto parece bem claro: ter sexo com um grande número de mulheres atraentes. Igualmente claro é o caráter comercial da comunidade da sedução: as escolas [estilos] são companhias, os gurus empresários, os estudantes consumidores. Entretanto, existe também um forte componente ascético na Comunidade da Sedução que tem sido mantido escondido de quem não participa dela, senão também de muitos de seus participantes. Neste ascetismo, os meios ganham em prioridade do fim; a auto-disciplina necessária para estrategicamente atrair e seduzir mulheres ganha em prioridade das relações sexuais, ou pelo menos constitui um importante fim junto das relações sexuais (HENDRIKS, 2012, p. 3, tradução nossa²¹).

O autor se refere ao valor que aqueles homens dão ao se expor ao sofrimento (do aprendizado), à dor (da rejeição), à racionalização (da vida íntima), à auto-observação (sempre crítica). O autor menciona, inclusive, aquilo que já tratei ao falar das zonas inabitáveis, que é a zona de conforto, o que é um ótimo referencial para pensar esse ascetismo do artista da sedução. "Romper a sua 'zona de conforto' é, claro, desconfortável, potencialmente humilhante, e até doloroso, mas é essencial para o seu crescimento enquanto sedutor" (HENDRIKS, 2012, p. 9, tradução nossa²²). Mas Hendriks não explora esse lugar de subjetivação que seu próprio trabalho descobre. Não explora como que aqui a constituição identitária depende do ascetismo. Em uma das falas que trouxe do seu campo etnográfico Hendriks cita a frase de um dos instrutores de cursos de sedução: *eu acredito na dor*. Dor como fé, dor como legitimação, dor como aquilo que ao final da trajetória enquanto artistas da sedução vai ser construtor, e enobrecedor, destes homens. Mas Hendriks não dá o passo adiante para notar que a dor, pois, é como uma lente pela qual esses homens encaram o mundo - ou melhor, o modo como o artista da sedução deve portar-se no mundo.

Veremos que esta lente também está presente no PUABase.com. Mas um outro ponto que Hendriks (2012) parece não ter percebido e também deve ser tratado é o seguinte: se o ascetismo é importante para o artista da sedução, é preciso colocar essa importância em termos de uma masculinidade. Certos projetos de masculinidade tem longa relação com a necessidade de provar-se enquanto masculino, de encarar o mundo como um teste ou desafio, como nos lembra o *self-made man* (KIMMEL, 1996). O apego à dor, ao sofrimento, às feridas (acrescento que podem ser as rejeições, os ditos *foras*, os tapas, os assim chamados *vácuos* dados por uma mulher), fazer das cicatrizes e escaras (acrescento mesmo que simbólicas ou sentimentais) elementos enobrecedores e viris, também são elementos típicos de certas construções masculinas, como aquelas de estados

²¹ "At first the Seduction Community appear to be a purely hedonistic movement in which all moral considerations are set aside. The direct goal seems quite clear: sexual intercourse with a large number of attractive women. Equally clear is the commercial character of the seduction community: the schools are companies, the gurus businessmen, the students consumers. However, there is also a strong ascetic component to the Seduction Community which has remained hidden from view to outsiders, if not also to many insiders. In this ascetism, the means take priority over the end; the self-discipline needed to strategically attract and seduce women takes priority over the sex, or at least forms an important end in addition to the sex." (HENDRIKS, 2012, p. 3).

²² "Breaking out of your 'comfort zone' is, of course, uncomfortable, potentially humiliating, and even painful, but it is essential to your growth as a confident womanizer". (HENDRIKS, 2012, p. 9).

fascistas, estados em tempos de guerra, ou mesmo no antigo costume aristocrático de duelar em armas (OLIVEIRA, 2004). Portanto, se há ascetismo, esse elogio da dor e dos meios (não os fins) como um objetivo em si, ele deve ser posto em ligação com uma masculinidade particular que está valorizando este ascetismo.

Neste intento, a seguir tento argumentar por três elementos que fazem do artista da sedução um lugar de subjetivação masculina - o que vai além dos adjetivos e atributos, e complexifica também a noção de simplesmente existir uma identidade masculina fixa e coesa chamada artista da sedução. O primeiro deles é a autenticidade, o segundo é o controle, e por fim a provação, este último evidentemente inspirado no ascetismo de Hendriks (2012). Durante a argumentação pretendo deixar claro que tais elementos são importantes em termos de uma masculinidade específica.

4.3.1 O reencontro com o sedutor autêntico

Em nossa cultura masculinista, tão apegada à heteronormatividade, existe o implícito que um homem é um naturalmente capacitado sedutor de mulheres. Ou, ao menos, deveria ser um naturalmente capacitado sedutor de mulheres. E isto certamente coloca em dúvida a comunidade virtual da sedução e os homens que recorrem a ela. A incômoda pergunta que parece pairar no ar: *é preciso se cadastrar em um fórum da internet para aprender o que fazer, como fazer, e quando fazer na sedução de mulheres? Ora, não deveríamos naturalmente já saber dessas coisas?*

Este incômodo, com algum custo, às vezes é externalizado pela comunidade. Arthur disse ter conhecido o fórum através da indicação de um amigo, mas "eu não dei muita moral, namorava na época e achei meio idiotice essa parada de aprender a pegar mulher, eu pensava que nós tínhamos que saber isso de berço já". Essa idiotice, mais tarde, quando do término do namoro, se tornaria para ele a razão de uma grande mudança em sua vida; contudo, sua visão inicial era a de que isso de saber *pegar mulher* tinha que vir da tenra infância, isto é, já de berço. Na maior parte das vezes, contudo, esse incômodo, o julgamento dessa idiotice, permanece oculto. E é no esforço de ocultá-lo que sugiro aparecer a estratégia discursiva usada pela comunidade, e que vai convenientemente revestir o artista da sedução como *um lugar de subjetivação masculina marcado pela autenticidade*. Isto é, por mais que ali dentro estes homens estejam sob a direção de guias, manuais, textos passo-a-passo ensinando como fazer e como ser, ao final, diz a comunidade, serão homens autênticos praticando uma autêntica e natural sedução de mulheres.

A estratégia discursiva começa a se manifestar em falas como a que se segue, um exemplo do que é muito típico em diversas *Discussões*: "De nada adianta você ficar robotizado tentando e forçando a sedução! Ser natural é o 'segredo'... você tem que saber colocar para fora o que tem

verdadeiramente dentro de você... é algo que não é preciso ser decorado nem copiado". O que está sugerido aqui é que o homem irá aprender a colocar para fora o que tem verdadeiramente dentro de si, e portanto, não precisará daquilo que é decorado ou copiado. O termo *robotizado* se refere a uma categoria nativa muito usada, como vemos em outra *Discussão*. "A bitolagem, ou robotização social", explica um rapaz, "é simplesmente você se tornar um Robozinho, tipo o do Star Wars, aquele R2D2, que só fala as mesmas coisas o tempo todo, que não tem personalidade, que não consegue se expressar de tão desesperado". Portanto, se o homem deve encontrar o que possui de verdadeiro dentro de si então ele não pode ser um robzinho falando as mesmas coisas e do tipo que não tem personalidade.

Vemos, assim, que algo como a primeira parte daquela estratégia discursiva é adotar uma fala supostamente crítica: condenam o aprendizado que leva o homem a ser um robô dependente de falas decoradas e procedimentos copiados. E a estratégia prossegue quando esses homens começam a relativizar, como que em uma negociação, o uso das coisas decoradas e copiadas. É quando o recurso retórico do *mas* torna-se plenamente útil: não é bom depender de planos e planejamentos, mas... "Vale lembrar que cartas na manga são necessárias", lembrou um rapaz. "[...] mas temos que concordar que nós só podemos agir naturalmente de uma forma apenas se essa forma já estiver incorporada no nosso ser. E isso exige muita pratica e muito tempo", argumentou outro. "Cara, o bom é ser natural mesmo, mas na hora que a menina te encurralar, é sempre bom contar com a experiência compartilhada de outros", reafirmou um outro rapaz. Ou seja, decorar, copiar, agir como aquele robô, é legítimo desde que como cartas na manga e tendo em vista que é preciso muita prática e muito tempo até agir naturalmente, e ainda, é preciso considerar que as mulheres podem te encurralar, legitimando o uso do que foi explícita e forçosamente aprendido.

Mas a estratégia discursiva que revestirá o artista da sedução de autenticidade e portanto afastado do robô tem seu ponto alto quando estes homens falam de suas trajetórias pessoais ao longo do tempo. Aquela crítica inicial e sedimentada no imaginário da comunidade, seguida então pelas ponderações de que, às vezes e sob certas condições, é preciso ser não-autêntico, culmina na categoria nativa de *evolução*. Ser um homem em evolução, em trajetória evolutiva, é o gatilho para reverter aquele incômodo latente de quem precisa aprender o que deveria vir já do berço: é ao final da evolução que o homem se tornará, finalmente, autêntico.

Em uma *Discussão* um rapaz narrava reflexivamente esta sua trajetória. "Não me sentia autêntico. Ficava realmente puto de não estar sendo eu mesmo. [...] Com o sentimento de anti-originalidade, vamos perdendo a graça no ato de se aproximar de mulheres, as coisas parecem não fazer sentido[...]". O sentimento de não ser autêntico leva este rapaz a um desânimo diante da sedução, mas isso é algo que acontece com o tempo, como que numa descoberta pessoal de que se

age feito aquele robô, e, portanto, cabe ao homem dar o passo evolutivo seguinte. "No início [ter coisas decoradas e aprendidas] ajuda bastante para entendermos como funciona a coisa em si, depois, se não continuarmos a trilhar o caminho com nossas pernas, visando evoluir, caímos novamente na zona de conforto[...]". Nota-se, assim, que alcançar a autenticidade - o trilhar o caminho com as próprias pernas, não com as de outra pessoa nem com muletas - é associado ainda à escapatória daquela zona inabitável para o artista da sedução, que é a zona de conforto. Mas este processo significa, sobretudo, o alcançar de um patamar que este homem não se sente mais incomodado já que deixou de ser não-original e não-autêntico.

A estratégia discursiva que inicia com a crítica, passa pela negociação, e então chega a narrativa de uma evolução final, foi também usada pelos entrevistados. Especialmente com Vinícius, quando perguntado se utiliza todos aqueles métodos e técnicas de sedução quando em interação com as mulheres:

Com certeza. A diferença de agora pra uns 8 meses atrás, é que eu não tinha *internalizado*, não havia *guardado toda a essência em mim*. Eu ficava pensando muito no que fazer e as vezes até me enrolava. Agora não, já faço de *forma inconsciente*. E isso é bom, porque a interação sai de forma natural. (Vinícius, grifos meus).

Perguntado especificamente sobre as discussões envolvendo perda de naturalidade e uso de coisas decoradas, o rapaz reforçou que se trata de alcançar um certo patamar:

[...] Você não pensa no próximo passo, você não pensa no que fazer depois, você não pensa. Você simplesmente faz, compreendeu? Essas pessoas que dizem perder a naturalidade são - normalmente - os iniciantes que estão cheio de rotinas e métodos na cabeça, aí ficam planejando o próximo movimento. Pessoas que internalizam o jogo em si, não tem esse problema, porque tudo já está no inconsciente, é natural. Entendeu? (Vinícius).

Aquela pergunta incômoda (como assim ter de aprender o que naturalmente já deveria saber?), portanto, encontra resolução e apaziguamento. Se o homem aprende métodos e técnicas, chegará o momento em que ele não pensará no próximo passo pois vai ter internalizado o jogo, tudo vai estar no inconsciente, e portanto esse homem simplesmente faz, isto é, simplesmente seduz. De modo inventivo e através de uma estratégia discursiva, a comunidade da sedução promove um reencontro muito importante entre seu participante e a autenticidade dele: se ele precisou assumir para si e para os outros que não era o homem heterossexualmente bem-sucedido que era esperado que naturalmente fosse, ao final do processo, ao final da vivência na comunidade, ele terá sim (re)obtido aquela naturalidade.

Gostaria de frisar o quanto esta estratégia discursiva parece atender a uma demanda de masculinidade. Podemos imaginar o quão desvirilizante pode ser na subjetividade destes homens terem de assumir que não conseguem conquistar mulheres e que portanto precisam de um tipo de

ajuda. Inclusive a já comentada resistência deles em misturar a vida e sociabilidade no fórum com a vida e sociabilidade fora dele pode ser um indicativo de que percebem e se incomodam com essa desvirilização. Lembremos do que disse Alex sobre não querer que pessoas fora do círculo da comunidade da sedução soubessem do seu passado em que aprendia como conquistar mulheres. Isto é, talvez simplesmente não quisesse que soubessem do seu passado de uma manifesta desvirilização.

Assim, quando o artista da sedução é revestido como esse lugar de autenticidade, trata-se de um homem que reencontra sua autêntica posição de sedutor. Esse sedutor *natural* a que a comunidade muitas vezes se refere, o ponto de chegada de uma evolução pessoal, é, neste viés, o retorno à condição masculina que uma cultura masculinista e heteronormativa espera de seus homens. Um retorno tão glorificante que faz perder a importância daquele tempo que foi preciso aprender métodos, decorar técnicas, planejar ações, rotinizar as interações. Ou se não perde, ao menos torna-se legítimo, apenas uma etapa. Como dito entusiasticamente em uma das *Discussões*, "É isso aí! O natural é a consequência da evolução e do desenvolvimento de uma série [de] evoluções".

Mas o artista da sedução não é apenas um lugar de subjetivação que promete dar ao homem um ser e um agir autênticos no mundo, em particular na sedução de mulheres. Como podemos adivinhar, atrás dessas falas envolvendo decorar, copiar, aprender, evoluir, e finalmente ser autêntico, há um traço de um homem que se tornaria progressivamente mais apto ao seu meio. Isto é, o artista da sedução seria cada vez mais um homem de controle sobre si e sobre o que o rodeia.

4.3.2 Retomando o controle

O apego de certos modelos de masculinidade à questão do controle, seja de si ou dos outros (e sobre as mulheres), não é propriamente algo inédito (ver KIMMEL, 1996; MISKOLCI, 2013; PASCOE, 2012). E portanto, é com pouca surpresa que vemos que o artista da sedução é também *um lugar de subjetivação masculina marcado pelo controle*. E lembro que tal como vimos ao discutir a tecnicização da sedução, o ato de interpretar a interação afetivo-sexual com mulheres como um processo analítico então dissecado é já a manifestação de como o artista da sedução preza pelo controle, principalmente o controle das pessoas (mulheres) à sua volta.

Assim, também sem muita surpresa, vemos a repetição de outras chaves que expressam a recorrente perseguição masculina pelo domínio sobre sua realidade. Assim é que uma *Discussão* dizia que um artista da sedução cria suas próprias regras, mais ainda, "você precisa impor suas regras" pois um homem "só é livre quando toma o controle das coisas[...]". Outra *Discussão*,

subversiva em termos de uma cultura popular acerca dos relacionamentos, diz que o homem é quem deve ser a parte que regula os avanços sexuais, e o metaforiza como uma barra de chocolate que deve ser desfrutada aos poucos. "E se você se privar dela [mulher] e ir liberando as coisas de pouquinho em pouquinho? Ela quer sair todos os dias com você? E se você sair com ela a cada dois dias, ou três dias, ou uma vez por semana?". Ou seja, o homem assume também o controle dessa dinâmica que muitas vezes é atribuída à mulher, o que conta com aprovações entusiasmadas. "O PU é quem cria as regras, o PU é quem diz quando, quem e onde, o PU é o chocolate!". Outras discussões também explicitam o apego masculino ao controle estendendo-o até o corpo; há tópicos de rapazes relatando a difícil empreitada diária de evitar a masturbação, um controle sobre o prazer solitário que, para muitos, se justifica porque resultaria em mais vigor e ânimo para seduzir mulheres. Ou ainda aquelas falas sobre técnicas de linguagem corporal - como sentar, como andar, o que fazer com as mãos, quais gestos adotar, o tipo de olhar a ser praticado, etc - que trazem o corpo sob os holofotes de uma vigília controladora, mostrando que dentre as discussões sociológicas espontaneamente invocadas por estes homens está também aquela que vê o corpo preso em uma teia de significações (LE BRETON, 2012). E sendo assim, diante de repetições e dinâmicas comuns, em que o artista da sedução se diferencia enquanto lugar de controle para os homens?

Por mais que o controle emocional não seja também nenhuma novidade em termos do ethos controlador e de auto-domínio masculino, é aqui que o artista da sedução parece se destacar. Especialmente se lembramos que um dos seus antípodas é aquele homem carente, o que precisa da mulher para se sentir bem e demonstra isso, e também se lembramos da paixonite, essa zona inabitável ao artista da sedução uma vez que é marcada pela idealização irracional da mulher e um descontrole emocional descrito quase como patológico. Assim, é no sentido emocional que a comunidade virtual da sedução vai investir em uma subjetivação masculina de controle sobre si.

Além de aprender métodos e técnicas de sedução, o artista da sedução tem que desenvolver ainda uma outra habilidade, ao menos é isto que uma *Discussão* sugeria. É preciso "entender os sentimentos e saber lidar com eles", isto é, "você aprende que pode controlar seus sentimentos, tanto pode te-los como não te-los", e portanto, o artista da sedução é "alguém que sabe lidar com sentimentos". Uma categoria nativa muito comum que expressa esse *lidar com sentimentos*, e sobretudo demonstra que há aí um forte apelo pelo controle (agora sobre as emoções), é a expressão *não-reativo*. Lougan, por exemplo, ao falar em que foi que sua personalidade mudou dentro da comunidade, disse ter se tornado mais *não-reativo*, e me explicou o que isso significa:

'Não-reativo' se trata do comportamento no qual a pessoa não reage emocionalmente à fatores externos (beleza da mulher, frieza demasiada, interesse demasiado, rejeição aparente, etc). Ou seja, nada é muito importante para ele, pois ele vive no seu próprio

mundo e na sua própria vida... Ele é feliz, independente de fatores externos. (Lougan)

Homem como pequena ilha, sem reações emocionais, feliz, independente de fatores externos. É o artista da sedução: este homem que encara a vida na posição de controle absoluto sobre si.

Novamente, podemos ver atrás do *não-reativo* as sombras do evitado homem carente e da inabitável paixonite. Mas mais do que isso, vemos também a sombra do que esses homens entendem por mulheres: instintivamente emocionais. E assim, quando o artista da sedução tenta ser não-reativo ele está também se afastando da mulher, esse ser suscetível a emoções, influências externas, e reações condicionadas.

Caio, quando define o que entende por artista da sedução, não consegue deixar de mencionar o controle. "Eu acredito que deve ser alguém que chegou ao auto do aprendizado, que consegue se controlar emocionalmente todo o tempo e que conquista as mulheres só de entrar em um lugar". Este controle emocional, todo o tempo, a um leitor desavisado como fui, às vezes pode exigir explicações. Assim, quando Vinícius, que se considera sim um artista da sedução, disse ter se tornado "alguém muito sarcástico, irônico e frio" nessa mudança, eu perguntei se esse tornar-se foi algo positivo ou não. Sua resposta foi categoricamente elogiosa do controle emocional:

Antes eu era uma pessoa muito melancólica, qualquer coisinha que acontecia relacionado a mulher, como por exemplo... uma garota dar um fora em mim, eu ia pro meu quarto e ficava lá, deitado, pensando, me odiando por ser tão fraco. Se eu encontrava um amigo, eu falava todos os meus problemas e enchia ele de informações pessoais. Sério, eu era um fraco, pqp [puta que pariu]. [...] vou te falar sério, essa foi a melhor mudança que eu fiz. Eu não me sinto mal por rejeições, mulheres grossas não me afetam. Se alguém vier falar merda pra mim eu consigo manter a calma e debater friamente. Sério, foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Foi o ponto chave de todo meu sucesso! (Vinícius).

A fala animada e convicta gira em torno de um disciplinamento pessoal, o deixar de ser melancólico como sinal de uma melhor administração das relações e emoções. E quando não disciplinado se culpava por ser tão fraco, ao passo que o disciplinamento teria sido o ponto chave do seu sucesso.

O apego do artista da sedução pelo controle emocional faz sentido também se lembramos a origem experiencial dos homens que perseguem esse ideal de masculinidade. Muitos chegam até a comunidade reclamando das dores de uma rejeição, do sofrimento pelo término do namoro, ou simplesmente fazendo um desabafo geral sobre como se sentem infelizes e perdidos como um todo. O controle emocional, portanto, vai reinvestindo esses homens de controle sobre si, o que na comunidade é ainda rapidamente associado ao sucesso.

Esse controle pessoal, contudo, é preciso notar que conduz ao controle do mundo à volta e das pessoas (principalmente mulheres) ao entorno. Como disse Vinícius, se alguém vem lhe dizer

merda ele preserva a calma e consegue debater friamente, dando a entender um melhor desempenho interpessoal. E não a toa vimos que Caio ao definir o artista da sedução falou do controle emocional mas também que é o auge do aprendizado e que significa ainda conquistar as mulheres só de entrar em um lugar.

O controle sobre si, então, passa a possibilitar maior eficácia na própria sedução. Ou como disse um dos informantes, é questão de deixar de depender do acaso e passar a aproveitar as oportunidades.

Antes meus closes [sedução bem sucedida] eram baseados no acaso. Por algum motivo conhecia certa HB e o close gerava sem esquematização/estratégia da minha parte. Depois que entrei no mundo PU fico um estado sempre alerta, tento não deixar passar nada despercebido [...] hoje sou um cara que não deixa oportunidade passar. (Bruno).

Esta fala de Bruno repete a lógica de um controle pessoal que, uma vez desenvolvido - *fico um estado sempre alerta* - possibilita mais controle sobre o que acontece em volta - ser esse homem que não deixa oportunidade passar. Há, pois, um ligação entre o que se passa dentro do homem e o que ele consegue fazer externamente. É o que Alex me disse. "PUA é ter uma postura ativa nos momentos da vida em que esta exige sedução e também ter auto-controle mental das consequências desta". Ação e autocontrole na definição desse ideal de masculinidade.

Portanto, a lógica de uma masculinidade que valoriza o controle se repete no caso do artista da sedução. Outra vez mais, no entanto, devemos reparar no que isto significa em termos de uma masculinidade. Mais do que o discurso de autoajuda que preza pela autonomia e poder do indivíduo, lemos aí o resgate de um poder masculino e o próprio contraste desse masculino frente às mulheres, aos antípodas, e às situações às quais um certo homem não pode se submeter. O artista da sedução enquanto um lugar de subjetivação de controle, assim, dota, mas também exige, o homem de uma postura dominante. É o guiar a sedução, criar as próprias regras, ditar o andamento da relação, vigiar seu corpo, administrar suas emoções, controlar, enfim, a si e as circunstâncias (sobretudo de sedução) em que se encontra.

A postura de controle deixa subentendido uma ação sobre o mundo, aquilo que Alex chamou de postura ativa. A própria postura de autenticidade também sugere certa ação sobre o mundo uma vez que o homem é impelido a evoluir, a traçar seu caminho rumo aquele patamar do homem naturalmente sedutor. É assim, então, que observaremos ainda o artista da sedução como um homem que, ao invés de se intimidar pela realidade, abraça orgulhosamente todos os desafios que lhe são feitos.

4.3.3 Homens em provação

Como já sinalizado, a comunidade da sedução tem uma perspectiva ascética que a faz valorizar os meios talvez até mais do que os fins (HENDRIKS, 2012). No PUABase.com isso não é diferente, e tentando captar essa valorização é que digo que o artista da sedução *é um lugar de subjetivação pela provação*. Com isto abarco a necessidade que estes homens sentem de serem testados, desafiados, a necessidade de deixarem claro que a evolução até o artista da sedução não é fácil, mas estão dispostos a enfrentar a difícil jornada - e alguns até gostam que ela seja assim difícil.

Uma *Discussão* que mobilizou a provação deste ideal de masculinidade foi uma acerca da revitalização do fórum, que com certa frequência, como nesta ocasião, é criticado por estar perdendo o ritmo e qualidade das discussões dos anos anteriores. Se tratava de uma proposta: seriam lançados desafios periodicamente e cada usuário que cumprisse o desafio teria de relatar como foi a experiência e então tê-la sob julgamento público. Mas os idealizadores da proposta advertiram que "os desafios não serão piedosos bem como nossa avaliação", enquanto que os outros usuários do fórum responderam com entusiasmo e bravatas: "Desafio? Adoro desafios [risadas]. Apoiado demais!", "Espero que seja bem hardcore mesmo", e ainda "E não pensem que vou cair nos primeiros desafios, vou dar muito o que falar...". Hendriks (2012) observando como esta retórica pairava também nas interações presenciais da comunidade da sedução, guiou sua análise pelos discursos de autoajuda (que nesse caso seria um misto de hedonismo com ascetismo). Contudo, sugiro ajustarmos nossas lentes analíticas e guiar a análise pelos discursos de masculinidade: não são pessoas adotando um viés ascético, e sim homens adotando um discurso de desafio e provação diante de mundo. Acredito, pois, que sem essa lente dada pelas questões de masculinidade ficaria difícil entender com que força e frequência a provação aparece no PUABase.com.

Inclusive porque tal como outras significações da comunidade - como a do *tapa na cara* - que remetem ao universo simbólico da violência e agressividades físicas típicas do masculino, a provação também aparece em associação com termos e significados muito referentes a uma certa masculinidade. É o que vemos em uma *Discussão* sobre os aprendizados de um rapaz que fala do alto da posição de artista da sedução:

Encare a rejeição como o ato de fazer uma tatuagem. No começo, dói e você acha que não vai aguentar tamanha dor. No entanto, com o passar do tempo, não é que deixe de doer, mas não será mais algo tão relevante e [você] estará disposto a passar por isso quantas vezes for necessário para chegar onde quer. [...] Errar é algo que dói, mas tenha em mente que [você] não é perfeito e que a dor do erro nada mais é que aprendizado.

Esta relação pedagógica envolvendo dor, erro, estar disposto a repetir a experiência e aprendizado, remete a um universo masculino que não admite o fracasso nem a desistência pois é esse desafiar das dificuldades o que conta. Na trajetória desses homens, inclusive, esta relação e remissão a um universo masculino segue mostrando que, mais do que um adjetivo, a questão da provação é um modo de subjetivação destes homens.

Para mim ser um PUA é ser um homem que encara a vida e seus medos de frente. Na vida temos fases boas e fases ruins, as boas nós apenas aproveitamos as ruins temos que superar e ter atitude[...]. A vida é muito curta, temos que fazê-la valer a pena, ninguém pode fazer isso pela gente, apenas nós mesmos. Cada pessoa tem que ter o controle da sua vida, você pode escolher ter uma vida medíocre e cheias de frustrações, ou pode ir a luta e conquistar as coisas que sempre quis... Claro que é impossível ter tudo, mas vale a experiência e as vitórias das coisas que consegui. [...] a vida não nos dá uma chance de voltar e fazer de novo, ou você faz ou não faz. O PUA me ensinou isso.(Fábio).

E se ensinou isso é porque antes não sabia, e antes não era do tipo que encara a vida e seus medos de frente. E para alcançar esse ideal, para transformar-se em artista da sedução, não foi fácil, ao menos não para Fábio, que na entrevista disse ter seguido um caminho de pouco diálogo com a comunidade e a ela retornou só recentemente e já bem resolvido consigo mesmo:

Para mim particularmente aconteceu de forma dura, cai bastante, errei bastante, mas fui melhorando e aprendendo a cada dia. [...] Essa mudança aconteceu comigo por ter muita vontade de mudar, por ser bem ambicioso e não aceitar qualquer coisa da vida, coloquei na minha mente que meus objetivos tinham que ser maiores e mais fortes que meus medos e inseguranças[...]. (Fábio).

O que estes trechos mostram é apego não exclusivo de Fábio pelo encarar a vida e seus medos de frente, do que noções como superação, luta e conquista aparecem, compondo como quadro de fundo uma mensagem que louva a experiência, o tentar, o experimentar mesmo que temendo o fracasso. Fábio caiu bastante e errou bastante, mas disso veio sua melhoria e aprendizado, e foi importante ainda deixar claro que medos e inseguranças não podiam ser um entrave, mas sim algo a ser vencido. O próprio tom que o rapaz usa, mesmo que na letra fria de uma entrevista realizada por e-mail, deixa adivinhar certo orgulho pelas dificuldades encontradas e a persistência dada em resposta. Como nos lembra Oliveira (2004) falando dos estados fascistas, algumas masculinidades são vistas como positivamente constituídas quando em contato com perigos e desafios, como se o campo de batalha e a guerra fossem o grande palco para fazer nascer um homem de valor. Guardadas as devidas proporções, essa lógica masculinista se repete no artista da sedução.

Esse lugar de subjetivação pela provação exige também que este homem tenha uma relação prática com o mundo que o cerca. Ele simplesmente não pode se furtar à experiência. Um tópico

sugeria existir alguns tipos de mulheres que devem ser evitados. Ora, isso vai contra a filosofia de provação do artista da sedução, e um rapaz apressou em mencionar isso. "Não evitem mulher alguma. [...] Busquem a experiência. Não evitem erro. As falhas fazem parte da evolução. Afinal, se não erramos o que iremos contar para nossos filhos? Toda mulher pode nos ensinar algo". O homem não deve evitar mulher alguma pois buscar a experiência é essencial. E por ter de buscar a experiência, muitas *Discussões* enxergam com desconfiança os *teóricos* da comunidade, isto é, os homens que se aprofundam em leituras sem fim mas nunca buscam a experiência. "A prática é fundamental na arte da sedução. Nem todos os livros do mundo o tornarão sozinho aquele homem que você deseja ser. é preciso pegar a teoria e coloca[-la] em campo", foi dito em um tópico, ressaltando que o artista da sedução é uma masculinidade da prática, do mundo real - afinal, é só ali que a provação pode acontecer.

E por este motivo o próprio fórum enquanto um lugar virtual adquire potencial risco e é relativizado. Podemos imaginar que a contribuição para que esse risco aumente é o fato dele ser pertencente ao mundo dos computadores, da internet, das tecnologias, e portanto perigosamente próximo ao antípoda nerd. E isto faz necessário reforçar, sempre, que o fórum não pode substituir nunca a experiência real, as provações reais. Perguntado sobre a importância de se estar no PUABase.com, foi isso que o informante pareceu ponderar mesmo reconhecendo que ali novos conteúdos são aprendidos:

Mas não acho tão importante assim que ele [o homem que busca a comunidade] utilize o fórum, mas sim que troque e busque conhecimento, e que perceba que as informações são feitas para e por pessoas reais, o conhecimento sobre mulheres, sobre o padrão, ou mesmo o PU, são coisas baseadas na 'vida real' e não no mundo virtual e apenas teórico onde a maior parte dos usuários, ao menos dos fóruns sobre relações sociais passam a maior parte do tempo. (Luiz)

Como já mencionado, o artista da sedução não é aquele homem que acessa o site PUABase.com, esse mundo virtual e apenas teórico, mas sim o homem que sabe que existe uma vida real, com pessoas reais. "A prática sempre deve ser aliada ao conhecimento teórico, afinal as dinâmicas sociais são praticadas na vida real, não em um livro ou em frente ao computador", assevera um rapaz em um dos vários tópicos defendendo a necessidade do artista da sedução buscar a prática.

Reforço, uma vez mais, que tamanha prontidão desses homens em aceitar desafios, elogiar a dureza das experiências, e perseguir assim a prática ao invés da teoria, tem como uma chave analítica indispensável o recorte pela masculinidade. O exercício é simples e caricato, mas ainda assim (ou justamente por isso) revelador: se fosse uma comunidade de mulheres aprendendo a seduzir homens, muito possivelmente a provação não estaria lá (e nem a autenticidade e nem o controle

como aqui aparecem). Este lugar de subjetivação pela provação, portanto, parece instituir no homem a coragem (ou obrigação) de ocupar uma posição ativa diante do mundo, do que atributos valorizados por nossa cultura masculinista facilmente se associam, tais como valentia, bravura e ousadia.

4.4 REFLEXIVIDADES

Apesar de haver um consenso na comunidade virtual da sedução acerca do até aqui exposto, é preciso deixar claro que consenso não significa total concordância, e a subjetivação que envolve estes homens não exclui as discordâncias. Principalmente considerando as situações de entrevista em que, convidados a tecer suas visões e narrativas, aqueles homens estavam ali, neste mesmo momento, produzindo novos significados ao tecer e narrar, o que vai além da simples repetição de um discurso coletivo imposto sobre eles (MISHLER, 2002; BAMBERG, 2002; GONÇALVES, 2012). E portanto, a visão sobre as mulheres, também o elemento da tecnicização da sedução, e mesmo o conceito de artista da sedução, são absorvidos dentro de um processo reflexivo que é típico da modernidade (GIDDENS, 1991, 1993, 2002) e que nas entrevistas toma forma.

Flávio subverte um elemento importante acerca das mulheres, que é aquilo de que elas gostam. Na comunidade, como vimos e já ficou sugerido em algumas discussões, as mulheres podem gostar de uma porção de coisas no homem, menos aquelas coisas balizadas pela cultura popular, como a atenção que ele dedica a ela ou a demonstração de sentimentos profundos. Estas coisas são, sob o viés do artista da sedução, coisas atribuíveis aos antípodas e às zonas inabitáveis. Para Flávio, porém, talvez graças a sua idade (35) e portanto com uma outra bagagem experiencial e formação geracional, o discurso sobre o que elas gostam vai timidamente em outra direção:

Eu aprendi que você pode ser um cara gentil e romântico, mas não necessariamente ser atraente só com isso. Se você não souber mexer com os sentimentos da mulher, com o papo certo, a linguagem corporal adequada, tocar sem medo e progressivamente [...] e outras atitudes de homem, você pode ser, sei lá... o Brad Pitt, e simplesmente não vai seduzir. *Claro que qualquer mulher gosta de romance e gentileza*, mas elas podem ter homens no seu dia a dia (pais, irmãos, chefes, colegas de trabalho, amigos e etc.) que proporcionem essa base do cavalheirismo, e elas obviamente não vão se sentir atraídas. (Flávio, grifos meus).

Mesmo que acabe reforçando que gentileza e romance não são o suficiente, a simples menção como atributos que as mulheres gostam sim - e não parte de uma ilusão que o mundo, e algumas mulheres, criam para distorcer a realidade - já é significativa. Retomando o que um outro rapaz disse numa das discussões sobre quais seriam os critérios que uma mulher se utiliza na atração pelos homens, temos "[...] Fama > Dinheiro > Personalidade > Beleza". Ao que Flávio se

distancia sutilmente.

A reflexividade quanto às mulheres, porém, aparece de modo ainda mais subversivo quando estes homens percebem que, afinal, não existe esta entidade abstrata chamada mulher, e sim vários casos e várias particularidades de *mulher*, que passa então a ser plural, *mulheres*. Vinícius, por exemplo, parece tão incomodado com o modo como a comunidade vê as mulheres que iniciou suas considerações com uma manifestação elogiosa quanto a oportunidade de falar sobre isso.

Esta pergunta é muito boa [sobre a visão acerca das mulheres]. Muitas pessoas chegam aqui e veem tópicos falando que toda mulher trai, que toda mulher quer se aparecer, que toda mulher é exibicionista. Pois bem, eu não tenho esse pensamento. Eu penso que há sim uma grande parcela de mulheres que traem, que querem se aparecer e que tem um anseio gigante em se mostrar, porém não são todas. Ainda acredito que existem mulheres pra namorar, casar, apesar de serem escassas, existem sim! Não é porque a árvore tem uma maçã podre, que todas as outras são também. Compreende? Essa é minha visão. A diferença do eu anterior pro eu agora, é que eu sei reconhecer qual vale a pena e qual não vale. Não sou enganado e muito menos feito de idiota por elas. Mas dizer que todas não prestam, aí é uma generalização absurda e ridícula. (Vinícius).

A reflexividade, pois, novamente aparece, e novamente aparecem os limites que encontra. Mesmo se compadecendo da abstração genérica e negativa feita sobre as mulheres, o que considera algo absurdo e ridículo, Vinícius não consegue se livrar totalmente da ideia presente na comunidade; as mulheres para namorar ou casar são escassas (supondo que exista e seja possível tal distinção moral), e frisa categoricamente, talvez orgulhosamente, que sabe reconhecer quais valem à pena e por isso, assim como se espera de um artista da sedução, não é enganado por elas.

A questão de existirem mulheres para casar é retomada na fala de um outro rapaz que, como veremos, também consegue relativizar outros valores da comunidade. Perguntado sobre como vê as mulheres, Caio explica que não tem

o tipo de preconceito clássico do PU que é 'mulher de se pegar e mulher de se casar' eu acho que uma mulher pode fazer todas as coisas que um homem faz, se eu vou ser fiel ela também vai, independente se eu bebo ou se eu transo na primeira vez que eu saio com uma mulher. Por isso hoje eu gosto das mulheres, sou mais próximo delas e não fico julgando ninguém por nada ligado a sexo ou bebidas. (Caio).

O que o rapaz sugeriu, apesar da construção frasal invertida, é que assim como um homem pode beber e não será considerado nada pior por isto, ou então transar no primeiro encontro e não ser rotulado negativamente por causa disto, a mulher também pode beber e transar. O alvo de sua fala, o que chamou de preconceito clássico do PU, transparece frequentemente nas *Discussões* que tentam rotular as mulheres, ocasiões em que notamos como a comunidade virtual da sedução apresenta laços claros com um moralismo sexual tradicionalista, como vimos com Vinícius e as considerações sobre mulheres para casar ou não. Em um desses tópicos, por exemplo, o autor

conceituava as chamadas *baladeiras*. "Normalmente as mulheres mais sérias vão, conhecem a balada, mas logo vêem que não é ambiente pra elas[...] Mas existem aquelas que curtem balada, e tem também aquelas que adoram balada! Lá elas se exibem, bebem, ficam, é a perdição!". E sobre este tipo de mulher o veredito é claro: "As que curtem ou adoram balada são perigosas para uma relação estável [...] Pra quem gosta de viver perigosamente as indico!". Ou seja, a seriedade da mulher passa longe do gosto por baladas. É contra esse tipo de discurso que Caio se posiciona e exerce sua reflexividade e capacidade de individuação.

Um outro aspecto da comunidade que é alvo de relativizações por parte dos entrevistados é quanto à tecnicização da sedução. Por mais que a crítica a ela às vezes encontre aquela característica do artista da sedução, que é a de ser um sedutor autêntico, estes homens vão um pouco além e contestam a própria fé que a comunidade tem de que algo como a sedução pode ser assim banal e simplesmente ensinada, e portanto aplicável como uma técnica impessoal.

Thiago, que se considera um artista da sedução, apontou como parte importante de sua trajetória o momento em que deixou de lado uma das principais prédicas quanto à sedução de mulheres, que é o não demonstrar interesse por elas - quem faz isso, diria a comunidade, são os carentes, um antípoda do artista da sedução.

Notei que quando eu era mais bitolado eu fazia muita coisa nada a ver. É aí que entra o que eu disse antes, sobre levar ao pé da letra as coisas, levei o que o Mystery dizia na época muito a sério. Então ficava abordando com opiniões, pedindo telefones. E o maior erro: fingindo que não tinha interesse na garota. Depois passei a ver que isso tem um equilíbrio, de início realmente demonstrar um interesse demasiado soa necessitado. Por outro lado não tem como você querer pegar uma garota fingindo que não tá interessado quando na verdade está sim. Mudei isso e daí sim as coisas melhoraram bastante. (Thiago).

A questão, pois, é encontrar o equilíbrio ao invés de agir como um bitolado que leva ao pé da letra os métodos de sedução, como esse assinado por Mystery, de que o homem não pode mostrar seu interesse pela mulher. Das muitas dúvidas e pedidos de ajuda que aparecem no fórum, muitas são sobre como conquistar uma garota em específico; e a resposta típica é justamente uma fórmula simples e repetida a todo instante, do que qualquer exemplo é somente a variação de um padrão, como "Dê um puta gelo nela, esquece mesmo. Se ela te mandar msg [mensagem textual] mais pra frente seja seco e monossilábico (Só responda Sim, Não, Aham, A tá, etc...) afinal você não precisa mais dela". E portanto entendemos onde Thiago e sua desconfiança do fingir não estar interessado pela garota destoa da comunidade.

Outros homens colocam sua idade como mote para a reflexividade. Paulo, com seus 35 anos, já se acha num outro patamar e portanto a tecnicização não lhe serve. "Já me acho meio crescidinho para ficar seguindo o que alguns adolescentes dizem ser a 'receita do sucesso'". De forma

equivalente, e muito coincidentemente complementar ao informante anterior, Fábio contesta que a tecnicização - isto é, o ensino de técnicas e métodos - possa ser feito assim, como algo genérico que vale para todos.

[...] o pickup não é uma ciência exata, funciona diferente para cada um que tenta, algumas técnicas que funcionam para mim e não vão funcionar para você. Cabe a cada um se conhecer e descobrir seus estilos no jogo. Eu não posso postar alguma técnica ou conceito como verdade absoluta, é mais esse tipo de cuidado que eu acho que as pessoas deveriam ter entende? [...] Aquele lifestyle por exemplo, não acho que seja necessário todos os inexperientes fazerem, tem coisas ali que na minha opinião são bobas, não imagino vendo um cara de 35 anos fazendo algumas daquelas coisas... rs [risos]. (Fábio).

O lifestyle a que se refere é um livro-desafio que um famoso guru da sedução lançou, e que propõe ao homem um mês inteiro de desafios, geralmente um por dia, e que, garante-se, transformará o desafiante caso o cumpra integralmente - por exemplo, ficar alguns dias sem tomar banho nem fazer a barba ou pentear o cabelo, e tentar se sentir à vontade na interação com outras pessoas, pois isso, supostamente, forçaria a quebrar as inseguranças na abordagem de mulheres. Coisas que Paulo e Fábio não veem como apropriadas.

E esta relativização sobre as técnicas não serem para todos pode, em alguns casos, se transformar em uma defesa da própria inutilidade das técnicas ao invés da simples relativização. A tecnicização, para Alex, no máximo oferece exemplos de como as coisas podem ser.

No início julgava a pílula mágica da felicidade [as técnicas e métodos], hoje em dia considero apenas macacos de circo adestrados quem segue aquilo tudo. É legal por te dar um norte, mas não pode passar a linha de ser apenas um exemplo. Aquelas técnicas e rotinas deram certo pra uma pessoa X com uma mulher Z. É algo específico para aquelas duas pessoas. Agora o que dará certo para você e para sua garota é algo totalmente diferente, que só você pode descobrir. Aprendi que homens de verdade pensam com a própria cabeça e seguem sua intuição antes de mais nada. (Alex).

Por mais que essa reflexividade termine em um discurso masculinista sobre o que um homem de verdade deve fazer - e que é muito próximo ao artista da sedução enquanto um sedutor autêntico -, é preciso notar o afastamento que Alex tenta fazer do que, para a comunidade da sedução, é absolutamente comum, que é o seguir técnicas e métodos, e que aqui nesta pesquisa me referi como a tecnicização da sedução. Mais adiante na entrevista arremata categoricamente sobre quem depende da tecnicização, que

não passam de macacos de circo adestrados fazendo firula de algo que acontece desde o início da humanidade e que ao separar a sedução por fases apenas estão herdando uma mania de quem é viciado em videogames. Acho que os 'gurus' complicam uma coisa que é muito fácil e muito natural, tudo para lucrar em cima com seminários e livros. (Alex).

A reflexividade crítica alcança, portanto, inclusive o elemento de consumo da comunidade,

que é o mercado de materiais à venda e cursos - ou bootcamps - pagos, que estariam antes voltado ao lucro do que ao ensinamento. Recordo que participar de um bootcamp aqui no Brasil custa algo em torno dos dois mil reais. Contudo, a crítica à comunidade reincide, ao final, na intersubjetividade comunitária: o afastamento do antípoda nerd através menção irônica à herança de manias típicas de quem é viciado em videogames.

Para Bruno, este afastamento reflexivo da tecnicização veio como uma demanda do que ele mesmo experimentou. Após dizer que os ensinamentos da comunidade o deixam mais atento para as possibilidades e meios de seduzir mulheres, complementa.

Esse lado sempre alerta é bom por um lado, mas por outro pode ser ruim. Eu acredito que toda ação da mulher é baseada no seu jogo, mas isso as vezes me impede de viver um relacionamento com a cabeça relaxada. De todo modo, é como a literatura preconiza: um ama, enquanto outro é amado. Quem amar, perderá o jogo sempre. (Bruno).

Sua reclamação contra a tecnicização - que o impediria de relaxar, afinal, tudo deve ser feito assim ou assado para obter isso ou aquilo -, é contrabalanceada por uma resignação, que é como se dissesse que as coisas infelizmente são como são, e por isso continuará operando pela tecnicização. Mas a reclamação é importante. Tanto que, durante a entrevista, tendo percebido que eu dava mais atenção ao contrabalanço do que à sua insatisfação, me corrigiu: "[...] eu realmente não gosto muito desse estado alerta, fico muito tenso! haha. Na época que eu era 'inocente' era tudo mais suave, rsrs [risos]". Assim é que Bruno demarca que mesmo que o jogo infelizmente faça aquele que ama perder, ainda assim não acha que a reação que a tecnicização propicia seja tão positiva quanto a comunidade diz ser.

O último elemento que gostaria de destacar como de reflexividade e individuação para esses homens foi sobre o próprio conceito de artista da sedução. Mesmo que muitos entrevistados dessem para esse conceito uma definição absolutamente enquadrada nos parâmetros, digamos, do discurso oficial da comunidade, outros rapazes foram mais reativos na recepção desta definição. Um exemplo de definição via discurso oficial está em Lougan, que, talvez não seja coincidência senão coerência, é autor publicado e consultor sobre sedução. Para ele ser um artista da sedução significa "se tornar um homem com habilidades sociais fora dos padrões e com comportamentos atraentes que seduzem, conseqüentemente, as mulheres. É transar frequentemente com mulheres, seduzí-las de uma forma ousada, confiante e atípica". Outros rapazes, porém, relativizaram o artista da sedução. A palavra-chave de Caio é o adjetivo bobagem.

Para mim essa definição é uma bobagem, acho ate que já falei isso, mas esses rótulos são formas de quantificar o quanto se está bom em algo, eu só acredito na mudança a partir dos erros, não sou e não quero ser um 'alfa' ou um 'PUA' eu quero ser eu mesmo e me deixar

pra consertar meus erros, acho que se perde uma grande oportunidade de melhora quando se imagina no topo do nível de aprendizado, somos todos aprendizes constantes. (Caio).

A questão que o incomoda é o da rotulação como objetivo final quando, na verdade, reincidindo na provação que se espera de um artista da sedução, são os erros e seus ensinamentos que mais importam. E por isso, a definição de artista da sedução é uma bobagem. E por isso, adiante, complementa que "eu não gosto de rotular e não existe definição de ser PUA ou não, a questão é você se sentir bem".

A não-existência de uma definição aparece também em Alex, que também executa sua reflexividade considerando que é desnecessário ater-se a rótulos como esse de artista da sedução e equivalentes - pick up artist, PUA, ou alfa, basicamente.

[...] não existe essa história de homem beta ou de homem alpha. Existe são 'situações', cuja reações das pessoas se molduram com uma postura masculina, de valor e princípios, e, quanto mais coerente for esta ação com sua real identidade e esta se coadunar com princípios secundários mais interessante você se tornará. [...] Portanto, não existe um homem alpha ou beta, existe é situações e ações sobre elas que mostram quem você é de verdade. Seremos todos alphas e betas em determinado momento da vida, eu, você, o Brad Pitt, o Van Dame e o John John e o nerd da esquina. Por isso é que o foco deve ser não em se tornar um alpha [...] mas adotar uma postura de ação quando o momento exigir. (Alex).

Isto é particularmente contrário à comunidade uma vez que, como vimos, aqueles homens precisam extirpar de si seu lado antípoda e beta, seja um nerd, um tímido, um carente ou um bonzinho. Dizer que o alfa - ou artista da sedução - não é uma condição, mas uma reação circunstancial, é uma maneira de destoar do discurso coletivo comum. Mais adiante, aplicando isso a si, diz que existem "situações que sou extremamente ativo e algumas que me omito como todo ser humano", e apesar de se considerar "uma pessoa mais ativa que passiva em relação as mulheres", esclarece que "não é um verbo 'ser', é um verbo 'estar', por isto não daria o rótulo de PUA para ninguém" (Alex).

Para Luiz, o conceito e o rótulo de artista da sedução até existe, mas critica o seu machismo.

Ao meu ver o PUA é aquele cara que estuda de forma teórica e prática para se tornar com bom as mulheres, que utiliza de técnicas pré-testadas, e é especialista em identificar, atrair e seduzir qualquer mulher, [mas] na maior parte é machista. Eu já acredito que o ideal é ter um novo termo, talvez um artista social, não sei exatamente, esse busca ser independente socialmente, sexualmente, emocionalmente, uma pessoa que estuda para ser alguém melhor como cidadão, indivíduo e 'ser', um especialista em interações sociais que pratica a atração e a sedução de mulheres, ou homens, mas que não tem apenas esse foco. Resumindo o PUA tem foco apenas na mulher, tudo que ele faz é em relação a mulher, se ele resolve aprender habilidades sociais ou 'melhorar como pessoa', sua motivação é pegar mulher. (Luiz).

A crítica, e portanto sua reflexividade, está em sugerir que esse interesse obstinado em seduzir mulheres é sinal de um machismo - e que seria danoso ao próprio homem, já que faria tudo

somente visando este objetivo. A crítica prossegue ainda, apesar de não sabermos seu sentido exato, quando sugere que o artista social, supostamente diferente do artista da sedução, pode querer seduzir mulheres ou homens - cogitasse a homossexualidade, ou a existência de *atrizes* sociais, a crítica e subversão dos preceitos desse coletivo heterossexista e masculinista estaria feita de todo modo. Porém, na sua descrição do artista social não encontramos, afinal, muita diferença do artista da sedução: a perseguição do homem controlado persiste, bem como a importância do seduzir e atrair mulheres. De todo modo, vale reparar que Luiz fez uma das poucas associações da comunidade ao machismo.

Assim, vemos que estes homens exercitam sua reflexividade e capacidade de individuação. Se o discurso coletivo, oficial por assim dizer, existe, ele não é acatado pronta e imediatamente. E mesmo em pontos críticos - como na visão sobre as mulheres, o pilar que é a tecnicização da sedução, ou o próprio conceito de artista da sedução - podem ser relativizados seja por um posicionamento pessoal, seja pela vivência e experiência adquiridas que induzem a uma outra leitura da realidade. Entretanto, as reflexividades estão sempre pela metade; como vimos, dentro da própria linha argumentativa aquilo que é refutado logo é reafirmado. E no decorrer das entrevistas, mesmo o homem que de repente se afastava de um parâmetro da comunidade logo a seguir se aproximava de outro. Por mais que possamos ler nesses homens, em particular nos entrevistados, a condição (pós) moderna de uma reflexividade acentuada (DOMINGUES, 2005; GIDDENS, 2002), ela logo encontra barreiras. Parece, afinal, que participar da comunidade virtual da sedução tem como custo um nível mínimo de aceitação dos seus valores e práticas.

5 PERFORMANCES DE SUBJETIVAÇÃO: EU SOU, EU VIVI, EU SEI, EU ESCREVO

Conforme visto até aqui, em particular no capítulo anterior, o artista da sedução é um lugar de subjetivação. A participação na comunidade deve dotar o homem de um novo posicionamento no mundo, e portanto um novo modo de se relacionar com o mundo - sobretudo com referência às mulheres. Nesse percurso as mulheres são compreendidas, a interação com elas desvendada, os antípodas afastados, as zonas inabitáveis evitadas, e finalmente o artista da sedução enquanto lugar de subjetivação é mais ou menos alcançado. Mas algo parece continuar pendente tanto para os homens quanto para a comunidade em si. O processo de subjetivação que a comunidade virtual da sedução oferece e estimula parece demandar, como parte dele, uma etapa de explicitação, como que um trazer à tona daquele processo de subjetivação e assim concluí-lo. Assim é que na Área dos Novatos estes encontram um tópico que diz que o fórum é, sobretudo, para "postar seus relatos de campo, afinal para que tanto material se você não vai usar? No fórum de relatos de campo queremos que você comece a relatar suas experiências em campo. [Nós, leitores] Vamos avaliar, recomendar e criticar!". E assim também nos Depoimentos temos um convite singelo para que o homem conte "nessa área um pouco da sua evolução atingida com os conhecimentos adquiridos no PUABASE. Adoraremos ler a evolução de um membro de nossa irmandade". Tanto num exemplo quanto noutro, o homem é impelido a explicitar o que anda fazendo, o que lhe tem acontecido.

Diferente, pois, da leitura solitária de um livro de autoajuda, onde o livro nada saberá do seu leitor e das mudanças que eventualmente causou nele, a comunidade virtual da sedução quer saber o que anda acontecendo com seus leitores-participantes. E neste momento, tecer narrativas de si - o recurso metodológico fundamental adotado nesta pesquisa - torna-se crucial.

Estou a nove meses integrando essa família e posso dizer que um [seu nome] qualquer morreu e nasceu o [seu pseudônimo], tenho orgulho de ser um PUA. Não pelo número e qualidade de mulheres que eu peguei de lá pra cá, mas principalmente pela felicidade latente que tenho em mim graças a minha nova estrutura psicológica adquirida aqui. [...] Minha vida mudou completamente depois do PU, sou um cara sociável, tenho amigos e mulheres, muitas mulheres. Eu era um cara que pegava uma ou outra, com muita dificuldade, pegava sempre UG [*ugly girls*, mulheres feias] e as pessoas perguntavam 'o que você faz com essa menina tão feia?'. Estava sempre associando minha capacidade de pegar mulheres a minha aparência e situação financeira, hoje sou um cara que deixa outros homens inseguros, meio atordoados, enciumados e admirados com minha performance como sedutor, independente da minha aparência e situação financeira. [...] Graças ao PU, ouço constantemente das mulheres coisas do tipo: 'Você é louco' 'você não existe!' 'Meu Deus! Hahahaha'. No meu celular coleciono mensagens de mulheres apaixonadas, dizendo coisas que eu nunca tinha ouvido antes de mulheres do nível que eu estou pegando agora.

Deste modo, é preciso notar que tais narrativas de si - que não são exclusivas nos *Depoimentos* mas, friso, comuns por todo o fórum - parecem estar ligadas com o processo de

subjetivação do artista da sedução. Como no exemplo acima, trata-se de invocar antípodas, ilustrar um passado problemático, e então narrar a superação da dificuldade com as mulheres. Isto é, as narrativas de si são recursos performáticos usados para proclamar a conquista desse lugar de subjetivação chamado artista da sedução - dizer que consegue muitas, muitas mulheres, que adquiriu uma nova estrutura psíquica, e que deixa os outros homens atordoados, enciumados e admirados. Ou seja, narrativas de si aparecem como performances de subjetivação em andamento. A palavra performance, como veremos, encontra eco nas referências teóricas utilizadas, e tem ainda um significado implícito, e que é preciso manter, de um ato que visa certo convencimento sobre aqueles que o assistem - aqui, então, convencer de que uma subjetivação foi alcançada. Neste último capítulo, portanto, tratarei destas performances, dando especial atenção à trajetória dos participantes do PUABase.com, pois é sobre essa trajetória que as performances são realizadas.

Esclareço, entretanto, que pensar performances de subjetivação em mídias digitais passa longe de pensar a veracidade. Ao invés de polarizar a análise em mentiras ou verdades no/do online, o foco está nas pequenas estratégias de manipulação que tentam constituir uma imagem de si de acordo com o que é esperado ou desejado, isto é, o interesse está nas manipulações estratégicas situacionais (BAYM, 2013). Não importa considerar se o homem conquistou realmente tantas mulheres quanto diz ter conquistado nem se mudou tanto quanto diz ter mudado, mas sim o investimento discursivo online que faz em diálogo com o que a comunidade da sedução, e o artista da sedução enquanto lugar de subjetivação, parecem lhe informar e exigir.

Este foco antes na performance do que na verdade não é nada inédito em pesquisas com mídias digitais, e uma saída que muitos pesquisadores vieram adotando desde o surgimento da internet foi o de uma adaptativa aproximação com Erving Goffman, autor reconhecido pela sua microsociologia voltada à interação entre as pessoas. Aproximação adaptativa pois Goffman (1975) escrevia explicitamente sobre interações face a face e em ambientes concretos. Portanto, o que se sugere é uma abertura analítica para as comunicações e interações eletrônicas como um contexto peculiar em que um eu é apresentado, e disto nascerá um sistema interativo cujo um dos problemas a ser considerado é a máxima goffmaniana, ou seja, como manter e estabelecer um certo eu diante dos outros (MILLER, 1995). Duvido seriamente que alguém possa questionar o caráter interativo das mídias digitais, mesmo aquelas voltadas e rendidas ao texto, como é o caso do PUABase.com; e portanto creio que a aproximação via interação é, mais do que possível, positiva.

Observo que Goffman (1975) assume ter feito um quadro conceitual abstrato e formal passível de aplicação em casos diversos. Isto fica mais flagrante na sua conhecida metáfora dramaturgic e que analisa "a maneira pela qual o indivíduo apresenta [...] a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu

respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas."(GOFFMAN, 1975, p. 7). Atores projetando máscaras, representações dependentes de impressões, influências e regulação da informação sobre o eu, eis os termos pelos quais Goffman nos encoraja a pensar as interações entre as pessoas. E assim, atores em interação precisam estar adequados à encenação que fazem. "Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir."(GOFFMAN, 1975, p. 36-7). Entra em jogo a questão do convencimento, ou seja, a estratégica mobilização de ações e expressões que se encaixem na encenação pretendida; e com isso entra em jogo também o latente desconforto do ator, esse "atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encenar uma representação" (GOFFMAN, 1975, p. 231) na qual tenta invocar um personagem e sabe da possível discrepância entre realidade e aparência representada. E neste viés, toda interação passa a ser a emergência de um eu.

O 'eu', portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado.(GOFFMAN, 1975, p. 231).

Quando os homens da comunidade virtual da sedução escrevem suas narrativas de si, sempre com a velada intenção de serem lidos, não seriam, pois, cenas apresentadas? Um eu que nasce de um efeito dramático? Não seria, neste nível, o artista da sedução um personagem-lugar de subjetivação a ser acreditado ou desacreditado? Goffman (1988), ao falar das normas de identidade (expectativas sobre como ou o que devemos ser) descreve um quadro de inevitáveis manipulações das informações sobre o eu já que tentaremos estar de acordo com as normas identitárias (evitar informações que quebrem a expectativa da norma, transmitir informações que a confirmem), e portanto, havendo normas identitárias, haverá manipulação. Sendo o artista da sedução facilmente posto como uma norma de identidade, quais manipulações em torno de si ele enseja? Como são feitas?

A adaptação da ótica goffmaniana para as mídias digitais, portanto, é proveitosa, e talvez não muito dificultosa. Para Baym (2013), mesmo no online, há sempre a tentativa de controlar o que os outros pensam de nós, e esta tentativa pode sim dar origem a uma grande fantasia, mas o mais comum é o que a autora chama de um equilíbrio estratégico entre compartilhar, guardar e distorcer informações. E assim, se por exemplo olharmos com atenção os *blogs* e perfis de Facebook, o que acontece ali senão uma dinâmica que dá origem a um palco (aquilo que é exposto) e a bastidores (aquilo que não deve ser exposto), uma franca e assumida seleção goffmaniana de

quais partes do eu serão reveladas ou escondidas? (ASPLING, 2011). Certamente adaptar Goffman (1975, 1988) às mídias digitais exige ponderações, pois é uma outra dinâmica entre público e privado (BRAGA, 2008). E, afinal, a apresentação de um eu online dependerá das possibilidades teatrais que a plataforma em questão oferece e também das habilidades do seu utilizador em gerenciá-las (BAYM, 2013). O que, no PUABase.com, significa um manejo textual das impressões transmitidas.

Assim, estou sugerindo chamar por performances de subjetivação estas narrativas de si, completamente textuais, onde o homem invoca feitos e conquistas, números e habilidades sedutoras; elas supõem um ator, um público, e o constante gerenciamento das impressões que são passadas daquele para este. E isto significa, na comunidade virtual da sedução, a capacidade de concluir o processo de subjetivação ali mesmo iniciado se mostrando, enfim e convincentemente, como um artista da sedução. E aquele espaço virtual que explorei no capítulo 3 vira, agora, um grande palco.

Mas tais performances de subjetivação são amplamente marcadas pelo gênero, isto é, por uma masculinidade. Não é qualquer narrativa, mas uma narrativa que invoca quase necessariamente os feitos e conquistas de um homem heterossexualmente bem sucedido, e assim tais narrativas parecem constituir esse homem enquanto um heterossexual bem sucedido. Neste sentido é que podemos pensar as masculinidades enquanto práticas identitárias significantes, isto é, existem práticas reguladoras, coerências e performatividades sustentando o modo como as masculinidades são construídas e apresentadas. "De fato, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade." (BUTLER, 2008, p. 209). Esta visão desestabiliza qualquer pré-noção de um gênero - e de uma masculinidade - que seja dada em qualquer *a priori* natural uma vez que tudo passa a ser um jogo com regras - como as da heterossexualidade - em que o sujeito precisa praticar repetida e performativamente sua identidade e assim obtê-la como uma verdade natural. O gênero - e, repito, qualquer masculinidade - não tem qualquer essência

pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. [...] Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados. (BUTLER, 2008, p. 48).

Logo, um homem que age *como homem* não expressa qualquer substância masculina, mas sim realiza uma performatividade identitária regrada, discursivamente informada, validadora e reprodutora do agir *como homem*. As masculinidades, levadas às consequências deste viés

butleriano pós-estruturalista, deixam de ser coisas fixas e presas a corpos, e passam a ser configurações de práticas e discursos que podem ser corporificados em diferentes graus e modos seja qual for o sexo daquele que corporifica (PASCOE, 2012). De um modo muito sutil, as masculinidades são postas em práticas e discursos e vividas em performatividades e repetições estilizadas. O artista da sedução, como vimos até aqui, tem suas práticas e discursos, resta agora notar quais são suas performatividades e repetições estilizadas - e que se formam textualmente nas narrativas de si. Obviamente esta performatividade também ocorre em alguma medida de forma não-textual, como possivelmente observaríamos caso tivéssemos contato presencial com estes homens, em particular durante a interação com as mulheres, ou possivelmente de modo ainda mais explícito nos bootcamps quando estes homens são pedagogicamente instruídos no como fazer e como se portar. Mas, como já ficou claro até aqui, não é este o foco desta pesquisa.

Prossigo argumentando como o gerenciamento das impressões de um eu (GOFFMAN, 1975), somado às masculinidades como performatividades estilizadas e repetidas (BUTLER, 2008), aparecem nas narrativas de si dos homens da comunidade virtual da sedução. Estas duas dinâmicas se completam e me permitem falar de uma performance de subjetivação que mira o lugar de subjetivação chamado artista da sedução. Usando em particular da trajetória de vida desses homens, mostrarei quais são os elementos de eficácia daquela performance e portanto como ela se constrói e como permite que esses homens construam a si mesmos - mas sempre textualmente, sempre pelas narrativas de si.

5.1 A HISTÓRIA DO ARTISTA DA SEDUÇÃO

Analisando os *Depoimentos*, esses textos que giram em torno do antes/depois de participar do PUABase.com, observamos uma curiosa repetição das histórias das vidas desses homens. É uma estrutura tamanha que argumentações psicanalíticas fundadas na psiquê profunda e em arquétipos, como a do jornada do herói ou monomito (CAMPBELL, 2007; VOGLER, 2006), seriam, no mínimo, interessantes. E as resposta que genericamente os leitores dão aos depoimentos lidos apenas reforçam a repetição existente, como "Minha história é praticamente igual a sua...", ou então "A história me emocionou! Me identifiquei em muitos pontos[...]", ou ainda "Fiquei emocionado ao ler isso. Principalmente por que me identifiquei muito com isso. Sua historia é muito parecida com a minha". São vários homens, várias histórias, mas, ao que parece, é um só enredo, que é o do artista da sedução. Mantendo isto em vista, mas me atendo à noção de uma performance de subjetivação, sigo problematizando como que, dentro desta repetição quase estrutural, os elementos são combinados de modo a compor uma narrativa de si que convença seu leitor de que foi escrita

por alguém mais ou menos estabelecido no lugar de subjetivação do artista da sedução.

Foram analisados, ao todo, dezoito depoimentos. Apesar de não ser fundamental segui-los do início ao fim, e nem é uma preocupação expô-los na íntegra, eles serão citados com identificações que permitam ao leitor saber quando se trata de um mesmo depoimento, dirimindo assim qualquer impressão de ser ou não a mesma história. As subseções são planejadas de acordo com o que parecem ser os três aspectos centrais de uma narrativa de si dentro de um depoimento: a intersubjetividade do fracasso, as provas de sucesso, e as prédicas legitimadoras.

5.1.1 A intersubjetividade do fracasso

A narrativa de si em um depoimento começa, invariavelmente, no passado daquele que narra. Meses ou anos atrás, não importa, mas é um passado. E não qualquer passado, mas um passado negativo, ruim, às vezes extremamente dramático, e sempre resvalando para o problema com as garotas - que como já vimos, e viemos notando o tempo todo, é uma grande ansiedade destes homens.

No *depoimento I* temos logo de início uma confissão, que é o resgate de um antípoda a ser extirpado de si. "Sempre fui um cara muito tímido, fechado, triste, mto quieto, descuidado eu ã gostava de mim mesmo[...]". E mesmo pesquisando na internet ajuda para conquistar mulheres, e tendo aprendido alguns truques, "parecia que ã combinava comigo, eu travava qdo ia falar com alguma hb (maldita AA [ansiedade de aproximação]) e qdo conseguia ã dava certo". E isto levou o rapaz ao seu verdadeiro problema, "percebi q o problema era na forma como eu m sentia em relação a mim msm, m achava feio, incapaz de seduzir uma hb, auto-estima então... zero. Foi aí q conheci o PUABase". O tom de bravata que perpassa outros textos do fórum, onde homens contam quantas mulheres conquistaram, quantas beijaram, com quantas dormiram, aqui é, por um instante, deixado de lado, e é preciso descrever o que existia antes do homem conquistador; aqui um homem que se considerava incapaz de seduzir uma mulher, e que era um dos antípodas do artista da sedução, um cara muito tímido.

O *depoimento II* segue a mesma linha, repete alguns elementos, mas traz novos. "Eu era tímido, retraído, completamente fora da realidade social que via as pessoas a minha volta terem. Completamente cada vez mais dentro da minha zona de conforto e dentro de minha realidade criada por uma carapaça protetora de conforto". Mais que o antípoda tímido, ocupava ainda o inabitável lugar para o artista da sedução, que é a zona de conforto, aqui posta metaforicamente na *carapaça protetora*, o que sugere também o avesso daquela atitude de subjetivação de quem encara satisfatoriamente a vida como uma provação sem fim, fora de qualquer carapaça protetora. Mas este

rapaz ainda tinha outro agravante, outro antípoda. "Não saia de casa, ficava o dia todo em casa sem fazer nada, assistindo séries e jogando CS". Tanto assistir séries quanto *jogar CS*, isto é, Counter-Strike, um famoso jogo online para computadores, são chaves significativas que invocam o nerd, outra marca negativa no passado deste rapaz - e que assim como a timidez, e a zona de conforto, será extirpada de si durante o depoimento.

Outros rapazes conseguem invocar amplamente um passado avesso ao artista da sedução sobre si mesmos, como é o *depoimento III*. O rapaz chama de *fase negra* aquela dos seus doze anos, e resumível em duas palavras: "gordinho, e super tímido". Deixando implícita uma configuração familiar peculiar, diz ter se mudado para morar com sua mãe, e este novo ambiente teve consequências como a de largar a escola, e assim "fiquei depressivo, engordei muito, e vivi por 1 ou 2 anos trancafiado dentro de casa, comendo e ficando no pc [computador]". A situação com sua mãe não dava certo, e mudou-se novamente, agora indo morar com sua avó. Voltou à escola, tirava boas notas, mas a vida social "um lixo, bullying a rodo, nunca me aproximava das garotas, não tinha amigos, não participava de nada". O bullying, diz, foi particularmente perturbador, e com o tempo o fez desanimar com tudo. "Juntando tudo, fui [ficando] cada vez mais em casa, até que chegou um ponto que larguei de novo o colégio, perdi minha bolsa [de estudos], perdi os amigos, vida social no lixo, pior ainda [do que antes]". Seu cotidiano podia ser várias coisas, menos o de um artista da sedução. "Chegava a ficar 2 semanas sem sair do portão, passava os dias no pc, jogando e assistindo pornografia, e todos os dias comia muita pizza, sanduíches, litros e litros de coca". O saldo final foi dramático. "No fim das contas estava: Virgem (praticamente), sem amigos, pesando 125kg em apenas 1,63 de altura, sabe o fundo do poço? Desça mais um pouco, e me encontraria. Estava tudo ferrado". Confessa inclusive pensamentos de atos extremos. "Acordava pensando em me matar, passava o dia pensando em me matar, e dormia pensando em como fazer". Obesidade, timidez, nerd, bullying, virgem (ou *praticamente*, seja lá o que isso signifique), um rapaz que estava ainda mais fundo do que o fundo do poço, pensamentos suicidas; e que narra ao seu leitor toda essa desventura contrastante ao artista da sedução.

O que estes fragmentos demonstram é uma necessidade de começar as narrativas de si entrando como que numa intersubjetividade do fracasso - ou daquilo que entendem por fracasso. É preciso se mostrar como alguém que em algum momento do passado não teve acesso às garotas, que não teve vida social, que teve hábitos condenáveis, que teve um estilo de vida precário, que teve um corpo que não é desejável. Notamos nestes fragmentos um movimento em direção ao lúdico, como já discutido no capítulo 3: é o se expor, o usar dos problemas pessoais como moeda de troca com outros homens, e assim compor uma interação de permissividades. Invocam para tanto os antípodas, as zonas inabitáveis, e qualquer outra característica pessoal que vá contra o artista da

sedução. Tal necessidade auto-depreciativa, porém, parece cumprir uma função importante que excede o aspecto lúdico, que é atuar nos termos de uma performance de subjetivação. A questão, ao que parece, é alcançar, logo de imediato, a empatia do seu leitor; e mais ainda, dialogar com seu leitor naquilo que, supostamente, ali dentro todos tem mais ou menos em comum. É o que o *depoimento IV* escancara em sua introdução.

Certo, durante um bom tempo você foi um beta, pouco sociável que tinha medo de expressar tudo o que sente, algumas vezes fez loucuras por amor e no final tudo dava errado, ou quase tudo, algumas vezes você tinha sucesso em conquistas, mas na maior parte do tempo a FriendZone era a sua companheira. Depois de tanta frustração você descobre comunidades secretas de sedutores profissionais e iniciantes, lugares onde se compartilha todo tipo de conhecimento acerca de Dinâmicas Sociais, popularmente conhecida como Pickup Artist, eu adentrei este submundo da internet.

Toda a argumentação é dirigida ao leitor quando, abruptamente, no final, aquele que narra se manifesta - *eu adentrei este mundo*, o mesmo mundo que vinha sugerindo que seu leitor também estava, e na mesma condição e motivos desse estar. Por mais que possamos ver isso como uma naturalidade de qualquer comunidade - isto é, uma determinada proposta atrai pessoas com interesses e históricos próximos - sugiro problematizar tais dizeres, e a aparente necessidade de dizer, como recursos para uma manipulação performática.

A intersubjetividade do fracasso parece constituir o primeiro passo de uma performance de subjetivação na medida em que garante ao seu leitor que aquela narrativa de si é feita de um lugar que poderia ser o lugar do leitor. Que foi feita por alguém que sabe das dores, do incômodo, de como é estar *tudo ferrado*, que sentiu o que é ser tímido, obeso, sofrer bullying, e também gastou um tempo enorme com jogos de computador e outros hábitos nerds; sobretudo, que aquela narrativa de si também partiu do lugar de quem não conseguia garotas, era virgem, que travava ao falar com elas. Essa intersubjetividade do fracasso, pois, é a chave para uma empatia prévia, o primeiro passo para uma performance de subjetivação convincente. É também a indicação de que o antípoda em si será extirpado e as zonas inabitáveis abandonadas. Se as pessoas tem expectativas sobre as outras e reagirão conforme (GOFFMAN, 1975), é nessa construção narrativa auto-depreciativa que uma certa expectativa tenta ser formada e atendida, como se dissesse *eu sei o que é não-ser um artista da sedução e por isso escrevo o que escrevo*.

5.1.2 As provas do sucesso

Um depoimento precisa trazer provas de que o sucesso naquela narrativa de si foi obtido. Provas textuais, argumentativas, puramente construções discursivas, mas provas. Contudo, há aqui

uma lacuna: da intersubjetividade do fracasso até às provas do sucesso, pouco se diz.

Um depoimento, a rigor, é um balanço entre o antes e o depois de participar na comunidade. E portanto, o que acontece no meio é um tanto vilipendiado. Assim o *depoimento II* menciona que, incomodado com o que era, passou a procurar na internet por termos como "como pegar mulher" ou então "como conseguir mais mulheres", foi quando encontrou o PUABase.com. "Logo no primeiro dia de fórum fui pra minha primeira sarge, e depois disso, estou há 7 meses indo todos os fds [final de semana] para pelo menos uma sarge". O *depoimento V* também não vai muito além nos detalhes. Após ter conseguido perder peso sua auto-estima, diz, melhorou, e foi quando se envolveu "com algumas meninas, a partir dai minha vida começou a mudar". Chamou isso de *ponta-pé inicial*, uma mudança que teria ainda mais profundidade aos 20 anos, quando perdeu a virgindade. "Minha vida começou a melhorar muito, comecei a sair para algumas festas, meu círculo social aumentou um pouco e continuou aumentando aos poucos". E é na sequência de menções curtas assim que as provas de sucesso aparecerão. Apesar destas lacunas serem fonte de incômodo para alguns dos meus entrevistados (como veremos logo mais) não há contestações públicas frequentes sobre o que acontece no espaço entre o fracasso e o sucesso. A performance de subjetivação, ao que parece, demanda mesmo é dizer o que foi que o sucesso trouxe, ou qual foi sua marca.

Assim o *depoimento I* pode dizer que graças ao PUABase.com teve "uma das melhores sensações da minha vida", que foi quando conseguiu beijar uma *HB* (nota) 8. E não só isso. "Me tornei um cara alegre, d bem com a vida, determinado. E estou mto feliz pelo tanto q mudei. Percebi q a felicidade nasce dentro da gente, ã depende de ninguém e isso me faz mto bem". O artista da sedução como aquele homem controlado, autônomo emocionalmente, aqui aparece como o lugar de sucesso alcançado, e sugere também alguns antípodas extirpados e zonas inabitáveis evitadas - é o que está implícito na menção ao beijo em uma *HB* 8. O sucesso vindo por garotas conquistadas não é incomum nestas narrativas de si. O *depoimento VI* é escrito de modo a culminar no que foi seu maior sucesso, uma namorada. "A umas 5 semanas conheci minha namorada, e o fato da simplicidade dela, a conversa madura a inteligência me atraíram logo de cara. E se me interessou, não perdi tempo e fui atras. To muito feliz pelo que conquistei, a presença dela me faz bem". Já o *depoimento VII* tem como clímax o momento em que conseguiu sair de uma zona inabitável, a paixonite. "Sempre achei ela gatinha, mas como todo beta, não tive coragem de fazer nada no começo", dizia no início do depoimento, alcançando assim a intersubjetividade do fracasso. E após um depoimento narrando suas desventuras com a tal garota e os avanços progressivos que foi realizando, a narrativa se encerra com o vitorioso momento em que a garota, agora tão bem seduzida, toma a atitude que de início o rapaz não tinha coragem de tomar. "Aí, quando dei por mim [...] ela já tinha tomado a iniciativa de me beijar". Isto é, o tímido que é extirpado, a zona inabitável

da paixonite que é abandonada. O que vemos surgir a todo instante, e isso é preciso frisar, é a importância da mulher (seduzida) como prova de sucesso. O *depoimento VIII* é icônico.

São três anos que conheço o mundo da sedução (Pua), morando aqui nesse quarto que já foi banheiro, sendo pobre, ganhando pouco, com uma aparência mediana [...], sem carro, tive aproximadamente 22 relações sexuais com mulheres diferentes. Deve ter já ultrapassado mais de 70 Kc em vários fields, já peguei garotas da academia, trabalho, etc. Já seduzi garotas de programa sem que elas cobrem nenhum tostão. Atualmente comecei a namorar uma Hb [nota] 7,5, para mim um novo nível de jogo, pois terei que ser o líder do relacionamento e dominar essa Hb.

Além do sucesso invocando números expressivos - como 70 KC, isto é, *kiss close*, que seria a interação finalizada com um beijo na mulher -, também uma certa versatilidade - consegue conquistar mulheres em diversos contextos ou lugares, isto é, em diferentes *fields* - e situações simbólicas - como ter sexo gratuito com garotas de programa - nota-se, ainda, que as provas de sucesso podem trazer, explicitamente, os valores pregados na comunidade sobre as mulheres, que seja, tê-las sob domínio - o namoro recém-iniciado que terá de ser liderado por ele, o homem.

A performance de subjetivação, portanto, depende destas provas de sucesso pois é aquilo a que o leitor terá acesso para então acreditar ou descreditar a narrativa de si - e supõe-se que se, *sem carro e ganhando pouco*, as relações sexuais são frequentes, então aquele homem é um artista da sedução. Algumas narrativas de si, porém, trazem provas mais implícitas, seja isto intencional ou não.

O *depoimento IX* é sugestivo porque ele é feito com um teor de enfado, como se o homem estivesse cansado de uma vida cheia de mulheres e festas. E podemos nos perguntar se não é justamente esse cansaço a sua maior prova de sucesso que tenta manipular. "É engraçado o quanto evoluímos com o passar do tempo, conheci o PUA em 2011, segui durante uns 2 anos, consegui muita coisa, muitas mulheres, muitas festas...". Mas uma crise é sugerida. "Só teve um pequeno problema depois, eu cansei, cansei de sair pra festas, pegar 5 ou 6, até 10 mulheres em uma noite, ir pra cama com 1 ou até 2 na mesma noite". Seu cansaço, diz, seria porque já conquistou "mulher casada, noiva, namorando, com filhos...", e isto o fez perceber que não se pode confiar nas mulheres. Mas seu cansaço vem com marcas de uma suposta resignação quase heroica. "Amanha irei sair, vou para uma chácara, com cerca de 5 amigos e 10 mulheres, iremos fazer loucuras, pegaremos todas, acabará o final de semana e o máximo que pode acontecer é voltarmos pra casa e falarmos com essas mulheres apenas para fodê-las novamente. I'm really tired". Ele está cansado, pois, de ser um artista da sedução; e toda a afetação que podemos suspeitar nessa fala é, talvez, um recurso de deixar implícito aquilo que se é: ele não fala das mulheres que conquistou, e sim sobre como está cansado acerca de ter conquistado tantas mulheres.

As provas de sucesso, porém, se são dadas num salto quase direto que parte da intersubjetividade do fracasso (e portanto sem muita explicação sobre o processo), não se exige de retomar os elementos daquela intersubjetividade. A coerência, afinal, é necessária para a convincente performance de subjetivação. Seja invocando o antípoda que foi no passado, ou se referindo sugestivamente aos antípodas que habitam a comunidade, o sucesso precisa vir contrabalanceado por aquele intersubjetivo de homens com muitos problemas e dificuldades. Assim é que o *depoimento X*, um rapaz que conta brevemente sua saga até ter sido convidado a colaborar nos *bootcamps* como instrutor, é feito.

Já treinei cerca de 90 alunos [...], perdi muito peso, hoje com 15% de gordura [corporal] e rumo aos 10% (criei muito amor próprio haha), onde fiz diversos amigos, minha vida profissional teve uma reviravolta completa [...], estou com tantos amigos que não consigo ficar um final de semana em casa descansando ou estudando, além de estar precisando me dividir em 6 ou 7 pra dar conta de todas as mulheres que estão interessadas em mim. Me dou ao luxo de ser extremamente exigente com o nível das mulheres que me relaciono (beleza, personalidade e inteligência).

Se a narrativa de si chegou até o sucesso, é preciso mostrar afinal de qual fracasso partiu - obesidade, poucos amigos, poucas mulheres.

As provas de sucesso são a parte evidente das performances de subjetivação na medida em que escancaram em números, feitos e experiências o que esses homens conseguiram graças, supostamente, ao artista da sedução, esse lugar de subjetivação. Contar das mulheres conquistadas e do número total de relações sexuais tem parte não somente na dinâmica de uma homosociabilidade construída pela conversa masculina de teor sexual (FLOOD, 2008), mas também naquele efeito dramático pretendido em uma interação vista, então, como de ator e público, e de uma representação do eu a ser encenada (GOFFMAN, 1975).

Paralelo a isso, mas igualmente fundamental, é reparar como tais provas de sucesso são todas absolutamente afinadas com uma masculinidade heteronormativa. Alcançar o sucesso é estar dentro o máximo possível (e o mais satisfatoriamente possível) das regras que dão a coerência da identidade de gênero, executando assim performatividades estilizadas e repetidas (BUTLER, 2008). Para estes homens, a demonstração da exitosa ocupação do lugar de subjetivação chamado de artista da sedução passa por uma performance que atende também às práticas e discursos que marcam o gênero masculino dentro da matriz heterossexual, e portanto, cada vez que narram seus feitos - e números, tantos números - reincidentem naquela dinâmica de um sujeito que não pré-existe a obra, mas sim a realiza performativamente, misturando num jogo de mão dupla o que é causa e o que é consequência entre sujeito e obra (BUTLER, 2008), que aqui pode ser chamada de a masculinidade do artista da sedução. Mas tudo isso, friso, como uma performance de subjetivação. Trazer essas

provas de sucesso é como dizer *eu cheguei lá e consegui isto tudo, esses feitos masculinos todos, e por isso escrevo o que escrevo*.

5.1.3 As prédicas legitimadoras

Mesmo sendo as narrativas de si sobretudo acerca daquele que narra, em especial os depoimentos, não faltam nelas prédicas, isto é, conselhos, dicas, recomendações, ou simples avaliações que lembram o que popularmente é chamado de lição de moral. Mas, novamente, pensando em termos de performances de subjetivação, é possível questionar a qual gerenciamento das impressões sobre o eu este tipo de fala se presta.

O *depoimento III* tem um encerramento encorajador. "Não há (quase) nada na vida que não possa ser mudado, com muito suor e determinação. Então se você tem um sonho, se vc tem objetivos vá atrás, e não deixe ninguém te dizer o que vc pode, ou não fazer". Afinal, é o que ele acabou de narrar: sua luta com suor e determinação que resultou em sonhos e objetivos alcançados. E prossegue. "E vamos lá, tomem as rédeas de suas vidas, vivam! Não aceitem apenas existir, como 99% das pessoas no mundo [fazem]". O tom de sua fala, mesmo que na frieza de uma escrita, não escapa ao leitor atento; é quase uma ordem. A autoridade da ordem, porém, vem não só do caso de sucesso narrado (a superação da intersubjetividade do fracasso até as provas de sucesso) mas, obviamente, também da própria ordem dada e da expectativa de ser acatada: só dá ordem quem se acha no direito de dá-las. Portanto, prédicas encorajadoras parecem dizer mais sobre o suposto status de quem predica do que propriamente sobre o conteúdo predicado. É o que vemos no *depoimento XI*. "Então aqui está minha evolução, quero que usem isto de incentivo. E saibam que todos são capazes de atingir quaisquer metas. Com determinação, empenho, excelencia, algum sacrificio e vontade". O que supõe que ele, aquele que predica, é alguém que foi determinado, empenhado, agiu com excelência, fez sacrificios, manteve firme a vontade, e assim atingiu a meta - o artista da sedução.

As prédicas legitimadoras são oportunidade ainda para reinvocar um aspecto de subjetivação caro ao artista da sedução, que é a provação; ou, mais especificamente, o abandono da zona de conforto e a adequação ao artista da sedução como um lugar de provação. Como vimos acima, trata-se de não aceitar apenas existir, mas de realizar sacrificios. E quem diz isso é quem chegou até o topo do objetivo. O *depoimento XII* é explícito; se não "der a cara a tapa mesmo não vamos obter resultados, seja na vida ou no jogo, é apanhar apanhar e apanhar, aprender com os erros e seguir em frente [...]". O *depoimento XIII* é ainda mais explícito. "Para os iniciantes, não criem expectativas, esse é um processo demorado, trabalhoso, não acontece da noite para o dia, felizmente". A palavra

felizmente ressalta a atitude de provação diante do mundo, que é o que se espera de um artista da sedução, e mais, que fique feliz com o fato de tudo isso ser trabalhoso e demorado - e esse homem, ao reproduzir esse valor em suas prédicas, não só o perpetua como se veste de artista da sedução.

A menção aos iniciantes, assumindo que é uma escrita para eles, é também um recurso para gerenciar uma imagem do eu; afinal, quando se dirige aos iniciante é fácil supor, neste contexto de prédicas, que aquele que fala não é um iniciante. Ao se escrever para *eles*, os iniciantes, cria-se a impressão de um *nós*, os não-iniciantes. O fechamento do *depoimento VII* deixa isto claro.

Cada um possui um ritmo de evolução. Não se desespere e gaste o tempo necessário para que essa jornada não seja traumática. Tomar iniciativa é foda pra cacete. Alguns tem mais facilidade, outros menos [...] É normal fazer perguntas banais no começo, afinal, estamos entrando em um mundo totalmente desconhecido. Se algum usuário te criticar pela pergunta, apenas ignore. Como vovó já dizia: não existe pergunta idiota, desde que seja sincera [...] Quando dizem que a gente deve estudar menos e praticar muito mais, é verdade! Mas isso a gente só aceita quando começamos a praticar... [...] Priorizem a autoconfiança, ela é a base de tudo. Eu só fiz o que fiz porque sou uma pessoa mais confiante em todas as áreas da minha vida [...] Essa é pessoal: seja fiel aos seus valores. Não mud[e] aquilo que você acha que não vale a pena [...] Acreditem no jogo! Ele funciona mesmo!

Estas considerações finais mesclam o tom de prédicas com algumas aparições pontuais daquele que narra, e o resultado é a impressão de que tudo isso é dito por quem viveu, testemunhou, provou, e portanto, são prédicas legítimas (e no ato de predicar tornam-se legitimadoras). Afinal, se ele *fez o que fez*, é só porque é *uma pessoa mais confiante*, e portanto pode predicar que a autoconfiança seja uma prioridade.

As prédicas legitimadoras, portanto, funcionam como um tipo mais sofisticado de provas de sucesso, já que são pautadas não tanto em uma experiência particular mas em uma suposta posição alcançada. E as narrativas de si são meios para, ao final, colocar aquele que narra em uma posição de quem pode estar predicando o que fazer, como fazer, o que pensar, o que esperar. De um jeito sutil, textual, mas amplamente interativo, vemos como um eu pode nascer de um efeito dramático dentro de uma cena apresentada (GOFFMAN, 1975). Narrar um passado desventuroso, então o sucesso obtido, e por fim arvorar-se em uma posição superior. Uma posição, obviamente, próxima ou sobreposta à do artista da sedução enquanto lugar de subjetivação. Assim, tecer uma préica é como dizer *eu estou numa posição de quem pode dizer o que diz, e por isso escrevo o que escrevo*.

A intersubjetividade do fracasso, as provas de sucesso, e as prédicas legitimadoras são aspectos da performance de subjetivação que ficam mais evidentes nos depoimentos, posto que a proposta destes é, justamente, fazer com que seu depoente estabeleça uma narrativa de si contrapondo passado e presente. Contudo, tais aspectos não se restringem somente aos depoimentos; de um outro modo, mas ainda assim existentes, os vemos também nas *Discussões*,

como argumento na próxima seção.

5.2 DIAGNÓSTICOS: MÉDICO OU PACIENTE?

Um tópico tornou-se polêmico quando, de título mal elaborado, sugeria uma grande subversão dos valores do artista da sedução: dava a entender que a insegurança masculina seria um atrativo para as mulheres. E antes que a confusão fosse desfeita o autor do tópico recebeu algumas críticas, não só pela confusão que seu tópico gerou mas também por ser um novato.

Com relação aos novatos, acho que não devem ensinar aos outros não. Isso não é discriminar. É primar pela boa qualidade deste fórum. Se todo mundo que entrar aqui se considerar no direito de escrever ou transcrever o que quiser, vira zona e ninguém aprende nada. [...] Só depois de mostrar que sabe, aí sim, poste e ensine. Antes não. Fazer isso quando novato é ensinar errado, é desrespeitar os que vem aqui humildemente aprender.

A crítica, pois, não mirou somente a subversão de sugerir, mesmo que num lapso, que o homem deve ser inseguro, mas mirou aquele que escrevia, um novato que não deve ensinar pois, como sugerido, não tem o direito de escrever ou transcrever senão vira zona e nada mais é do que desrespeito com aqueles que querem aprender algo.

O que este episódio sugere é que não são todos que gozam da aceitação prévia dos seus leitores, apesar de ser possível identificar certa ludicidade naquela sociabilidade, como visto no capítulo 3. E portanto, compor uma narrativa de si dentro do PUABase.com, mesmo que em tópico, ou em uma resposta ao tópico, é também efetuar um posicionamento em termos de uma performance de subjetivação. Estes homens tentarão mostrar que podem ensinar, que sabem das coisas, que podem escrever, e neste sentido é que a representação do eu deles irá mobilizar as impressões transmitidas (GOFFMAN, 1975).

Em um tópico sobre uma determinada técnica de sedução seu autor iniciava esclarecendo que "está na hora finalmente de eu revelar o meu golpe secreto. [...] Tenho guardado esse talento comigo por muito tempo [...]. Não posso mais ficar 'enterrando esse talento' na areia ou todos perdem". Mais do que uma chamada publicitária, este trecho revela algo próximo ao que vimos anteriormente com as prédicas legitimadoras, ou seja, o arvorar-se em uma posição de quem pode pregar aos outros; aqui, um homem que tem um golpe secreto, esse talento que ameaça ser perdido. E o que tal talento proporcionaria? "Elas [mulheres] simplesmente vão te atacar, te beijar com loucura... abraçar com força e vontade, com arrebatamento... Vão te jogar na cama, te morder, te abraçar, suspirar e... o resto você pode imaginar...". O que começa com uma certa bravata precisa encontrar, nesta narrativa de si, ainda que sugerido, as provas de sucesso - o autor tenta se mostrar

afinal como quem foi vítima de todo aquele furor feminino, e graças ao seu golpe secreto anunciado. Esta performance de subjetivação alcança ainda níveis mais explícitos, como em um outro tópico sobre outra técnica de sedução. "Eu descobri uma coisa crucial sobre o jogo... entretanto não quis compartilhar com vocês. Achei que traria mais confusão do que libertaria da mentira...", é o que o autor diz logo no início, em uma franca posição de superioridade - pode até pré-julgar a reação das outras pessoas ao que foi descoberto. E prossegue em sua performance de superioridade legitimada. "Pessoal, eu já conversei com cerca de 5-10 psicólogos... centenas de livros também... e também tenho vivenciado na minha vida esse segredo que vou lhes contar agora... posso afirmar a todos vocês que é verdade o que vem a seguir". É preciso explicar que a *verdade* a ser dita tem um embasamento científico - psicólogos -, teórico - livros - e também pessoal - o autor garante estar vivendo isso em sua própria vida.

E conforme mais estes rapazes se colocam dentro de suas narrativas de si espalhadas nas *Discussões*, mais notamos uma performance de subjetivação em andamento, uma tentativa de mostrar, e assim convencer seu leitor, que aquele que fala não é um novato que se acha no direito de escrever, mas sim alguém que viveu, aprendeu, testemunhou várias coisas, que extirpou antípodas, que abandonou zonas inabitáveis, e portanto tem sim o direito de escrever e ensinar aos outros - não por acaso, pois, os trechos como os acima ditos são colocados logo no início do texto, como o primeiro ato da performance de subjetivação a ser realizada. É como se ficasse dito que aquilo ali foi escrito por um artista da sedução e, portanto, pode ser levado a sério. Um outro tópico é ilustrativo. O rapaz relatava seus esforços para melhorar a sua aparência, e narrando a sua trajetória até o sucesso argumenta que é importante para o artista da sedução a preocupação sobre seu corpo e suas roupas. E quem diz isso, avisa, é o sujeito que no passado foi considerado "o cara mais escroto do colégio inteiro" mas que hoje vê o mundo de um outro lugar.

Já fui agarrado a força por mulher tanto em balada pra me beijar, quanto em uma tentativa de a guria fazer sexo comigo. Já fui pedido em namoro, só esse ano levei duas milionárias pra cama [...], fui abordado em mesas, levei muitos IDI's [indicadores de interesse], ja sai com duas na mesma noite resultando os dois [encontros] em sexo, ja fui chamado pra sair por uma rainha de rodeio, ja me chamaram pra um sexo com 3 mulheres (sim elas me chamaram), já vivi tanta coisa amigo.

Tantas conquistas e feitos, e principalmente tanto assédio feminino, é o fundo legitimador do argumento - a aparência é importante - mas sobretudo do seu autor - aquele que argumenta, e pode argumentar, que a aparência é importante. E vale reparar que as provas de sucesso são, assim como vimos nos depoimentos, marcadas absolutamente, e sempre, por uma forte performatividade de gênero, em que ser bem sucedido, feliz ou satisfeito é estar bem posto na coerência de gênero da matriz heterossexual, isto é, um homem que apresenta um gênero e desejo afinados (e bem

sucedidamente afinados) com seu corpo (BUTLER, 2008).

Estas narrativas de si feitas nas *Discussões* são, então, próximas às dos *Depoimentos*. Nelas, porém, um elemento da performance de subjetivação fica muito mais exposto. Um depoimento busca o convencimento de que a história é real, de que seu narrador viveu tudo aquilo e alcançou o patamar do artista da sedução, e portanto pode escrever o que escreve. Já as *Discussões* geralmente buscam o convencimento sobre uma técnica de sedução, sobre um método, sobre um aspecto da interação com as mulheres, ou sobre uma característica pessoal que o artista da sedução deve possuir, e que seu autor está habilitado a escrever o que escreve. Esta preocupação com a habilitação gera um elemento curioso na performance de subjetivação que, para melhor compreensão, sugiro a metáfora do médico e do paciente.

Todo tópico acaba sendo como um diagnóstico na medida em que sua escrita configura uma situação onde cabem problemas identificados e soluções encontradas. Isto é mais evidente, por exemplo, na seção onde os rapazes tecem dúvidas pontuais sobre alguma dificuldade vivida, tal como o término de um relacionamento ou uma garota pela qual estão apaixonados mas não conseguem se aproximar. Mas mesmo quando falam sobre uma técnica de sedução, ou apenas argumentam sobre como são as mulheres, o diagnóstico também está lá: existe uma situação, ela comporta problemas, e para eles existe certa solução. E nesta medida caberá ao leitor do tópico se posicionar frente a este diagnóstico: é um médico tal como o autor, e portanto virtualmente habilitado a produzir diagnósticos como aquele, ou é um paciente, alguém não-habilitado, e portanto justamente o alvo daquele diagnóstico? Ele receita remédios ou pega a receita? O autor, porém, não é médico pelo fato de ser autor, e como vimos acima, é preciso dar provas de que conseguiu o diploma. E novamente, são nas narrativas de si que esta resposta será dada.

É deste modo que um homem inicia seu tópico sobre como ser um homem alfa.

Este artigo é sobre a vida real, [sob] a ótica de alguém que interage diretamente com gerentes, diretores, executivos e presidentes de empresas; homens de sucesso na vida e no jogo, com uma visão bem diferente dos filósofos, teóricos, KJ, fakes, pseudo-alphas e dos 'TAGsofos', aqui do fórum. (já que filosofia significa, 'amor à sabedoria', 'TAGsofia', plagiando, significaria, 'amor as tags').

O que este homem está dizendo, em suma, é que ele é um médico, e o contraste que invoca é para dizer que não é nenhum charlatão. *KJ*, explica-se, são os *keyboard jockeys*, expressão nativa para aquele tipo de usuário que no fórum é um grande artista da sedução, mas tão somente no fórum e protegido pela distância de uma tela de computador e investido de poder somente pelo seu teclado. Já os *tagsofos*, vale notar, é uma referência ao sistema de rotulação de usuários que existe no PUABase.com (e em todo fórum de discussão, apesar de mudar os rótulos conforme a temática

do fórum). Ele tenta demarcar o avanço do usuário enquanto artista da sedução e assim existem *tags* para o recém-chegado, o já não tão recém-chegado, o usuário um pouco mais experiente, e assim por diante. O problema, e isto motiva a menção na citação acima, é que tal sistema permite que alguns usuários sejam, por assim dizer, carreiristas, e busquem as *tags* de forma intencional, fazendo delas um status a ser obtido intencionalmente e não como um reconhecimento meritoso que naturalmente decorre da participação dentro da comunidade. E portanto surge a tagsofia, e o pior, o charlatanismo médico: alguém que não está apto a dar um diagnóstico preciso. E por isso aquele homem ainda diz, agora em sua conclusão.

O que descrevi acima é a pura realidade, é vida, não é fake, nem filosofia, são fatos da minha vida, não está aqui p/ me vangloriar ou enaltecer, mas para exemplificar, não sou de dar conselho, mas relatar fatos e experiências, isso sim é contribuir com conhecimento, baseado em realidade, não em teorias.

Podemos questionar se tamanha preocupação em fincar sua fala na realidade, nos fatos da sua vida, que não é vanglória nem enaltecimento, não é justamente a performance de subjetivação em andamento. Sobrepondo metáforas, seria o efeito dramaturgico de manipular as impressões de modo a se mostrar como um médico apto a diagnósticos válidos (GOFFMAN, 1975). E que encontra pronta aceitação. "Artigo muito bem escrito deixando realmente a transparência de um homem com bastante experiência; e o melhor de tudo, com base apenas nas experiências, nada copiado e colado", respondeu um dos rapazes, que se não deixou claro se é paciente ou um colega médico, ao menos atestou a condição de médico do autor. Outra resposta, porém, não hesita em vir do lugar de paciente. "Não tenho o que dizer senão que você é o cara que faz os melhores tópicos sobre lição de vida, por já ter experiência monta um artigo baseado na vida real. Esse tipo de tópico que faz refletir, agradeço profundamente por nos ajudar".

Notar as respostas dadas aos tópicos, portanto, é notar qual é o posicionamento do leitor. E é interessante observar que assim como nos *Depoimentos* havia brechas para se mostrar um não-artista da sedução - a intersubjetividade do fracasso -, também nas *Discussões* haverá brechas para isso, através do reconhecimento de que é ainda um paciente frente ao diagnóstico. Um tópico trazia dicas sobre beijo, e ao final do diagnóstico o autor reforçou que era um médico falando. "Poderia escrever aqui o dia todo sobre o assunto [como beijar uma mulher], porém prefiro deixar que vocês descubram sozinhos, como eu descobri". Isto é, ele poderia escrever o dia todo tamanho seu domínio do assunto. As respostas trouxeram, claro, colegas de profissão. "Bom tópico, quanto ao beijo eu não costumo errar", ou ainda "Se tem uma coisa que eu sou bom é em beijar [...]". Mas também pacientes. "Sou BV [boca virgem], tenho que colocar em prática o antes possível", disse um. Já outro foi mais desanimado, "Valeu pelas dicas... vou tentar... Algum dia quem sabe", seguido

de uma representação gráfica de um rosto infeliz sugerindo descrença quanto a oportunidade de um dia colocar as dicas em prática. Um terceiro, porém, é mais efusivo e seu agradecimento ao diagnóstico só confirma que é um paciente.

Cara, você não sabe o quanto me ajudou com este tópico. Bicho sou completamente imaturo em beijo. Sou o cara louco, agoniado a ponto de engolir a boca e a bochecha da menina. Pra tu ter noção, nem contato visual eu estou fazendo. A galera do PUABase é realmente impressionante, tenho muito o que aprender. E obrigado.

Deste modo, notamos que por todo o fórum uma tarefa importante para esses homens enquanto postulantes a artistas da sedução é, afinal, mostrar-se enquanto tal. Seja em um depoimento que explore um passado de fracasso, então dê provas de sucesso, e culmine em conselhos legitimadores, seja em fragmentos de narrativas de si pelos variados tópicos do fórum, tentando se mostrar como alguém que está em uma posição superior, alguém que é um médico apto a um diagnóstico - e que encontrará sua contra-parte e legitimação nos leitores-pacientes. Esta performance de subjetivação tenta convencer, em cenas dramáticas (GOFFMAN, 1975) e em performatividades estilizadas e repetidas (BUTLER, 2008), que o autor da narrativa de si alcançou, ao menos em um grau, o lugar de subjetivação do artista da sedução, e neste momento o fórum torna-se um elemento crucial pois é nele que o convencimento se dá. Entretanto, se até aqui reforcei essa performance como algo que está ocorrendo por toda a interação dentro da comunidade, é preciso notar que, afinal, esses homens tem uma relativa consciência dela e, portanto, reagem a ela. Tal reação não encontra manifestação publicamente - no máximo menções esparsas aos *KJ's*, tagsofos, entre outros -, mas na situação de entrevista ela foi notada de forma mais explícita.

5.3 MENTIRAS, FALSIDADES E ILUSÕES

Dado que a comunidade virtual da sedução funciona baseada em texto, e de modo que seus participantes só tenham contato uns com os outros textualmente, não é de surpreender que seus participantes se mostrem reflexivos quando estimulados a pensar sobre as possíveis mentiras existentes ali dentro. Todos os entrevistados manifestaram algum tipo de consideração sobre a existência de experiências ali relatadas e que possivelmente não correspondem à realidade. Deste modo, mesmo que analiticamente a questão da verdade seja diminuída diante da problematização do gerenciamento de uma imagem de si durante as interações (GOFFMAN, 1975, 1988), os informantes trazem reações significativas acerca da (in)verdade presente no PUABase.com.

Para Thiago, o problema da veracidade começa com uma simples observação. "Eu suponho que um cara que tá bem ocupado com mulheres nem tenha tempo pra estar no fórum

constantemente, logo já dá pra desmascarar muitos carinhas por lá que dizem que tiveram FC [*fuck close*, sexo com uma mulher] meia hora atrás e meia hora atrás estavam respondendo perguntas por lá". Mas o problema central das mentiras, e muitos apontaram isso, é porque a própria razão de alguém participar e escrever na comunidade se vê comprometida. "Há pessoas que postam coisas totalmente sem sentido e o tempo inteiro só para conseguir curtidas, isso é meio que o inverso do objetivo aqui né?"(Arthur). O que Arthur problematiza é quem escreve pensando somente nisso, conseguir curtidas - obter o clique de alguém sinalizando que *curtiu* sua postagem -, e assim inverte o objetivo da escrita. O olhar analítico de Paulo vai na mesma direção pois nota que muitos "querem aparecer e muitos, dá pra perceber, criam histórias irreais e mostram ser aquilo que não são."(Paulo).

Assim, toda aquela celebração de um coletivo para trocar experiências e que assim proporcionaria um aprendizado a seus participantes (capítulo 3) se vê tensionada pelo risco intrínseco à virtualidade e mediação da comunidade da sedução, que é a elaboração de fantasiadas experiências, e portanto o próprio aprendizado decorrente se vê limitado. Os tópicos de "inflar o ego", para Caio, "são pouco construtivos, eles não demonstram técnicas usadas ou uma forma inteligente de levar a emoção que foi sentida.[...] os clássicos são os de títulos do tipo: '8 KCS [beijos] E 2 FC [transas] TODAS HB10', pegou o espírito? haha". Luiz também se incomoda pois o contar das experiências "deveria ser muito mais algo para se ter um parecer autocrítico e construir um feedback do que para autoafirmação". E diante desta dinâmica possível de narrativas de si para inflar o ego ou então que servem a autoafirmação durante as *Entrevistas* alguns rapazes criticam diretamente outros membros da comunidade, e justamente membros que têm imagem e reputação de artista da sedução.

O [nome do usuário] eu conheço ao vivo, ele mora aqui [...], e eu estou garantindo que ele não é nem metade bem resolvido do que ele finge ser no fórum, os relatos dele são todos para inflar o próprio ego (que não é nada pequeno) e eu também não duvido que seja verdade, a questão é essa necessidade boba de se sentir superior em um fórum onde só tem homens.(Caio).

Ou seja, ali dentro há quem finge ser, quem sente uma necessidade de superioridade diante de outros homens, e o conhecimento real, face a face, é o modo de desmascarar. Quando Vinícius foi perguntado sobre exemplos de textos fantasiados, usou de um outro usuário e do tema frequente da escrita de tal usuário, o beijo com mais de uma mulher. Mesmo sem a prova do face a face, basta ter um olhar analítico para desvendar a fraude.

Sobre exemplos, cara... o maior exemplo de todos é o [nome do usuário], naqueles relatos que ele posta KC Triplo. Todo mundo paga pau, mas é tão óbvio o que ele faz... ele pega a

namorada dele e vai pra algum lugar cheio de lesbica/bissexual/puta, dá um KC triplo que nem é merecido [...] e sai por ai falando que é MasterPUA... se ele se sente feliz com essa ilusão, beleza, problema dele.. mas na boa, é escroto. (Vinícius).

Mesmo que depois o tal usuário criticado tenha sido elogiado, "ele é bom, sim", Vinícius não consegue deixar de manifestar sua desaprovação por esta ilusão sustentada em um estratagema óbvio e que ao final dá um resultado que nem é merecido, e que entendemos fazer injusta, na visão de Vinícius, a alcunha de MasterPUA.

Contudo, e apesar dessa consciência sobre mentiras possíveis e ilusões criadas, esses homens não conseguem se livrar da dependência dessas narrativas de si e nem da importância com que as revestem. "Acredito que os tipos de participação mais importantes são a postagem de relatos de campo e a sanção de dúvidas com base nas próprias experiências, afinal, a prática conta muito mais que a teoria."(Gustavo). Ou seja, é na escrita da experiência que a prática será demonstrada, e portanto, é também nessa escrita que o próprio artista da sedução em formação irá aparecer. A prova de que o homem está mudando está nos relatos, diz Bruno, nos "resultados que antes do fórum a pessoa não tinha. Se o cara antes do PB [PUABase] nunca abordava mulher, e escreve um RC falando que depois de seguir as dicas do fórum conseguiu falar com uma [mulher], isso mostra que ele está começando a se tornar um PUA[...]". E talvez por isso Bruno pareça confortável ao assumir que sua própria escrita tem essa intenção deliberada, isto é, primeiro "passar ao outro minha experiência de vida [que] ensina a ele [leitor] o que fazer e o que não fazer em determinadas situações", mas em segundo lugar, a escrita "como uma forma de validação no fórum, pois é importante vc mostrar que está evoluindo através dos RC". De forma paralela, mas no nível da intenção, temos Flávio e sua fala de quem se coloca no lugar de um novato pensando como pretende participar (e escrever) dentro da comunidade. "Agora pretendo levar mais para o lado prático, evitar só fazer elogios e agradecimentos [...], ler mais livros e adquirir mais conhecimento e confiança - para poder relatar histórias de verdade e retribuir a ajuda ao fórum.". O relatar das experiências, portanto, aparece como sinônimo da prática e o desfecho natural de quem está evoluindo, de quem está adquirindo mais conhecimento e confiança.

O caminho que resta a estes homens uma vez reconhecida a existência da mentira nas narrativas de si, mas dada a dependência da comunidade frente a tais narrativas, é então saber lidar com a mentira. Ou ao menos adotar uma tática de reação, mesmo que ela se fundamente num consenso operacional em que há a colaboração da plateia para que o ator realize a sua apresentação sem sobressaltos (GOFFMAN, 1975). Isto é, por mais que alguns possam achar bodes expiatórios - como Lougan que atribui as mentiras a "adolescentes sem experiência alguma querendo bancar os 'fodões'" - a mentira é lida de um jeito passivo e não-reativo. Assim é que Luiz fala com uma frieza

típica de um médico dando seu diagnóstico; os mentirosos "sofre[m] do que chamamos de Auto-sabotagem, onde acreditam que estão melhorando, mas na verdade estão se prejudicando[...]". E posto que o prejudicado maior é, quase sempre, aquele que mente, não há porque ficar criando atritos. "Dane-se, quem está perdendo é o cara, não vou ganhar nada falando merda no tópico dele e acho infantil quem faz isso."(Vinícius). E assim a mentira conta com certa tolerância.

Acho também que existe esse tipo de tolerância com a mentira/vaidade porque não é possível comprovar nenhum relato que é feito lá dentro, então pra evitar uma confusão as pessoas partem do pressuposto que tudo que é dito é real, claro que se corre o risco de sermos um bando de imbecis que mentem uns para os outros em tudo que dizem, mas esse é um risco a se correr caso queira ler um relato. (Caio).

A comunidade, pois, se vê presa a esse risco, algo como uma fatalidade, mas nem por isso - ou talvez justamente por isso - as reações devam ser públicas, escandalosas, como ir *falar merda no tópico* mentiroso. E neste sentido é muito significativo que estas dissertações sobre a mentira raramente aconteçam de um modo público dentro da comunidade, e foi preciso a situação de entrevista, direta e provocativa, para que fosse verbalizada. Isto parece acontecer pelo simples fato de que se a comunidade retirar a credibilidade pressuposta de toda experiência ali dentro relatada a própria comunidade deixa de existir pois perde o seu pilar: fica sem as narrativas de si. Se houvesse a contestação pública e frequente de tudo o que parece ou pode ser mentira, a proposta da comunidade estaria seriamente abalada já que, falando em termos sociológicos, a performance de subjetivação estaria desnuda, revelada, e portanto mais facilmente desacreditada. Isto é, um gerenciamento das informações sobre o eu (GOFFMAN, 1975) que já de partida seria desacreditado.

E quando estes homens falam de como identificam as mentiras, de como identificam as experiências fantasiadas, a noção de que estão fazendo a análise (mais ou menos consciente) de uma performance de subjetivação fica muito clara. Para alguns a identificação da falsidade não é um processo simples nem mesmo descritível. "Infelizmente não [consigo te explicar], é uma questão de feeling", me disse Vinícius. Quando lembra das mentiras inerentes ao PUABase.com, Renan invoca a necessidade "de ter uma sensibilidade sobre o conteúdo que você está tendo contato" e assim evitar as ilusões, mesmo que não explique que sensibilidade é essa. Ou ainda Paulo, que disse não conseguir citar "nenhum critério objetivo" na identificação das experiências não-reais, "mas dá pra perceber algumas incongruências". Nota-se, assim, que para alguns é um trabalho quase sensitivo a identificação do que não pode ser levado a sério em uma narrativa de si. Outros rapazes, porém, sem abrir mão da sensibilidade, sugerem alguns nortes avaliativos. "Muita gente descreve situações como se fosse um filme de comédia romântica americano, ou uma dessas séries e novelas", explica

Fábio, mas logo emenda que acaba "sendo uma coisa muito de intuição, quem pratica o PUA de verdade sabe como funciona, então 'detectar' coisas falsas acaba sendo fácil". Uma performance de subjetivação crível, portanto, passa pela capacidade de descrever situações de modo apropriado - e que reverbere na intuição do leitor. "Realmente é complicado dar credibilidade a todos os relatos que ali acontecem... especialmente aqueles que resumem demais a história sem citar o diálogo ou as 'técnicas' sem detalhamento (p.ex. 'cheguei pra HB, rolou uma conversa, aí usei o olhar triangular e closei - KC!')" (Flávio). Ou, como resume Arthur sobre os textos da comunidade, "eu gosto daqueles realmente embasados". Um texto acreditável, uma narrativa de si legítima capaz de fundar uma performance crível, é o texto que na sua escrita - detalhamento, embasamento, descrição - consegue provocar no leitor a sensação de verdade - seja um feeling ou uma sensibilidade.

Também nos entrevistados aqueles elementos usados na análise dos *Depoimentos* e *Discussões* são ressaltados como critérios de veracidade, e assim, uma performance para ser convincente depende que seu ator - o autor da narrativa de si - seja convincente. Se toda interação social é revestida de expectativas do que uma pessoa espera encontrar na outra (GOFFMAN, 1975), saber quem escreve um texto é um indicativo importante para decidir entre a mentira ou a verdade. "Eu costumo confiar mais nos membros mais antigos do fórum: [cita dois usuários como exemplo], esses eu não duvido nem um pouco."(Thiago). Esta consideração sobre quem é o autor da narrativa de si é mais detalhadamente explicada noutro informante, Luiz, que traz à tona a avaliação de todo o percurso do homem dentro da comunidade. A avaliação começa "durante a apresentação", aquele texto que o recém-chegado é convidado a fazer, onde "ele conta de forma tímida [sua história], mas bem explicada (Se expõe), isso demonstra interesse, sinceridade", e depois, conforme for se inteirando na comunidade, "ele começa a praticar, já escreve relatos (Congruentes) com certa frequência, ou com qualidade", deixando claro a importância do escrever e, sobretudo, ser congruente. Seguindo, "ele começa a se sentir mais seguro, a segurança e confiança que adquire na vida começa a refletir nas outras áreas, assim ele já escreve de forma mais assertiva e crítica", e "escreve artigos, ou questiona artigos de forma inteligente". Deste ponto em diante, explica Luiz, "varia bastante, mas da pra perceber que ele tem uma linha de evolução", e é neste tipo de usuário "que é possível acreditar e são estes que eu levo a sério", e em conclusão arremata que ninguém "fica bom ou melhora do dia pra noite, temos de perceber essa linha durante a interação".

O que esta última fala explicita, e sem destoar das outras, é que não é qualquer um que pode escrever e ser acreditado dentro da comunidade virtual da sedução. Há um processo de convencimento, de legitimação, e que deve ser efetuado de algum modo - seja sendo um membro antigo, seja tendo uma linha de evolução visível, seja escrevendo narrativas de si que atendam ao feeling de verdade dos seus leitores. O que os entrevistados reforçam, pois, são aqueles elementos

performáticos que vim apontando: a intersubjetividade do fracasso, as provas do sucesso, as prédicas legitimadoras, e o mostrar-se médico. Mesmo que nas entrevistas haja, diante do estímulo, uma reflexão sobre as mentiras e ilusões em torno do lugar de subjetivação do artista da sedução, os entrevistados não só identificam como reproduzem o funcionamento da performance de subjetivação ao se aterem aos critérios citados. A impressão que deixam, enfim, é que aquele feeling para notar a verdade depende não da disposição do leitor e sua bagagem subjetiva, mas sim da capacidade daquele que escreve de neste ato proporcionar a leitura de uma narrativa de si que habilmente maneja a intersubjetividade do fracasso, as provas do sucesso, as prédicas legitimadoras e mostrou-se médico.

Contudo, isto não acontece apenas no posicionamento deles (quase sempre silencioso) diante da leitura de uma narrativa de si, mas também, como veremos, na própria realização da entrevista, então feita uma outra situação para uma performance de subjetivação - desta vez a do entrevistado para o pesquisador.

5.4 PESQUISADOR OU PÚBLICO?

Nas trajetórias de vida colhidas etnograficamente as performances de subjetivação, como vimos, são bem evidentes, e é fácil imaginar que aquela escrita atende a uma demanda performática mais ou menos consciente. O que pode não ser tão evidente, e nesta pesquisa isto demorou a ser notado, é como as entrevistas também podem ser oportunidades para uma performance de subjetivação. Será que o entrevistado, ao compor elementos de sua trajetória de vida em situação de entrevista, não opera também uma seleção das informações? Não mede o tom da escrita? Não executa aquele processo de que Baym (2013) falava, de um equilíbrio estratégico entre compartilhar, guardar e distorcer o que é contado online a seu respeito? Em uma só pergunta, não seriam também as entrevistas oportunidades para performances de subjetivação? No presente caso, isto significou cogitar a possibilidade de ser a entrevista uma situação em que meus informantes tentariam também ter uma performance através das suas narrativas de si que os colocasse no patamar do artista da sedução, esse lugar de subjetivação ali dentro (da comunidade) pretendido.

O teor destas performances é certamente diferente daquelas obtidas etnograficamente, porém ainda assim são o que são, isto é, performances - reveladas em exemplos dados, na posição assumida na escrita, no que ficou implícito dentro de uma resposta. Tal como feito até agora, podemos problematizar então a interação pesquisador-entrevistado como uma interação dramática (GOFFMAN, 1975) e com manifestas performatividades de gênero (BUTLER, 2008), e descartando, como anteriormente, as considerações sobre a verdade já que esta pouco importa tanto para a dramaturgia quanto para os atos performativos. E de todos os entrevistados, somente

um deles esteve francamente tranquilo diante da sua condição de não-ocupante do lugar de subjetivação do artista da sedução, o que serve como contraste para performance dos outros entrevistados, então se mostrando mais ou menos ocupantes daquele lugar.

A história de Flávio com a comunidade virtual da sedução, a razão por tê-la procurado, começou cerca de dez anos atrás no que chamou de uma "fase depressiva" em que estava "emocionalmente abalado por perder amizades, decidir largar uma faculdade e receber um 'não' de muitas amigas que cometi o erro de me apaixonar (ou gostar e virar amigo)". Solicitado a dar um exemplo dessas amigas que disseram não, compartilhou:

Um caso emblemático foi com uma amiga que fazia cursinho, e gostava de música e de coisas nerds, como máquinas de dança, animes, cultura oriental... mas uma amizade contraditória, ora pronta pra conversar, sair e zoar, ora não queria receber ninguém. Eu abri o jogo [declaração dos sentimentos], ela ficou totalmente sem ação, não dando resposta nenhuma até nos despedirmos. Mas o 'não' ficou bem claro pois ela agiu com frieza por dias, agindo até com grosseria ao menor sinal de aproximação. Eu tive que admitir que eu estava errado pra voltar a conversar com ela normalmente. Mas ainda assim, continuamos amigos... mesmo ela me fazendo de capacho, me dando bolo, pedindo pra comprar ingressos pra shows e não me esperar pra irmos juntos. (Flávio).

A importância deste exemplo, e que torna significativa a sua menção, está na leitura que a comunidade da sedução faria dele: Flávio estava em uma friendzone, possivelmente também em uma paixonite. E sabemos que esses dois lugares são zonas inabitáveis para o artista da sedução. Contudo, o rapaz não se constrange em mencionar a experiência, em trazê-la para sua performance, parece não se incomodar em compor a narrativa de si usando deste exemplo negativo - os outros entrevistados não são tão permissivos assim, pouco se deixando entrar na intersubjetividade do fracasso. A falta de constrangimento e incômodo continuam quando explica o porque da menção ao *coisas nerds* da fala anterior.

Sim, eu era bastante nerd, e com o lazer girando em torno de gibis, videogames e RPG's... sempre foi meio difícil a socialização nos colégios, tinha uma timidez crônica e poucas amizades, e sofri muito bullying por ser gordo, com problemas de dicção e o constrangimento de desenvolver uma hérnia inguinal[...]. (Flávio).

Notamos que em um só trecho ele assume ter sido dois dos antípodas do artista da sedução: o sujeito nerd, e também o sujeito tímido. E com retoques agravantes também de típica condenação na comunidade, como o sobrepeso e problemas de dicção.

Este passado, porém, não é tão passado assim. Hoje, na altura dos seus 35 anos, os antípodas ainda lhe perseguem - e são assumidos.

Eu continuo gostando de coisas nerds, mas sem o mesmo empenho de antes. [...] Ainda me encontro em cima do peso e com dificuldades de me expressar, mas sou muito mais vaidoso e sociável do que era, faço atividade física regularmente e procuro conversar e conhecer

todos na empresa em que trabalho, e tenho bastante desenvoltura pra conversar sobre qualquer assunto. Mas eu ainda travo feio pra conversar com uma mulher por quem fico interessado. (Flávio).

Seus problemas tanto continuam que, quando perguntado por histórias que poderiam exemplificar a ajuda que a comunidade lhe deu, pois garantiu que o está ajudando, diz que ainda "me falta coragem pra chegar no que interessa [na abordagem das mulheres]. Por isso ainda não tenho nenhuma grande história pra contar".

O interesse na trajetória de Flávio está na aparente franqueza e tranquilidade com que, na situação de entrevista, revela seu fracasso enquanto artista da sedução. Um fracasso que está em seu passado, mas que ainda marca seu presente - simplesmente trava quando precisa conversar com uma mulher que lhe interessa. A performance de subjetivação deste rapaz, portanto, não gira em torno do se mostrar um artista da sedução, mas sim em assumir, em primeiro lugar, suas dificuldades, e fazer delas a etapa inicial para a mudança pretendida. Sua narrativa de si, a construção de uma trajetória apresentada ao pesquisador, mostra não alguém que já chegou lá, mas alguém que cautelosamente prossegue entre dificuldades e pequenos avanços, ainda digladiando com antípodas e zonas inabitáveis. Perguntado se considera a si mesmo enquanto um artista da sedução, sua resposta esclarece.

É uma realidade nova. Anos de timidez e ansiedade não se jogam fora assim da noite pro dia. Estou mais na fase de leitura e agregar conhecimento... mas os poucos exercícios que eu tenho feito até agora têm feito nascer confiança, prever as reações e, principalmente, perder o medo. É um longo caminho e a prática mexe um pouco com a minha rotina. É como tomar um choque ao mexer numa tomada: você se assusta mas depois percebe que o dano foi pequeno, insignificante. (Flávio).

O histórico tímido e ansioso não é tão descartável, assume ele sem ressalvas. Contudo, vale notar, logo acrescenta uma confiança em maturação, a capacidade de previsão, a perda do medo, e uma atitude de quem encara o risco e tripudia - um dano pequeno e insignificante. Isto é, mesmo tendo composto uma narrativa de si que não é a do artista da sedução, e mesmo parecendo não se importar muito com isso, sua performance de subjetivação não dispensa dar indícios ao seu público de um artista da sedução em surgimento. Aponta assim um horizonte onde a disposição à provação e a capacidade de controle surgem, e portanto, um horizonte em que aquele lugar de subjetivação do artista da sedução, afinal, pode ser alcançado.

Os outros entrevistados, porém, foram bem mais assertivos do que este rapaz. Mesmo partilhando de um passado condenável, daquela intersubjetividade do fracasso, os outros rapazes não deixam esse passado transparecer muito e menos ainda se estender até o presente. Dentro deste evitamento não foi sem surpresas que encontrei uma discrepância entre o que alguns me diziam em entrevista e o que diziam no fórum. Mesmo não sendo a intenção contrastar as falas, o trabalho

etnográfico inevitavelmente me pôs em contato com as falas espontâneas de meus informantes nas *Discussões* e às vezes nas *Apresentações* e *Depoimentos*, e notei que o tom adotado lá era bem diferente do das falas das entrevistas. Em alguns casos, a resposta na entrevista que frustrou a intenção do pesquisador (no sentido de não conseguir se aprofundar na experiência do seu informante) havia sido dada eloquentemente em algum tópico do PUABase.com. E, às vezes, mostrando um lado do entrevistado que ficou mais ou menos ausente nas entrevistas. Entendi isto não como um convite ao confronto, algo como a prática policial de confrontar testemunhos, mas sim, justamente, como o convite a analisar o que isto poderia significar em termos de uma performance de subjetivação em que eu, o pesquisador, me tornei subitamente um público a ser convencido. Isto é, passei a adotar um olhar cético sobre as entrevistas, então potencialmente encenações no sentido goffmaniano, e a forma com que os rapazes se apresentavam nas respostas passou a ser questionada: o que isto quer dizer em termos de uma possível performance de subjetivação?

Alguns rapazes, por exemplo, demonstraram uma relação com o fórum que era quase desnecessária, como se a presença deles ali fosse um acaso e não uma escolha que tomaram diante de alguma necessidade intimamente desconfortável - mesmo ela tendo sido feita em algum momento. Paulo chegou ao PUABase.com, tal como muitos homens, com o término de um relacionamento. "Tinha terminado com minha ex esposa e mãe de minha filha. Na época, estava com o coração partido e queria encontrar novas fontes de conhecimento pessoal e fui parar no PUA". Mas esse coração partido logo se perde em sua performance e o que resta é um homem que não vê no artista da sedução muito o que tomar pois não é preciso tomar nada. "Na verdade, pouco faço uso prático das filosofias PUAS, pois nunca tive grandes dificuldades com mulheres (casuais) e me sinto satisfeito nesse sentido". Assim, perguntado se considera a si mesmo como um artista da sedução, sua resposta é quase indiferente. "Me acho bem normal. Não pratico PUA. Nunca tive grandes problemas em pegar mulher, não por ser Alfa ou coisa do tipo, mas por ser um cara inteligente, ligado, de personalidade extremamente forte e, em alguns casos, atrair mulher". E assim, mesmo tendo chegado até a comunidade num momento delicado, e tendo permanecido na comunidade até hoje, reforça que não pratica nada daquilo, que não está ali como a maioria dos homens estão, e que tem uma relação com o possível aprendizado muito mais abstrata. "O que busco sempre é crescimento pessoal e interior e não me apego [às] técnicas para resolver meus problemas de relacionamento". Considerando que este informante tem 35 anos, podemos pensar se tal afastamento não é importante em termos de uma certa imagem que preserve a maturidade e independência que comumente se espera de um homem de 35 anos, do que estar em um site a procura de técnicas e métodos de sedução de mulheres poderia ser desconfortável.

Este sutil desmerecimento do fórum também é percebido em rapazes que, em entrevista, encenaram performances de subjetivação que os dotou de um sucesso pessoal prévio à participação na comunidade, talvez em uma performance que resguarde o homem daquele incômodo de ter de assumir que precisou aprender na internet como conquistar mulheres. Fábio descreve sua infância como

completamente inseguro e sem confiança, isso com certeza porque eu fui muito protegido [pelos pais]. [...] Meu maior problema era as meninas... [...] desde criança elas vinham até mim, mas minha insegurança de tentar algo novo era tão grande que eu inventava desculpas para não me aproximar delas, e quando elas se aproximavam eu inventava algo para afastá-las. (Fábio).

Estes problemas de insegurança, falta de confiança, e dificuldade com as mulheres, não foram, contudo, resolvidos na comunidade virtual da sedução, mas muito antes e autonomamente. Fábio narrou uma festa em que foi quando tinha onze ou doze anos, e nela estava uma garota por quem nutria sentimentos. E, inesperadamente, surgiu a chance de devidamente expressar seus sentimentos quando vieram lhe falar que a tal garota também gostava dele e queria vê-lo.

Meu deus eu tremia só de pensar, mais uma vez disse para a amiga dela que não poderia ir pois tinha namorada. Claro que era mentira, mas não tive coragem de ir lá dar um beijo nela, e o pior é que eu já havia beijado antes não seria a primeira vez. Mas ela me intimidava me deixa[va] nervoso e [eu] não achava que merecia uma menina com[o] ela. Me lembro perfeitamente da volta daquela festa, fui no bagageiro de uma Fiorino com vários primos, não disse uma palavra na volta, ficava de cabeça baixa me arrependendo e me torturando de não ter feito aquilo que eu queria, eu me sentia um lixo, um fracassado... Eu queria muito ter voltado no tempo e poder ter mais uma chance de fazer diferente, mas naquele momento eu percebi que a vida não te dá esta opção... ou você faz ou não faz... simples assim. Naquele momento percebi que se algo não mudasse minha vida tinha tudo para ser cheia de arrependimentos e de sentimentos ruins como aquele, e foi ali dentro da Fiorino mesmo que eu prometi a mim mesmo que jamais passaria ou sentiria aquilo de novo. (Flávio).

E deste episódio foi que Fábio mudou sua vida, tendo uma adolescência descrita como "fantástica, já ficava com várias meninas, tinha milhões de amigos, várias festas e passeios todos os finais de semana, já havia mudado completamente...". E por que então procurou a comunidade? "As únicas Hbs 10 que eu havia ficado era por pura sorte, e isso me incomodava, gostaria de poder escolher mais as mulheres e eu sempre fui ambicioso para tudo!". Mesmo que durante a entrevista tenha atribuído ao contato com o artista da sedução parte do seu sucesso, e tenha dito se considerar um deles, fica flagrante que este homem não se apresentou como alguém que aprendeu tudo o que sabe na comunidade, que então entrou na sua vida de modo quase circunstancial - não depender da sorte para conseguir as mais belas mulheres. Sua performance não inclui a relação de dependência frente à comunidade como vimos em alguns depoimentos.

É notável ainda que, diferente de Flávio, que teve durante toda a entrevista uma fala marcada pela sua pessoa e suas experiências, outros rapazes desenvolveram uma fala muito mais analítica e impessoal. Voltando à metáfora do médico e do paciente às voltas de um diagnóstico, alguns rapazes teceram diagnósticos como os médicos que suas performances os faziam ser. Assim Vinícius me explicou sobre o problema da paixonite e comportamentos similares.

Sobre paixonites e etc, o principal erro é que nos entregamos muito cedo a algo que não se sabe o futuro. Uma das coisas que você deve visar com uma mulher, é a meritocracia. Se ela merece sua confiança, dê, mas não completamente, faça ela ir ganhando. Se ela merecer amor, dê, mas não completamente, faça ela ir ganhando. Entende? Tem que ser tudo aos poucos e nunca se deixar apegar, porque no primeiro erro dela, você consegue terminar sem retroceder em sua decisão. E essa é uma coisa que todos os iniciantes aprendem aqui, infelizmente, nem todos internalizam a ideia e acabam apegando pelo primeiro 'rabo de saia', mas os que conseguem efetivar essa ideia, de fato sentem uma mudança e tanto! (Vinícius).

Podemos pensar se o exercício deste olhar clínico, em que aquele que escreve não deixa a marca de nenhuma experiência pessoal no que é escrito, que se dirige aos iniciantes, que predica sobre problemas encontrados mas que não deixa claro se já viveu tais problemas, não seria uma performance em subjetivação em andamento que se compatibiliza com o modo como esse homem se vê. "Me considero sim um PUA. As ideias principais, que são a diversão e tenacidade, eu já tenho fortemente incluído na minha personalidade".

Outros rapazes ainda manifestaram uma performance que dava a entender uma superação do artista da sedução. Se este é uma posição a ser alcançada, estavam além dela, e portanto podem, agora, criticá-la do ponto de vista de quem já provou e foi mais além. Alex diz que descobriu a comunidade quando tentava dar conta de uma paixonite que vivia, porém não associou a paixonite como sendo a razão de participar da comunidade.

Foi, além de querer ver pontos de vista diferentes sobre a sedução (curiosidade), fazer meu melhor pra que caras perdidos não sofressem com o amor, recuperasse sua auto-estima e se olhasse no espelho como alguém de valor, uma pessoa perfeita, em que pese ser diferente. Vi que existe muitos e muitos caras piores do que eu e comecei realmente a ajudar. (Alex).

Ou seja, a intersubjetividade do fracasso é indicada mas, logo depois, superada, reduzida à mera curiosidade, pois este rapaz se viu na condição antes de ajudar do que de ser ajudado. E não só isto é superado, como a própria proposta da comunidade que hoje é motivo de risos para ele.

Então, sobre o Pick Up, os dois primeiros meses me senti como se tivesse achado uma pílula mágica, saía abordando umas 20 mulheres na rua todo santo dia, isso usando o método indireto. Logo eu que era um natural direto, me pegava fazendo perguntas de opinião na calçada. Hoje olho pra isso e dou risada. [...] Particularmente, dou muita risadas dos gurus da sedução hoje em dia, embora ainda acompanhe alguns materiais como passatempo. (Alex).

A posição de fala dele, pois, é evidente, apesar de implícita: alguém que pode se dar o luxo de rir de como grande parte da comunidade lida com a sedução. E este teor crítico marca toda esta entrevista, com Alex insistentemente demarcando seu afastamento (para além) da comunidade e a capacidade de lhe apontar os pontos fracos.

O aclamado 'guru' tem determinados valores (ou ausência de valores) que você não terá. Então, tirando algumas coisas que são universais, como o sorriso, o toque, a auto-estima elevada, a noção de saber quem você é (que são elementos interiores e não exteriores), o resto é baboseira estudar porque as pessoas envolvidas na situação original de criação das rotinas e métodos são pessoas totalmente diferentes de você e de sua garota. A resposta está na sua alma, na sua intuição, na sua consciência de vida. Não num livro de Pick Up ou num guru da sedução. (Alex).

Pode parecer que tanta crítica indica um repúdio total ao lugar de subjetivação do artista da sedução, porém o ponto-chave desta performance parece ser demarcar a condição de quem alcançou o lugar mas o transcendeu. Falando sobre quando se percebeu um homem diferente após a participação na comunidade, Alex reflete.

Muitos devem achar que este momento é quando você percebe estar rodeado de várias mulheres, beijar três mulheres juntas ou estar com vários relacionamentos simultâneos. Já fiz tudo isso e sentia que faltava algo. Acho justamente o contrário, me percebi não como PUA, mas como um homem de verdade quando me encontrei sozinho e mesmo assim estava feliz comigo mesmo. (Alex).

Em uma estratégia discursiva interessante, o artista da sedução é narrado como um lugar alcançado mas subitamente transformado para algo além (mas que parece tê-lo subentendido através do amplo sucesso com as mulheres marcado no *já fiz tudo isso*) que é o *homem de verdade*.

A mesma estratégia notamos na performance de Arthur. Este rapaz teve uma trajetória típica do sucesso veiculado pela comunidade. Entrou nela quando do término doloroso de um relacionamento, e em suas palavras: "Me vi um cara super obeso, derrotado, pensava que nunca mais ninguém iria me querer, realmente uma decepção como pessoa". Mas a transformação rumo ao sucesso teve andamento.

Após dar uma lida em vários livros e artigos [do fórum], eu decidi mudar em tudo, tudo que me lembrava minha ex. Era esse o objetivo. Por conta disso decidi emagrecer (pesava 98kg) no momento do término e perdi 22kg em um ano. Passei a frequentar um barbeiro bom e mudei o meu cabelo, fiz uma tatuagem que fechou o meu braço direito do ombro ao cotovelo. Entrei no Krav-Magá. Em fim, o objetivo era ocupar o meu tempo e deu muito, mas muito certo, foi um boom de auto-estima na veia. (Arthur).

E a trajetória se conclui no presente com o sucesso habitual que se espera dos participantes do PUABase.com. Mas a forma com que a performance de subjetivação traz esta conclusão é

significativa.

Apesar de ter conseguido conquistar o que eu queria, *ter aprendido a pegar mulher e etc.*, eu me deparei com uma realidade diferente do que é sonhado. A verdade é que pegar mulher assim não preenche sua vida sabe, não agrega muita coisa pra ser sincero. As vezes eu sinto uma puta vontade de ter alguém com quem compartilhar as minhas coisas, pra ficar ao meu lado mesmo sabe. O problema de viver neste ritmo é que você só pensar em pegar e comer a mulher, isso sabota qualquer tipo de oportunidade futura que você pode ter com ela. É uma coisa bem superficial. E como qualquer coisa superficial, isso só tem influencia na superfície. E ultimamente passo por essa crise com o PUA, além de acreditar que não conseguirei nunca mais uma namorada rs [risos]. (Arthur, grifos meus).

A crise pela qual passa, esta sensação de frustração que indica, vem porque ele atingiu aquilo que sonhava - o lugar de subjetivação do artista da sedução -, e sua crítica vem justamente do fato de ter atingido o sonho, do fato de ter aprendido a pegar mulher.

Assim, as entrevistas acabam sendo um outro palco para as performances dos participantes da comunidade virtual da sedução. A escrita ali, pois, não pode ser tomada como um aparte interacional quase purificado; responder uma pergunta parece ter sido também a representação de um eu. Mesmo que só tivessem o entrevistador como público, assim esses rapazes procediam pois, afinal, as interações propiciam tais encenações dramáticas (GOFFMAN, 1975). E mesmo que fosse algo particular, dois homens em uma situação de conversa balizada pelo contexto de uma pesquisa acadêmica, mesmo ali uma performatividade de gênero precisou aparecer, talvez também pelo hábito de sua existência na comunidade virtual da sedução. Exercitar uma heterossexualidade bem sucedida, trazer exemplos, fazer sugestões do quão à vontade e bem posto se está na heteronormatividade, não foram elementos ausentes. Para concluir nesta direção, cito o exemplo icônico de Caio. Perguntado sobre o momento de virada em sua vida, quando finalmente percebera que estava obtendo coisas em sua vida que não obteria não fosse pela participação na comunidade, me narrou a seguinte experiência.

Eu já me sentia dentro do PU, mas a coisa mais incrível que já me aconteceu, que eu digo que foi por causa do PU, foi um ménage que eu fiz com uma amiga que eu pegava muito na época que eu namorava, eu a pegava de vez em quando, mas ela sempre fazia uma cera danada [...] e essa menina tem uma melhor amiga, uma loira sensacional com os maiores peitos que já vi na vida [...]. (Caio).

E após detalhar toda uma situação de diálogos e brincadeiras, chega ao desfecho da história com ele e as duas garotas em um motel.

Quando entramos no quarto parece que toda a vontade das meninas sumiu... aí começou a contar tudo que aprendi com MM [Método Mystery]. Achei a 'M' [o modo anônimo com que chamou uma das garotas] mais animada e propicia a começar uma relação com a primeira, então sugeri que ela fizesse uma massagem nas minhas costas, ela começou e eu falei: Nossa você tá fazendo massagem errado, a 'D' sabe fazer massagem muito bem... faz

massagem nela. Quando ela começou a fazer massagem a 'M' se derreteu toda, comecei a beijar ela e logo passei para a 'D', puxei as duas para um beijo triplo e saí de perto deixando as duas se beijarem... Aí meu amigo o bixo pegou [...] As meninas se pegaram com tanta vontade que eu fiquei de boca aberta... e sinceramente foi a cena mais linda que eu já tinha visto até aquele momento. Depois disso foi bem simples, apenas escolhi como começar e mandei bala hahahaha.(Caio).

Este relato sintetiza como a performatividade de uma masculinidade, a do artista da sedução, se manifesta nas narrativas de si. Particularmente, observamos nesta experiência do *ménage* a sedução vista como um processo analítico e as mulheres como as partes conduzíveis, validando assim que este homem está, em alguma medida, no lugar de subjetivação do artista da sedução. Narrar isso, contar, entrar nos detalhes, especificar que foi a cena mais linda que já viu e que depois apenas precisou escolher como começar e mandou bala, é não apenas rememorar um fato, mas sim reinvesti-lo de sentido e significação produzidos neste ato de narrar (MISHLER, 2002; BAMBERG, 2002). Mais especificamente, é vestir-se de certa masculinidade, é mostrar-se como um artista da sedução, é criar um eu que nasce dessa cena dramática que é a interação em duas pessoas (GOFFMAN, 1975). É, mesmo na situação de entrevista, e mesmo na troca de e-mails, a síntese do que esses homens fazem em termos de subjetivação, a síntese da construção de si que a comunidade propicia a estes homens e como ela acontece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que moveu esta pesquisa queria descobrir o que estes homens estavam procurando, por que é que procuravam ali em um site na internet, e o que faziam em termos de subjetivação. Desde o início, portanto, se suspeitava de que a razão expressa da comunidade existir e o motivo intencional dos homens buscá-la - aprender supostos métodos e técnicas de sedução - seria, como de fato acredito ter ficado claro, somente a casca ou a parte mais externa deste fenômeno envolvendo, primariamente, uma masculinidade incomodada consigo mesma.

O que cimenta a comunidade é a perturbação de uma heterossexualidade que não se acredita satisfatória, e portanto aponta como eixo problemático - e ao mesmo tempo solucionador - a relação afetiva-sexual com mulheres. Assim é que culpados serão apontados - algo que se concretiza no nerd, no tímido, no carinha bonzinho, no homem carente, nas paixonites, nas friendzones, e nas zonas de conforto - e uma grande solução será dada - esse ideal masculino, e que é um lugar de subjetivação, do artista da sedução. Acredito, portanto, que esta pesquisa colabora para perceber como é importante tensionar as masculinidades e os fenômenos que elas engendram em torno dos medos e desejos que as movem. Na comunidade, em particular, medos e desejos afinados com a heteronormatividade: o medo de não conseguir ser o homem heterossexual que se espera ser, e o desejo de ser exatamente (ou até mais) aquele homem heterossexual que é esperado.

Neste sentido é que também considero ter sido muito positiva, por mais que potencialmente problemática, aquela minha assumida intenção de tentar humanizar os participantes da comunidade virtual da sedução, em que a etnografia e a observação participante certamente foram cruciais. Humanizar não no sentido de poupá-los da análise crítica, mas no sentido de simplesmente encontrar o que há de humano atrás de um quadro social (WHYTE, 2005), sem o que falsos explicadores como machismo ou ignorância poderiam dificultar a construção da explicação sociológica. Afinal, foi pelo contato prolongado e intenso com a comunidade que alcancei a sociologicamente pertinente sensibilidade ao incômodo destes rapazes - um incômodo masculinista, heterossexual, extremamente afinado com a heteronormatividade, mas ainda um incômodo, tão grande que parece ser o eixo da comunidade, e tanto mais incômodo quanto mais aqueles homens se afastavam da percepção da heteronormatividade a que estão presos. E se minha pergunta-chave queria saber o que buscam esses homens, certamente este incômodo (ou a resolução dele) faz parte da resposta.

Por mais que nesta pesquisa tenha sido sugerido que há certa contemporaneidade nestes medos e desejos, como se esta ansiedade masculina em torno da heterossexualidade fosse do nosso tempo, é preciso considerar que talvez esta ansiedade não seja tão nova, e que certamente não é

inédita. Será que em algum tempo e lugar os homens (particularmente os heterossexuais) sentiram não haver nada a ser feito, trabalhado ou remediado acerca da condição masculina? Portanto, o que parece ser realmente novo e inédito no caso em estudo (e um caminho investigativo a ser aprofundado) é somente o modo em que a ansiedade masculina está sendo expressa: em sites na internet, onde vários homens podem se reunir e socializar em torno desta ansiedade, então mediada digitalmente.

Esta pesquisa operou com a noção de masculinidades enquanto construções sociais, o que implicou tê-las como contextuais, temporais, múltiplas e plurais. Mas, sobretudo, significou ver as masculinidades pelo trânsito que podem ensejar - isto é, homens que refletem sobre suas masculinidades e as tomam, para regozijo sociológico, como coisas a serem pensadas, ponderadas, e então performatizadas. Espontaneamente afinados com uma visão, digamos, pós-moderna sobre as identidades, os homens da comunidade acreditam na capacidade de alterarem a si mesmos enquanto homens, cujo resultado final é o artista da sedução. Porém, esse discurso afinado às discussões de uma identidade confeccionável, de alguém que pode escolher ser outra pessoa, é menos novo do que parece e, outra vez mais, talvez o ineditismo disto esteja no meio em que ocorre: um site na internet. E por outro lado, durante a pesquisa foi notado que o discurso da pós-modernidade apesar de profícuo para a análise da comunidade pode não ser o mais adequado; pesquisas futuras sobre a comunidade da sedução, ou sobre coletivos que de modo semelhante investem no discurso do mudar a si mesmo, talvez tivessem mais a ganhar se olhassem para como o discurso de autoajuda está encrustado neste coletivo - que poderia, então, ser analisado como grupo de ajuda-mútua. Quando estes homens falam com tanta confiança que podem ser outra pessoa desde que queiram e se dediquem a isso, parecem falar menos de uma espontânea descoberta da identidade nos termos de autores como Giddens (1991, 1993, 2002), Bauman (1998, 2005) e Hall (2005), e mais de um lugar de quem está submetido ao discurso de autoajuda e à fé na capacidade das pessoas em mobilizar recursos interiores na direção das mudanças pretendidas, algo que existe há mais de século (RUDIGUER, 2010). Por mais que estas duas visões - daqueles autores e a da autoajuda - não sejam conflitantes, mas sim confluentes, pesquisas sobre coletivos investindo no *mude a si mesmo* podem ter a ganhar se notarem qual delas parece informar mais intimamente o fenômeno em análise.

Seja pela pós-modernidade, seja pela autoajuda, esta pesquisa também percebeu que investir na ideia de uma nova identidade que ali dentro seria conquistada ou reelaborada era um investimento delicado na medida em que estes homens estão antes praticando um realocamento de suas narrativas pessoais - dotando-as de um sentido, explicação e direção - do que propriamente adquirindo novas identidades. Apesar do discurso oficial da comunidade e dos manuais sobre o *tornar-se* um artista da sedução, nas entrevistas esta noção se perdia - e como vimos com Paulo e

Alex, alguns homens simplesmente não acreditam que seja possível tornar-se um artista da sedução pois é uma questão de aprender coisas e comportamentos, de adotar um tipo de atitude que não é definitivo, e não de alcançar uma profunda e absoluta mudança pessoal. Nas entrevistas, às vezes, a sensação era de que o pesquisador é quem trazia a noção de um tornar-se, e que os pesquisados, até então, pouco davam por ela. Isto indica uma vez mais a complexidade (e também fragilidade) do uso da noção de identidade uma vez que ela pode ser ou rígida demais ou profunda demais - duas faces do conceito que, no desenvolver desta pesquisa, acabei encontrando. Assim, esta pesquisa percebeu que apesar da internet estar sim adquirindo mais espaço na vida contemporânea e na intimidade das pessoas, algo que vai das sociabilidade mediadas até a auto-reflexão informada por contatos e saberes mediados, adotar entusiasticamente a visão de identidades que surgem na, e através da, internet, não é tão simples, apesar de tentador. O que esta pesquisa indicou foi a validade de pensar o investimento discursivo, ou uma subjetividade em trânsito, que encontra espaço nas virtualidades das mídias digitais. Como dizia Levy (2011b) sobre a revolução digital, na contemporaneidade nos tornamos nômades da subjetividade, nos tornamos distribuições nômades em espaços de fluxos; e é justamente nesta direção que os homens da comunidade virtual da sedução apontam.

Notamos então a importância para estes homens, e para a subjetividade que está em trânsito dentro da comunidade, da vivência de um grupo, do pertencimento a um coletivo. Não podemos perder de vista (pois é uma porta de entrada importante para possíveis questionamentos sociológicos) que este grupo e coletivo são virtuais; e que se vemos ali uma (homo)sociabilidade, é também uma (homo)sociabilidade virtual. Esta pesquisa indica, assim, a validade de estudar a masculinidade heterossexual no virtual, em particular as dinâmicas de interação que parecem girar soberbamente em torno desta masculinidade heterossexual, seja a tendo como partida, como chegada, ou como ambos. E neste sentido é que a comunidade em estudo mostrou uma dupla superação de consensos estereotipados. O primeiro de que homens heterossexuais não dão espaço ou não têm espaços para uma vivência masculina mais permissiva às confissões das dores e tormentos pessoais. E o segundo, de que comunicações mediadas - ou simplesmente, o *virtual* - é algo inerentemente pobre e impossível de vivificar práticas e interações intimistas e duradouras entre as pessoas. Homens que estão narrando suas vidas e dificuldades uns aos outros no online, e que disso deixam em aberto a possibilidade para amizades online mas também face a face, é muito significativo em termos sociológicos - mesmo que, como vimos, existam vozes destoantes e contrárias a esta porosidade entre o que acontece na comunidade virtual e o que pode vir a acontecer fora dela.

Retornando à pergunta-chave desta pesquisa (o que estes homens buscam e por que é que

buscam ali), este elemento de um coletivo em homosociabilidade é fundamental. O sentimento coletivo, esse de estarem e pertencerem a um grupo, é tão evidente, e tão frequente na comunidade da sedução, que a participação no site PUABase.com parece não ser algo descartável na experiência do artista da sedução, mas justamente intrínseco a ela. O que estes homens valorizam na comunidade é, mais do que o ideal de artista da sedução que é dito que podem aprender e ser, também esse sentimento de estar em um grupo de homens heterossexuais dedicados a aprender a seduzir mulheres, mas com abertura para interações francas e confessionais - do que o anonimato permitido na internet é um grande facilitador. A razão de buscarem ali, em um site da internet, a resposta à ansiedade masculina que sentem tem relação, portanto, não apenas com a proposta que este site traz, mas com a vivência coletiva e interacional que ele proporciona. Se fosse uma questão de simplesmente ter acesso ao conteúdo que informa o artista da sedução, estes homens poderiam buscar livros sobre o assunto ou vídeos publicados no YouTube.com. E como não buscam somente isso - ou buscam isso *através* do PUABase.com - somos levados a considerar que a comunidade repercute na subjetividade destes homens justamente pela experiência comunal.

Acredito que um dos achados mais surpreendentes desta pesquisa foi aquilo que chamei por *vivências masculinas incomuns*, me referindo às permissividades, confissões, às exposições de si que aqueles homens faziam e se mostravam, então, humanos de dores, dúvidas e fracassos. Como já mencionado, vai contra um consenso estereotipado sobre como são os homens (especialmente heterossexuais) e como lidam com suas emoções. A comunidade, aliás, dá tanto espaço às emoções e sentimentos que uma sociologia das emoções teria muito a acrescentar em qualquer análise sobre ela, uma lacuna assumida desta pesquisa. Neste sentido é que a comunidade parece ser positiva para construir uma masculinidade mais reflexiva: o homem ali pode até mesmo perceber, como dizia Caio, que opera nas sombras da imagem de um homem *que não erra*, que tem que ser o *machão*, que é *perfeito* o tempo todo. Entretanto, se a comunidade parece ensejar esta sutil crítica à masculinidade tradicional - e mesmo à heteronormatividade, pois todos ali dentro estão incomodados justamente com os efeitos dela em suas vidas masculinas heterossexuais -, a crítica fica pela metade e não se completa. Mesmo que ali estes homens estejam subvertendo uma determinada representação sobre os homens, que deixam então de serem figuras inabaláveis e perfeitas (inclusive tensionando de certo modo a heterossexualidade, pois esta passa a ser não naturalmente bem ajustada), logo a seguir esta crítica é absorvida por aquilo que era criticado. Ou seja, toda a vivência incomum, toda a reflexividade, todo o sentimento confuso em torno de uma heteronormatividade causadora de tormentos, é dirigido não para a superação definitiva de um modelo vigente da masculinidade heteronormativa, mas para a melhor adequação a esta masculinidade. É como se estes homens tivessem identificado o jogo e suas regras, tivessem percebido que não estão (ou

julgam não estar) favorecidos pelo jogo e regras, mas ao invés de inventar um novo jogo com novas regras, resolvem se esforçar para serem tão bons naquele jogo identificado quanto acham possível ser.

Deste modo fica mais fácil perceber que o fórum funciona como um espaço que não se deixa simplesmente marcar por rótulos fáceis; em particular, não se deixa rotular como lúdico ou normativo. Estes dois rótulos são apenas os extremos identificáveis de uma dinâmica de investimentos diversos por parte daqueles homens. E portanto é pertinente frisar que se o que aqueles homens buscam e a razão de buscarem na comunidade virtual da sedução envolve a participação em um coletivo masculino (mesmo que virtual), isso não implica uma sociabilidade livre e sem negociações. Assim como há ali dentro a crítica da masculinidade heteronormativa, mas também reprodução dela, há também o lúdico coabitando com o normativo. Isto é, por mais que estes homens pareçam apreciar a oportunidade que a comunidade lhes dá de expressar permissivamente suas ansiedades masculinas, ainda assim terão um posicionamento pessoal individualizado que pode, inclusive, ir contra o próprio ambiente comunal livre para as ansiedades masculinas que antes lhes despertou o interesse - se todos fossem tão arredios como Paulo, que faz pouco caso da sociabilidade interna à comunidade, ou então evitassem a intimidade com outros membros como Gustavo disse evitar, podemos até duvidar se a comunidade existiria.

Outro elemento que ajudou a entender por que é que estes homens estão buscando resolver o incômodo de suas masculinidades em um site na internet, e também indicou o que estão fazendo em termos de subjetivação, é o desenvolvimento por parte deles, com esse site, de uma forte relação de aprendizado. Ali, como vimos, a experiência do outro homem é fonte de conhecimento, algo que se concretiza desde uma resposta casual dada a um tópico até os diversos guias, manuais e tutoriais que são produzidos por esse outro homem e sua experiência. Posto que estes homens tem consciência desta dinâmica, pesquisas sociológicas devem questionar o modo criativo como as pessoas usam das mídias digitais ao invés de somente reproduzir o discurso raso de que nada nas mídias digitais pode ser verdadeiro, profundo ou significativo (BAYM, 2013). O que a comunidade virtual da sedução sugere, aliás, é que devemos questionar como as mídias digitais podem ensinar aprendizados coletivos e que são também aprendizados de gênero, em que atrás de textos (mas podemos pensar também em imagens, vídeos e áudios) um conteúdo sobre masculinidades e feminilidades é produzido e passado adiante, e isto com maior ou menor intenção e reflexividade.

Imersos neste coletivo, os homens da comunidade da sedução estão envoltos em um processo de subjetivação - no sentido de uma subjetividade em produção - que passa necessariamente pela reconfiguração de como veem o mundo, confirmando a pertinência de falar de subjetivação ao invés de simplesmente identidade. A pergunta-chave (o que fazem em termos de

subjetivação), portanto, encontra resposta nesse processo de uma subjetividade em formação que ocorre dentro, e a partir da comunidade, e que vem no sentido de dotar estes homens de uma visão peculiar sobre como são as mulheres, como se dá a interação com elas, também quais são os comportamentos masculinos condenáveis, e, por fim, qual é a posição que um homem (um artista da sedução) deve ocupar. A visão que a comunidade veicula sobre as mulheres parece encaixar-se perfeitamente nas ansiedades masculinas que seus membros trazem. São homens heterossexuais que não sabem (ou julgam não saber) como lidar afetiva e sexualmente com mulheres, e assim as explicações pela biologia, pelos instintos e pela emoção são convenientes pois as colocam num terreno sólido e previsível. Como consequência, a própria interação sexual torna-se previsível pois se resume a saber operar o que há de padrão - eles diriam *de natural* - no comportamento feminino. Nesta lógica explicativa que produz sentidos e significados sobre o objeto da sedução, o retorno para estes homens parece gigantesco: o que antes lhes causava medo, apreensão, aquilo que a própria comunidade se refere como *ansiedade de aproximação*, é agora supostamente explicado pela ciência (sobretudo a biológica) e pela natureza que esta ciência supostamente revela (como os instintos e a redenção feminina à emotividade), do que o ato de seduzir passa a ser um ato passível de ser posto em manuais e guias passo a passo, e portanto, sem cantos obscuros ou misteriosos. Sem surpresas, o resultado final são homens exclamando, aliviados e como se fosse uma grande descoberta, que as mulheres são humanas, que são gente como eles, e portanto não são perfeitas nem seres divinos - e assim são *tiradas do pedestal*, uma tarefa urgente ao artista da sedução.

Esta pesquisa permite cogitar, portanto, que a dependência da comunidade em relação a estas explicações que sempre pendem para instintos, hormônios e genes pode ser uma tática pacificadora. Em um mundo cada vez mais relativizado por vozes e atores que insistem em desmontar as aparentes naturalidades de nossos corpos e subjetividades, como faz o feminismo, um discurso que defenda uma suposta naturalidade é atrativo na medida em que aplaca a latente sensação de deslocamento. Neste caso, temos homens que julgam não se dar bem com mulheres e são apresentados a uma visão sobre elas que os dota quase instantaneamente daquela habilidade então ausente, e que permite tripudiar das já conquistadas ou somente pleiteadas mudanças nas relações de gênero - apesar de não ter aparecido em nenhuma citação do campo ou das entrevistas, na comunidade não são raras as citações jocosas às *feminazis* ou então análises que julgam haver uma perigosa feminização dos homens. E não por acaso o sentido que produzem sobre as mulheres, como vimos, se encaixa também na perspectiva de que é o homem, e de que cabe somente a ele, quem deve liderar a interação afetiva-sexual.

Apesar da comunidade reincidir em tantos pontos em discursos tradicionais sobre o que são e o que fazem os homens, o que são e o que fazem as mulheres, uma lacuna nestes discursos foi

notável: a homossexualidade. Por mais que pudéssemos suspeitar que um coletivo heterossexual daria espaço para diversas manifestações homofóbicas, não foi o caso da comunidade virtual da sedução, que está muito mais ocupada em extirpar de seus membros aqueles quatro antípodas, o nerd, o tímido, o carinha bonzinho e o homem carente. Mas esta ausência é menos um sinal de aceitação da homossexualidade e mais um sinal do conservadorismo da comunidade: ela simplesmente opera assumindo que todos os homens são heterossexuais (assim como são as mulheres) e portanto a menção aos gays torna-se desnecessária.

Dentre os antípodas citados, a figura do nerd chamou a atenção. A comunidade o exorciza por ver nele a imagem de um homem que dedica mais tempo a jogos eletrônicos e a universos ficcionais fantásticos do que à vida social ou à interação com mulheres. Acredito, assim, que esta pesquisa indica um caminho investigativo muito válido que é o de analisar como a figura do nerd ameaça uma certa representação de masculinidade heterossexual, e ainda como esta figura parece ser típica de nossos tempos e portanto sintomática de processos sociais maiores. Também à figura do tímido este questionamento se aplica; afinal, por que tantos homens reclamam de timidez, e por que ela parece tão incomodativa em termos de uma certa masculinidade? De modo semelhante, apesar de não ter sido o foco desta pesquisa, as menções que os informantes faziam ao bullying indicam também um caminho investigativo. É significativo que dentre os homens participantes da comunidade da sedução tenham aparecido narrativas de si em que o bullying figurava como um elemento mais ou menos dramático. Estes homens falam de bullying, mas o fazem dentro de um coletivo masculino que promete a seus participantes um novo patamar de masculinidade, o que certamente não é simples coincidência; estão, sugiro, revelando quão urgente é a tarefa de considerar que o bullying pode ter muito mais de gênero, e de masculinidades, do que habitualmente é percebido (PASCOE, 2012).

O ideal do artista da sedução foi aqui explicado como um lugar de subjetivação. E neste sentido é que ele foi preenchido com três aspectos que o tornam um posicionamento diante do mundo, e que, repito, aplaca a ansiedade masculina que aflige seus perseguidores. O aspecto da autenticidade, que diz que estes homens serão e agirão feito sedutores autênticos, garante a eles a sensação de uma masculinidade heterossexual tranquila consigo mesma - que agora sabe conquistar mulheres, e sabe tão bem e prontamente, que a sedução é natural, é autêntica. Não obstante tenham aprendido intencionalmente a conquistar mulheres, ao final, é dito, ninguém suspeitará que houve ali um aprendizado intencional. O passado nerd, tímido, carente ou bonzinho, que foi antes assumido, foi não apenas resolvido como também foi sepultado em baixo de tudo aquilo que, como explicava Vinícius, se passa a fazer *sem pensar* quando se torna um artista da sedução. O aspecto do controle reverbera evidentemente uma representação tradicional sobre o que é ser homem

(heterossexual), na medida em que reveste o artista da sedução de controle sobre si e, por consequência, controle à sua volta. É o controle emocional e que se compatibiliza com o controle sobre as mulheres - que passa a ser permitido então não apenas por serem elas biologicamente previsíveis, ou por ser a sedução um processo técnico desvendado, mas também porque o artista da sedução é esse homem que está sempre no controle de si e portanto em posição de exercer o controle à sua volta. Por fim, o aspecto da provação, talvez, tivesse muito a ganhar se análises sobre a comunidade enveredassem pelo caminho dos discursos de autoajuda. A intenção, contudo, foi ressaltar como as falas de homens dispostos a enfrentar a vida de frente e a não fugir das dificuldades era justamente isso, uma fala de homens, e que tentavam com ela aplacar as ansiedades de uma masculinidade heterossexual. De certa forma, o que estes artistas da sedução reproduzem é a representação sobre um homem que não pode fugir da luta, do desafio, como se houvesse sempre uma honra em jogo - e o artista da sedução nunca perderia essa honra.

Dado que estes homens já chegaram até a comunidade em momento reflexivo, é sem surpresas que a própria existência da e na comunidade seja alvo daquela mesma reflexividade, em particular nas entrevistas. Estes rapazes não aceitam e nem reproduzem integralmente o discurso da comunidade virtual da sedução, revelando um processo de subjetivação permeado por idas, vindas e diálogos. Este detalhe descoberto durante a pesquisa foi significativo pois serve de alerta para várias pesquisas que tenham como objeto algum tipo de coletivo; que seja, estar aberto ao que os sujeitos dizem ao invés de supor uma simples e obtusa adequação total dos sujeitos ao discurso coletivo. Entretanto, assim como esses homens realizam aquela meia crítica da heteronormatividade - a identificam, reagem a ela, mas ao final tentam melhor se adequar - eles também realizam um movimento reflexivo que é limitado na medida em que não conseguem levar ao extremo suas relativizações das representações vindas da comunidade.

Isto ficou particularmente claro nas críticas que faziam ao conceito de artista da sedução. Mesmo quem não o via como um conceito ou um patamar a que um homem pudesse alcançar, ainda assim reproduzia valores a ele associados - autenticidade, controle, e atitude de provação. Mas talvez o maior sinal do limite da reflexividade destes homens em relação ao discurso coletivo seja a ausência de qualquer menção ao largar a comunidade por não concordar com o que ela diz, prega, ensina ou proporciona. Mesmo no episódio envolvendo Julien Blanc, que causou tantas críticas internas, o extremo do abandono da comunidade não foi cogitado. Assim, por mais que críticas sejam feitas à comunidade, suspeitas sejam levantadas sobre as narrativas dos outros usuários, e apareçam recusas de aceitar certas representações veiculadas ali dentro, nenhum destes homens manifestou um despreço tamanho que o levasse a abandonar a comunidade - num nível profundo e nada descartável, aquele discurso comunitário os físgou independentemente dos elementos

dispersos que fossem abrangidos criticamente pela reflexividade que apresentavam.

Muito importante nesta pesquisa foi o foco no que chamei de performances de subjetivação. Elas ajudam a entender o limite da noção de identidade, e portanto, de que os homens da comunidade da sedução estariam adquirindo novas ou reformuladas identidades. Mesmo que os homens dissessem terem mudado completamente, e em alguns casos afirmassem inclusive que um novo eu nascera junto do artista da sedução, o que se oferecia ao pesquisador não era a mudança completa ou o nascimento do eu, mas sim o narrar (e que precisa ser convincente) daquela mudança, daquele nascimento, ou de sinais de que o artista da sedução foi alcançado. De certo modo, eu não tive acesso à identidade destes homens, mas somente à performance (de convencimento) em torno de uma subjetivação - isto é, a exposição narrativa de uma subjetividade que, supostamente, foi forjada em contato com a comunidade. E portanto, se minha pergunta-chave também estava voltada para o que estes homens faziam em termos de subjetivação, ficou exposto que esta subjetivação envolve além daquela resignificação (das mulheres, da interação, do que é um posição masculina adequada) também uma apresentação de si performática convincentemente afinada com aquela resignificação.

A percepção de que tais performances são prenes de comportamentos, atitudes e conquistas heterossexualmente bem sucedidas apenas confirmou como estes homens estão às voltas com ansiedades masculinas. Toda a promessa do artista da sedução, de que o homem torna-se um sedutor autêntico, controlado e destemido, é, nas narrativas de si - essas performances de subjetivação -, coerentemente repercutida naquele amontoado de experiências e vivências que têm em comum uma grande filiação à heteronormatividade - que agora foi, para paz e regozizo desses homens, finalmente alcançada. E o que não pode passar despercebido é que todas estas performances são textuais. Isto significa abrir o olhar analítico para a força do texto nos fenômenos virtuais, mesmo que as mídias digitais hoje permitam ir muito além das palavras escritas. Como acredito ter ficado claro, as narrativas de si dentro do PUABase.com não são coisas mortas, fixas ou mera reprodução de um discurso anterior, nem o simples e puro narrar de um acontecimento passado. São escritas cheias de ação, em que um eu está sendo produzido, encenado, e vinculado a valores sociais maiores - como uma heterossexualidade que precisa ser eficiente.

A reflexividade daqueles homens abrange também essa textualidade inerente à comunidade. Sabem que vivem uma comunidade e uma sociabilidade que funcionam baseadas no texto e na distância física, e portanto sabem do risco destes textos trazerem mentiras intencionais. Mas ao invés disto depor contra as performances de subjetivação, parece, na verdade, reforçá-las, pois são elas o único modo de tentar conferir seriedade e realidade ao que escrevem. Por mais que aqui nesta pesquisa a performance tenha sido vista como um elemento que atua na direção da subjetivação, é

preciso notar que ela atua também na direção da coerência e possibilidade de existência desta comunidade; não houvessem boas e convincentes performances de subjetivação, a comunidade seria escancaradamente aquilo que muitos usuários temem ser e que alguns usuários em particular ajudam a ser: um grupo de homens inventando coisas uns para os outros. Assim, mesmo que estejam desconfiados e avisados sobre as mentiras latentes, estes homens reproduzem a performance de subjetivação ao se ater, como critério de verdade, justamente àquela performance bem realizada - isto é, compor uma narrativa que dialogue com a intersubjetividade do fracasso, que dê provas do sucesso, que apresente prédicas legitimadoras, e ao final se mostre como vinda de um médico e não um paciente.

Por minha vez, a desconfiança quanto ao momento da entrevista, mesmo que tardio, mostrou-se significativo. Considero que tomar as entrevistas como uma outra oportunidade para performances de subjetivação serve como alerta para toda pesquisa feita com mídias digitais onde o contato pesquisador-pesquisado é mediado: a aparência de ser um contato mais objetivo do que o presencial (marcado pela livre oralidade e gestualidade), e portanto sem muito espaço a manobras de ocultação ou representação do eu (ou sem sinais que denunciem a manobra), ainda assim, dentro dos limites que o meio tecnológico impõe, o contato estará rendido a tais manobras pois elas parecem dizer respeito essencialmente à interação entre pessoas, e não ao meio ou forma como a interação se dá.

Não creio que meus entrevistados tenham agido de má fé, ou que foram frios estrategistas de uma representação do eu pré-elaborada. A questão é simplesmente dar espaço às sutilezas da interação mesmo que mediada, do que o gerenciamento das impressões do eu serão mais ou menos intencionais, mais ou menos perceptíveis. Em particular, na comunidade virtual da sedução, tal gerenciamento parece tão fundamental que talvez daí venha a sua expansão até as entrevistas. O homem que vai atrás da comunidade buscando uma resposta às suas ansiedades masculinas, e então encontra a vivência de um coletivo e uma ressignificação dos elementos cruciais à sua masculinidade heterossexual incomodada, parece precisar exercitar e publicizar este processo de subjetivação, e é quando as performances de subjetivação, expressas nas narrativas de si, aparecerão. Partindo do pressuposto de que estes homens estão tentando reagir a um modelo que os constringe, essas performances são ao mesmo tempo ferramenta e remédio: com elas os homens mostram-se os heterossexuais que acreditam que têm que ser, e aplacam também as ansiedades masculinas que sentem diante da heteronormatividade. Dizer que é um artista da sedução, que está prestes a ser, ou simplesmente que está no caminho de ser (bem como tecer uma narrativa que lide com essas possibilidades), é um empoderamento íntimo, significativo e difusamente consciente em direção a uma sociedade que ainda espera de seus homens, desde a mais tenra infância, que sejam

heterossexualmente bem sucedidos - isto é, que sejam sedutores plenos.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Talita. Brasil terá tolerância zero, diz ministra sobre Julien Blanc. **Exame.com**, 15 nov. 2014. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasil-tera-tolerancia-zero-diz-ministra-sobre-julien-blanc>>. Acesso em: 29 dez. 2014.
- ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. São Paulo: Blucher Academico, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do falo - uma história do gênero masculino (1920-1940)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- AMANTINO, Marcia; FREIRE, Jonis. Ser homem... Ser escravo. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 15-48.
- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p 122-135, jun/ago 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13818/15636>>. Acesso em: 05 maio 2013.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v.13, n.20, p. 34-40, 2008. Disponível em:< <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em: 06 maio 2013.
- ASPLING, Fredrik. **The private and the public in online presentations of the self: a critical development of Goffman's dramaturgical perspective**. 2011. 59 f. Tese de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Stockholms Universitet. Stockholm, 2011.
- AURELIANO, Waleska de Araújo. As pessoas que as doenças têm: entre o biológico e o biográfico. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vázia Z. (Orgs). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012. p. 239-261.
- BAMBERG, Michael. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral Bastos(Orgs). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 149-185.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pos modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BAYM, Nancy K. **Personal connections in the digital age**. Malden: Polity Press, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

- BENTO, Berenice Alves de Melo. A (re)construção da identidade masculina. **Rev. De Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 26, p. 33-50, 1999. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23834/21377>>. Acesso em: 19 abr. 2013.
- BILATE, Danilo. Uma contribuição para o estudo do conceito de subjetivação em sua relação com a hipermodernidade. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 23, p. 72-77, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/10524/6627>>. Acesso em: 02 jan 2015.
- BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BRASIL. Presidência da República, Secretaria de Comunicação social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.
- BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Mara Helena de Andréa (Orgs). **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 157-183.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CICOUREL, Aaron. Teoria e método em Pesquisa de campo. In: GUIMARAES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves Editora S. A., 1980. p. 87-121.
- CLIFT, Elana. **Picking up and acting out: politics of masculinity in the seduction community**. 2007. 134 f. University of Texas, Austin, 2007.
- CONNELL, Robert W. **Masculinidades**. Mexico: Universidad Nacional Autonoma de México, 2003.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2013.
- COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas/São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, v.19, p.59-90, 2002.
- COSTA, Rosely G. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In: ALMEIDA, Heloisa B.; COSTA, Rosely G.; RAMIREZ, Martha C.; SOUZA, Érica R. (Orgs.). **Gênero em matizes**. Bragança Paulista: Ed. da Universidade São Francisco, 2002. p. 213-241.
- COULON, Alain. **A escola de chicao**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DOMINGUES, Jose Mauricio. **Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EDWARDS, Tim. **Men in the mirror: men's fashion, masculinity and consumer society**. London: Cassell, 1997.

ESCOBAR, A. Welcome to Cyberia: notes on the Anthropology of Cyberculture. **Current Anthropology**, v.35, n.3, p. 211-231, jun/1994. Disponível em: <http://anthro.vancouver.wsu.edu/media/Course_files/anth-490-edward-h-hagen/escobar-et-al-1994-welcome-to-cyberia-notes-on-the-anthropology-of-cyberculture.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2014.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. **Conectadas - Uma análise de práticas de ajuda-múta feminina na era das mídias digitais**. 2013. 161f. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

FALCONNET, Georges; LEFAUCHEUR, Nadine. **A fabricação dos machos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

FLICK, Uwe. Entrevistas semi-estruturadas. In: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 89-108.

_____. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLOOD, Michael. Men, sex, and homosociality: how bonds between men shape their sexual relations with womans. **Men and Masculinities**, v. 10, n. 3, abr 2008, p. 339-359.

FRANCO, César Bueno. Uma etnografia virtual: possibilidades metodológicas da Escola de Chicago e do Interacionismo Simbólico. In: **Sociologias Plurais - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR**, v. 2, n. 2, p. 57-77, ago. 2014. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/d96dce_cd36054444324d41a4edf44ac6b6239f.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

GARBOGGINI, Frailda Brito. O metrossexual: um homem do terceiro tipo. In: GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; OLIVEIRA, Franciso de (Orgs). **Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade**. Campinas: Editora Alínea, 2008. p. 77-92.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GILL, Rosalind . Análise de discurso. In: _____. BAUER, Martin W; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 244-270.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vázia Z. **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

GONÇALVES, Marco Antonio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vázia Z. (Orgs). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012. p. 19-42.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em Primeira Mão**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, n. 1, p. 1-37, 1995. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/masculinidades.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

GUIMARÃES Jr., Mário J. L. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v.2, n.1, p. 139-153, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/14652/13398>>. Acesso em: 04 jun 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo- socialista no final do século XX.” In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Antropologia do ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

HENDRIKS, Eric C. Ascetic Hedonism: self and sexual conquest in the seduction community. **Cultural Analysis**, The University of California, v. 11, p. 1-16, 2012. Disponível em: <http://socrates.berkeley.edu/~caforum/volume11/vol11_Hendriks.html>. Acesso em: 02 jan 2015.

HINE, Christine. Virtual Ethnography. **International Symposium**. When Science Culture Becomes, Montreal, 1994. Disponível em: <<http://www.cirst.uqam.ca/pcest3/pdf/Communications/hine.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

ILLOUZ, Eva. **Por qué duele el amor - una explicación sociológica**. Buenos Aires: Katz, 2012.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. . Entrevista narrativa. In: _____. BAUER, Martin W; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 90-136.

KIMMEL, Michael. **Manhood in America: a cultural history**. New York: The Free Press, 1996.

- KOZINETZ, Robert. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. In: **Advances in Consumer Research**, vol. 25, Alba & J. Wesley Hutshinson, Provo, UT: Association for Consumer Research, p. 366 - 371, 1998. Disponível em: <<http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180>>. Acesso em: 05 jun. 2014.
- LAURETIS, Teresa. de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Eloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LE MOS, Andre. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010.
- LEVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- _____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2011b.
- LYRA, Jorge ; MEDRADO, Benedito . MASCULINIDADES NA PERSPECTIVA DE GÊNERO: TENSÕES, DESAFIOS E POSSIBILIDADE. In: **Congresso Iberoamericano de Masculinidades y Equidad: Investigación y Activismo, 2011, Barcelona**. Congreso Iberoamericano de Masculinidades y Equidad: Investigación y Activismo. Barcelona: Asociación Homes Igualitaris - Ahige Catalunya (HI), 2011. Disponível em:<http://www.cime2011.org/home/panel3/cime2011_P3_JorgeLyra_BeneditoMedrado.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2013.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma História das sensibilidades: em foco - a masculinidade. In: **História: questões & debates**, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/2658/2195>>. Acesso em: 01 set. 2014.
- MAINARDES, Jefferson. Pesquisa Etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres(Org.). **Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa (PR): Todapalavra, 2009. p. 99-124.
- MÁXIMO, M. E. *et al.* A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. In: MALDONADO, Alberto E. et al.. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul : UNIDAVI, 2012. p. 293-319.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge . Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 16, p. 809-840, 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2013
- MELO, Victor Andrade de. Novas performances publicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física(Século XIX). In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 119-152.
- MISHLER, Elliot G. Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral Bastos (Orgs.) . **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 97-119.
- MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de

mídias digitais. **Cronos**, Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 9-22, jul./dez. 2011.

_____. **O desejo da nação: masculinidade e branquidade no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2012.

MITSUISHI, Yara. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, José; BAIRON, Sérgio (Orgs.). **Antropologia visual e hipermedia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007. p. 253-262.

MONTEIRO, Marko. **Tenham piedade dos homens!:** masculinidades em mudança. Juiz de Fora: FEME, 2000.

MORAES, M. L. Q. . Marxismo e Feminismo: afinidades e diferenças. *Crítica Marxista*, Campinas-SP, v. 11, p. 89-97, 2000. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/MLygia2.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MULLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos "anos 1968". In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 299-333.

MYSTERY; ODOM, Chris. **O método Mystery:** como levar mulheres bonitas para a cama. São Paulo: Arx, 2007.

NOLASCO, Socrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ORTER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise(Orgs). **A mulher a cultura a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line**. 2008. 248 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, 2008.

PASCOE, C. J. **Dude you're a fag:** masculinity and sexuality in high school. Berkeley: University of California Press, 2012

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: VVAA. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 43-94.

PISCITELLI, Adriana. "Recriando a (categoria) mulher?" In: ALGRANTI, Leila (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/Adriana01.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2013.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

QUEIROZ, Nana. Ponto de vista: Julien Blanc é só batalha em guerra contra cultura do estupro no Brasil. **BBC Brasil**, 17 nov. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/11/141117_salasocial_pontodevista_nana_julienblanc_rs>. Acesso em: 29 dez. 2014.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

RUBIN, Galin. El Tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine R. (compiladoras). **Qué son los estudios de mujeres?** México/Argentina/Brasil/Colombia/Chile/Espana/EUA/Per/Venezuela: Fondo de Cultura Económica, 1998. p. 15-74.

RUDIGUER, Francisco. **Literatura de autoajuda**: contribuição ao estudo de uma categoria de uma categoria da cultura de massas. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

SANT'ANN, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 245-266.

SCHNOOR, Eduardo. "Riscando o chão": masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 85-119.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez 1995. Disponível em: <http://archive.org/details/scott_gender>. Acesso em: 04 abr. 2014

SEDGWICK, Kosofsky Eve. **Between men**: english literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SEGAL, Lynne. **Why Feminism?** New York: Columbia University Press, 2000.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2003.

SILVA, Fernanda Cesa Ferreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 2, p.205-218, Jun 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000200009&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 19 abr. 2013

STRAUSS, Neil. **O jogo**: penetrando na sociedade secreta dos mestres da conquista. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

TONELI, Maria Juracy F.; ADRIÃO, Karla Galvão. Sexualidades masculinas: perspectivas teórico-metodológicas. In: GROSSI, Mirian Pillar; BECKER, Simone; LOSSO, Juliana Cavilho M.; PORTO, Rozeli Maria; MULLER, Rita de Cássia F.(Orgs) **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. p. 93-106.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã - a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D'Água

Editores, 1997.

VOGLER, Christopher. **A jornada do herói: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2006.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 04 abr. 2014.

_____. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 107-128.

WHYTE, William Foote. **Sociedade da esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ZAGO, Luís Felipe. **Os meninos - corpo, gênero e sexualidade através de um site de relacionamentos**. 2013. 331 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ZAGO, Luiz Felipe; SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. Corpo, gênero e sexualidades gays na corda-bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. **Cronos**, Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 39-56, jul./dez. 2011.

ZELIZER, Viviana A. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados básicos

- 1) Idade
- 2) Escolaridade
- 3) Raça/Cor/Etnia
- 4) Profissão
- 5) Cidade
- 7) Moradia(se casa própria ou alugada, e se com pais, sozinho, amigos, companheira)
- 8) Estado civil

Perguntas

- 1) Qual o uso diário que você faz da internet? (redes sociais, chats, leitura de sites, etc, cite exemplos se possível).
- 2) Como conheceu o *artista da sedução*, e o que te levou a participar da comunidade virtual?
- 3) O seu perfil(foto e apelido) foi escolhido por alguma razão? Qual?
- 4) Você acha importante que quem quiser ser um artista da sedução participe do fórum?
- 5) O que você acha que motiva alguém a escrever no fórum(seja uma resposta, um artigo, um relato pessoal, etc)? E você, o que te motiva?
- 6) O que você acha sobre os usuários que contam suas experiências pessoais e trajetórias de vida no fórum?
- 7) Você se incomoda, ou se incomodaria, de contar suas próprias experiências e trajetória ali dentro?
- 8) Qual o tipo de participação você tem no fórum? Apenas lê, escreve artigos, dá resposta nos tópicos de outros? Foi sempre assim?
- 9) Qual o seu tipo de relação com os outros usuários/membros do fórum?
- 10) Você fala sobre sexo, mulheres, comportamento masculino ou mesmo técnicas e métodos de sedução, com outras pessoas? Quem? Onde?
- 11) Você se vê abandonando o fórum por alguma razão? Por quê?
- 12) Como você era antes de participar do fórum?
- 13) Quais mudanças você percebeu em si depois que passou a participar do fórum?
- 14) Depois que passou a frequentar o fórum, sua visão sobre o que é ser homem e o que é ser mulher mudou? Como?

- 15) E sua relação com as mulheres, mudou? E com os homens?
- 16) Tem algum tipo de texto dentro do fórum que você mais goste?
- 17) Que importância você acha que aquelas técnicas e métodos de sedução têm?
- 18) Você as usa quando interage com uma mulher?
- 19) Para você, o que é ser um *artista da sedução*?
- 20) Você se considera um deles?
- 21) Em suas palavras, como um homem se transforma em *artista da sedução*?
- 22) A seus olhos, o que no fórum prova que alguém é, se tornou, ou está se tornando um artista da sedução?
- 23) Você acha que tudo o que é dito ali, como nos relatos e depoimentos de mudanças pessoais, é verdadeiro?
- 24) Tudo que você conheceu ali dentro do fórum, ou aprendeu ou simplesmente ficou sabendo, como você encaixa na sua vida daqui para frente?

APÊNDICE B - INFORMAÇÕES BÁSICAS DOS ENTREVISTADOS

Identificação: Flávio

- 1) Idade: 35 anos
- 2) Escolaridade: Ensino Superior Completo
- 3) Raça/Cor/Etnia: Branco
- 4) Profissão: Nível Médio
- 5) Cidade: Curitiba - PR
- 6) Moradia: Casa própria
- 7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Luiz

- 1) Idade: 21 anos
- 2) Escolaridade: Ensino Médio / Curso Técnico
- 3) Raça/Etnia/Cor: Branco
- 4) Profissão: Nível Técnico
- 5) Cidade: Curitiba - PR
- 6) Moradia: Familiar
- 7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Thiago

- 1) Idade: 19
- 2) Escolaridade: Ensino Médio
- 3) Raça/Etnia/Cor: Branco
- 4) Profissão: Vendedor em negócio familiar
- 5) Cidade: Santa Maria - RS
- 6) Moradia: Familiar
- 7) Estado Civil: Solteiro.

Identificação: Bruno

- 1) Idade: 25
- 2) Escolaridade: Pós-Graduação em andamento
- 3) Raça/Etnia/Cor: Branco
- 4) Profissão: Nível Superior
- 5) Cidade em que mora: Salvador-BA
- 6) Moradia: Divide aluguel com amigos
- 7) Estado civil: Solteiro

Identificação: Lougan

- 1) Idade: 32
- 2) Escolaridade: Ensino Superior Completo
- 3) Raça/Etnia/Cor: Branco
- 4) Profissão: Nível Superior
- 5) Cidade: Belo Horizonte - MG
- 6) Moradia: Familiar
- 7) Estado civil: Solteiro

Identificação: Fábio

- 1) Idade: 25 anos
- 2) Escolaridade: Ensino Superior Completo
- 3) Raça/Cor/Etnia: Branco
- 4) Profissão: Micro empresário, negócio próprio
- 5) Cidade: São Paulo - SP

6) Moradia: Casa própria

7) Estado civil: Noivo

Identificação: Renan

1) Idade: 20 anos

2) Escolaridade: Ensino Médio / Curso Técnico

3) Raça/Cor/Etnia: Branco

4) Profissão: Nível Médio

5) Cidade: São Paulo - SP

6) Moradia: Familiar

7) Estado civil: Solteiro

Identificação: Alex

1) Idade: 25 anos

2) Escolaridade: Ensino Superior Completo

3) Raça/Cor/Etnia: Branco

4) Profissão: Estagiário

5) Cidade: Grande Florianópolis - SC

6) Moradia: Familiar

7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Arthur

1) Idade: 22 anos

2) Escolaridade: Ensino Superior em andamento

3) Raça/Cor/Etnia: Pardo

4) Profissão: Estagiário

5) Cidade: Belo Horizonte - MG

6) Moradia: Familiar

7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Caio

1) Idade: 23 anos

2) Escolaridade: Ensino Superior em andamento

- 3) Raça/Cor/Etnia: Branco
- 4) Profissão: Nível Técnico
- 5) Cidade: Belo Horizonte - MG
- 6) Moradia: Familiar
- 7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Paulo

- 1) Idade: 35 anos
- 2) Escolaridade: Ensino Superior Completo
- 3) Raça/Cor/Etnia: Branco
- 4) Profissão: Nível Superior
- 5) Cidade: São Paulo - SP
- 6) Moradia: Casa própria
- 7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Gustavo

- 1) Idade: 26 anos
- 2) Escolaridade: Pós-Graduação em andamento
- 3) Raça/Cor/Etnia: Pardo
- 4) Profissão: Estudante
- 5) Cidade: Belo Horizonte - MG
- 6) Moradia: Familiar
- 7) Estado Civil: Solteiro

Identificação: Vinícius

- 1) Idade: 19 anos
- 2) Escolaridade: Ensino Superior em andamento
- 3) Raça/Cor/Etnia: Branco
- 4) Profissão: Estagiário
- 5) Cidade: Franca - SP
- 6) Moradia: Familiar
- 7) Estado Civil: Namorando